



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

KEROLYN PEREIRA SARATE

**FORMAS E FUNÇÕES NA EXPRESSÃO DE FUTURIDADE EM DISSERTAÇÕES DE
MESTRADO: UMA QUESTÃO DE ESTILO?**

Florianópolis
2023

KEROLYN PEREIRA SARATE

**FORMAS E FUNÇÕES NA EXPRESSÃO DE FUTURIDADE EM DISSERTAÇÕES DE
MESTRADO: UMA QUESTÃO DE ESTILO?**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Edair Maria Görski

Florianópolis
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Sarate, Kerolyn

Formas e funções na expressão de futuridade em
dissertações de mestrado: uma questão de estilo? / Kerolyn
Sarate ; orientadora, Edair Maria Görski, 2023.
217 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Linguística, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. 1. formas verbais 2. futuridade. 3.
domínio funcional. 4. gênero discursivo 5. estilo.. I.
Görski, Edair Maria . II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III.
Título.

Kerolyn Pereira Sarate

FORMAS E FUNÇÕES NA EXPRESSÃO DE FUTURIDADE EM DISSERTAÇÕES DE MESTRADO: UMA QUESTÃO DE ESTILO?

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof^ª. Carla Martins Paza, Dr^ª.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª. Cláudia Rost Snichelotto, Dr^ª.
Universidade Federal da Fronteira Sul

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestra em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Insira neste espaço a
assinatura digital

Prof. Valter Pereira Romano, Dr.
Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Insira neste espaço a
assinatura digital

Prof^ª. Edair Maria Görski, Dr^ª.
Orientadora

À Dagmar Sarate, minha mãe.
Dedico.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Edair, pela acolhida, dedicação e empenho nesta pesquisa. Pelas trocas sinceras e cheias de afeto e respeito. Obrigada pela caminhada, pela parceria, pelas explicações e pela confiança. Este processo foi mais tranquilo e menos solitário por ter você.

À Susanne, Emylly e ao Guilherme, minhas irmãs e meu primo, minhas pessoas no mundo.

À minha mãe, Dagmar Sarate, pela confiança e apoio, ainda que por videochamada.

À minha avó, Lúcia, e aos meus tios, Anderson e Eliz, obrigada.

Ao Programa de Pós-graduação em Linguística.

Ao professor Gilvan Müller de Oliveira, com quem tive a honra de fazer estágio docência e que tanto contribuiu com minha formação.

À estimada Taíse Simioni, minha orientadora de iniciação científica, com quem descobri o meu amor pela sociolinguística.

Aos queridos colegas do Varsul e PHPB, obrigada pelos cafés, reuniões e risadas.

À Kamila Amaral, colega e amiga que ajudou no manuseio do Goldvarb.

À Eduarda e ao Pablo, pelos desabafos, choros e bolinhos com mate nos finais de semana.

À banca de qualificação, queridas Leandra de Oliveira e Marcela Langa Lacerda, obrigada por todas as contribuições. Em especial à Marcela, que mudou drasticamente meus interesses e o rumo desta pesquisa (felizmente).

À Cláudia Rost Snichelotto e à Carla Paza, pela leitura atenta e contribuições nesta etapa final.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

Por fim, agradeço ao Amendoim, meu gatinho, meu parceiro de pesquisa e noites em claro.

“O acabamento estilístico do enunciado – o acabamento social e o próprio fluxo discursivo dos enunciados que de fato representa a realidade da língua – é um fluxo social. Cada gota nele é social, assim como toda a dinâmica da sua formação”
(VOLÓCHINOV, 2018 [1895-1936]).

“O estilo pode e deve estar relacionado a diferentes funções linguísticas bem como aos diferentes propósitos com que os falantes as usam”
(TRAUGOTT, 2001).

RESUMO

Esta dissertação investiga a expressão verbal de futuridade no macrodomínio TAM (tempo-aspecto-modalidade), por meio de três camadas – a forma sintética (*apresentarei*), a forma analítica *ir* (presente) + Inf (*vou apresentar*) e a forma analítica *ir* (futuro) + Inf (*irei apresentar*) –, com o objetivo de analisar a dinâmica das relações entre formas e funções, considerando a multifuncionalidade e variação das formas como recursos estilísticos circunscritos pelo gênero discursivo. O *corpus* é composto de 12 dissertações de mestrado produzidas na UFSC, distribuídas igualmente entre as áreas de Linguística, Direito e Matemática, de dois períodos diferentes (2000/2001 e 2020/2021). Assume-se uma abordagem teórica sociofuncionalista, focando nas relações entre formas e funções; e também uma abordagem discursiva, considerando o caráter convencional e evêntico associado à ideia de relativa estabilidade do gênero e uma relação hierarquizada entre esfera acadêmica, gênero discursivo e área (vista como subesfera), chegando até o sujeito. Foram considerados os fatores contextuais: ano de publicação, pessoa do discurso, domínio funcional e função temporal. Os resultados para as *formas* mostraram 70% de futuro simples e 30% de perífrases (com leve predomínio de *ir* (presente) + Inf), com decréscimo da forma simples e da perífrase com *ir* (presente) e aumento de *ir* (futuro) + Inf em vinte anos. Quanto às *funções*, a forma simples e a perífrase com *ir* (futuro) se concentraram no domínio funcional de tempo (contexto de variação entre as três formas), enquanto *ir* (presente) se estendeu também para o domínio da modalidade deontica imperativa. Foram identificadas as seguintes funções temporais, nesta ordem de frequência: futuro indeterminado, metadiscursivo, histórico, determinado e futuro do futuro, além de uma função ambígua. Esses resultados gerais, contudo, se mostraram bastante dependentes da área e do autor: i) as três áreas priorizaram o futuro simples, porém Direito apresentou o percentual mais alto dessa forma e Linguística, o mais baixo; a perífrase *ir* (presente) + Inf predominou em Matemática e *ir* (futuro) + Inf foi mais recorrente em Linguística; os indivíduos, no entanto, não seguiram o padrão das respectivas áreas; ii) as três subesferas apresentaram regularidade no uso de futuro metadiscursivo (tido como característico do gênero), mas também se diferenciaram – Linguística e Direito mobilizaram mais as funções de futuro indeterminado e de futuro histórico (pelo caráter expositivo-argumentativo das áreas), ao passo que Matemática se distinguiu pelo uso de futuro determinado (pelo caráter demonstrativo da área); iii) a relação entre formas e funções também revelou particularidades: em Linguística – a perífrase (os dois tipos) foi mais usada na função de futuro indeterminado e futuro do futuro; em Direito – a perífrase (os dois tipos) foi mais acionada na função de futuro histórico; e em Matemática – a perífrase com *ir* (presente) apareceu mais com futuro determinado, concorrendo fortemente com a forma simples nesse contexto; novamente os autores nem sempre acompanharam a média das respectivas áreas; iv) quanto às pessoas do discurso, verificaram-se as seguintes correlações: futuro simples e P6/P3, perífrase *ir* (presente) + Inf e P4, perífrase *ir* (futuro) + Inf e P3/P6; as pessoas preponderaram com algumas funções temporais: P3 e P6 com futuro indeterminado e histórico, P4 com futuro metadiscursivo e determinado, além de ser de uso categórico em função ambígua e de modalidade imperativa. Tais resultados foram interpretados pela via do estilo, que perpassa as instâncias multiníveis que caracterizam o gênero dissertação de mestrado e se revela nos usos contextualizados das formas verbais e de suas funções, de modo que podemos observar o estilo de linguagem da esfera e do gênero, da subesfera e do autor, num gradiente entre a convencionalidade e a agentividade do sujeito que, em última instância, é quem atribui o acabamento estilístico-composicional.

Palavras-chave: formas verbais – futuridade – domínio funcional – gênero discursivo – estilo.

ABSTRACT

This dissertation investigates the verbal expression of futurity on the macro domain TAM (Time - Aspect - Modality), through three layers – the synthetic form (“apresentarei” – *present.FUT*), the analytical form with “go” (present tense) + Infinitive (“*vou apresentar*” – *go.PRES.present*), and the analytical form with “go” (future tense) + Infinitive (“*irei apresentar*” – *go.FUT.present*), and its objective is to analyze the dynamic of relations between forms and functions, considering the multifunctionality and variations of forms as stylistic resources circumscribed by the discursive genre. The *corpus* is composed by twelve masters dissertations produced in UFSC, and equally distributed among the areas of Linguistics, Law and Mathematics, from two distincts periods (2000/2001 and 2020/2021). We assume a sociofunctionalist theoretical approach, focusing on the relations between forms and functions; and also a discursive approach, considering the conventional and eventful character associated with the idea of relative stability of genre and a hierarchical relationship between the academic sphere, discursive genre, area (seen as a subsphere), and reaching the subject. The following contextual factors were considered: the year of publication, the person of discourse, the functional domain, and the temporal function. The results for the *forms* had shown 70% of using of simple future tense and 30% of using of periphrasis (with the slight predominance of “go” (present tense) + Infinitive, with the decrease of the simple form and periphrasis with “go” (present tense) and the increase of using of “go” (future tense) + Infinitive, in the space of twenty years. As for the *functions*, the simple form and the periphrasis with “go” (future tense) were concentrated in the functional tense domain (context of variation among the three forms), whereas “go” (present tense) was also extended to the domain of the imperative deontic modality. The following temporal functions were identified, in this order of frequency: indeterminate future, metadiscursive, historical, determined and future of the future, in addition to an ambiguous function. These general results, however, proved to be quite dependent on the area and the author: i) the three areas prioritized the simple future tense, however Law presented the highest percentage of this form and Linguistics, the lowest; the periphrasis “go” (present tense) + Infinitive predominated in Mathematics and “go” (future tense) + Infinitive was more recurrent in Linguistics; individuals, however, did not follow the pattern of their respective areas; ii) the three subspheres showed regularity in use of the metadiscursive future (considered to be characteristic of the genre), but they also had differences – Linguistics and Law mobilized priority the functions of indeterminate future and historical future (according to the expositive and argumentative character of these areas), while Mathematics distinguished itself by the use of determined future (according to the demonstrative character of the area); iii) the relation between *forms* and *functions* also revealed particularities: in Linguistics – the periphrasis (both types) was more used in the function of indeterminate future and future of the future; in Law – the periphrasis (both types) was more activated in the function of historical future; and in Mathematics – the periphrasis with “go” (present tense) appeared more with a determined future, strongly competing with the simple form in this context; again the authors did not always follow the average of the respective areas; iv) in relation to the persons of discourse, the following correlations were observed: simple future and P6/P3, periphrasis “go” (present tense) + Infinitive and P4, periphrasis “go” (future tense) + Infinitive and P3/P6; the persons prevailed with some temporal functions: P3 and P6 with indeterminate future and historical future, P4 with metadiscursive future and determined future, in addition to being used categorically in an ambiguous function and in an imperative modality. These results were interpreted through style, which permeates the multilevel instances that characterize the master’s dissertation genre, and are revealed in the contextualized uses of verbal forms and of its functions, so that we can

observe the language style of sphere and of genre, of the subsphere and of the author, in a gradient between the conventionality and the agentivity of the subject that, in the last instance, is whom attributes the stylistic-compositional finish.

Keywords: verbal forms – futurity – functional domain – discursive genre – style.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. DIMENSÕES DA VARIAÇÃO (SOCIO)LINGUÍSTICA.....	24
FIGURA 2. REPRESENTAÇÃO DO ESCOPO DE FUTURIDADE E SUAS RELAÇÕES COM HABITUALIDADE E COMANDO/IMPERATIVO	31
FIGURA 3. CLASSIFICAÇÃO DE OPOSIÇÕES ASPECTUAIS.....	43
FIGURA 4. REPRESENTAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DO VERBO IR PLENO A AUXILIAR.....	61
FIGURA 5. REPRESENTAÇÃO SUPERORDENADA DAS ÁREAS LIN, DIR E MAT DO GÊNERO DISSERTAÇÃO DE MESTRADO NA ESFERA ACADÊMICA.....	97
FIGURA 6. GRÁFICO REPRESENTATIVO DO CONTINUUM FALA E ESCRITA	107

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1. TIPOLOGIA ASPECTUAL	47
QUADRO 2. CADEIA DE GRAMATICALIZAÇÃO DE GO-FUTURE	63
QUADRO 3. RESULTADOS DIACRÔNICOS DE OLIVEIRA (2006)	77
QUADRO 4. RESULTADOS DIACRÔNICOS DE MALVAR E POPLACK (2008)	78
QUADRO 5. RESULTADOS DIACRÔNICOS DE SILVA (2010)	79
QUADRO 6. RESULTADOS DIACRÔNICOS DE STROGENSKI (2010)	80
QUADRO 7. RESULTADOS DIACRÔNICOS DE GIBBON (2014)	81
QUADRO 8. RESULTADOS PARA JORNAIS CEARENSES	85
QUADRO 9. SÍNTESE DOS RESULTADOS DE PESQUISAS COM A LÍNGUA ESCRITA	87
QUADRO 10. CARACTERÍSTICAS RELATIVAMENTE ESTÁVEIS DO GÊNERO DISSERTAÇÃO DE MESTRADO	96
QUADRO 11. GÊNEROS ANALISADOS POR OLIVEIRA (2006)	109
QUADRO 12. DISTRIBUIÇÃO DAS AMOSTRAS DA PESQUISA (1)	128
QUADRO 13. DISTRIBUIÇÃO DAS AMOSTRAS DA PESQUISA (2)	132
QUADRO 14. RELAÇÃO ENTRE FUNÇÕES TEMPORAIS E FORMAS VERBAIS POR ORDEM DE PREFERÊNCIA	166
QUADRO 15. ITENS LEXICAIS: ALGUMAS CORRELAÇÕES	183

LISTA DE TABELAS

TABELA 1. DISTRIBUIÇÃO DAS FORMAS VERBAIS DE EXPRESSÃO DE FUTURIDADE	149
TABELA 2. DISTRIBUIÇÃO DAS FORMAS VERBAIS POR ÁREA DO CONHECIMENTO NA EXPRESSÃO DE FUTURIDADE	152
TABELA 3. DISTRIBUIÇÃO DAS FORMAS VERBAIS PERIFRÁSTICAS POR ÁREA DO CONHECIMENTO DE FUTURIDADE	153
TABELA 4. DISTRIBUIÇÃO DAS FORMAS VERBAIS POR PESSOAS DO DISCURSO NA EXPRESSÃO DE FUTURIDADE	154
TABELA 5. DISTRIBUIÇÃO DAS FORMAS VERBAIS PERIFRÁSTICAS POR PESSOA DO DISCURSO NA EXPRESSÃO DE FUTURIDADE.....	155
TABELA 6. DISTRIBUIÇÃO DAS FORMAS VERBAIS POR PERÍODO DE TEMPO NA EXPRESSÃO DE FUTURIDADE	156
TABELA 7. CRUZAMENTO DAS FORMAS VERBAIS COM DISSERTAÇÃO E PERÍODO DE TEMPO NA EXPRESSÃO DE FUTURIDADE	157
TABELA 8. DISTRIBUIÇÃO DAS FORMAS VERBAIS POR DF E FUNÇÕES NO MACRODOMÍNIO DA FUTURIDADE	163
TABELA 9. CRUZAMENTO DAS FORMAS VERBAIS COM FUNÇÕES E PESSOAS DO DISCURSO	178
TABELA 10. CRUZAMENTO DAS FORMAS VERBAIS COM FUNÇÕES E ÁREAS DO CONHECIMENTO	181
TABELA 11. CRUZAMENTO DAS FORMAS VERBAIS COM FUNÇÕES E DISSERTAÇÕES/AUTORES NA EXPRESSÃO DE FUTURIDADE POR ÁREA: DIREITO.....	188
TABELA 12. CRUZAMENTO DAS FORMAS VERBAIS COM FUNÇÕES E DISSERTAÇÕES/AUTORES NA EXPRESSÃO DE FUTURIDADE POR ÁREA: LINGUÍSTICA.....	191
TABELA 13. CRUZAMENTO DAS FORMAS VERBAIS COM FUNÇÕES E DISSERTAÇÕES/AUTORES NA EXPRESSÃO DE FUTURIDADE POR ÁREA: MATEMÁTICA.....	193

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CB - Ciências Biológicas

CE - Ciências Exatas

CH - Ciências Humanas

DF- Domínio Funcional

DIRa – Primeira dissertação de Direito descartada

DIRb – Segunda dissertação de Direito descartada

DIRc – Terceira dissertação de Direito descartada

DIR1 – Primeira dissertação de Direito selecionada

Escritos do Círculo de Bakhtin - ECB

F – Momento de fala/enunciação

FP – Futuro do presente

Inf – Infinitivo

LINa - Primeira dissertação de Linguística descartada

LINb - Segunda dissertação de Linguística descartada

LINc - Terceira dissertação de Linguística descartada

LINd – Quarta dissertação de Linguística descartada

LIN1 - Primeira dissertação de Linguística selecionada

MAT1 - Primeira dissertação de Matemática selecionada

PB - Português do Brasil

P1 – 1ª pessoa do singular

P3 – 3ª pessoa do singular

P4 – 1ª pessoa do plural

P6 – 3ª pessoa do plural

R – Momento/ponto de referência

S – Momento/tempo da situação/do evento

TAM - Tempo, aspecto e modalidade

Sumário

1 INTRODUÇÃO	15
PARTE I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2 ABORDAGEM SOCIOFUNCIONALISTA	21
2.1 PRESSUPOSTOS BÁSICOS DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	21
2.2 PRESSUPOSTOS BÁSICOS DO FUNCIONALISMO NORTE-AMERICANO	27
2.3 SOCIOFUNCIONALISMO: ARTICULAÇÃO DE PRESSUPOSTOS	34
2.4 FECHANDO O CAPÍTULO	36
3 TAM: UM MACRODOMÍNIO FUNCIONAL COMPLEXO	39
3.1 TEMPO (<i>TENSE</i>)	40
3.2 ASPECTO	43
3.3 MODALIDADE	50
3.4 FECHANDO O CAPÍTULO	56
4 FUTURIDADE: ENTRE FORMAS E FUNÇÕES	58
4.1 A FORMA VERBAL SINTÉTICA DE FUTURO DO PRESENTE (<i>APRESENTAREI</i>)	58
4.1.1 <i>Gramaticalização da forma verbal de futuro simples</i>	58
4.1.2 <i>Valores da forma verbal de futuro simples</i>	59
4.2 A FORMA VERBAL PERIFRÁSTICA (<i>VOU/IREI APRESENTAR</i>)	61
4.2.1 <i>Gramaticalização da perífrase ir + infinitivo</i>	61
4.2.2 <i>Valores da perífrase ir + infinitivo</i>	63
4.3 FECHANDO O CAPÍTULO	68
5 O FUTURO DO PRESENTE NO PB: REVISÃO DA LITERATURA	70
5.1 PESQUISAS DE LÍNGUA FALADA	71
5.2 PESQUISAS DE LÍNGUA ESCRITA	75
5.2.1 <i>Pesquisas diacrônicas de língua escrita</i>	75
5.2.2 <i>Pesquisas sincrônicas de língua escrita</i>	82
5.3 FECHANDO O CAPÍTULO	85
6 GÊNERO TEXTUAL/DISCURSIVO	91
6.1 O GÊNERO DISSERTAÇÃO DE MESTRADO E A ESFERA ACADÊMICA	91
6.2 GÊNERO DISCURSIVO E ESTILO	99
6.3 GÊNERO, ESTILO, VARIAÇÃO E MULTIFUNCIONALIDADE	106
6.3.1 <i>O gênero em pesquisas diacrônicas</i>	108
6.3.2 <i>O gênero em pesquisas sincrônicas</i>	114
6.3.3 <i>Multifuncionalidade, estilo e gênero</i>	117
6.4 FECHANDO O CAPÍTULO	120
PARTE II: METODOLOGIA	124
7 METODOLOGIA	126
7.1 CARACTERIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i> E CONSTITUIÇÃO DAS AMOSTRAS	126
7.2 QUESTÕES, HIPÓTESES DE PESQUISA E GRUPOS DE FATORES	134
7.2.1 <i>Questões e hipóteses</i>	134

7.2.2 Grupos de fatores controlados.....	138
7.3 TIPO DE ANÁLISE	145
PARTE III: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	147
8 FORMAS VERBAIS DE EXPRESSÃO DE FUTURIDADE NAS DISSERTAÇÕES	149
8.1 DISTRIBUIÇÃO GERAL E POR ÁREA DAS FORMAS VERBAIS DE EXPRESSÃO DE FUTURIDADE	149
8.2 RELAÇÃO ENTRE AS FORMAS VERBAIS E AS PESSOAS DO DISCURSO	153
8.3 FREQUÊNCIA DAS FORMAS VERBAIS POR ÁREA AO LONGO DO TEMPO	156
9 FUNÇÕES DAS FORMAS VERBAIS NO MACRODOMÍNIO DA FUTURIDADE	161
9.1 DISTRIBUIÇÃO DAS FORMAS VERBAIS POR DOMÍNIOS FUNCIONAIS E RESPECTIVAS FUNÇÕES	161
9.2 DOMÍNIO FUNCIONAL AMBÍGUO.....	174
9.3 FORMAS VERBAIS, FUNÇÕES E PESSOAS DO DISCURSO	177
9.4 FUNÇÕES E ÁREAS DE CONHECIMENTO.....	180
10 FORMAS, FUNÇÕES E ESTILO	186
10.1 USO DE FORMAS E FUNÇÕES POR ÁREA E POR AUTOR	186
10.1.1 Direito	187
10.1.2 Linguística.....	191
10.1.3 Matemática.....	193
10.2 O ESTILO DA ESFERA, DA SUBESFERA E DO SUJEITO: UM GRADIENTE	196
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	201
REFERÊNCIAS	206
REFERÊNCIAS DO <i>CORPUS</i> DE ANÁLISE	212

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema desta dissertação¹ – *Formas e funções na expressão de futuridade em dissertações de mestrado: uma questão de estilo?* – foi motivada por algumas razões. A primeira delas é a constatação de que a forma verbal perifrástica *ir* + infinitivo está alcançando cada vez mais espaço na escrita dos brasileiros, fato já esperado, uma vez que na fala seu uso para expressar tempo futuro encontra-se consolidado (OLIVEIRA, 2006; GIBBON, 2000, 2014). Os trabalhos de Sarate (2019) e de Simioni, Gomide e Sarate (2020) atestam a documentação da perífrase em diferentes *artigos acadêmicos*, escritos em registro formal², e abrem espaço para novas reflexões e indagações acerca do uso dessa forma verbal inovadora na escrita mais monitorada.

Sarate (2019), em uma perspectiva laboviana, analisou trinta artigos acadêmicos de três áreas diferentes, sendo dez de ciências humanas (CH), dez de ciências exatas (CE) e dez de ciências biológicas (CB)³. Nesse trabalho, foram controladas as variáveis área e avaliação Qualis-CAPES dos periódicos, considerando em um grupo as revistas de estrato A1 a B1 e em outro grupo as revistas B2 a B5 (cf. classificação do quadriênio 2013-2016). Simioni, Gomide e Sarate (2020), utilizando metodologia da linguística de *corpus*, testaram essas mesmas variáveis em uma amostra ampliada para 24.261.106 palavras distribuídas em 3.811 textos extraídos do *Corpus de Português Escrito em Periódicos (CoPEP)*. Os resultados por estrato mostraram a seguinte distribuição da perífrase *ir* + Inf em artigos acadêmicos por área (SIMIONE; GOMIDE; SARATE, 2020):

A1 a B1: CB > CH > CE

B2 a B5: CH > CE > CB

¹ Esta dissertação de mestrado filia-se à área de Sociolinguística e Dialetologia, linha de pesquisa *Contato, variação e mudança linguística* e se insere no projeto integrado *Sociofuncionalismo: impacto de fatores sociais em domínios funcionais*, coordenado pela Profa. Dra. Edair Maria Görski, na Universidade Federal de Santa Catarina.

² O termo registro formal remete à linguagem utilizada em situações comunicativas não familiares, que requerem mais respeitabilidade e seriedade. Trata-se de um uso mais cuidado da língua que tem estreita relação com a variedade padrão (ou norma culta). Ao longo da dissertação, faremos menção, direta ou indiretamente, a três tipos de gradiência cujos polos são: informal – formal; não padrão – padrão; fala – escrita. Há uma forte aproximação entre os três pontos de cada continuum, mas são noções de natureza distinta que envolvem, respectivamente: o tipo de registro, a o tipo de norma ou variedade e a modalidade.

³ Trata-se de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) realizado na Unipampa-RS.

Esses estudos evidenciam não só que as áreas têm comportamento distinto quanto ao uso da forma verbal analítica, mas também que o critério Qualis-CAPES da revista tem influência sobre tal uso. Nas revistas mais bem qualificadas (A1 a B1), é na área de ciências biológicas que se encontra a maior frequência de perífrases e na área de ciências exatas, o menor uso; e nas revistas de estrato mais baixo (B2 a B5), a área de ciências humanas assume a liderança no uso da forma perifrástica enquanto ciências biológicas fica em último lugar. Além disso, os estudos mostraram que ambos os tipos de perífrase, *ir* (presente) + Inf e *ir* (futuro) + Inf (como em *vou apresentar* e *irei apresentar*), aparecem nos textos.

A proposta desta pesquisa é de continuar investigando a esfera acadêmica, agora focando no gênero *dissertações de mestrado*, com um olhar mais abrangente para o funcionamento das formas verbais que expressam futuridade em textos que circulam na comunidade científica e que, supostamente, passam por revisões antes de sua publicização. Cumpre observar que, dentre os trabalhos lidos para compor a seção de revisão da literatura sobre a expressão verbal do tempo futuro no português do Brasil (PB), nenhum deles contemplou esse tipo de texto acadêmico. Para este estudo, foram selecionadas dissertações de mestrado das seguintes áreas: Linguística (LIN), Matemática (MAT) e Direito (DIR), distribuídas em dois períodos de tempo: 2000/2001 e 2020/2021. A justificativa para essa escolha bem como o detalhamento da constituição da amostra, das questões e hipóteses de pesquisa e das variáveis controladas são apresentados na Parte II, destinada à Metodologia.

A segunda razão para a escolha do tema de pesquisa é o fato de que, no PB, as formas verbais de expressão de futuridade, notadamente a perífrase *ir* (presente/futuro) + infinitivo, comportam-se como um fenômeno *multifuncional* e também *variável* (cf. GIBBON, 2014). Sua multifuncionalidade atravessa o complexo domínio funcional de tempo-aspecto-modalidade (TAM) e, como atestam inúmeros trabalhos consultados, o terreno mais fértil para a variação – em que duas ou mais formas disputam a codificação de uma significação/função – é o do tempo futuro do presente⁴.

O tempo futuro do presente é assumido nesta dissertação como um domínio funcional (DF)⁵, portanto, diz respeito a *formas e funções* que apontam para situações projetadas a partir do momento da fala e posteriores a ele. Apesar do DF de futuro do presente apresentar diversas

⁴ O termo *futuro do presente* remete, em português, tanto a *formas verbais* que codificam o tempo com morfologia própria (*-rei*) como à *função* de referência temporal futura ancorada no momento de fala. No caso, um mesmo termo pode se referir simultaneamente a uma função e a uma forma gramatical.

⁵ O DF de *tempo futuro do presente* integra o macrodomínio de *futuridade* que, por sua vez, faz parte de um domínio ainda mais amplo de tempo-aspecto-modalidade (TAM). (GÓRSKI; TAVARES, 2017; GÓRSKI, 2021).

camadas⁶, este estudo limita-se à forma perifrástica com *ir* (presente/futuro) + infinitivo e à forma verbal simples, exemplificadas, respectivamente, como *vou/irei apresentar* – forma analítica inovadora – e *apresentar* – forma sintética conservadora. Além disso, como trabalhos referidos anteriormente flagraram o uso de *ir* (futuro) + Inf em artigos acadêmicos, desejamos verificar como os dois tipos de perífrase aparecem (e se ambos aparecem) nas dissertações. Como lidamos com multifuncionalidade e variação, assumimos como abordagem teórica deste trabalho o *sociofuncionalismo*, que une aspectos da sociolinguística variacionista (de base laboviana) e do funcionalismo linguístico norte-americano (de base givoniana).

A terceira razão para a escolha do tema de pesquisa é o crescente interesse que se observa no campo de estudos da língua em uso por questões de *gênero discursivo* e *estilo*. Trabalhos como os de Görski, Coelho e Nunes de Souza (2014), Bragança (2017) e Biazolli e Berlinck (2021), entre outros, sinalizam para uma frutífera articulação entre os campos variacionista/funcionalista/sociofuncionalista e discursivo, colocando luz em aspectos estilísticos.

Isso posto, temos como *objetivo geral* analisar a dinâmica das relações entre formas verbais e funções na expressão de futuridade em dissertações de mestrado das áreas de Linguística, Matemática e Direito em uma lacuna temporal de vinte anos (2000/2001–2020/2021), considerando a multifuncionalidade e variação das formas como recursos estilísticos circunscritos pelo gênero discursivo.

Como *objetivos específicos*, elencamos:

1. Fazer um mapeamento: levantando as *formas* verbais de expressão de futuridade – futuro simples e perífrase *ir* + Inf; e identificando as *funções* desempenhadas no amplo domínio de tempo-aspecto-modalidade (TAM), bem como o domínio funcional em que ocorre *variação*.
2. Analisar em termos frequenciais, comparativamente, a multifuncionalidade e a variação das formas verbais nos textos das três áreas de conhecimento, em diferentes períodos temporais, considerando também os autores individualmente.
3. Interpretar os usos de formas e funções como recursos estilísticos mobilizados no âmbito do gênero, da área e das escolhas individuais.

A dissertação está estruturada em três partes, contendo dez capítulos.

⁶ Entre as camadas que codificam o DF do tempo futuro do presente, temos as formas verbais: *cantarei, vou cantar, irei cantar, hei de cantar, canto*, além de construções com estar + gerúndio (*estarei cantando, vou estar cantando, estou cantando*) (cf. TAFNER, 2004).

A Parte I é destinada à fundamentação teórica, sendo composta por seis capítulos que contemplam: uma abordagem sociofuncionalista, o amplo domínio tempo-aspecto-modalidade (TAM), a futuridade, a revisão da literatura de estudos já realizados sobre o tempo futuro do presente no PB e o gênero textual/discursivo, focalizando relações entre o gênero dissertação de mestrado e a esfera acadêmica, e entre gênero, estilo, variação e multifuncionalidade.

A Parte II contempla a Metodologia, apresentada em um capítulo com três seções: uma sobre a descrição do *corpus* e das amostras, outra contendo as questões e hipóteses de pesquisa, bem como os grupos de fatores controlados e uma terceira sobre os tipos de análise empreendida.

A parte III é reservada à análise, sendo organizada em três capítulos: o primeiro trata da distribuição das formas verbais em estudo, considerando a pessoa do discurso, as áreas de conhecimento, o período de tempo e o autor da dissertação; o segundo foca nas funções desempenhadas pelas formas no amplo domínio TAM, considerando ainda a questão da variação; e o terceiro traz reflexões que envolvem a questão do estilo e dos gêneros textuais/discursivos em diferentes instâncias.

Seguem-se as considerações finais e as referências bibliográficas.

PARTE I:

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

INTRODUÇÃO À PARTE I

Como já mencionado na Introdução da dissertação, este estudo se inscreve numa interface sociofuncionalista que agrega pressupostos da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo de vertente norte-americana; e também aciona noções de Gênero textual/discursivo, notadamente no que diz respeito a estilo.

Esta parte teórica é constituída por seis capítulos. O primeiro (Capítulo 2) é destinado à abordagem sociofuncionalista e apresenta pressupostos básicos da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo de vertente norte-americana e aspectos da articulação entre esses dois campos que resultam numa abordagem integrada sociofuncionalista. O segundo (Capítulo 3) apresenta o complexo domínio funcional tempo-aspecto-modalidade (TAM) que recobre a noção de futuridade e de tempo futuro, contextos de análise nesta dissertação. O terceiro (Capítulo 4) é reservado à futuridade, considerando as relações entre formas – forma sintética (*apresentarei*) e analítica (*vou apresentar/irei apresentar*) – e funções no domínio TAM, bem como a gramaticalização dessas formas. O quarto (Capítulo 5) é dedicado à revisão de trabalhos já realizados no PB acerca do tempo futuro do presente, contemplando pesquisas tanto com dados de fala como com dados de escrita, em abordagem sincrônica e diacrônica. O último capítulo teórico (Capítulo 6) trata de gênero textual/discursivo⁷, focalizando relações entre: o gênero dissertação de mestrado e a esfera acadêmica; gênero e estilo; e gênero, estilo, variação e multifuncionalidade.

⁷ Usamos, nesta dissertação, o termo “gênero textual/discursivos”, seguindo a proposta de Biazolli e Berlinck (2021) que contempla os gêneros como práticas sociais e textual-discursivas. Além disso, quando nos reportarmos a trabalhos que utilizam o termo “gênero discursivo”, manteremos o termo original. Reconhecemos que não há consenso na literatura a respeito do uso de tais termos, mas não é interesse deste estudo discutir essa questão teórico-conceitual.

2 ABORDAGEM SOCIOFUNCIONALISTA

Este capítulo é destinado à exposição dos principais pressupostos de cada área da interface e da articulação sociofuncionalista, tendo em vista o objeto de estudo desta pesquisa.

2.1 Pressupostos básicos da Sociolinguística Variacionista

A Sociolinguística Variacionista passou a integrar de modo sistemático a área da Linguística na década de 1960, nos Estados Unidos, tendo como principal representante William Labov. Um dos postulados do autor é que a variação é inerente ao sistema e ocorre na fala do indivíduo, do grupo, da comunidade, sendo que “a melhor demonstração de variabilidade inerente é a alternância de variantes pelo mesmo indivíduo numa mesma conversa” (TAGLIOMONTE, 2012, p. 21).⁸ As variantes são formas alternativas de realização de uma variável, intercambiáveis em um mesmo contexto com o mesmo significado referencial. Em outras palavras, são dois ou mais modos de dizer a mesma coisa. Podemos exemplificar com a variável linguística *expressão do tempo futuro do presente* e as variantes que prototipicamente a constituem – a forma verbal de futuro simples (*apresentarei*) e a forma perifrástica (*vou/irei apresentar*), entre outras formas verbais.

Encontramos na literatura da área tanto as denominações ‘variável linguística’ como ‘variável sociolinguística’. Uma variável (socio)linguística pode ser condicionada por fatores internos (intra)linguísticos) ou por fatores extralinguísticos (sociais e/ou estilísticos), a depender do objeto selecionado para análise. Na sociolinguística variacionista diz-se, pois, que uma variável (socio)linguística se correlaciona com fatores das dimensões linguística, social (macrocategorias – sexo/gênero, idade, escolaridade, raça) e estilística (+ monitorado, - monitorado).

A variação é a disputa entre variantes, então é possível que em algum momento o resultado seja uma mudança linguística. As mudanças linguísticas não ocorrem de forma abrupta e raramente despertam a percepção do falante; *grosso modo*, as mudanças acontecem após um longo período de concorrência entre as formas e dependem de fatores linguísticos, sociais e estilísticos. Diacronicamente vemos que a forma perifrástica enfrentou longas disputas

⁸ No original: “the best demonstration of inherent variability is alternation of variants in the same individual in the same conversation”.

pela expressão da variável futuro do presente que, atualmente, apresenta uma mudança linguística praticamente completada na fala⁹ (cf. OLIVEIRA, 2006).

A variação não é restrita a um nível específico da gramática, ao contrário, é encontrada no nível fonético-fonológico, morfológico, sintático, discursivo e lexical; e ainda “em cada variedade de uma língua, em cada estilo, dialeto e registro de uma língua, em cada falante, frequentemente no mesmo discurso numa mesma sentença” (TAGLIAMONTE, 2012, p. 4).¹⁰ Como já dito, *o interesse da Sociolinguística Variacionista em geral é pelas regras variáveis*, cabendo ao pesquisador “investigar aquilo que varia e como a variação pode ser *sistematizada*” (TARALLO, 2007, p. 83, grifo nosso). A sistematização da variação resultou numa metodologia inovadora à época (décadas de 1960 e 1970), baseada em modelagem estatística e passível de ser replicada.

Uma vez definido o fenômeno linguístico a ser analisado, o primeiro passo metodológico consiste em circunscrever o contexto variável, ou o envelope de variação, isto é, identificar as formas variantes e os contextos em que são intercambiáveis, de modo que contextos que são categoricamente codificados por uma dada forma não são incluídos na análise, bem como ocorrências de interpretação ambígua. Levantada a distribuição geral das formas variantes, o passo seguinte é verificar que fatores de variáveis independentes podem influenciar o uso de uma ou de outra forma. É possível medir o peso desses fatores diante de cada variante selecionada e observar *tendências de uso variável bem como uma disseminação da mudança linguística*.

Como aprimoramento desse instrumental metodológico, foram desenvolvidos diferentes programas estatísticos, como GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) e R Core Team, que fornecem valores probabilísticos e níveis de significância dos fatores condicionantes correlacionados às formas variantes.

Segundo Tagliamonte (2012, p. 10), “um estudo variacionista tem dois modos de olhar para os dados: (i) a distribuição das formas e (ii) a identificação da função linguística de cada forma”¹¹ A função é entendida como significação, isto é, como significado não só referencial mas também semântico-pragmático contextualizado. E aqui nos deparamos com a proposta de

⁹ Há trabalhos que fazem menção à variação e mudança na “fala” e na “escrita”. Precisamos, contudo, atentar para o fato de que as modalidades não são homogêneas, pois correspondem a meios ou canais de veiculação dos mais diversos gêneros discursivos, que são atravessados por diferentes graus de formalidade, por exemplo. É necessário, pois, relativizar esse tipo de afirmação generalizante que aparece em muitas pesquisas.

¹⁰ No original: “in every variety of a language, in every style, dialect, and register of a language, in every speaker, often even in the same discourse in the same sentence”.

¹¹ No original: “a variationist study has two ways of looking at data: (1) the distribution of forms and (2) the identification of the linguistic function of each form”.

Lavandera (1978) de estender a noção variacionista de “mesmo significado” para “comparabilidade funcional”, de modo a dar conta da variação em níveis mais altos que o fonético-fonológico – caso do fenômeno investigado nesta dissertação, que situamos na interface morfologia/semântica/pragmática, envolvendo usos linguísticos contextualizados. A discussão acerca dos níveis linguísticos de variação e da circunscrição do envelope de variação é apontada e referenciada no excerto:

Desde a década de 1970, alguns sociolinguistas têm questionado a utilização da metodologia variacionista na análise de fenômenos linguísticos além da fonologia (cf. LAVANDERA, 1978; ROMAINE, 1984; entre outros) – questão que é ainda retomada e discutida por quem se dedica ao estudo de fenômenos mais altos (cf. TAVARES, 2003; FREITAG, 2009; ROST SNICHELOTTO, 2009; VALLE, 2014; entre outros). A noção de “mesmo significado”, atrelada originariamente ao plano representacional ou referencial, passa a ser interpretada, nesses casos, como “comparabilidade funcional” (LAVANDERA, 1978, p. 181), ou “mesma função comunicativa” (MILROY; GORDON, 2003, p. 170). Vale ressaltar aqui que restrições discursivas que atuam sobre o uso de certos itens podem impedi-los de se comportarem como variantes em certos contextos. Isso remete ao princípio da contabilidade (*accountability*) e à noção de envelope da variação, conceitos fundamentais na Sociolinguística Variacionista: além de se examinar uma dada forma variável, é preciso levantar todas as formas variantes potenciais que concorrem com aquela em um mesmo contexto, ou seja, é preciso determinar o envelope de variação (MILROY; GORDON, 2003; LABOV, 2008). (GÖRSKI; VALLE, 2016, p. 82-83)

A breve descrição feita acima remete basicamente ao modelo teórico-metodológico clássico da sociolinguística laboviana, já com uma certa extensão de caráter funcional, que tem trazido inúmeras contribuições à área. Contudo, esse modelo tem se reinventado ao longo do tempo e incorporado outras questões que dizem respeito ao reposicionamento das dimensões social e estilística da variação (socio)estilística. A Figura 1 ilustra essas dimensões.

Figura 1. Dimensões da variação (socio)linguística

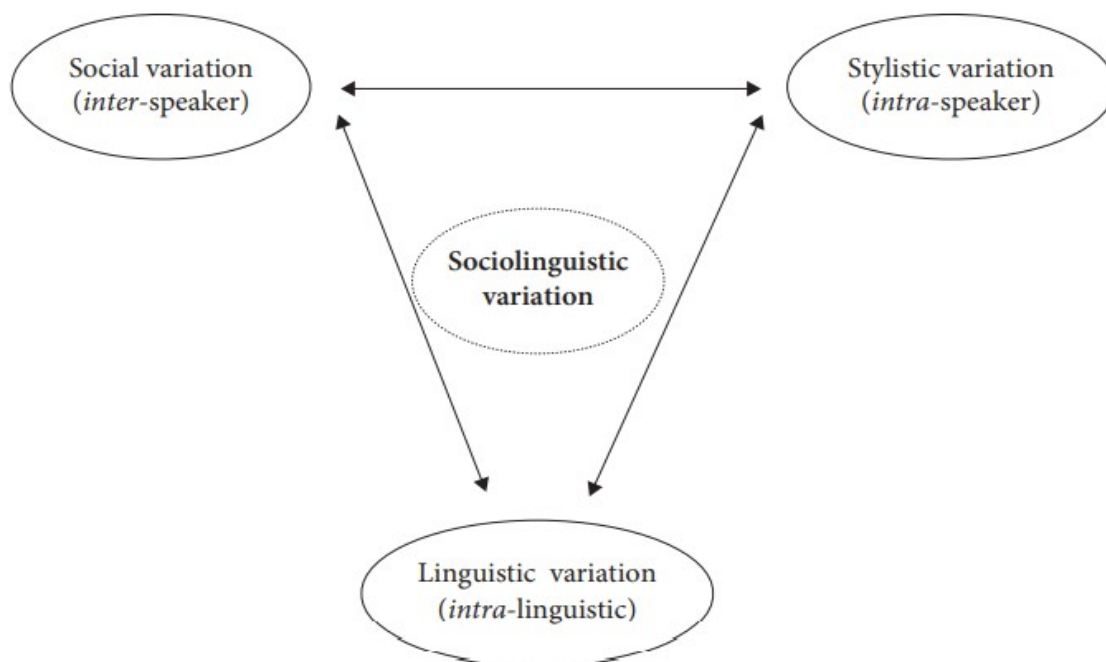


Figure 1. Sociolinguistic interface relating *stylistic* (or *intra-speaker*) variation with *linguistic* variation and *social* (or *inter-speaker*) variation

Fonte: Hernández-Campoy & Cutillas-Espinosa (2012, p. 2)

Uma forma de compreender as diferentes perspectivas da sociolinguística variacionista ao longo do tempo é entender as *três ondas de estudos variacionistas*. Eckert (2005; 2022 [2012]) revisa os estudos variacionista e, com base nos critérios de significado social e prática analítica, os divide em três diferentes momentos que a autora intitula de *ondas*. As ondas são uma forma de organização que não é exatamente linear historicamente, sendo que a ordem cronológica (primeira, segunda e terceira onda) não é sinônimo de que uma onda substitua a outra. Inclusive, no momento atual em que temos as três ondas descritas, é possível que se faça um trabalho ainda na perspectiva da *primeira onda* a depender dos objetivos do pesquisador.

Os estudos de primeira onda variacionista iniciam com William Labov (1960) e sua pesquisa sobre *Estratificação social do Inglês de Nova York*, tendo como interesse o estudo da estrutura e evolução da linguagem dentro de uma *comunidade de fala* estratificada por categorias macrossociais (sexo/gênero, idade, classe social, raça). Pautado no pressuposto de que a língua é heterogênea, constituída por regras variáveis (ao lado de regras categóricas),

Labov atesta em diferentes estudos¹². o caráter regular e possível de *sistematização* da variação com base em *entrevista sociolinguística*, que tem por objetivo fazer emergir o *vernáculo* de um indivíduo representativo de uma dada comunidade de fala.

O vernáculo é definido como a fala utilizada em situações de menor monitoração estilística. Dentro da própria entrevista sociolinguística, Labov (2008 [1972]) delineou *estilos* contextuais em um *continuum* que vai do mais monitorado – como a fala que corresponde a respostas dadas às perguntas mais formais da entrevista – ao menos monitorado – quando é pedido ao falante para comentar um risco de vida, por exemplo. O *estilo*, em uma perspectiva unidimensional, é então atrelado a graus de *atenção prestada à fala*, tornando-se uma variável nos estudos de primeira onda. Os sujeitos são vistos como passivos dentro da estrutura social e a eventual agentividade é interpretada como autocorreção (cf. ECKERT, 2022 [2012]).

Na segunda onda dos estudos variacionistas o foco recai sobre a *abordagem etnográfica* com luz ao vernáculo como expressão de identidade local ou afiliação a um grupo. Observa-se, *grosso modo*, as mesmas macrocategorias consideradas pela primeira onda, mas em comunidades menores. Nesses estudos, é possível perceber que apesar de algumas variantes apresentarem um significado mais geral de estigma social, por exemplo, em comunidades específicas elas podem assumir outro significado social¹³.

Os estudos de primeira e segunda onda focam em macrocategorias, ainda que na segunda onda tenha-se um olhar mais local, os sujeitos são vistos por uma matriz social estática. Por outro lado, os estudos da terceira onda variacionista concebem os sujeitos como *agentes* que se colocam na paisagem social através da *prática estilística* (ECKERT, 2003; 2005; 2008, 2022 [2012]) A variação é então entendida “não como um reflexo do lugar social, mas como um resultado para a construção do significado social” (ECKERT, 2005, p. 1)¹⁴.

Para Eckert (2008) o melhor modo de compreender o significado social da variação é mediante a *persona estilística* – uma máscara social assumida (CAMACHO; SALOMÃO-CONCHALO, 2016) – que deve ser conectada com os outros sistemas de estilos, como roupas, acessórios, cor de cabelo etc. Cumpre salientar o lugar da comunidade de prática – um conjunto de pessoas que se reúnem de forma regular e que se engajam em uma iniciativa, de acordo com Eckert (2003) – como um *locus* privilegiado da *construção estilística*. Os membros da

¹² Os estudos de Labov dedicam-se, basicamente, a fenômenos fonéticos, como a estratificação do /r/ em lojas de departamento em Nova York. Ao perceber que o novo padrão de prestígio da cidade era a marcação do /r/ em posição pós-vocálicas, Labov (2008[1972]) buscou relacionar a classe social dos vendedores das lojas com a presença do uso da variante inovadora.

¹³ O estudo sobre a ilha de Martha’s Vineyard é um excelente exemplo. Labov (2008 [1972]), ao investigar a alta centralização de /ay/ e /aw/, descobriu que se tratava de um traço de identidade local dos moradores da ilha.

¹⁴ No original: “[...] not as a reflection of social place, but as a resource for the construction of social meaning”.

comunidade elaboram uma visão compartilhada sobre o mundo ao seu redor e sobre outras comunidades, assim os sujeitos atribuem significado aos recursos estilísticos e os avaliam como possíveis recursos para seus próprios movimentos estilísticos. Potencialmente esses recursos estilísticos podem ser *variáveis linguísticas que assumem um significado social no processo de construção do estilo* (ECKERT, 2005).

Pela ótica dos estudos de terceira onda as variáveis não portam um significado fixo, mas uma mutabilidade indexical que é concretizada na *prática estilística*. Durante as *interações sociais* são agregados novos significados sociais às variantes e conforme os sujeitos se movem pelos sistemas sociosemióticos eles reinterpretem e recombinaem as variáveis em um processo constante de *bricolagem* (HEBDIGE, 1984 apud ECKERT, 2008) – daí que o *significado social* e o *estilo* não são estáticos, mas podem sempre ser (re)feitos (ECKERT, 2022 [2012]).

Eckert (2001, p. 123) define o estilo “como um agrupamento de recursos linguísticos e uma associação desse agrupamento com o significado social”¹⁵, e no centro dos interesses da autora está a *prática estilística* como construção de *identidade*. De fato, Eckert é uma das principais autoras quando nos remetemos aos estudos de terceira onda variacionista, mas é preciso cuidado para não reduzir a *prática estilística* apenas às questões de identidade

como o único ou o principal fator que afeta o estilo, e de esquecer o papel que outros fatores, como propósito, audiência, tema e assim por diante, desempenham na mudança estilística, mesmo quando a identidade é mantida constante. [...] Não vamos consagrar um novo tipo de unidimensionalidade ao defender a multidimensionalidade (RICKFORD, 2001, p. 227-228)¹⁶.

Se na primeira e segunda onda variacionista observamos variáveis, *na terceira onda observamos estilos*: os indivíduos usam recursos linguísticos para criar estilos. Para além da *descrição* – característica típica da primeira e segunda onda – a terceira onda preza pela *explicação e por análises que tenham um teor também qualitativo*. Esse panorama bastante simples sobre o *estilo* nos estudos variacionista mostra a centralidade que esse conceito ganhou com o decorrer do tempo e o aprimoramento teórico-metodológico da sociolinguística variacionista que foi revisitado e repensado conforme as demandas sociais mais emergentes.

¹⁵ No original: “[...] as a clustering of linguistic resources, and an association of that clustering with social meaning”

¹⁶ No original: “[...] as the only or primary factor affectng style, and of forgetting the role that other factors like purpose, audience, topic, and so on, play in effecting style-shift even when identity is held constant. [...] Let’s not enshrine a new kind of unidimensionality while advocating multidimensionality, and let’s not be limited by any one approach”

2.2 Pressupostos básicos do Funcionalismo norte-americano

Assumimos, nesta dissertação, a concepção funcionalista de língua e de gramática de Givón (1993, 2001, 2002, 2018). Segundo o autor, a língua desempenha duas funções principais: de *representação mental* (cognitiva)¹⁷ e de *comunicação do conhecimento/experiência* (comunicativo-pragmática). Além dessas, a língua desempenha outras “funções metacomunicativas”, como a função de coesão sociocultural e a função interpessoal (GIVÓN, 1993). Dada a sua natureza cognitivo-comunicativa-sociocultural, a língua é dinâmica, estando em constante modificação.

As pressões adaptativas que dão forma à estrutura sincrônica (‘idealizada’) da língua são exercidas durante a performance on-line. É aí que a língua emerge e muda. É aí que as formas se ajustam constantemente a novas funções e significados estendidos. É aí que a variação e a indeterminação são componentes indispensáveis dos mecanismos que modelam e remodelam a ‘competência’ (GIVÓN, 2002, p. 5)¹⁸.

O sistema de representação mental recobre o *léxico* conceptual, a *semântica proposicional* e o *discurso multiproposicional* (ou a pragmática discursiva), que correspondem a três “megadomínios” funcionais da linguagem – palavras, proposições e discurso. A *gramática* codifica, articuladamente, os níveis da semântica proposicional e da pragmática discursiva, e seu escopo recai “predominantemente sobre as relações de coerência entre a proposição (oração) e o contexto comunicativo mais amplo, seja o texto corrente, seja a situação de fala face a face e, nesta última, a interação falante-ouvinte”¹⁹ (GIVÓN, 2018, p. 35).

Tanto a língua quanto a gramática são, portanto, não autônomas e dinâmicas. A língua é vista como uma atividade sociocultural, de natureza cognitivo-comunicativa, enquanto a gramática tem um caráter emergente, maleável e precisa ser descrita como uma estrutura flexível dependente, pois é necessário compreender a relação entre dois parâmetros: i) de cognição – que envolve a forma de organização e interpretação feita pelo homem através da

¹⁷ Na perspectiva funcionalista assumida, “cognição” remete basicamente à complexa rede de representação da linguagem no cérebro, envolvendo processamento de informações e armazenamento de conhecimentos na memória, por meio de processos biologicamente adaptativos, dependentes do contexto sociocultural.

¹⁸ No original: “The functional-adaptive pressures that shape the synchronic (‘idealized’) structure of language are exerted during on-line performance. This is where language emerges and changes. This is where form adjusts itself constantly to novel functions and extended meanings. This is also where slop, variation and indeterminacy are indispensable components of the developmental mechanisms that shape and reshape ‘competence’”.

¹⁹ No original: “[...] predominantly about the coherence relations between the proposition (clause) and the wider communicative context, be it the current text, the face-to-face speech situation and, within the latter, the speaker-hearer interaction.”

mente; e ii) de uso – que abre espaço para a criatividade²⁰ do falante e para a variação. Sendo a gramática suscetível a pressões de uso, então ela não se estabiliza, mas está sempre em constante movimento de reformulação, o que sustenta a noção de “gramática emergente” (HOPPER, 1987), segundo a qual a gramática emerge da língua em uso. Nos termos de Bybee (2010), a gramática é dinâmica em função de sua variabilidade e gradiência.

Além de apresentar um caráter dinâmico, a gramática tem um escopo estendido, atuando para além do nível sentencial. Nessa perspectiva, o fenômeno que é objeto desta dissertação deve ser considerado na articulação entre os níveis da semântica proposicional (oracional) e da pragmática discursiva (multiproposicional ou inter-oracional) e situado num contexto comunicativo mais amplo. É nesse sentido que anteriormente situamos nosso objeto de estudo na interface morfologia/semântica/pragmática, considerando usos linguísticos contextualizados, notadamente no que diz respeito a gêneros textuais/discursivos.

A gramática envolve uma relação entre *formas* e *funções*. Segundo Neves (2021), o funcionalismo linguístico pode ser compreendido como uma teoria da organização gramatical das línguas naturais em que o elo entre formas e funções tem prioridade sobre seus limites e posições. De acordo com Givón (2001), a relação entre formas e funções é, em princípio, icônica, não arbitrária; isto é, haveria uma relação de um para um entre forma e função. Contudo, como a língua é dinâmica, a relação entre formas e funções vai se rearranjando ao longo do tempo.²¹ Nesse sentido, uma forma pode assumir mais de uma função (apresentar *multifuncionalidade*); ou uma função, em dado contexto, pode ser assumida por mais de uma forma (apresentar *variação*) – e esse caráter flexível da relação forma-função pode ser percebido tanto diacrônica como sincronicamente.

A multifuncionalidade, isto é, a expansão de funções que uma forma assume ao longo do tempo, é um processo de mudança que envolve alterações semântico-pragmáticas e também categoriais, o que tem uma relação direta com a *gramaticalização*: “a mudança pela qual itens lexicais e construções passam em certos contextos a desempenhar funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 15).²²

²⁰ A criatividade do falante entra em cena em usos inovadores para atender a demandas comunicativas, como a sinalização de expressividade, por exemplo. Sendo assim, pode-se dizer que a liberdade criativa é, de certa maneira, dependente de contexto, ou seja, da situação comunicativa corrente.

²¹ Como veremos adiante, a função é importante, mas não basta para explicar a forma, sendo necessário considerar também a questão do *estilo*, visto especialmente como um fenômeno distintivo, inserido num quadro social de possibilidades estilísticas (IRVINE, 2001).

²² No original: “[...] the change whereby lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions and, once grammaticalized, continue to develop new grammatical functions”

O falante é peça fundamental no processo de mudança do item ou construção que passa pelo processo de gramaticalização, contudo ele dificilmente percebe a mudança, uma vez que ela tende a ser processada num grau crescente de abstraticidade e envolve vários níveis, como descrevem Martelotta, Votre e Cezario (1996, p. 49):

a) nível cognitivo: pode ser observado através da tendência de usar itens do mundo concreto para o mundo abstrato, como o que ocorre com o processo de mudança metafórica;

b) nível pragmático: o falante tende a usar algo que já seja de conhecimento do ouvinte para expressar um novo sentido;

c) nível semântico: o sentido novo, decorrente do processo de gramaticalização, é geralmente associado com o significado de origem das palavras envolvidas;

d) nível sintático: a gramaticalização precisa de contextos sintáticos que a estimulem, o que nos permite entender o direcionamento da mudança linguística.

Hopper (1991) formula os seguintes princípios de gramaticalização, que Gibbon (2000) correlaciona com as formas de expressão do tempo futuro:

Estratificação: no domínio funcional, novas camadas estão emergindo continuamente. As camadas velhas, entretanto, não são descartadas e podem coexistir e interagir com as novas camadas. Assim, acontece a coexistência de formas com função similar que podem ser ou não estáveis. É o caso, no português, do *futuro do presente* e da *forma perifrástica*.

Divergência: quando uma forma lexical se gramaticaliza, por exemplo, um auxiliar, um clítico ou afixo, a forma que lhe deu origem pode permanecer como um elemento lexical autônomo e sofrer as mesmas mudanças que sofre qualquer forma lexical. Isso resulta em múltiplas formas tendo em comum a mesma etimologia, mas divergindo funcionalmente.

O verbo *ir* mantém seu estatuto de verbo pleno em *Vou para Rio Grande na sexta-feira* e aparece também como verbo auxiliar na forma perifrástica: *Vou terminar o texto na sexta-feira*.

Especialização: dentro do domínio funcional é possível existirem várias formas com diferenças semânticas sutis. No momento da gramaticalização, essa variedade de formas diminui e aquelas formas selecionadas adquirem significados gramaticais mais gerais. Uma forma, então, pode tornar-se obrigatória, já que a possibilidade de escolha diminui.

Nesse trabalho, pretendemos mostrar alguma especialização da forma perifrástica.

Persistência: ao sofrer a gramaticalização de uma forma lexical para uma forma gramatical, um item tende a manter traços de seus significados lexicais originais e parte da sua história lexical pode aparecer nas restrições sobre sua distribuição gramatical, ou seja, acontece a permanência de vestígios do significado lexical refletido no comportamento gramatical da forma.

Especula-se que o verbo *ir*, nesse caso, mantém seu traço aspectual que expressa o curso de fatos a partir de um ponto locativo ou temporal qualquer.

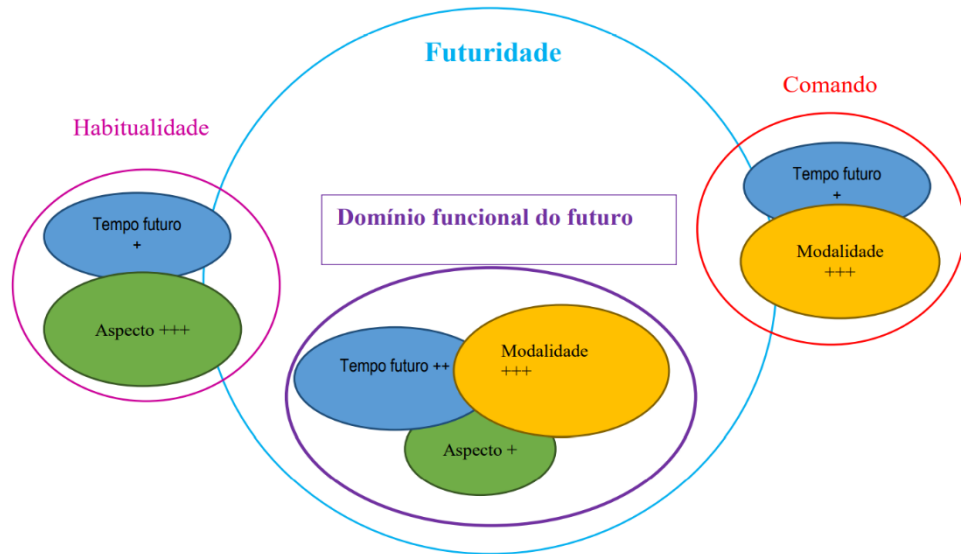
Descategorização: quando ocorre a gramaticalização de uma forma, esta tende a perder ou neutralizar as marcas morfológicas e sintáticas que são próprias das categorias plenas (nome e verbo) e assumem características de categorias secundárias como adjetivo, particípio, etc. Assim, acontece uma diminuição do estatuto categorial da forma gramaticalizada, surgindo formas híbridas.

O verbo *ir* está assumindo uma posição de auxiliar na forma perifrástica. A restrição que ocorre em relação à construção *vou ir*, entretanto, mostra que o verbo *ir* não adquiriu, ainda, estatuto pleno de auxiliar. (GIBBON, 2000, p. 25-26; adaptado)

Consideremos o princípio de estratificação (HOPPER, 1991), segundo o qual novas camadas estão sempre emergindo num *domínio funcional*, podendo coexistir com camadas já existentes. A noção de domínio funcional (DF) é bastante relevante, tanto no funcionalismo como na interface sociofuncionalista que veremos em seguida. Um DF corresponde, *grosso modo*, a uma função comunicativa. De acordo com Givón (1984, apud Görski & Tavares, 2017, p. 45), “os planos articulados da semântica proposicional e da pragmática discursiva podem ser subdivididos em *domínios funcionais*, os quais se distribuem num *continuum*, sendo inter-relacionados de forma gradiente, num espaço cognitivo multidimensional”. Pode-se dizer que um DF é “caracterizado como uma área coberta por (macro)funções/significações gramaticais que se projetam, via codificação, em mecanismos linguísticos que se articulam de forma mais, ou menos recorrente e regularizada em diferentes níveis” (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 49).

A forma verbal simples (*cantarei*) e a forma perifrástica (*vou/irei cantar*) atuam como camadas que compõem o DF que recortamos neste trabalho: o macrodomínio funcional da *futuridade* – que envolve tempo, aspecto e modalidade – (cf. Capítulo 4, adiante) e que recobre o DF do *tempo futuro do presente* e parte dos DF da *habitualidade* e do *comando*, como mostra a Figura 2.

Figura 2. Representação do escopo de futuridade e suas relações com habitualidade e comando/imperativo



Fonte: Gibbon (2014, p. 90)

Na fala, em termos gerais, a perífrase é a camada mais acionada para expressar o tempo futuro do presente²³ (cf. Capítulo 5, adiante), porém os domínios de habitualidade e de comando também são compartilhados por essa forma. Os exemplos a seguir, extraídos de Gibbon (2014, p. 92-94), ilustram o funcionamento da perífrase nesses domínios.

- (1) F: Claro! Não sei, eu não consigo entender, sabe? Como é que pode fazer uma coisa dessas se sabem que aquilo é o nosso futuro pra nós vivermos, né? E acabando com essa mata o que que **vai acontecer**? **Vai ser** triste, tanto pra gente, como pra eles mesmos que estão fazendo essa queimada, né? essas coisas. (POA 12:05).
- (2) E Susto, a senhora já levou algum susto forte, assim de...
F Olha, eu não sou de me assustar tão fácil. Eu **vou ver** o que que tem antes. Porque às vezes acontece um barulho, uma coisa, eu **vou ver** que que acontece.
E Mas o acidente do seu neto deve ter sido um susto forte. (FC 05:06)
- (3) F: [...] Mas eu acho que a TV deseduca muito, porque ela coloca uma gíria que a criança confunde muito na escola, né? Tu aprendes, **vamos dizer**, uma palavra lá, seja qual for, de um jeito e tu ouves de outro jeito, ou a televisão mostra escrevendo, por exemplo, o "Xow da Xuxa". (POA 22:10) E: A senhora gostava de estudar? F: Eu gostava. Sempre gostei. Isso aí eu não vou negar nunca, gostei. E rodar assim eu nunca rodei. (POA 16:01)

²³ Salientamos, contudo, que é preciso ter cuidado com generalizações que associam o uso da perífrase à modalidade oral, uma vez que tanto a fala como a escrita comporta um número sem-fim de gêneros. Essa questão será retomada adiante.

Em (1), a perífrase *ir* + infinitivo projeta uma situação para um tempo posterior ao momento de fala – *tempo futuro do presente*; em (2), a perífrase remete a uma situação que costuma se repetir – *aspecto habitual*; e em (3), a perífrase com “o verbo auxiliar na primeira pessoa do plural ameniza a ‘ordem’ de tal forma que ela se mostra como uma sugestão” (GIBBON, 2014, p. 94) – *modalidade deôntica*. Esses tipos de dados se inserem, respectivamente, nos domínios funcionais de tempo futuro, de habitualidade e de comando/imperativo, de acordo com a análise da autora ancorada na representação da Figura 2 (cf. GIBBON, 2014).

A multifuncionalidade da perífrase ainda abre espaço para interpretação de funções ambíguas. Veja-se a ocorrência extraída de Gibbon (2014, p. 197).

(4) E: A senhora gostava de estudar?

F: Eu gostava. Sempre gostei. Isso aí eu não **vou negar** nunca, gostei. E rodar assim eu nunca rodei. (POA 16:01)

No dado acima, a substituição da perífrase pela forma verbal de futuro do presente (*negarei*) sinalizaria claramente um contexto de tempo futuro; já a substituição pela forma verbal de presente (*nego*) indicaria um contexto de habitualidade. É um tipo de ocorrência que pode ser interpretada como “um uso que se situa nos limites interconectados de dois domínios funcionais, ilustrando um caso de *continuum* categorial” (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 60). Gibbon (2014, p. 198) considera: “É possível que esse tipo de contexto seja o desencadeador da função de codificar o presente habitual pela forma perifrástica”.

As ambiguidades funcionais põem em tela o caráter contínuo e gradual da mudança, pois quando o domínio funcional está nesse processo é comum as camadas se ajustarem também em outros domínios (GIVÓN, 2002). Nesse sentido, é a mudança – que envolve multifuncionalidade e gramaticalização – que ocasiona a variação linguística. Uma vez que a mudança diz respeito a inovações linguísticas e seu espraiamento pela sociedade, se há variação é porque uma mudança já se instalou e segue seu curso de expansão. É o princípio da estratificação (HOPPER, 1991) que, entre outros aspectos, abre caminho para uma articulação entre as áreas do Funcionalismo e da Sociolinguística Variacionista – interface tratada na seção seguinte.

Antes de tratarmos da interface, cabe ainda mencionar a questão da *marcação*, que se apresenta como um dos princípios basilares do Funcionalismo. Givón (1995) concebe a marcação como metaiconicidade, correlacionando a estrutura sintática com a dimensão cognitiva e também com a distribuição da frequência de uso. De acordo com o autor,

“[m]marcação é um fenômeno dependente de contexto. A mesma estrutura pode ser marcada em um contexto e não marcada em outro” (p. 27). Uma consequência dessa dependência de contexto é que “explicações de marcação devem ser *específicas de domínio*” (p. 27; grifo nosso)²⁴.

Givón (1995, p. 29) associa contextos a tipos de discurso, considerando que há um *continuum* (em termos de gramaticalização e de complexidade sintática) entre os polos do discurso oral informal (da fala cotidiana) e do discurso escrito formal (do texto acadêmico, por exemplo).

O autor cita três critérios para distinguir marcação de não marcação:

- (a) **Complexidade estrutural:** A estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) do que a correspondente não marcada.
- (b) **Distribuição de frequência:** A categoria marcada (figura) tende a ser menos frequente, portanto cognitivamente mais saliente, do que a correspondente não marcada (fundo).
- (c) **Complexidade cognitiva:** A categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa – em termos de esforço mental, demanda de atenção ou tempo de processamento – do que a não marcada.²⁵ (GIVÓN, 1995, p. 28)

Vários estudos que articulam os campos do Funcionalismo e da Sociolinguística Variacionista têm lançado mão do princípio da marcação para explicar seus resultados, como o de Tavares (2008), que trata dos conectores coordenativos *e*, *aí* e *então*; e o de Freitag (2009), que trata do passado imperfectivo no português falado, entre outros. Nenhum dos estudos revisados sobre o futuro (Capítulo 5) aborda a questão da marcação. Em nossa análise dos dados buscaremos acionar esse princípio.

²⁴ No original: “Markedness is a context-dependent phenomenon par excellence. The very same structure may be marked in one context and unmarked in another. [...] One important logical consequence of the context dependence of markedness is that substantive explanations of markedness must be domain-specific.”

²⁵ No original:

“(a) **Structural complexity:** The marked structure tends to be more complex (or larger) than the corresponding unmarked one.

(b) **Frequency distribution:** The marked category (figure) tends to be less frequent, thus cognitively more salient, than the corresponding unmarked category (ground).

(c) **Cognitive complexity:** The marked category tends to be cognitively more complex — in terms of mental effort, attention demands or processing time — than the unmarked one.”

2.3 Sociofuncionalismo: articulação de pressupostos

Os estudos funcionalistas voltam seus interesses, predominantemente, para a função das formas, as inovações e os vários estágios de mudança via gramaticalização, considerando o direcional: *mudança* (a partir de uma forma) > *variação* (de duas ou mais formas). Já os estudos sociolinguísticos se voltam para a variação sincrônica e para a propagação da mudança, considerando o direcional: *variação* (a partir de duas ou mais formas) > *mudança* (resolução da concorrência entre as formas). Embora o foco central das teorias seja distinto, esse aparente impasse não se configura como um problema, porém necessita de ajuste teórico/metodológico e definição de sob qual perspectiva o trabalho será mais bem encaminhado: “embora os pontos focais do funcionalismo norte-americano e da sociolinguística variacionista sejam distintos, é possível chegar a uma convergência entre pressupostos teórico-metodológicos de cada teoria em uma abordagem que integra aspectos de ambas” (TAVARES; GÖRSKI, 2015, p. 262). É possível uma conciliação teórica, pendendo mais para o funcionalismo ou para a sociolinguística, a depender do objetivo do pesquisador.

O objeto de estudo nesta dissertação vem sendo analisado tanto na perspectiva variacionista, como na perspectiva funcionalista, ou na interface de ambas (cf. Capítulo 5, adiante). A título de ilustração, o trabalho de Malvar e Poplack (2008), a partir de uma abordagem variacionista, analisa a disseminação das formas verbais concorrentes e aponta para uma mudança nessa disputa para expressão do tempo futuro. Já a tese de Gibbon (2014) analisa dados de fala e de escrita a fim de verificar a trajetória de gramaticalização da perífrase *ir* + infinitivo, bem como identificar diferentes formas verbais de codificação do domínio funcional de futuro do presente e também o processo avançado de gramaticalização da forma *ir* (presente) + *ir* no estado do Rio Grande do Sul.

O fenômeno escolhido para ser analisado neste trabalho expõe, portanto, a complexidade que uma forma ou camada pode apresentar no processo discursivo. É preciso considerar que lidar com a multifuncionalidade das formas verbais de futuro simples (*apresentarei*) e perífrase (*vou/irei apresentar*) que compõem o DF da futuridade e os demais domínios sob seu escopo, e também com a possível variação entre essas formas nesses diferentes domínios, aponta para um caminho que requer um duplo olhar teórico. Uma articulação de pressupostos teórico-metodológicos já vem sendo consolidada na área sob a denominação de *sociofuncionalismo* (TAVARES, 2003; GÖRSKI; TAVARES, 2013; TAVARES, 2012; TAVARES; GÖRSKI, 2015; GÖRSKI; TAVARES, 2017, entre outros).

Para Görski e Tavares (2017), alguns pressupostos convergentes de ambas as teorias são: (i) a escolha por contextos que explorem a língua em uso, tanto oral quanto escrita, pois é diante de textos reais que se observa a variação e a mudança linguística; (ii) a língua está sempre em constante mudança, o que fornece um aspecto não estático, mas sim dinâmico e que depende, sobretudo, do falante; (iii) a mudança linguística é vista como um processo gradual e lento; (iv) a concepção de uniformitarismo que advoga a ideia de que forças linguísticas e sociais exercidas no passado se repetem atualmente; (v) o destaque para a frequência das ocorrências. Em relação a (v), a perspectiva funcionalista considera que a frequência possibilita observar a manutenção e a reestruturação da gramática, já para a sociolinguística laboviana, a abordagem quantitativa fornece maior segurança na análise dos dados encontrados e na interpretação dos resultados, apontando tendências de uso.

Do ponto de vista metodológico, é de fundamental importância na interface a noção de domínio funcional e sua correlação com a noção de variável linguística, como sugere o princípio da estratificação (HOPPER, 1991). Voltando à Figura 2, temos três DF – do *tempo futuro do presente*, do *aspecto habitual* e da *modalidade deôntica* (imperativo/comando) –, situados sob o escopo da futuridade, em cujas camadas podemos encontrar a perífrase (*vou/irei apresentar*) e, eventualmente, a forma verbal simples (*apresentarei*). Somente nos contextos em que essas formas forem intercambiáveis com a mesma função é que teremos casos de variação. Assim, a princípio, esses três DF corresponderiam a três variáveis linguísticas distintas.

Os estudos desenvolvidos na interface podem ser tanto sincrônicos quanto diacrônicos, ou podem se valer de uma abordagem pancrônica. Dados de fala e escrita são considerados sem ordem de valor. Görski e Tavares (2013) e Tavares e Görski (2015) elencam os seguintes passos para uma pesquisa sociofuncionalista: (i) recorte da variável dentro de um domínio funcional considerando uma situação real de uso; (ii) verificação se as formas variantes desempenham a mesma função dentro do domínio funcional; (iii) testagem de grupos de fatores linguísticos, discursivos, estilísticos e sociais, que possibilitam identificar o contexto de uso das formas (nesse sentido, a interface sociofuncionalista possibilita incorporar aspectos semântico-pragmáticos na análise); (iv) o detalhamento dos grupos de fatores para observar a variação e uma possível mudança em curso e posterior amalgamação de fatores em busca de generalizações possíveis; e (v) a interpretação da frequência das formas como indício de: perda de espaço de uma das variantes; generalização de significado com expansão dos contextos de uso; ou especialização de uso. Nesta dissertação, incluímos como primeiro passo o levantamento das formas tidas como possíveis variantes e o mapeamento das funções

desempenhadas. A partir daí, segue-se à circunscrição da variável ou do domínio funcional em que as formas coocorrem.

Avançando na construção de interfaces, Bragança (2017) propõe uma abordagem transdisciplinar designada como “sociofuncionalismo enunciativo-discursivo”, em que são acionados três campos – variacionista, funcionalista e dialógico – para o tratamento da variação e mudança, especialmente no que diz respeito à expressão do futuro do presente (potencialmente aplicável a outros fenômenos). Interessa salientar aqui o seguinte aspecto apontado pela autora como uma das características dessa abordagem: “exame das formas/funções de fenômenos em variação/mudança sob a perspectiva de que elas integram o *estilo dos gêneros*” (p. 13; grifo acrescido). Nessa perspectiva, os gêneros são alçados a uma posição teórica mais abrangente do que se tem verificado em estudos variacionistas que consideram o gênero textual/discursivo como uma variável independente ou como critério definidor de amostras para análise. A questão do gênero será retomada e aprofundada no Capítulo 6.

No âmbito dos estudos de gramaticalização, em relação ao jogo entre formas e funções, Lehmann (2002) estende perspectivas tradicionalmente acionadas em estudos do léxico para outros níveis linguísticos de análise: (i) uma perspectiva semasiológica – que parte da forma e levanta as diferentes funções/significações que a forma adquire ao longo do tempo; e (ii) uma perspectiva onomasiológica – que parte da função e identifica as formas que a expressam. Essa dupla perspectiva metodológica é acionada na análise dos dados desta dissertação.

2.4 Fechando o capítulo

O Capítulo 2 tratou de *Sociofuncionalismo*, abordagem que articula duas teorias: a Sociolinguística Variacionista (SV) e o Funcionalismo Linguístico norte-americano. Dentre os autores discutidos, destacamos Labov (2008 [1972]), Tagliamonte (2012), Givón (1993, 2001, 2002, 2018), Hopper (1991) e Görski e Tavares (2017).

Salientamos que o objeto de estudo desta dissertação se situa na interface morfologia/semântica/ pragmática e envolve usos linguísticos contextualizados. Nesse sentido, as formas verbais de futuro do presente simples (*apresentarei*) e perifrástico (*vou/irei apresentar*), que atuam no macrodomínio funcional de *futuridade*, são caracterizadas por noções de tempo-aspecto-modalidade (TAM). A futuridade, considerando essas formas verbais, recobre os DF do *tempo futuro do presente*, do *aspecto habitual* e da *modalidade deôntica imperativa* (cf. Figura 2), e cada um desses DF corresponde, em princípio, a uma variável linguística.

Retomando os exemplos (2) e (3), percebemos que a forma inovadora nem sempre está em variação com a forma verbal de futuro do presente simples, sendo assim, torna-se necessário acionar o conceito de *comparabilidade funcional* (cf. LAVANDERA, 1978) para discutir os níveis mais altos da gramática, como é o caso do fenômeno considerado para este trabalho. Potencialmente o domínio de *futuro do presente* é caracterizado como o terreno mais fértil para a variação entre as formas perifrásticas e futuro do presente simples.

Partindo de trabalhos como o de Gibbon (2014), que descortina a forma perifrástica como um fenômeno *multifuncional*, adotamos a *abordagem integrada sociofuncionalista* como principal base teórica desta pesquisa. O Sociofuncionalismo tem uma literatura já bastante consolidada na área dos estudos da linguagem com inúmeros trabalhos construídos a partir dessa perspectiva. Tavares e Görski (2015) e Görski e Tavares (2017) descrevem os passos essenciais para uma pesquisa dessa natureza e apontam os pressupostos epistemológicos convergentes, mostrando que é possível esse olhar teórico integrado.

Pautando-nos nessa interface, destacamos dois pontos que são relevantes para esta pesquisa:

(i) Concepção de língua e de gramática: a *língua* é vista como uma atividade sociocultural, de natureza cognitivo-comunicativa, estando em constante variação/mudança. A *gramática* é compreendida como dinâmica, dependente do contexto e envolve uma relação entre *formas* e *funções* em permanente rearranjo ao longo do tempo, de modo a apresentar *multifuncionalidade* (uma forma com mais de uma função/significação) e *variação* (mais de uma forma com uma função/significação). Dessa forma a *gramática* codifica, articuladamente, os níveis da semântica proposicional e da pragmática multiproposicional ou discursiva, tendo um escopo bastante amplo.

(ii) Noção de domínio funcional: um DF corresponde, *grosso modo*, a subdivisões que incidem nos planos articulados da semântica proposicional e da pragmática discursiva e que se distribuem num *continuum*, envolvendo sobreposições hierárquicas (macrodomínio/domínio/subdomínio) e também lineares (domínios híbridos com interfaces). O DF acomoda camadas/formas que emergem constantemente, passando a coexistir com camadas/formas já existentes (cf. princípio de estratificação de Hopper, 1991). Novamente salientamos que um DF corresponde a uma variável linguística quando as formas que o codificam são intercambiáveis com a mesma função/significação.

Esta pesquisa busca também operar com uma dupla perspectiva (cf. LEHMANN, 2002):

(i) ao partir das formas verbais de futuro simples (*apresentarei*) e de perífrase *ir* + infinitivo (*vou/irei apresentar*) e considerar suas trajetórias de gramaticalização (já dadas na literatura,

também em termos de alterações estruturais) e sua multifuncionalidade sincrônica, assume uma perspectiva semasiológica; (ii) ao tomar como ponto de partida o macrodomínio funcional da futuridade com foco em domínios atravessados, em diferentes graus, por tempo-aspecto-modalidade, e observar como as formas atuam nesses domínios, a perspectiva adotada é onomasiológica. A conjugação dessas duas perspectivas fica evidente, por exemplo, ao se delimitar o *domínio funcional do tempo futuro do presente* e averiguar o comportamento das camadas/formas verbais que o codificam. Essa dupla abordagem subjaz à articulação entre gramaticalização e variação. Além disso, interessa-nos analisar o jogo entre formas e funções, considerando a questão da variação estilística no *gênero discursivo* na esfera acadêmica (cf. Capítulo 6, adiante).

3 TAM: UM MACRODOMÍNIO FUNCIONAL COMPLEXO

Numa abordagem cognitivo-funcional da língua (GIVÓN, 2001; 2002), a gramática é vista (i) como *estrutura* – um código simbólico, abstrato e complexo, que envolve dispositivos que operam em diferentes níveis (morfologia, organização hierárquica de constituintes, rótulos categoriais, relações de escopo, correferência e concordância etc.); e (ii) como *função* – correlatos adaptativos que correspondem a dois domínios representacionais cognitivos que operam integradamente: a semântica proposicional e a pragmática discursiva. A semântica proposicional abarca papéis semânticos dos participantes, transitividade e ligação de orações – correspondendo ao nível sentencial; já a pragmática discursiva envolve funções de escopo mais amplo relacionadas à coerência discursiva, como coerência referencial, espacial e temporal, perspectiva do evento e do falante/ouvinte, entre outras – correspondendo ao nível textual/discursivo.

Nessa abordagem, Givón (2001; 2002), em termos gerais, caracteriza TAM (tempo-aspecto-modalidade) como um subsistema gramatical complexo orientado para o discurso, codificando as funções de coerência e *grounding* temporal (tempo), de perspectiva do evento/da situação (aspecto) e de perspectiva do falante/ouvinte (modalidade). Descrevendo o escopo funcional de TAM, o autor salienta a interação dos níveis do léxico conceptual (traço semântico do item), da informação proposicional (característica da situação – evento/estado e participantes) e do discurso multiproposicional (conectividade pragmática da oração no contexto discursivo). Além disso, menciona que TAM atua em estreita relação com marcadores de negação e de atos de fala, concordância pronominal e conectores oracionais.

De acordo com essa perspectiva funcional, as categorias/funções de tempo (*tense*), aspecto e modalidade (i) estão imbricadas, atuando de modo interligado e com algum grau de hibridismo ou sobreposição; (ii) acionam propriedades de diferentes níveis: semântico-lexical (do item verbal), semântico-proposicional (da oração) e pragmático-discursivo (da coerência textual).

Não obstante o funcionamento integrado de TAM – que corresponde, simultaneamente, a um *subsistema gramatical* e a um *macrodomínio funcional* complexo (GÖRSKI; TAVARES, 2017; GÖRSKI, 2021) –, para efeito de conceituação as categorias/funções são apresentadas separadamente.²⁶ As seções a seguir tratam, respectivamente, de *tempo* (*tense*), *aspecto* e

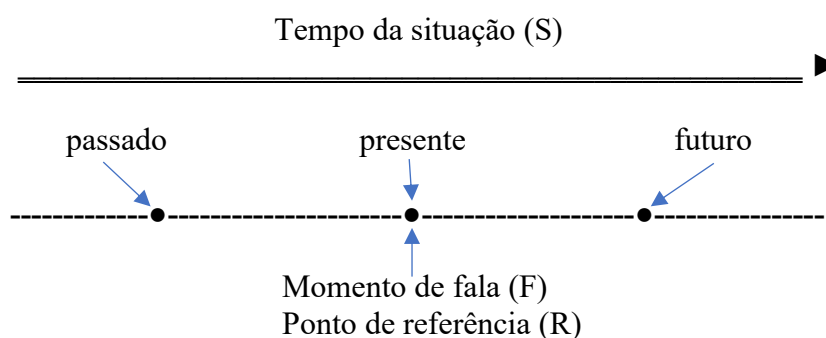
²⁶Note-se que TAM pode remeter tanto a *categorias gramaticais* como a *funções* codificadas por tais categorias.

modalidade, buscando colocar foco nos pontos que interessam mais diretamente nesta dissertação.

3.1 Tempo (*tense*)

Acionamos, para a conceituação da categoria/função tempo (*tense*), basicamente os autores Comrie (1985) e Givón (2001). Comrie (1985, p. 9) define *tense* como “expressão gramaticalizada de localização no tempo (*time*)”²⁷. Tal formulação coloca em foco duas noções de tempo: o tempo verbal (*tense*) e o tempo cronológico (*time*).²⁸

Tense, como categoria dêitica, envolve a codificação da relação entre dois pontos ao longo da dimensão linear de *time*: o tempo/momento/ponto de referência (R) e o tempo/momento da situação (S).²⁹ O ponto de referência *default* é o momento de fala (F), também chamado de centro dêítico (COMRIE, 1985). O diagrama a seguir, adaptado de Givón (2001, p. 286), representa a ancoragem temporal de *tense*.



Trata-se de uma representação em que o *tense* passado precede o momento de fala (se localiza à esquerda de F), o *tense* presente é simultâneo ao momento de fala (se localiza no mesmo ponto de F) e o *tense* futuro segue o momento de fala (se localiza à direita de F). Como os três tempos verbais tomam como ponto de referência o momento de fala são chamados de *tempos absolutos* (COMRIE, 1985; GIVÓN, 2001).

Exemplifiquemos com o futuro, que é o tempo que interessa nesta dissertação. O *futuro do presente* pode ser definido como “tempo verbal que codifica uma situação S futura em

²⁷ No original: “tense is grammaticalised expression of location in time”.

²⁸ Como em português uma mesma palavra é usada para designar ambas as noções, quando houver necessidade de distingui-las no texto, usaremos ‘tempo verbal’ (ou *tense*) e ‘tempo’ (ou *time*).

²⁹ Usamos o termo *situação* para designar tanto evento e processo ([+dinâmico]) como estado ([-dinâmico]).

relação ao momento de fala F ao qual se ancora tomando-o como ponto de referência R”, como mostra o diagrama seguinte (GÖRSKI et al., 2002, p. 226).

(5) **Vou ler** o livro.



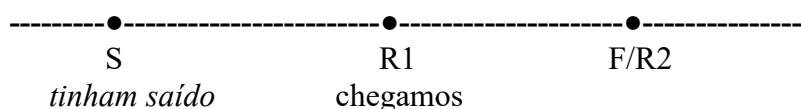
Tense não é, no entanto, apenas uma categoria *dêitica*. Quando o ponto de referência (R) é diferente do momento de fala (F), precisando ser localizado em outro ponto do contexto discursivo, passa a funcionar como uma categoria *anafórica* (MATOS, 1996). É o caso dos chamados *tempos relativos*, que ocorrem quando o ponto de referência (R) não corresponde ao momento de fala (F), e sim a algum outro ponto no tempo dado pelo contexto (COMRIE, 1985). Comrie alerta, no entanto, que a diferença entre tempo absoluto e tempo relativo tem a ver com uma forma cujo significado especifica o momento presente como (R) e uma forma cujo significado não especifica o momento presente como (R). Assim, nos tempos relativos, (R) é dado pelo contexto e não pelo momento de fala, embora esses tempos possam ter também o momento presente como um de seus possíveis pontos de referência, e isso, segundo o autor, “é um problema de interpretação e não de significado” (COMRIE, 1985, p. 58).

Comrie (1985, p. 52) associa o tempo relativo às formas nominais do verbo (infinitivo, gerúndio e particípio), em contraste com o tempo absoluto: “encontram-se línguas em que as formas verbais finitas têm caracteristicamente referência de tempo absoluto, enquanto formas verbais não finitas têm referência de tempo relativo”³⁰. Em português teríamos, por exemplo: “**Chegando** em casa, Maria encontrou/ encontra/ encontrará seu livro perdido”, em que o gerúndio “chegando” assume o valor temporal do verbo da oração principal, no caso, passado (*encontrou*), presente (*encontra*) ou futuro (*encontrará*), respectivamente. Em outras palavras, é a interpretação do enunciado no contexto que fornece elementos para identificar o *tense* da forma nominal que, por si só, não carrega significado temporal. É nesse sentido que Bragança (2017, p. 63) evoca Vargas (2011, p. 42; grifos acrescentados): “no fundo, o *contexto* [linguístico] e a *situação* [extralinguística] operam conjuntamente para determinar a significação das palavras de acordo com a intenção do falante”.

³⁰ No original: “one finds languages where finite verb forms characteristically have absolute time reference, while non-finite verb forms have relative time reference”.

Uma outra forma de expressar o tempo é através do que Comrie (1985) denomina *tempo relativo-absoluto*. Trata-se de uma relação temporal um pouco mais complexa, em que o ponto de referência (R) se situa antes ou depois do momento de fala (F) e a situação (S) é localizada antes ou depois de (R); portanto (S) não se ancora diretamente em (F). Dessa maneira, o tempo é relativo, pois a situação (S) em foco se ancora, não no momento de fala (F), mas em outro ponto no tempo dado no contexto; e também absoluto, pois o tempo que é o ponto de referência (R) de (S) se ancora, por sua vez, no momento de fala (F). É o caso típico do pretérito-mais-que-perfeito e do futuro do pretérito em português. Exemplifiquemos com o pretérito mais-que-perfeito, definido como “tempo verbal que codifica uma situação S passada e anterior a outra situação também passada, à qual se ancora tomando-a como ponto de referência R”, conforme representado no diagrama abaixo (GÖRSKI et al., 2002, p. 226).

(6) Quando nós chegamos, eles já **tinham saído**.



Nesse caso, “tinham saído” (tempo verbal da situação = passado do passado) toma como ponto de referência “chegamos”, um tempo verbal também passado que, por sua vez, se ancora no momento de fala. Assim, (R1) é ponto de referência de “tinham saído” (valor relativo) e (F/R2) é ponto de referência de “chegamos” (valor absoluto).

Podemos considerar que os tempos absolutos são dêiticos, por tomarem como (R) o momento de fala; os tempos relativos são anafóricos, por se ancorarem em um ponto dado contextualmente; e os tempos relativo-absolutos são anafórico-dêiticos, por estabelecerem um duplo movimento de ancoragem, com (R) dado no contexto e com (R) dado no momento presente. Uma descrição mais detalhada sobre o funcionamento do tempo futuro é dada adiante.

Como já mencionado, *tense* enquanto categoria dêitica localiza as situações no *tempo externo* (cf. COMRIE, 1976). Entretanto, no que se refere a TAM, a próxima categoria que trazemos para a conversa não é dêitica e não se ocupa em relacionar tempo da situação com algum outro ponto temporal: trata-se da categoria *aspecto*, que pode ser concebida como o *tempo interno* das situações. A categoria/função tempo será retomada e aprofundada quando tratarmos de futuridade (Capítulo 4, adiante).

3.2 Aspecto

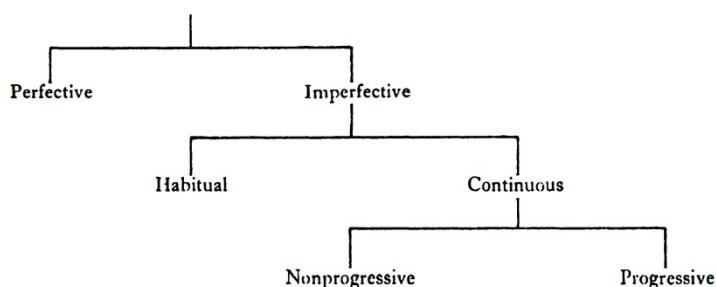
A categoria/função aspecto é abordada, do ponto de vista conceitual, a partir de Comrie (1976), Givón (2001), Travaglia (2016) e Castilho (2002, 2010). A abordagem analítica dos usos é feita também com base no estudo de Fonseca (2010).

Vimos que, enquanto o tempo verbal (*tense*) localiza situações no tempo (*time*) – usualmente com referência ao momento presente (tempo absoluto), embora também com referência a outras situações (tempo relativo; tempo absoluto-relativo, casos em que se comporta (também) como categoria anafórica) –, o aspecto diz respeito à constituição temporal interna de uma situação. Em outras palavras, embora ambas as categorias envolvam noção de temporalidade, *tense* corresponde ao tempo externo de uma situação, e aspecto, a diferentes maneiras de ver o tempo interno de uma situação. (COMRIE, 1976; 1985).

Nas línguas românicas, como o português, o aspecto pode ser perfectivo ou imperfectivo. O diagrama a seguir ilustra a classificação aspectual de Comrie.

Figura 3. Classificação de oposições aspectuais

Table 1. *Classification of aspectual oppositions*



Fonte: Comrie (1976, p. 25).

Para o autor, a perfectividade indica a visão de uma situação como um todo único, sem distinção de fases, sem referência explícita a sua constituição interna, ou seja, uma situação vista de fora, como completa; enquanto a imperfectividade concerne especialmente à estrutura interna da situação, ou seja, a uma situação vista de dentro, normalmente apresentada em uma de suas fases. Travaglia (2016) ratifica essa concepção e exemplifica (2016, p. 84-85):

(7) Antônio **ouviu** música o dia todo. [*aspecto perfectivo*]

(8) A competição **iniciava-se** naquele instante. [*aspecto imperfectivo*]

Comrie situa sob o espectro do imperfectivo dois significados: o habitual e o contínuo, este recobrando o progressivo (com verbos dinâmicos) e o não progressivo (com verbos

estativos). Em relação a esse diagrama, tendo em vista o objeto de estudo nesta dissertação, nosso foco de interesse é o aspecto *habitual*.³¹

Segundo Comrie (1976, p. 27-28), o traço que é comum a todos os habituais – sejam ou não também iterativos – é que eles “descrevem uma situação característica de um longo período de tempo, tão extenso que a situação referida é vista não como uma propriedade acidental do momento, mas, precisamente, como um traço característico de todo o período”³². Para o autor, assumir a habitualidade e a iteratividade como sinônimos pode ser problemático, pois *a habitualidade não corresponde necessariamente à iteratividade*³³ ou à repetição de uma situação, conforme justificado a seguir.

Primeiramente, a repetição de uma situação por um número limitado de vezes não a caracteriza como habitual. Por exemplo, no inglês, uma situação descrita como (9) é perfectiva, mesmo com a repetição de cinco vezes: trata-se de situação repetitiva com número limitado.

(9) the lecturer stood up, **coughed** five times, and said... / o professor levantou-se, **tossiu** cinco vezes e disse... (COMRIE, 1976, p. 27)

Em segundo lugar, uma situação pode ser referida por uma forma habitual (*used to*) sem que haja iteratividade, como em (10).

(10) Simon **used to believe** in ghosts / Simon **costumava acreditar** em fantasmas. (COMRIE, 1976, p. 27)

Em (10), a forma *costumava* traz um sentido semântico que remete à habitualidade, entretanto, pelo contexto percebemos que não ocorre indício de iteratividade, ou seja, de repetição. Não há nenhuma implicação de que houvesse períodos alternados de crença, mas, como se trata de uma situação prolongada no tempo que expressa um traço característico, seria habitual, de acordo com a definição de Comrie.

Travaglia (2016) também alerta para a diferença entre iteratividade e habitualidade, uma vez que nem toda a repetição se configura em hábito. A título de ilustração, o autor traz os seguintes exemplos (TRAVAGLIA, 2016, p. 47):

(11) De tempos em tempos **explodia** uma bomba.

(12) Sempre **acordo** às 6h.

³¹ Conforme apontamos na Seção 2.1 (sobre sociofuncionalismo), no macrodomínio de futuridade, que abriga categorias TAM, está embricado o aspecto imperfectivo habitual.

³² No original: “[H]abituals [...] describe a situation which is characteristic of an extended period of time, so extended in fact that the situation referred to is viewed not as an incidental property of the moment but, precisely, as a characteristic feature of a whole period.”

³³ Comrie (1976) define a iteratividade como sendo a ocorrência sucessiva de uma dada situação.

Em (11) é fácil observar o aspecto iterativo de repetição, que se dá diante de “de tempos em tempos”, entretanto, o aspecto habitual é visível em (12), já que é utilizado o advérbio de tempo “sempre”. O autor ainda expõe que não é possível determinar quantas vezes uma situação precisa ocorrer para que seja considerada um hábito, porém “a repetição (iteração) que se torna *inconsciente e automática* torna-se um hábito” (TRAVAGLIA, 2016, p. 47, grifos do autor). Nesse sentido, o hábito parece ser mais regular.

Comrie e Travaglia concordam que o hábito e a iteração não podem ser considerados como sinônimos, ao contrário, os exemplos já referidos atestam que se trata de duas instâncias diferentes do aspecto de habitualidade. Entretanto, os autores discordam em alguns pontos. Diferente de Comrie (1976), Travaglia (2016) acredita que a habitualidade, a rigor, não é uma noção aspectual, mas aspectual é a *duração descontínua ilimitada* que dá origem à habitualidade. Também diferente de Comrie, para quem nem todo habitual é iterativo, Travaglia (2016) afirma, com base em dados do português, que, sim, *todo habitual é iterativo* (não valendo a recíproca, pois há muitas frases de sentido iterativo que não são habituais). Vejamos um trecho da argumentação apresentada pelo autor:

O exemplo que Comrie (1976, p. 27) apresenta de habitual não iterativo para o inglês, após dizer que “uma situação pode ser referida por **uma forma habitual** sem haver qualquer iteratividade” é: (grifo nosso).

a) The Temple of Diana **used to stand** at Ephesus. Este exemplo realmente apresenta uma forma de habitualidade do inglês (used to) e expressa algo que não pode ter uma duração descontínua e portanto não pode ser iterativo. O exemplo de Comrie, se passado para o Português com uma forma habitual correspondente, resultará numa frase inaceitável, por ser semanticamente anômala:

b) *O templo de Diana **costumava** (ou usava) **ficar** em Éfeso.

O exemplo de Comrie com o mesmo significado teria que ser traduzido para o português, utilizando-se uma frase como c, de aspecto indeterminado [...]

c) O templo de Diana **ficava** em Éfeso. (TRAVAGLIA, 2016, p. 48; grifos do autor)

Vejamos outros exemplos ilustrativos apresentados por Travaglia (2016, p. 89-90).

(13) Ela me **acenou** várias vezes. [*situação limitada iterativa*]

(14) Se fica sem dormir ela **adoece**. [*situação habitual*]

De acordo com a perspectiva de Travaglia, em (13) há aspecto iterativo mas não habitual, pois a situação é repetida de modo limitado. Já em (14) o aspecto é habitual, pois se entende que há várias realizações da mesma situação.

A concepção de habitual desse autor pode ser sintetizada como “iteração criada pela duração descontínua ilimitada” (TRAVAGLIA, 2016, p. 289). Uma situação é (i) *ilimitada* – quando seu limite inicial e/ou final não é conhecido; e (ii) *descontínua* – quando apresentada

como sofrendo interrupções na sua duração, o que cria a ideia de repetição (iteração). Ou seja, a repetição decorre de interrupções no tempo de ocorrência de uma situação. A duração pode ser sentida como ilimitada no presente, no passado e no futuro.

Esse autor considera como *habitual* (logo, iterativo) também o sentido de frases que apresentam as chamadas verdades eternas ou verdades atemporais, desde que a situação se apresente como descontínua e ilimitada. Observem-se os exemplos extraídos de Travaglia (2016, p. 49; 88):

(15) Aves se **alimentam** de vegetais. [*duração descontínua ilimitada – habitual*]

(16) O ano **tem** 365 dias. [*duração contínua ilimitada – indeterminada*]

Embora ambas as frases expressem verdades atemporais, somente a primeira tem aspecto *habitual* por conter uma situação que apresenta interrupções em sua duração; a segunda tem aspecto *indeterminado* por expressar uma situação contínua.

Vale frisar que Travaglia (2016) distingue os aspectos indeterminado, iterativo e habitual com base nas características de duração limitada/ilimitada e de situação contínua/descontínua, como mostram os exemplos (p. 46-48):

(17) Os bons **serão** felizes na vida eterna. [*indeterminado – duração contínua ilimitada*]

(18) Antônio **tem ido** à missa aos domingos. [*iterativo – duração descontínua limitada*]

(19) Antônio **vai** à missa aos domingos. [*habitual – duração descontínua ilimitada*]

O autor pontua que “[o]s adjuntos adverbiais marcadores de iteração e de sentido totalizador tais como ‘todos os dias’, ‘sempre’, ‘nunca’, ‘invariavelmente’ etc. são mais utilizados nas frases de sentido *iterativo habitual*” (p. 89; grifo acrescido). Podemos inferir disso que *expressões temporais não totalizadoras como “algumas vezes”, “várias vezes”, “de tempos em tempos” não expressam habitualidade mas apenas iteratividade.*

O aspecto habitual costuma ser associado aos tempos passado e presente. Travaglia (2016) pondera que o tempo futuro bloqueia a atualização do aspecto em razão das noções modais que são intrínsecas ao valor de futuridade, bem como da realização virtual de uma situação. O autor admite, no entanto, a possibilidade de ocorrer aspecto no tempo futuro devido à interferência de recursos como o significado lexical do verbo e adjuntos adverbiais, como ilustram os exemplos a seguir (TRAVAGLIA, 2016, p. 154).

(20) Aos domingos **passaremos** pelos campos. [*habitual – duração ilimitada*]

(21) Você **ouvirá falar** de mim muitas vezes. [*iterativo – duração limitada*]

Para Givón (2001) o aspecto imperfectivo é análogo a observar a situação de perto, num trecho *contínuo* e *ilimitado*³⁴. Referente ao imperfectivo habitual, o autor não faz uma distinção entre a habitualidade e a iteratividade, mas aponta que na língua inglesa um verbo de atividade/processo, quando marcado com aspecto imperfectivo, remete ao sentido de *habitual-repetitivo* ou *contínuo*. Givón (2001, p. 286; grifo no original) assim define o habitual³⁵: “Um evento (ou estado) que ocorre *sempre* ou *repetidamente*, ou cujo tempo do evento é deixado *não especificado*”.³⁶ Destaca-se, nessa definição, a associação do habitual com as noções de ‘sempre’, de repetição, ou de atemporalidade. Tal definição torna bastante amplo o escopo da habitualidade que, assim como na definição de Comrie, pode abrigar a iteratividade, mas não só esse valor aspectual. Comparativamente, a definição que Travaglia dá a habitual parece ser menos abrangente, uma vez que restrita a uma situação iterativa que seja ilimitada.

Para Castilho (2002), a tipologia aspectual possui duas faces: uma qualitativa, que abriga o aspecto perfectivo e o imperfectivo; e outra quantitativa, que corresponde ao aspecto semelfactivo e iterativo. O Quadro 1 ilustra essas noções.

Quadro 1. Tipologia aspectual³⁷

Face qualitativa	Imperfectivo		Perfectivo
	Inceptivo, cursivo, terminativo		Pontual, resultativo
Face quantitativa		Semelfactivo, iterativo	

Fonte: Castilho (2002, p. 87)

É a face quantitativa que nos interessa observar. Enquanto o aspecto semelfactivo expressa uma situação singular, o iterativo expressa noção de pluralidade, repetição, habitualidade. Nessa classificação, portanto, o aspecto habitual seria um tipo de iterativo.

De acordo com Castilho (2002; 2010), para codificar os significados aspectuais, o falante aciona diversos recursos linguísticos: (i) seleção de um item lexical com traço aspectual (*Aktionsart*) adequadamente expressivo; (ii) combinação da *Aktionsart* com recursos

³⁴ Givón (2001) usa uma metáfora para explicar o aspecto perfectivo e imperfectivo. Através de uma lente, vemos o aspecto perfectivo de longe, o evento é pequeno (no sentido da sua complexidade), compacto e bem delimitado. Enquanto no aspecto imperfectivo, o evento é observado de perto, através de uma lente angular (olho de peixe), sendo que a situação está tão próxima que os limites estão fora do campo de visão. Comrie (1976) também explica a diferença entre perfectivo e imperfectivo no mesmo sentido, sendo assim, o aspecto perfectivo olha a situação de fora, enquanto o imperfectivo olha a situação de dentro.

³⁵ Givón considera habitual como tempo e não como aspecto, mas admite que no inglês o habitual é uma categoria híbrida, “parcialmente tempo e parcialmente aspecto” (GIVÓN, 1993, p. 209). No original: “the ‘habitual’ in English is a *swing category*, partly tense and partly aspect”.

³⁶ No original: “Habitual: An event (or state) that either occurs *always* or *repeatedly*, or whose event-time is left *unspecified*.”

³⁷ Nessa tipologia, Castilho (2002) não considera os predicados estativos, apenas os dinâmicos.

morfológicos e sintáticos (flexão, verbos auxiliares, argumentos do verbo e adjuntos adverbiais, incluindo sentenças condicional-temporais; e (iii) acomodação de (i) e (ii) na articulação discursiva. A essas fases, Castilho (2010, p. 418) denomina, respectivamente, “fase léxico-semântica, “fase semântico-sintática” ou “composicional” e “fase discursiva”. Essa abordagem multidimensional que Castilho dá à categoria aspecto se harmoniza com a visão de Givón (2001) acerca de TAM e seus elementos constitutivos, como vimos anteriormente. Consideramos que recursos desses diferentes níveis precisam ser observados na análise dos dados.

A tipologia proposta por Castilho é aplicada na análise de perífrases *ir* + infinitivo (independentemente do tempo verbal) realizada por Fonseca (2010).³⁸ Segundo a autora, a função aspectual era percebida, principalmente, no discurso. Na ocorrência a seguir, “o valor de habitualidade é identificado discursivamente, por meio da oração adverbial temporal encabeçada pela conjunção *quando* que, neste contexto, tem valor de *toda vez que*, e não na perífrase em si” (p. 66).

(22) na hora de louvor aquilo é... 18[maravilhoso] 18[Doc.: maravilhoso] MAravilhoso... é um show... eu CHOró quando eu **vô(u) cantá::(r)** assim (AC-106; DE; L.486)

Fonseca (2010) encontrou em sua amostra 1.492 ocorrências assim distribuídas quanto a TAM: 42% com valor temporal; 31% com valor modal; e 19% com valor aspectual.³⁹ As perífrases com valor aspectual (280 ocorrências) apresentaram a seguinte distribuição em relação à flexão modo-temporal do verbo auxiliar: 52% de pretérito perfeito (*fui* fazer); 28% de presente (*vou* fazer); 19% de pretérito imperfeito (*ia* fazer). Os dados de *ir* (presente) + infinitivo são os que nos interessam aqui.

Entre as funções aspectuais da perífrase *ir* + infinitivo, Fonseca (2010) elenca: (i) *aspecto imperfectivo iterativo* (evento não acabado com foco em sua habitualidade /iteratividade) – ocorrências em que “o que se quer mostrar é a repetição, pluralidade ou habitualidade do evento” (p. 105); e (ii) *aspecto imperfectivo cursivo semelfactivo* (evento não acabado com foco em seu curso) – ocorrências em que “o falante faz referência a um evento [singular] em curso, sem referência alguma a sua reiteração” (p. 110).

³⁸ As ocorrências de perífrase analisadas por Fonseca (2010) são do banco de dados IBORUNA, que foi organizado na década de 2000 e é composto de amostras do português falado no interior do Estado de São Paulo, coletadas em sete municípios da região noroeste: Bady Bassitt, Cedral, Guapiaçu, Ipiranga, Mirassol, Onda Verde e São José do Rio Preto (cf. FONSECA, 2010).

³⁹ Em 8% dos dados (118 ocorrências), foram encontrados outros valores: marcadores discursivos e funções ambíguas.

Esses dois tipos de aspecto são exemplificados a seguir em dados com *ir* (presente) + infinitivo.

(23) já penduro no varal quando chega à tarde quando minha mãe **vai chegá(r)** do serviço... já tá tudo prontinho a ro(u)pa lava::da (AC-022; RP; L.483) [*aspecto imperfectivo iterativo; vai chegar = chega*]

(24) apesar de tudo ela disse que sem::pre amô(u) ele que sempre **vai amá(r)**... apesar da mor::te dele né?... (AC-038; NR; L.139) [*aspecto imperfectivo cursivo semelfactivo; vai amar = amará*]

Em relação a (23), a autora salienta que o falante descreve a rotina de outrem e que o conector *quando* desencadeia, em contextos como esse, uma leitura de habitualidade, com valor atemporal. Fonseca aponta que o verbo auxiliar flexionado no presente do indicativo favorece esse aspecto, já que marca a atemporalidade verbal, fato que a autora confirma testando a intercambialidade da forma perifrástica pelo presente. O aspecto iterativo não é mantido caso haja a substituição pela forma simples de futuro do presente, sendo assim, a forma simples, nesse exemplo, não seria variante da perífrase. Vale lembrar que na classificação proposta por Castilho (2002) e seguida por Fonseca (2010), o valor habitual está inserido no iterativo.

Quanto a (24), apesar da presença de *sempre*, o traço semântico do verbo *amar* rejeita a iteração/habitualidade, levando a uma leitura semelfactiva de um evento singular, não reiterado. Contudo, diferente do aspecto iterativo, a substituição em (24) pela forma verbal de futuro simples é viável, sendo possível a variação entre futuro simples e forma perifrástica *ir* (presente).

De acordo com a classificação de Travaglia (2016), (23) pode ser entendido como uma situação ilimitada descontínua e (24) como situação ilimitada contínua. O traço de continuidade estaria bloqueando uma leitura habitual em (24).

A partir das concepções expostas, nesta dissertação, consideramos o habitual como um tipo de aspecto imperfectivo, sendo definido como uma situação:

- de duração descontínua ilimitada (TRAVAGLIA, 2016),
- que ocorre sempre ou repetidamente (GIVÓN, 2001),
- que apresenta ideia de pluralidade e não de singularidade (CASTILHO, 2002),
- que pode ser atemporal.

Por uma decisão metodológica quanto a critérios de análise, os casos considerados por Castilho (2002) e por Fonseca (2010) como de aspecto semelfactivo – ou seja, situações singulares em curso projetadas para o futuro – serão tratados por nós como de tempo futuro. Acreditamos que em ocorrências desse tipo o valor temporal se sobrepõe ao aspectual,

tornando-se o tempo futuro o traço mais saliente. Essa concepção de aspecto habitual é que vai nortear, na análise, a delimitação do domínio funcional da habitualidade (cf. Figura 2).

Salientamos que, por termos decidido tratar a habitualidade como um DF parcialmente situado sob o escopo da futuridade (cf. Figura 2), nos detivemos, nesta subseção, a tratar particularmente do aspecto habitual. Há contextos de futuro, no entanto, em que a interferência de outros recursos além da flexão verbal – como adjuntos adverbiais e a semântica do item lexical – atualiza aspecto (TRAVAGLIA, 2016). Ou seja, o futuro em si não marca aspecto, mas elementos do contexto podem atribuir traços aspectuais à situação. Como já referido, Fonseca (2010) encontrou em sua amostra dados de perífrase com aspecto imperfectivo iterativo e com aspecto imperfectivo cursivo semelfactivo (cf. CASTILHO, 2002).

3.3 Modalidade

A exposição que fazemos acerca da categoria/função modalidade é baseada principalmente em Givón (2001) e em Bybee, Pagliuca e Perkins (1994). Complementarmente, fazemos menção à análise de Fonseca (2010).

A modalidade é uma categoria/função complexa, pois envolve intenções, atitudes e opiniões subjetivas do falante, que se manifestam na enunciação por meio de um conjunto de pistas linguísticas e extralinguísticas que interagem com outras categorias no contexto: verbos modais, expressões modalizadoras (*talvez, certamente, é possível...*), modo-tempo-aspecto, tipo oracional.

Embora *modalidade* e *modo* sejam categorias que, por vezes, se cruzam, são de natureza distinta. O modo corresponde a uma marcação morfológica na forma verbal, que designa se um verbo está no modo indicativo, subjuntivo ou imperativo, podendo funcionar como uma das pistas para se identificar a modalidade de um enunciado.

Para Givón (2001), a modalidade codifica a atitude do falante frente ao conteúdo veiculado pela proposição. A atitude é interpretada como o julgamento que o falante faz, sendo que esse julgamento pode ser dividido em dois tipos i) *epistêmico* – que remete a verdade, probabilidade, certeza, crença, evidência; e ii) *deôntico* – que remete a desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação e manipulação. Esses dois tipos de modalidade funcionam de modo gradiente, podendo inclusive haver certa sobreposição, tanto entre os diferentes valores de cada modalidade, como entre as próprias modalidades. Além disso, valores modais podem ser reinterpretados a depender do contexto.

O fato de a modalidade ser concebida como expressão do julgamento do falante frente à proposição não significa que a modalidade seja uma propriedade da proposição, circunscrita ao nível oracional. Numa abordagem cognitivo-comunicativa, Givón interpreta a modalidade considerando a interação falante-ouvinte, enfatizando, portanto, o nível pragmático, sendo o significado negociado na interação. Nesse sentido, no caso da modalidade epistêmica, o autor redefine as modalidades proposicionais epistêmicas da tradição lógica, mediante uma interpretação comunicativo-pragmática: a) verdade necessária → pressuposição; b) verdade factual → asserção *realis*; c) verdade possível → asserção *irrealis*; d) não verdade → asserção negativa.

Essa redefinição epistêmica é assim descrita pelo autor: a) *pressuposição* – a proposição é tida como verdadeira, seja por acordo, convenção genérica culturalmente compartilhada, por ser óbvia a todos os presentes na situação, ou por ter sido enunciada pelo falante e não protestada pelo ouvinte; b) asserção *realis* – a proposição é fortemente afirmada como verdadeira e, ainda que seja possível o ouvinte contestar, o falante possui evidência ou fortes motivos para defender sua crença; c) asserção *irrealis* – a proposição é fracamente afirmada como possível, provável ou incerta (submodo epistêmico), ou necessária, desejada ou indesejada (submodo deontico); entretanto, o falante não está pronto para apoiar a afirmação com evidências ou outros fundamentos fortes e a contestação do ouvinte é até esperada; d) asserção *negativa* – a proposição é fortemente afirmada como falsa, mais comumente em contradição com as crenças explícitas ou assumidas pelo ouvinte, numa espécie de antecipação de possível contestação do ouvinte. (GIVÓN, 2001, p. 301-302).

A modalidade deontica, por sua vez, coloca fortemente em cena a perspectiva do falante – ao considerar desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação; e a perspectiva do ouvinte – ao considerar a manipulação, já que esta incide diretamente no interlocutor. Givón, no entanto, não oferece um tratamento detalhado desses submodos. Para tanto, buscamos respaldo conceitual em Bybee et al. (1994).

No âmbito do que foi definido como modalidade deontica, Bybee et al. (1994) distinguem dois subtipos: i) *modalidade orientada para o agente* – definida como aquela que “[...] reporta a existência de condições internas e externas atuantes sobre um agente com relação à realização da ação expressa no predicado principal”⁴⁰ (p. 177); e ii) *modalidade orientada*

⁴⁰ No original: “Agent-oriented modality reports the existence of internal and external conditions on an agent with respect to the completion of the action expressed in the main predicate.”

para o falante – compreendida como aquela que “[...] não reporta a existência de condições sobre o agente, mas permite ao falante impor tais condições a outrem”⁴¹ (p. 179).

De acordo com os autores, a modalidade orientada para o agente recobre as seguintes noções: a) *obrigação* – indica a presença de *condições morais* ou *sociais externas* que compelem o agente a completar a ação do predicado, podendo expressar forte obrigação ou uma obrigação fraca (*dever, ter que*); b) *necessidade* – indica *condições físicas* que obrigam o agente a completar a ação (*precisar*); c) *desejo* – indica a existência de *condições volitivas internas* no agente referentes à execução da ação do predicado (*desejar, querer*); d) *capacidade/habilidade* – indica a existência de *condições capacitadoras internas* que permitem ao agente realizar a ação (*poder, conseguir*); e e) *possibilidade raiz (root)* – indica a existência de *condições internas, físicas* ou *sociais* para a realização da ação; é uma generalização da habilidade (*poder*).

Ilustramos essas noções modais com exemplos apresentados por Bybee et al. (1994, p. 177-179) e seguindo a ordem descrita acima.

(25) Todos os estudantes **devem** obter o consentimento do Reitor da faculdade de interessante antes de entrar para o exame.⁴² [*forte obrigação*]

(26) Eu insisti firmemente em chamá-la de senhorita Tillman, mas alguém **deveria** realmente chamá-la de presidente.⁴³ [*fraca obrigação*]

(27) Eu **preciso** ouvir um bom alarme alto de manhã para acordar.⁴⁴ [*necessidade*]

(28) Juan Ortiz os chamou em voz alta na língua indiana, mandando que eles saíssem se **quisessem** salvar suas vidas.⁴⁵ [*desejo*]

(29) Eu só **posso** digitar muito devagar, pois sou iniciante.⁴⁶ [*capacidade/habilidade*]

(30) Na verdade, não **pude** terminar de ler porque o sujeito em cujo ombro eu estava lendo o livro saiu em Leicester Square.⁴⁷ [*possibilidade raiz*]

Diferente da modalidade orientada para agente, a modalidade orientada para o falante indica a existência de *condições externas* para *atos de fala diretivos*, em diferentes graus, ou seja, retrata condições que o falante impõe ao destinatário. Bybee et al. (1994, p. 179)

⁴¹ No original: “Speaker-oriented modalities do not report the existence of conditions on the agent, but rather allow the speaker to impose such conditions on the addressee.”

⁴² No original: “All students **must** obtain the consent of the Dean of the faculty concerned before entering for examination.”

⁴³ No original: “I just insisted very firmly on calling her Miss Tillman, but one **should** really call her President.”

⁴⁴ No original: “I **need** to hear a good loud alarm in the mornings to wake up.”

⁴⁵ No original: “Juan Ortiz called to them loudly in the Indian tongue, bidding them come forth if they **would** save their lives.”

⁴⁶ No original: “I **can** only type very slowly as I am a beginner.”

⁴⁷ No original: “I actually **couldn't** finish reading it because the chap whose shoulder I was reading the book over got out at Leicester Square.”

enumeram os seguintes valores modais: a) *imperativo* – comando direto para uma segunda pessoa; b) *proibitivo* – comando negativo; c) *optativo* – o desejo ou esperança do falante expresso em uma cláusula; d) *exortativo* – a oração encoraja ou incentiva alguém à ação; e) *admoestativo* – o falante emite um aviso; e f) *permissivo* – o falante concede uma permissão.

No que tange à *modalidade epistêmica*, os autores a associam com o comprometimento do falante com a verdade da proposição, expressando comumente: a) *possibilidade* – retrata que a proposição pode ser verdadeira; b) *probabilidade* – indica uma maior probabilidade da proposição ser verdadeira do que a possibilidade; c) *certeza inferida* – indica razões para o falante supor que a proposição seja verdadeira⁴⁸; e d) *contrafactualidade* – expressa uma proposição ao contrário do fato.

Bybee et al. (1994, p. 179-180) ilustram esses valores modais com os seguintes exemplos:

(31) Eu **posso** tê-los colocado sobre a mesa; eles não estão na porta.⁴⁹ [*possibilidade*]

(32) A tempestade **deve** passar amanhã.⁵⁰ [*probabilidade*]

(33) **Deve** haver alguma maneira de ir de Nova York a São Francisco por menos de R\$600,00.⁵¹ [*certeza inferida*]

(34) Eu **deveria** ter enviado isso ontem, mas esqueci.⁵² [*contrafactualidade*]

Bybee et al. (1994) consideram ainda *modos de subordinação* como um quarto tipo de modalidade, ao lado da orientada para o agente, da orientada para o falante e da epistêmica. Nesse caso, certos verbos se associam a certos tipos de orações subordinadas: complementos oracionais, concessivas, finais etc. A modalidade perde traços semântico-pragmáticos e se torna dependente de fatores sintáticos. O exemplo abaixo, extraído de Bybee et al (1994, p. 180), ilustra um contexto de oração subordinada concessiva.

(35) Embora ele **possa** ser um homem sábio, cometeu alguns erros no passado.⁵³

Fonseca (2010) analisou os usos das perífrases com *ir* (passado, presente e futuro) + infinitivo não só quanto a tempo e aspecto (cf. subseção precedente), mas também em relação

⁴⁸ O traço mais forte de probabilidade é visto na noção certeza inferida. Embora os exemplos oferecidos pelos autores não sinalizem quais seriam as diferenças entre uma noção e outra, podemos considerar que o contexto é determinante para a interpretação de uma *modalidade epistêmica probabilística* ou uma *modalidade epistêmica de certeza inferida*.

⁴⁹ No original: “I **may** have put them down on the table; they're not in the door.”

⁵⁰ No original: “The storm **should** clear by tomorrow.”

⁵¹ No original: “There **must** be some way to get from New York to San Francisco for less than \$600.”

⁵² No original: “I **should** have mailed this yesterday, but I forgot.”

⁵³ No original: “Although he **may** be a wise man, he has made some mistakes in the past.”

à modalidade. Como já foi mencionado, a autora distribuiu os dados de perífrase pelas três categorias de TAM, considerando a categoria que era mais saliente em cada ocorrência. Retomando seus resultados percentuais, vemos que a categoria predominante em sua amostra é a de tempo (42%), seguida pela modalidade (31%) e por último pelo aspecto (19%). Exploramos, a seguir, alguns de seus resultados concernentes à modalidade. Entre os 31% de dados (463 ocorrências) tomados como totalidade aqui, a grande maioria deles (372 ocorrências) foi de *ir* flexionado no presente (*vou falar*), e esses são os dados que nos interessam considerar agora.

A autora analisou a modalidade de acordo com Bybee et al. (1994) e Hengeveld & Mackenzie (2008), encontrando os seguintes tipos: modalidade orientada para o falante (3,3%), modalidade orientada para o agente (6,5%) e modalidade epistêmica de possibilidade (21,3%). Esses tipos são exemplificados a seguir, com dados de Fonseca (2010, p. 120).

(36) no dia seguinte ele me ligô(u)... – “vamo(s) **vamo(s) saí(r)**?” (AC-046; NE; L.59)
[*modalidade orientada para o falante*]

(37) cê **vai pegar** as seis bananas cê **vai partí(r)**... mais ou menos em três porque num pode sê(r) muito GROssa... (AC-046; RP; L.383) [*modalidade orientada para o agente*]

(38) –“óh tá lá (inint.) (cês í(r) lá) só que os cara falô(u) ó num aparece lá se aparecê(r) lá eles **vai prendê(r)** todo mundo”–... (AC-109; NR; L.301) [*modalidade epistêmica de possibilidade*]

Na modalidade orientada para o falante, a autora encontrou os valores de convite/encorajamento e de ordem/pedido. Segundo Fonseca (2010), nesses contextos a construção *ir* + infinitivo não é intercambiável, na maioria das ocorrências, pelo futuro sintético.

Na modalidade orientada para o agente, a autora encontrou nuances semânticas que vão desde desejo até obrigação. Em dados como (37), que, segundo a autora, são do tipo predominante na modalidade orientada para o agente em sua amostra, os contextos são de relato de procedimento, em que o falante apresenta ao ouvinte passos a serem cumpridos para atingir determinado fim. Nesse sentido, parece haver uma mescla com os valores de ordem/pedido que se situam no escopo da modalidade orientada para o falante. Nos casos considerados pela autora como de modalidade orientada para o agente, a maioria deles, segundo ela, se comporta como variantes do futuro simples.

Nos dados de modalidade epistêmica, o falante apresenta uma situação como possível, porém incerta, como em (38). Fonseca (2010) salienta que o contexto sintático que propicia a

manifestação mais recorrente dessa função modal são as orações principais em períodos com subordinadas adverbiais, principalmente as condicionais. No caso de alternância com a forma verbal de futuro simples, a autora pontua que estaria presente um valor de futuridade secundário, com nuance temporal de futuro próximo. Na maioria dos casos, porém, a interpretação predominante é a de incerteza sobre a realização do estado de coisas.

Finalizando esta subseção, reportamos o trabalho de Silva (2002), que, ao analisar o uso da perífrase *ir* + infinitivo em dados de fala culta (NURC), salienta as sobreposições de valores modal/temporal e mesmo modal/modal/temporal, os quais, segundo ele, são inerentes a essa forma verbal. Devido à dificuldade de uma classificação única, o autor propõe que, na análise dessa perífrase, sejam consideradas simultaneamente as categorias de tempo (futuro) e modalidade (epistêmica e deôntica).⁵⁴ Seleccionamos, a seguir, alguns dos exemplos apresentados pelo autor.⁵⁵

- (39)L2: [...] é muito fácil mandar embora e botar um monte de adjuntos... esses adjuntos **vão ganhar** metade mas também são pessoas que não têm nenhuma formação (355:354) [*tempo futuro/modalidade epistêmica (certeza)*]
- (40) Agora eu **vou mostrar** aqui pra vocês como se dá o contágio (46:90) [*tempo futuro/modalidade deôntica (intenção)/modalidade epistêmica (certeza)*]
- (41)L2: [...]... bom... agora vocês *vão fazer* isso... (355:371) [*tempo futuro/ modalidade deôntica (ordem)*]

Considerando o que foi exposto sobre modalidade em termos conceituais e também em termos de procedimentos analíticos, tendemos a seguir a ideia de que as categorias TAM são fortemente imbricadas, por vezes sobrepostas ou mescladas, podendo, a *depende do contexto*, sobressair mais uma ou outra categoria e, mesmo no interior de uma dada categoria, sobressair um ou outro valor. Nesse sentido, somente o contexto discursivo vai oferecer pistas que sinalizem a interpretação mais adequada, havendo inclusive a possibilidade de contextos ambíguos ou híbridos.

Dados os objetivos propostos nesta dissertação, interessa-nos basicamente o valor de manipulação da modalidade deôntica (GIVÓN, 2001), ou modalidade orientada para o falante (BYBEE et al., 1994), para a delimitação do domínio funcional de comando/imperativo (cf. Figura 2). Os demais tipos de modalidade poderão ser acionados como auxiliares na

⁵⁴ O autor não faz distinção entre as noções de *futuridade* e *tempo futuro*.

⁵⁵ Os dados são do *corpus* mínimo do Projeto da Gramática do Português Falado, extraídos de inquéritos do NURC.

interpretação do funcionamento das ocorrências que integrarem o domínio funcional de tempo futuro do presente, já que consideramos que as categorias TAM funcionam integradamente.

3.4 Fechando o capítulo

Na perspectiva funcionalista assumida nesta dissertação, TAM (i) corresponde, simultaneamente, a um *subsistema gramatical* constituído por três *categorias* (tempo-aspecto-modalidade) e a um *amplo domínio funcional* (que envolve noções concernentes à localização temporal, à perspectiva do evento e à perspectiva do falante/ouvinte); e (ii) atua a serviço da coerência discursiva, integrando os níveis do léxico conceptual (traço semântico do item), da informação proposicional (característica da situação e participantes) e do discurso multiproposicional (conectividade pragmática da oração no contexto discursivo) (GIVÓN, 2001; 2002).

Neste capítulo decidimos por tratar as categorias/funções de TAM de forma individual a fim de propor uma maior reflexão sobre cada uma delas. Os principais autores que destacamos são: Comrie (1976; 1985), Givón (2001; 2002), Bybee et al. (1994), Castilho (2002), Travaglia (2016) e Fonseca (2010).

No que se refere a *tense*, salientamos que corresponde ao tempo externo de uma situação e se trata de uma categoria/função tanto *dêitica* quanto *anafórica*. Enquanto *dêitica* se refere aos *tempos absolutos*, em que coincidem o momento da referência e o momento da fala num mesmo ponto, sendo o *tempo futuro* localizado à direita do momento de fala na linha temporal. Enquanto categoria *anafórica* temos os *tempos relativos* (cujo tempo é depreendido de outra forma verbal da sentença) e *absoluto-relativos* (que têm uma dupla ancoragem sequencial – primeiro em um ponto da linha temporal diferente do momento de fala e dado pelo contexto, depois no momento de fala). O funcionamento do objeto de estudo nesta dissertação transita entre tempo absoluto – *futuro do presente* – e tempo absoluto-relativo – como é o caso do *futuro do futuro* (discutido adiante, no Capítulo 4).

Referente à categoria/função *aspecto*, destacamos que corresponde ao tempo interno de uma situação, que pode ser perspectivizada como um bloco único (*perfectiva*) ou como uma de suas fases (*imperfectiva*). É no escopo do aspecto imperfectivo que se situa a *habitualidade*, foco da discussão, uma vez que é o que configura um domínio funcional distinto no funcionamento de *ir* + infinitivo (cf. Figura 2). Consideramos, na definição de habitualidade, pontos convergentes entre os autores reportados, e adotamos alguns critérios para análise: um

dado será considerado de *aspecto habitual* quando (i) a situação for descontínua e ilimitada; (ii) acontecer sempre ou repetidamente; (iii) apresentar ideia de pluralidade; e (iv) for atemporal (cf. TRAVAGLIA, 2016; GIVÓN, 2001; CASTILHO, 2002, respectivamente).

A categoria/função de *modalidade* corresponde à atitude do falante frente à proposição, e envolve dois grandes tipos: *epistêmica* – que remete a verdade, probabilidade, certeza, crença, evidência; e *deôntica* – que remete a desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação e manipulação (GIVÓN, 2001). Esse segundo tipo é tratado por Bybee et al. (1994) como dois subtipos: modalidade *orientada para o agente* – que envolve noções de obrigação, necessidade, desejo, capacidade/habilidade, possibilidade raiz; e modalidade *orientada para o falante* – que envolve valores modais como imperativo, proibitivo, optativo, permissivo (condições externas que o falante impõe sobre o outro no ato da enunciação). Embora esses valores estejam, em alguma medida, associados ao tempo futuro, nosso foco de atenção recai sobre a modalidade *deôntica imperativa*, que assume traço de manipulação, podendo ser mais marcada por comando (*ordem*) ou menos marcada (*sugestão/convite*). Isso se deve ao fato de que é a modalidade deôntica imperativa que constitui um domínio funcional diferente no funcionamento da perífrase (cf. Figura 2).

Tendo em vista o objeto de estudo nesta dissertação, consideramos que TAM é um amplo e complexo domínio funcional que recobre, entre outras noções, a de *futuridade*, que também pode ser vista como um macrodomínio. A futuridade, por sua vez, recobre os DF de *tempo futuro do presente*, *aspecto habitual* e *modalidade deôntica imperativa*. Tal descrição aponta (i) três níveis hierárquicos no âmbito da noção de domínio funcional, que operam numa espécie de hiperonímia (do mais geral ao mais específico); e (ii) igualmente três domínios funcionais localizados no nível mais específico, que se situam linearmente porém de modo imbricado no sentido de compartilharem traços de TAM. Podemos ver então que TAM, ao mesmo tempo em que abriga a futuridade e os DF sob seu escopo, também perpassa esses diferentes níveis funcionais e se espalha entre eles, com nuances ora mais temporais, ora mais aspectuais e ora mais modais. Desse funcionamento, resultam também dados *híbridos* que *assumem mais de um valor*, a depender do *contexto de uso*.

4 FUTURIDADE: ENTRE FORMAS E FUNÇÕES

Retomando a Figura 2 (cf. GIBBON, 2014), vimos que futuridade é uma noção ampla que recobre diferentes domínios funcionais nos quais a forma perifrástica (*vou/irei cantar*) e a forma verbal simples (*cantarei*) atuam potencialmente como camadas em alguma medida. Temos, pois, um imbricamento de funções – de tempo, aspecto e modalidade – e formas coexistentes. Neste capítulo, tratamos da gramaticalização das formas verbais que expressam futuridade, bem como de valores assumidos pela forma verbal sintética e pela forma perifrástica, os quais transitam entre as categorias de tempo, aspecto e modalidade.

Lembramos que fazemos uma distinção entre *futuridade* e *tempo futuro do presente* (cf. Figura 2). Interessam-nos, nesta dissertação, as formas verbais acima mencionadas e as respectivas funções/significações que elas expressam no âmbito do (sub)sistema TAM e uma dessas funções é a de tempo futuro do presente. As seções a seguir tratam, respectivamente, da forma sintética de futuro simples (4.1) e da forma perifrástica (4.2).

4.1 A forma verbal sintética de futuro do presente (*apresentarei*)

Esta seção é dedicada à forma verbal de futuro do presente simples, onde tratamos brevemente da trajetória da forma via gramaticalização e de valores que têm sido atribuídos a essa forma. Embora o foco principal desta dissertação seja o funcionamento sincrônico da perífrase em textos acadêmicos escritos, julgamos relevante atentar também para a forma verbal simples, já que a forma inovadora é analisada em comparação com a forma conservadora e esta última já tem sido amplamente tratada na literatura.

4.1.1 Gramaticalização da forma verbal de futuro simples

A descrição a seguir é baseada em Castilho (2010, p. 403-404). O futuro do presente surgiu da auxiliarização de *haver* a partir da construção latina de infinitivo + *habere*, como em:

(42) *Scribere litteram habeo* / Eu tenho uma carta para escrever. (CASTILHO, 2010, p. 403)

Construções desse tipo ocorriam no latim vulgar e reuniam noções de posse, futuridade e modalização. As estruturas de posse desses verbos abriram espaço para duas novas formas verbais perifrástica latinas (futuro do pretérito e o futuro do presente) que surgiram por redução fonética de *habere* resultante na aglutinação de dois vocábulos. A título de exemplificação, pensemos na perífrase *amare habeo* (amarei). No latim o verbo *habere* selecionava um

sujeito/possuidor e um objeto/possuído, contudo, durante o processo de auxiliarização esse verbo perdeu o traço de posse e passou a indicar obrigatoriedade, sua estrutura se formou com verbo no infinitivo (pleno) + *habeo* (verbo auxiliar). Atualmente, essa perífrase ainda sobrevive no PB, porém com o acréscimo da preposição *de* entre os verbos e com a inversão da ordem entre verbo pleno e auxiliar “*hei de vencer*”.

O percurso de *amare habeo* pode ser descrito na seguinte sequência: *amarábeo* > *amaráveo* > *amaráeo* > *amarayo* > *amaray* > *amarei*. Nesse sentido, percebe-se que a sequência *habeo* se torna *ei* no português e junto com morfema de infinitivo {-r} gera o morfema {-rei} que indica futuro em P1. Esse processo lento e demorado nos sugere que em algum momento da história da formação do português *amabo* (futuro sintético latino) e *amare habeo* (forma analítica) competiram pela preferência dos falantes. Por fim, a forma *amare habeo* resultou em outra forma que é a que nos interessa em particular: a forma simples do futuro do presente “*amarei*” (forma sintética).

4.1.2 Valores da forma verbal de futuro simples

Castilho (2010) chama a atenção para três situações de uso das formas verbais: (i) usos do tempo real – quando o falante descreve um estado de coisas coincidente com o tempo cronológico; (ii) usos do tempo fictício (usos metafóricos) – quando o falante se desloca para um espaço-tempo imaginário, que não coincide com seu tempo real; e (iii) usos atemporais – quando o falante se desloca para o domínio do vago, do impreciso, não coincidente com o tempo real. Esses diferentes tipos de usos são contemplados na gramática descritiva de Castilho (2010) e também, em alguma medida, na gramática normativa de Cunha e Cintra (1985) – obras tomadas como representativas dessas duas abordagens gramaticais –, como vemos a seguir.

Cunha e Cintra (1985, p. 446-449), no capítulo sobre emprego dos tempos verbais na *Nova gramática do português contemporâneo*, apresentam as seguintes possibilidades de uso da forma de futuro do presente simples:

i) indicar fatos certos ou prováveis, posteriores ao momento de fala: *As aulas começarão depois de amanhã* (C. dos Anjos, *DR*, 222);

ii) exprimir incerteza sobre fatos atuais: *Será que desta vez ele fica mesmo?* (M. Torga, *CM*, 47);

iii) como forma polida de presente: – *E que vou eu fazer para Angola, não me dirá?* (J. Paço d’Arcos, *CVL*, 699);

iv) como expressão de uma súplica, desejo ou ordem: **Morrerás da tua beleza!** (Teixeira de Pascoaes, *OC*, VII, 88);

v) em afirmações condicionadas, de realização provável: *Se assim fizeres, dominarás como rainha.* (Ó. Ribas, *U*, 21).

Observa-se que, embora os gramáticos não estejam preocupados com as categorias TAM, debatidas no escopo das teorias linguísticas, é possível verificar que apenas em i) e v) há presença de um valor temporal de futuro, mesmo assim mesclado com modalidade epistêmica: em i), remetendo a orações absolutas com alto grau de certeza; em v), remetendo a períodos compostos, expressando futuro do futuro, em que o futuro na oração principal depende da realização do futuro condicional. Em ii), há modalidade epistêmica de incerteza e *será (que)* parece funcionar como um marcador discursivo; em iii), há uma estratégia de polidez, sem traço de tempo futuro; e em iv), há modalidade deôntica com valor manipulativo. Nota-se que os exemplos evidenciam que uma única forma verbal – no caso, a de futuro do presente sintético – pode expressar mais tempo ou mais modalidade, a depender do contexto.

Os autores ainda elencam substitutos da forma simples que são as locuções, ou perífrases, uma das quais é o uso do futuro do indicativo do verbo *ir* + infinitivo do verbo principal, para indicar uma ação futura imediata: – **Vamos entrar no mar** (Adonias Filho, *LBB*, 113.). Nesse caso, a perífrase expressa aspecto prospectivo, com relevância do presente, e tempo futuro imediato.

Castilho (2010, p. 434), em sua *Nova gramática do português brasileiro*, enumera os seguintes usos da forma verbal de futuro do presente (simples e composto):

- i) Futuro do presente real, indicando posterioridade problemática em relação ao ato de fala: **Cuidaremos/teremos cuidado disso amanhã.**
- ii) Futuro do presente metafórico
 - Pelo presente do indicativo, em usos de atenuação e polidez: *Que será/terá sido aquilo?*
 - Futuro jussivo, nas leis, decretos, contratos: *O ano letivo será/terá sido de 220 dias.*
 - Pelo presente do subjuntivo: *É provável que ele fará/terá feito isso.*
 - Pelo pretérito perfeito simples, no chamado “futuro profético”: *Esta foi a decisão que mudará/terá mudado o curso da história.*
- iii) Futuro atemporal, ou gnômico: *Trás mim virá quem melhor me fará.*

Novamente observa-se, nos exemplos acima, diversos valores expressos pela forma verbal de futuro do presente sintético, notadamente valores temporais e de modalidade.

O que gostaríamos de salientar é que, independentemente dos valores temporais, modais e mesmo aspectuais que essas formas verbais expressam, elas compartilham o amplo domínio funcional de *futuridade*, que, como vimos, recobre outros domínios funcionais também a travessados por TAM, sendo um deles o DF do *tempo futuro do presente*.

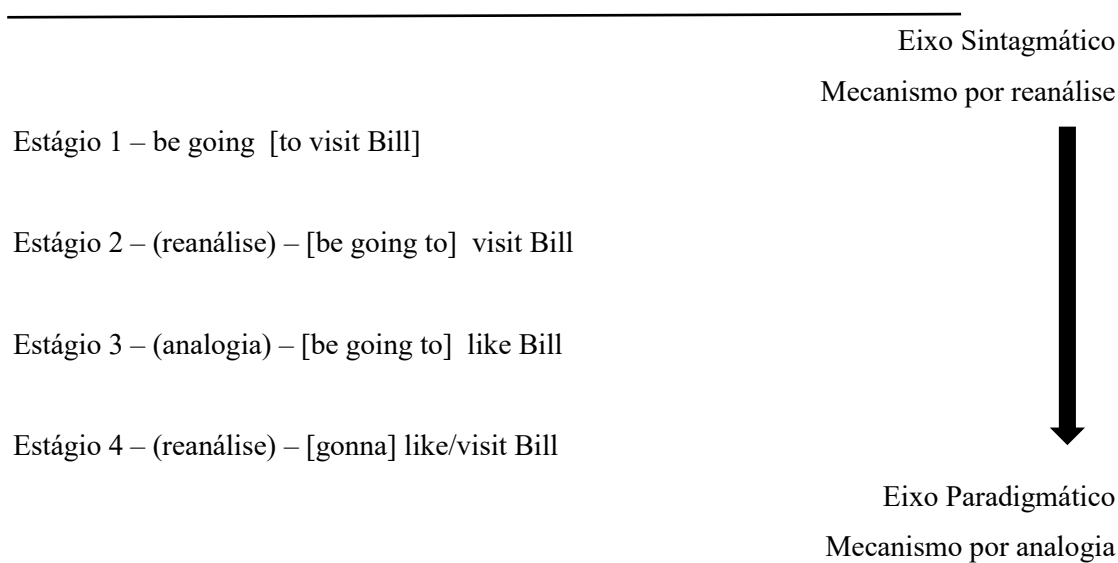
4.2 A forma verbal perifrástica (*vou/irei apresentar*)

À semelhança do que foi feito em relação à forma verbal simples, nesta seção tratamos da trajetória da forma perifrástica via gramaticalização e de valores que têm sido atribuídos a essa forma analítica inovadora.

4.2.1 Gramaticalização da perífrase *ir* + infinitivo

A gramaticalização da perífrase *ir* + infinitivo como *forma* de codificação do tempo futuro é representada na Figura 4, que expõe dois eixos (sintagmático e paradigmático) e dois mecanismos (reanálise e analogia) que estão presentes na gramaticalização da perífrase. Enquanto a reanálise modifica representações subjacentes, produzindo mudança de regra nas relações sintagmáticas entre os constituintes, a analogia modifica manifestações de superfície e, por si só, não afeta mudanças de regra.

Figura 4. Representação do desenvolvimento do verbo *ir* pleno a auxiliar



Fonte: Adaptada de Hopper & Traugott (2003, p. 69).

No caso, a mudança se dá nas seguintes etapas: estágio 1 – com verbo pleno de movimento em sentença que indica finalidade (*ir para visitar Bill*); estágio 2 – por reanálise, *ir* aparece como auxiliar de futuro com verbo principal de ação (*ir visitar Bill*); estágio 3 – por analogia, se dá uma extensão da classe de verbos de ação para outros tipos de verbo (*ir gostar de Bill*); estágio 4 – por reanálise, no inglês, o auxiliar de futuro surge como morfema *gonna*. O caminho percorrido envolve, portanto, uma abstração semântica e categorial que vai de verbo *ir* pleno, em seu sentido original de movimento (que diz respeito a informações do mundo biossocial), para verbo *ir* auxiliar de tempo (que diz respeito a uma categoria gramatical), quando então passa a fazer parte da perífrase (GIBBON, 2014).

Bagno (2011, p. 617-618) trata da gramaticalização de *ir*, assim delineando seus usos: i) como verbo pleno que expressa movimentação espacial (*Vou para o trabalho*); e ii) como verbo seguido de infinitivo, expressando a) movimentação no espaço com um ponto de chegada/uma finalidade ([*Vou*] [*buscar Aninha na escola*]); b) movimentação, em algum momento futuro, rumo a um ponto de chegada/com uma finalidade ([*Vou buscar*] [*Aninha na escola*]); c) exclusivamente sentido temporal (A pessoa está deitada ao lado de outra na cama e diz: *Vou dormir.*).

A trajetória categorial de *ir* (verbo pleno → auxiliar) resulta, portanto, na gramaticalização da construção perifrástica como forma de expressão do tempo futuro. A perífrase *ir* + infinitivo pode ser relacionada com a construção denominada *go-future* (FLEISCHMAN, 1982; 1983). Vejamos como essa autora descreve o desenvolvimento dessa construção na perspectiva de TAM, com ênfase em seus *valores semântico-pragmáticos*.

Fleischman (1982; 1983) salienta que (i) a construção tem sua origem como movimento espacial, sendo subsequentemente transferida do domínio de espaço para o domínio de tempo; (ii) *go-future* atua inicialmente como um recurso pragmático usado para linkar uma situação futura ao presente do falante (dimensão de *relevância presente* = prospecção/futuro imediato); (iii) a relevância do presente, de um lado, pressupõe um grau de participação, interesse ou envolvimento pessoal na situação e, de outro lado, expressa a visão subjetiva da situação no momento da enunciação; (iv) a noção de relevância do presente envolve os valores aspectuais de iminência e de inepção e o valor modal de intenção; (v) a relevância do presente é o intermédio entre intenção e predição; (vi) *go-future* atua inicialmente como aspecto prospectivo (associado à

relevância do presente) e, posteriormente, se desenvolve como tempo (*tense*). Com base nessa autora, Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) sugerem uma cadeia de gramaticalização para *go-future* baseada nas noções de *aspecto* e de *tempo*.

Quadro 2. Cadeia de gramaticalização de *go-future*

noção espacial ação verbal (<i>be going to</i>)	>	relevância do presente mecanismo pragmático	>	prospecção aspecto	>	futuro tempo
---	---	--	---	-----------------------	---	-----------------

Fonte: Heine, Claudi e Hünemeyer (1991, p. 242).

Situando a perífrase *ir* + infinitivo na trajetória de futuro delineada anteriormente (cf. Quadro 4), e considerando a análise dessa construção realizada por Gibbon (2014) em amostra de textos teatrais (séc. XIX-XXI) temos que:

[...] as formas que se originam de verbos de movimento se combinam com um agente que se desloca para uma certa direção (“movimento para”) com um dado objetivo [finalidade], e compartilham um aspecto inceptivo, contexto associado a “relevância do presente” (Fleischman, 1982) – vista como um aspecto psicológico – e intimamente ligado a valores modais de desejo e intenção. Num certo estágio de uso da perífrase convergem as seguintes características: o falante projeta, a partir da visão prospectiva da situação (aspecto) e/ou de seu desejo/intenção (modalidade), uma situação particular, ancorada no momento de fala (ponto de referência) – o que vem a configurar um contexto de futuro imediato (tempo) (Gibbon, 2014). No caminho de mudança, a crescente abstratização do movimento espaço → tempo é acompanhada da mudança modal intenção → predição (Bybee; Perkins; Pagliuca, 1994). No âmbito do tempo, a perífrase se expande de um tempo determinado (futuro imediato) para contextos de indeterminação temporal, terreno propício para situações habituais. A perífrase vai se estendendo também de contextos de modalidade epistêmica de baixa certeza (associada à intenção) ou de alta certeza (associada à iminência da situação) para contextos de modalidade orientada ao falante em atos de fala manipulativos, e para contextos em que passa a atuar como marcador discursivo (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 56-57).

4.2.2 Valores da perífrase *ir* + infinitivo

Uma vez que na subseção precedente já abordamos os valores semântico-pragmáticos que a perífrase foi adquirindo diacronicamente, focamos agora o funcionamento sincrônico dessa forma verbal.

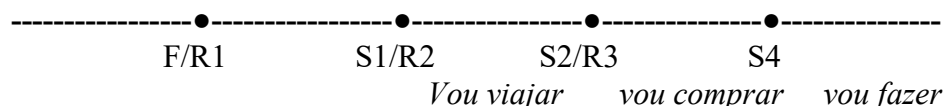
Como temos visto ao longo das (sub)seções, a perífrase *ir* + infinitivo atua em diferentes domínios funcionais atravessados por TAM. Os três exemplos a seguir, extraídos de

Gibbon (2014, p. 92-94), são reapresentados e renumerados para ilustrar o funcionamento da perífrase em alguns desses domínios.

- (43) F: Claro! Não sei, eu não consigo entender, sabe? Como é que pode fazer uma coisa dessas se sabem que aquilo é o nosso futuro pra nós vivermos, né? E acabando com essa mata o que que **vai acontecer**? **Vai ser** triste, tanto pra gente, como pra eles mesmos que estão fazendo essa queimada, né? essas coisas. (POA 12:05). [*domínio funcional do tempo futuro*]
- (44) E: Susto, a senhora já levou algum susto forte, assim de...
 F: Olha, eu não sou de me assustar tão fácil. Eu **vou ver** o que que tem antes. Porque às vezes acontece um barulho, uma coisa, eu **vou ver** que que acontece.
 E: Mas o acidente do seu neto deve ter sido um susto forte. (FC 05:06) [*domínio funcional da habitualidade*]
- (45) F: [...] Mas eu acho que a TV deseduca muito, porque ela coloca uma gíria que a criança confunde muito na escola, né? Tu aprendes, **vamos dizer**, uma palavra lá, seja qual for, de um jeito e tu ouves de outro jeito, ou a televisão mostra escrevendo, por exemplo, o "Xow da Xuxa". (POA 22:10) [*domínio funcional da modalidade deôntica de comando/imperativo*]

Focalizando o *domínio funcional do tempo futuro*⁵⁶ – contexto prototípico de variação entre as formas verbais perifrástica e de futuro simples –, Gibbon (2014) faz uma distinção entre *futuro do presente*, *futuro do futuro* e *futuro cotemporal*. De acordo com sua análise, a primeira situação seria de tempo absoluto e as demais poderiam ser consideradas como um tipo de tempo absoluto-relativo. No caso de futuro do futuro, “a segunda situação codificada na sequência de futuridade possui como ponto de referência a primeira” (p. 161). No futuro cotemporal, há “uma relação de simultaneidade total ou parcial entre duas situações no futuro” (p. 162). Os exemplos⁵⁷ a seguir ilustram, respectivamente, esses dois últimos casos e a análise feita por Gibbon.

- (46) F: [...] mas a vida estava difícil e a mulher ficou grávida de novo. Então eu disse: “**Vou viajar** pra Argentina, **vou comprar** alguma coisa, **vou fazer** meu pé de meia pra alimentar as crianças. (GIBBON, 2014, p. 162)

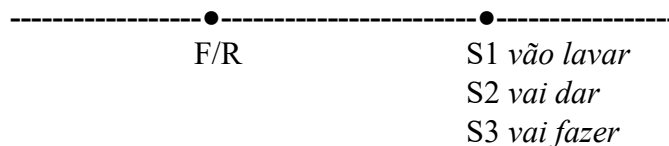


- (47) [...] Mas o que eu digo é que os gringos começaram a crescer, inclusive. Primeiro eles eram simples colonos, né? hoje não, tudo que é edificio bom, tudo que é casa boa que tem aí,

⁵⁶ Vale observar que, em relação ao domínio funcional do tempo futuro, os valores que são atribuídos à perífrase estendem-se também à forma verbal de futuro simples.

⁵⁷ Os dados extraídos de Gibbon (2014) são provenientes da amostra do VARSUL/RS.

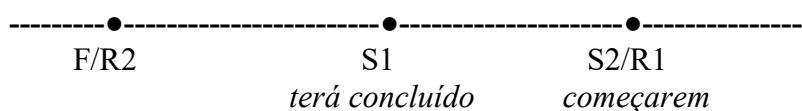
tudo que é Santana oitenta e dois é de gringo, né? E este ano **vão lavar** a égua, né? O arroz **vai dar** uma supersafra aqui em São Borja de arroz, né? Apesar do preço estar ruim, essa gente **vai fazer** uma safra muito boa, muito grande. E essa foi a maior modificação que eu noto na nossa terra. (GIBBON, 2014, p. 162)



Vale registrar aqui que Mateus et al. (1989) também consideram ocorrências do tipo de (46) como futuro do futuro, observando que as três situações descritas envolvem dois tipos de relação: estão, num primeiro momento, todas ancoradas em (F), pois se encontram a sua direita; e num segundo momento, as três estão ordenadas linearmente entre si. Ocorrências do tipo de (47) também seriam entendidas pelas autoras como de futuro cotemporal, caso em que “os tempos verbais que ocorrem em cada uma das orações devem exprimir o mesmo tempo linguístico” (p. 80). Nos termos das autoras, em enunciados que descrevem mais de um estado de coisas (situações S), os estados de coisas são ordenados relativamente à enunciação (F) e também ordenados uns em relação aos outros.

Há que considerar ainda casos de *passado do futuro* como no dado seguinte extraído de Mateus et al. (1989, p. 77) e representado num diagrama delineado por nós.

(48) O João **terá concluído** os exames antes de começarem as férias.



O traço diferenciador desse tipo de ocorrência é que a forma verbal de futuro do presente composto codifica uma situação (S1) que é anterior a outra situação também futura (S2), codificada numa oração subordinada adverbial. (S2), por sua vez, toma como ponto de referência o momento de fala (F/R2). A forma “terá concluído” é também identificada como *futuro perfeito*, pois expressa algo que já terá ocorrido antes de um tempo determinado no futuro. Essa forma verbal remete ao aspecto perfectivo.

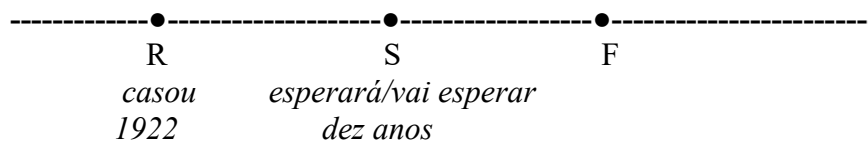
Nesse quadro de valores assumidos pela forma perifrástica, ainda podemos elencar o *futuro histórico*. Nos termos de Corôa (2005), o futuro histórico coloca o sistema de referência antes da enunciação. Podemos considerar que se dá uma espécie de “metáfora temporal” (WEINRICH, 1964 apud KOCH, 1987), em que tempos verbais deslocam seu uso típico para

*outro contexto temporal, realçando a respectiva situação*⁵⁸. A respeito desse uso, Cunha e Cintra (1985, p. 448) trazem o seguinte registro:

Em alguns escritores modernos, talvez por influência francesa, vai encontrando guarida o emprego do futuro para indicar que uma ação foi posterior a outra no passado. Assim:
João casou-se em 1922, mas Pedro **esperará** ainda dez anos para constituir família. Tal uso se assemelha ao do presente histórico.

Dispondo o enunciado num diagrama temporal, teríamos a seguinte configuração:

(49) João casou-se em 1922, mas Pedro **esperará/vai esperar** ainda dez anos para constituir família.



É provável que encontremos em nossa amostra ocorrências similares aos quatro tipos ilustrados acima, o que nos levará a tomar decisões metodológicas em termos de análise: ou consideramos todas as ocorrências da forma verbal de futuro simples como sendo de tempo futuro do presente, já que se localizam à direita de F; ou especificamos a relação temporal que se estabelece entre as situações, identificando-as como futuro do futuro, futuro cotemporal, passado do futuro ou futuro histórico, respectivamente. Essa questão será retomada no capítulo de metodologia.

Um dado adicional que a análise de Gibbon aponta é o de que, no escopo do tempo (predição), o tempo determinado (futuro imediato) precede o tempo indeterminado – o qual podemos associar à ideia de tempo estendido – e este contexto propiciaria o aparecimento de situações habituais. Os exemplos a seguir, extraídos de Gibbon (2014, p. 297; 316), ilustram o que a autora considera tempo determinando e tempo não determinado, respectivamente.

(50) F: Agora nossa especialidade é ferragens, tintas automotivas. Temos uma, é, uma seção de cópia de chave, conserto de fechaduras, essas coisas que hoje em dia com a insegurança, todo mundo tem que se precaver, né? Volta e meia a pessoa: "Não, perdi uma chave, **vou trocar** de segredo." A gente troca o miolo da fechadura. (SB 04:05)

⁵⁸ Weinrich (1964) trata de atitudes comunicativas do locutor em relação ao que ele chama de “mundo comentado” e “mundo narrado”, situando (i) como tempos verbais da narrativa – o pretérito perfeito, o imperfeito e o mais-que-perfeito do indicativo e o futuro do pretérito; e (ii) como tempos verbais do comentário – o presente, o futuro do presente e o pretérito perfeito composto. A transposição de um tempo verbal característico de um mundo para outro mundo consiste no que o autor chama de “metáfora temporal”.

(51) E: Que interessante! nunca ouvi falar de alguém que criasse orquídeas.

F: Quer dizer, por enquanto eu estou apenas sendo um orquidófilo, mas eu vou criar, vou instalar um laboratório, através de método assimbiótico vou tentar criar orquídeas, não é? **Vai ser** a minha aposentadoria, o meu lazer, quando mais velhinho, porque eu acho que vou ter o mesmo problema da minha mãe, que é artrose, e aí eu não vou poder pescar, não vou poder sair, a artrose vai me criar problemas de juntas, então, **vou ficar** mais em casa... (PA 22:19)

Nos dados acima, depreende-se pelos contextos que “vou trocar” é um futuro imediato, determinado e “vai ser” e “vou ficar” são futuros cujo tempo é não determinado, correspondendo a uma projeção a respeito de uma situação duradoura, que vai acontecer quando o informante se aposentar. Nesse caso, segundo a autora, os traços de intenção são enfraquecidos, sendo suplantados pela condição externamente imposta pela circunstância, a possível artrose. Pela análise da autora, pode-se observar que o termo “futuro determinado” é usado por ela no sentido de “futuro imediato”, uma vez que o tempo da aposentadoria pode ser entendido como um período determinado na vida do sujeito. Como se trata de um futuro distante, foi considerado pela autora como “futuro indeterminado”. Nesses casos, talvez fosse mais apropriado nomear como futuro próximo e futuro distante.

Finalizando esta subseção, cabe uma nota sobre a construção *ir* (futuro) + infinitivo. Bagno afirma tratar-se de um caso de hipercorreção:

Considerando a forma *falarei* muito ‘pedante’ e a forma composta *vou falar* muito ‘informal’, muitas pessoas adotam uma solução de compromisso: conjugam o auxiliar no futuro simples (*irei*) exagerando a ideia de futuro que já está desde sempre implicada na semântica do verbo *ir* (todo deslocamento no espaço, toda *ida*, é também um deslocamento no tempo) (BAGNO, 2011, p. 579).

O autor afirma ainda que essa forma perifrástica “ocorre exclusivamente na fala/escrita monitorada de pessoas letradas e, portanto, não pertence ao vernáculo geral brasileiro” (BAGNO, 2011, p. 579-580).⁵⁹

Nota-se que Bagno aciona um valor associado a um significado socioestilístico. É importante registrar aqui que vários dos trabalhos que tratam do tempo futuro (cf. Capítulo 5) associam a forma verbal simples ao registro formal e à modalidade escrita e a forma perifrástica ao registro informal e à modalidade falada. Salientamos, entretanto, que no âmbito da significação, trata-se de valores de natureza distinta: no que diz respeito a TAM, as funções

⁵⁹ Não consideramos as formas verbais *ir* (futuro) + infinitivo como hipercorreção, pois seria necessário um teste de avaliação com informantes acerca desse uso. Limitamo-nos, pois, a deixar o registro de Bagno e retomaremos essa questão na análise.

envolvidas são semântico-pragmáticas; no que diz respeito ao tipo de registro e à modalidade, a significação é socioestilística, associada a graus de formalidade e ao *continuum* fala>escrita.

4.3 Fechando o capítulo

Neste capítulo, abordamos o amplo domínio funcional da *futuridade*, o qual, reiteramos, é atravessado por TAM e recobre domínios funcionais distintos, cada um deles também apresentando traços mesclados de TAM, porém sempre com um desses valores semântico-pragmáticos mais saliente que os demais, a depender do contexto. Do ponto de vista da forma, focalizamos as formas verbais de futuro do presente simples e a forma perifrástica *ir* + infinitivo. No escopo da futuridade, tratamos do desenvolvimento do tempo futuro, da gramaticalização das formas verbais consideradas e de seus respectivos valores associados a TAM. Selecionamos alguns autores que julgamos referências importantes para discutir esses pontos, como Fleischman (1982), Bybee, Pagliuca e Perkins (1991, 1994), Heine et al. (1991), Castilho (2010), Gibbon (2014), entre outros.

No que diz respeito às funções, salientamos que as categorias TAM estão imbricadas no tempo futuro desde o início de seu desenvolvimento, sendo a categoria *modalidade* a primeira a sobressair, seguida gradativamente por *aspecto*, *tempo* e novamente *modalidade*. Vimos que as noções modais se expandem de usos primeiramente orientados para o agente (expressando intenção, desejo, obrigação), passando por usos aspectuais prospectivos/inceptivos sinalizando relevância do presente, por usos temporais (primeiro de futuro imediato, depois de futuro distante e estendido) e novamente por usos modais, agora com valores epistêmicos (associados a graus de certeza) e também com valores de modalidade orientada para o falante (em que situa o imperativo). Assim, a modalidade imperativa encontrada no macrodomínio de futuridade surge dos usos orientados para o falante e a partir do tempo futuro.

No que tange à expressão do *tempo futuro do presente*, quanto à forma verbal, destacamos que seu surgimento ocorre a partir de uma perífrase, sendo possível observar um processo cíclico – analítico (*amare habeo*) > sintético (*amarei*) > analítico (*vou amar*). Tanto a forma verbal de futuro sintética como a analítica *ir* + infinitivo adquirem no uso diferentes valores semântico-pragmáticos atravessados por TAM, o que evidencia sua multifuncionalidade no âmbito da futuridade. Seus valores, portanto, carregam traços que vão além do tempo futuro do presente.

A forma perifrástica *ir* + infinitivo, especificamente, se gramaticaliza a partir da noção de movimento espacial e, ao se transferir do domínio espaço para o domínio tempo, inicialmente

aproxima uma situação futura ao presente do falante (relevância do presente) – envolvendo valores aspectuais de iminência e de inepção e o valor modal de intenção –, para então assumir valor temporal de predição futura. Sincronicamente, a forma perifrástica atravessa o macrodomínio de futuridade e assume, em diferentes graus, traços de tempo, aspecto e modalidade, atuando em três domínios funcionais distintos – do *tempo futuro do presente*, do *aspecto habitual* e da *modalidade deôntica imperativa* –, tanto na escrita quanto na fala dos brasileiros. Vale ressaltar que a variação entre as formas verbais de futuro simples e perifrástico parece se dar no domínio funcional do tempo futuro do presente, onde podemos observar a concorrência entre essas formas principalmente na língua escrita. Nos domínios funcionais da habitualidade e da modalidade deôntica imperativa, a variação parece ocorrer, respectivamente, entre a perífrase e a forma verbal de presente do indicativo e entre a perífrase e a forma verbal imperativa.

No domínio funcional de *tempo futuro do presente*, tanto a forma simples quanto as perífrases *ir* (presente/futuro) + infinitivo assumem especificidades entre as relações temporais das situações, como: futuro do presente determinado, futuro do futuro, futuro cotemporal, passado do futuro, futuro histórico e futuro indeterminado. Neste trabalho, também encontramos a função temporal de futuro *metadiscursivo*, que consiste, basicamente, em anunciar as próximas partes do texto ao leitor, função favorecida, sobretudo, pelo *gênero discursivo*, que é o assunto tratado no Capítulo 6.

5 O FUTURO DO PRESENTE NO PB: REVISÃO DA LITERATURA

A expressão verbal variável do tempo futuro do presente tem sido amplamente analisada na área da Sociolinguística Variacionista no Brasil. De forma geral, pesquisas sobre a língua falada apontam o franco desuso da forma verbal de futuro simples (*apresentarei*) e a implementação da variante perífrase com *ir* (presente) + infinitivo (*vou apresentar*) – com ocorrências também de *ir* (futuro) + infinitivo (*irei apresentar*) – para demarcar acontecimentos que se projetam para além do momento de fala, isto é, que ocorrem à direita do momento da enunciação, pensando-se em um diagrama representativo da linha temporal cronológica. Paralelamente, apontam também a manutenção da forma verbal de presente do indicativo (*apresento*), que tem sido documentada também na escrita ao longo do tempo. Esse quadro de variação no PB reflete um processo de mudança linguística em andamento, conforme veremos adiante.

Já na língua escrita, a preferência segue sendo pela forma verbal canônica de futuro simples, que mantém um status mais estável nessa modalidade da língua, ao passo que a perífrase *ir* + infinitivo tem sido documentada como a segunda variante mais usada na escrita para expressar o tempo futuro do presente a partir do século XIX (cf. OLIVEIRA, 2006)⁶⁰.

Este capítulo dedica-se a apresentar um breve mapeamento de pesquisas já realizadas sobre a expressão verbal do tempo futuro do presente no PB, sem a pretensão de tecer comparações entre elas. Para tanto, serão considerados estudos que tomam como *corpus* a língua falada e a língua escrita, ambas apreciadas separadamente, já que assim é possível vislumbrar de forma mais nítida a situação da modalidade escrita, que é o foco desta dissertação.

Foram selecionadas algumas das pesquisas examinadas por Bragança (2017)⁶¹, que fez um apanhado de trabalhos sobre esse tema: Silva (1997); Gibbon (2000); Oliveira (2006); Malvar e Poplack (2008); Silva (2010); Strogenski (2010); Gibbon (2014); Santos (1997); Bragança (2008); Fonseca (2010); Tesch (2011) e Vieira (2014).

Recapitulamos esses estudos, considerando os pressupostos observados por Bragança (2017). Exibem-se, sucintamente, os seguintes pontos: (i) a base teórica, (ii) os *corpora* demarcados, (iii) as formas verbais de futuro consideradas, (iv) os resultados gerais obtidos e (v) variáveis linguísticas e extralinguísticas mais relevantes, quando possível.

⁶⁰ No PB, do século XIII ao XVIII, era a perífrase *haver de* + infinitivo que ocupava a segunda posição (cf. OLIVEIRA, 2006).

⁶¹ Bragança (2017) apresenta sua síntese baseada em Gibbon (2014), com algumas adaptações e acréscimos.

De forma geral, as pesquisas aqui expostas contemplam, basicamente, quatro formas para expressar o futuro do presente⁶²: a forma simples, a forma perifrástica com *ir* (futuro/presente) + infinitivo⁶³, o presente do indicativo e o *haver de* + infinitivo. A seguir são apresentadas pesquisas que consideram a modalidade falada da língua.

5.1 Pesquisas de língua falada

As pesquisas observadas para compor esta seção dizem respeito à modalidade falada: Gibbon (2000), Oliveira (2006), Fonseca (2010) e Tesch (2011). Esses trabalhos foram selecionados por terem sido realizados a partir de amostras de diferentes bancos de dados linguísticos do PB.

Gibbon (2000) investiga a variação na expressão do futuro do presente considerando a forma perifrástica com *ir*, o presente e o futuro simples, em 36 entrevistas com informantes da zona urbana de Florianópolis/SC, coletadas na década de 1990 e integrantes do banco de dados VARSUL⁶⁴. As entrevistas analisadas são estratificadas por faixa etária (14-24 anos, 25-49 anos e 50 anos em diante); sexo/gênero (masculino e feminino); e nível de escolaridade (primário, ginásial e colegial)⁶⁵. A abordagem teórica é pautada no funcionalismo linguístico e na sociolinguística laboviana.

A autora tratou o fenômeno como uma variável binária, já que os resultados apontaram a forma verbal de futuro simples com uma correspondência de apenas 1%, ao passo que o presente obteve um percentual de 38%, enquanto a perífrase mostrou-se como favorita com uma porcentagem de 61%. Os dados revelam que, na língua falada de Florianópolis, a principal disputa é entre o futuro perifrástico e o presente do indicativo (GIBBON, 2000).

Destacamos os seguintes resultados gerais, associados aos condicionadores testados: i) os falantes mais jovens favorecem o uso da forma perifrástica, enquanto os mais velhos favorecem a forma do presente do indicativo; ii) a forma perifrástica assume um papel responsável pela modalidade e pelo aspecto, num primeiro momento, isso permite que a forma

⁶² Como será exposto a seguir, há pesquisas que analisam o fenômeno da variação na perspectiva da diacronia e outras sob a ótica da sincronia

⁶³ As pesquisas tendem a amalgamar as duas perífrases: perífrase com *ir* (futuro) + infinitivo e perífrase com *ir* (presente) + infinitivo, já que a primeira, comumente, apresenta pouca produtividade no PB.

⁶⁴ O projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARSUL) diz respeito ao português falado no Sul do Brasil. Conta com a parceria de quatro universidades brasileiras: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal do Paraná. Na expansão de seu banco de dados, contempla também amostras de escrita. (varsul.org.br.)

⁶⁵ A terminologia primário, ginásial e colegial corresponde, aproximadamente, a Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio, nos termos de hoje.

presente do indicativo atue na codificação do tempo futuro propriamente dito; e iii) a forma perifrástica é recorrente em quase todos os contextos e está adquirindo cada vez mais espaço na língua.

Oliveira (2006), pautada numa perspectiva variacionista, analisou dados do projeto NURC⁶⁶ referentes às cidades do Rio de Janeiro e Salvador, contemplando duas amostras: uma de 1970 e outra de 1990. Quanto à primeira amostra, foram considerados dados de dois tipos de interação: “elocução formal (EF) e “diálogo entre o informante e o entrevistador” (DID); na segunda amostra, foram contemplados apenas os DIDs. A presença de DID nas duas amostras permitiu à autora realizar um estudo em tempo real de curta duração, considerando esse tipo específico de contexto.

Os resultados relativos à amostra de 1970 indicam: nas EFs – 73% de uso da forma com *ir* + infinitivo, 17% de ocorrências da forma simples e 10% de presente; nos DIDs 73% de perífrase com *ir* + infinitivo, 11% de futuro simples e 16% de presente. Já os resultados concernentes à amostra de 1990 apontam para os DIDs: 82% de perífrase, 15% de presente e apenas 3% para o futuro simples.

Salientam-se os seguintes resultados: i) o uso da perífrase não é sensível ao grau de formalidade que distingue EF e DID, já que o percentual de uso dessa forma, na década de 1970, é o mesmo (73%); ii) nesse período, a diferença observada diz respeito às outras variantes: a forma verbal de futuro simples é mais frequente nas EFs do que nos DIDs, conseqüentemente altera-se também a distribuição da forma verbal de presente nesses dois contextos; iii) comparando-se as duas amostras com 20 anos de diferença, nota-se que em 1990 há um aumento na frequência de perífrase (82%) em relação a 1970 e queda acentuada de futuro simples (3%).

Fonseca (2010) assume os pressupostos teórico da gramaticalização e da sociolinguística variacionista para estudar o fenômeno do futuro do presente a partir do banco de dados IBORUNA, que integra o Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista). O banco de dados é estratificado considerando as variáveis sexo/gênero (feminino e masculino), faixa etária (de 7 a 15 anos; de 16 a 25 anos; de 26 a 35 anos; de 36 a 55 anos e + 55 anos), nível de escolaridade (1º ciclo do ensino Fundamental; 2º ciclo do ensino Fundamental; ensino Médio e ensino Superior) e renda (+ 25 salários mínimos; 11 a 24 salários mínimos; 6 a 10

⁶⁶ O Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta (NURC) corresponde a cinco capitais brasileiras: Salvador, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Esse projeto contém três tipos de gravações com informantes de nível superior completo: EF (elocuições formais), DID (diálogo entre informante e documentador) e D2 (diálogo entre dois informantes).

salários mínimos e até 5 salários mínimos). A análise diz respeito a 38 entrevistas e as variantes consideradas foram: o futuro simples, a perífrase *ir* (presente) e a perífrase *ir* (futuro).⁶⁷

Os resultados quantitativos indicam a forma perifrástica *ir* (presente) com uma produtividade de 97,2%, o futuro simples com 2,6%, enquanto a perífrase *ir* (futuro) com apenas 0,2%. Diante desses resultados, a autora considera, em relação à amostra IBORUNA, que: i) não é mais possível afirmar que a forma simples está em variação com a forma perifrástica *ir* (presente); e ii) a mudança linguística já foi instaurada em favor da forma perifrástica.

Tesch (2011) analisou 22 entrevistas do projeto PortVix⁶⁸ com informantes capixabas. O banco de dados é estratificado conforme o sexo/gênero (feminino e masculino), faixa etária (de 7 a 14 anos, de 15 a 25, de 26 a 49 e de 50 anos em diante) e níveis de escolaridade (ensino fundamental, médio e universitário) A orientação teórica é da sociolinguística variacionista e do funcionalismo linguístico. Foram consideradas quatro variantes para o estudo: a forma simples, a forma perifrástica *ir* (futuro), a forma perifrástica *ir* (presente) e o presente do indicativo.

Os resultados quantitativos apontam que a perífrase *ir* (presente) lidera com uma porcentagem de 80,5%, o presente do indicativo apresenta 19,1%, o futuro simples 0,4%, enquanto a perífrase *ir* (futuro) não foi documentada no *corpus* em análise.

Frisamos os seguintes resultados gerais expostos pela autora: i) independente de fatores sociais, a forma perifrástica é a privilegiada na fala; ii) o quadro de variação apresenta-se de forma binária, portanto, a disputa principal parece ser entre a forma perifrástica *ir* (presente) e o presente do indicativo; iii) na fala capixaba a variação na expressão do futuro não é sensível à avaliação social, já que os fatores sociais não se mostraram relevantes.

Fechamos essa seção salientando que os trabalhos apresentados são apenas uma parte do que já foi feito na literatura sobre o fenômeno que nos propomos a analisar. Embora em número reduzido, são representativos da fala de diferentes regiões do Brasil, abarcando dados a partir da década de 1970. À exceção da amostra do NURC (que foi coletada em dois períodos temporais diferentes e que contempla a fala de adultos com nível de formação universitária gravada em dois tipos de interação com graus de formalidade distintos, no caso da pesquisa

⁶⁷ Fonseca (2010) analisa também as formas de expressão do tempo futuro do pretérito, mas consideramos aqui apenas seus resultados para o futuro do presente.

⁶⁸ Trata-se de um projeto de sociolinguística variacionista desenvolvido na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), que reúne entrevistas gravadas na década de 2000.

aqui reportada), os outros três estudos se assemelham por se pautarem em entrevistas sociolinguísticas realizadas a partir da década de 1990.

A partir dos resultados reportados, podemos delinear o seguinte panorama, considerando as amostras oriundas da interação entre entrevistador e entrevistado: i) a forma verbal de *futuro simples* vem acentuando seu franco desuso (de 11% em dados de DID do NURC em 1970 chegando a 3% no próprio NURC em 1990; a 2,6% em dados do IBORUNA da década de 2000; a 1% em dados do VARSUL da década de 1990; e a zero na amostra PortVix da década de 2000); ii) a *forma perifrástica* *ir + infinitivo* vem avançando (de 73% em dados de DID do NURC em 1970 chegando a 82% no próprio NURC em 1990; a 61% no VARSUL – em disputa com a forma verbal de presente –; a 80,5% no PortVix – também em variação com o presente –, e a praticamente 100% no IBORUNA – sem computar o presente do indicativo); iii) a forma verbal de *presente do indicativo* mostra-se oscilante (mantém-se em torno de 15% no NURC em 1970 e 1990, e apresenta um percentual mais alto (38%) no VARSUL e no PortVix (19%)⁶⁹.

Observando os resultados de elocuições formais (EF) do NURC na década de 1970, já constatamos um alto percentual de perífrase (73%), seguida pelo futuro simples (17%) e pelo presente (10%).

Podemos concluir, no que diz respeito às pesquisas aqui comentadas, que na língua falada a perífrase com *ir + infinitivo* é a forma praticamente soberana para expressar o DF do tempo futuro do presente em detrimento do futuro simples, e disputa com vantagem com o presente do indicativo quando esta forma entra em cena. Em outras palavras, resta ao futuro simples um uso praticamente marginal na língua falada menos formal, modalidade e registro em que a mudança linguística está praticamente concluída no PB em relação à disputa entre o futuro simples e a perífrase.

Na seção seguinte, vamos nos deter na modalidade escrita do PB, observando algumas pesquisas que tratam do fenômeno de futuro do presente, em diferentes gêneros textuais/discursivos.

⁶⁹ Os resultados diferenciados em relação à forma verbal do presente do indicativo devem ser considerados com certa ressalva, pois há restrições contextuais envolvidas nesses usos que têm implicações na própria definição do envelope de variação. Não por acaso, alguns dos estudos sobre o tempo futuro do presente não consideram a variante presente do indicativo.

5.2 Pesquisas de língua escrita

A variação nas formas acionadas para a expressão de um mesmo domínio funcional é um processo muito recorrente na fala, sendo de mais fácil percepção nessa modalidade. Por sua vez, a língua escrita tende a ser menos flexível, no sentido de que os fenômenos variáveis sofrem mais restrição e as mudanças ocorrem mais lentamente. Isso também se reflete no domínio funcional que é objeto deste estudo, já que a forma verbal de futuro simples, relativamente pouco documentada na oralidade, persiste fortemente na escrita.

Esta seção tem a finalidade de reportar pesquisas que trataram do futuro do presente na língua escrita, considerando-se diferentes gêneros textuais/discursivos, com atenção especial para a perífrase. Seguindo a organização proposta por Bragança (2017) e apoiando-nos também em sua revisão, apresentamos primeiro pesquisas diacrônicas⁷⁰, que contemplam amostras do século XIII ao XXI. De forma geral, essas pesquisas dedicam-se a investigar as formas verbais de futuro simples, perífrase com *ir* (futuro/presente) + infinitivo, perífrase com *haver de* e presente do indicativo. Os trabalhos são apresentados na seguinte ordem: Oliveira (2006), Malvar e Poplack (2008), Silva (2010), Strogenski (2010) e Gibbon (2014).

Posteriormente, são apresentadas pesquisas sincrônicas⁷¹ realizadas com amostras do século XX e XXI, na seguinte ordem: Santos (1997), Bragança (2008), Tesch (2011), Vieira (2014) e Gibbon (2014).

5.2.1 Pesquisas diacrônicas de língua escrita

Oliveira (2006) constituiu seu *corpus* diacrônico com os seguintes documentos: (i) Testamento de Afonso II e Foro Real de Afonso X, do século XIII; (ii) *Flos Sanctorum*, do século XIV; (iii) *Vida de Tarsis*, *Vida de uma Monja*, *Morte de S. Jerônimo*, *Vida de Santa Pelágia* e *Carta de Caminha*, do século XV; (iv) *Cartas de D. João III*, do século XVI; (v) *Cartas do Pe. Antônio Vieira*, do século XVII; (vi) documentos da administração pública, como *Cartas oficiais*, e documentos da administração privada, como *Cartas de Comércio – Brasil* e *Cartas comuns*, do século XVIII; (vii) *Cartas Oficiais*, *Cartas Pessoais* e *Cartas de Editores*, do século

⁷⁰ As pesquisas diacrônicas têm um caráter histórico, portanto a língua é estudada através de uma série de evoluções que se sucedem ao longo do tempo.

⁷¹ As pesquisas sincrônicas consideram um recorte da língua num dado momento histórico – passado ou presente.

XIX; e (viii) editoriais de jornais de Salvador e do Rio de Janeiro das décadas de 1970 e de 1990, do século XX.⁷²

Entre os resultados obtidos pela autora, destacam-se os seguintes:

- No século XIII, a concorrência é bastante acirrada entre a forma verbal de futuro simples e a forma *haver de* + infinitivo⁷³, sem ocorrência de outras formas para expressar o futuro;

- A disputa entre essas duas formas verbais se mantém até o século XVIII, mas enquanto o futuro simples sobe para um patamar de mais de 70%, a perífrase com *haver de* diminui sua frequência nesse período para cerca de 10%;

- O embrião da perífrase *ir* + infinitivo já é localizado no século XIV, em contextos em que o sujeito apresenta traço [+ humano], com elemento interveniente na perífrase, e em que valores de movimento e de intenção são bastante nítidos ao lado da ideia de futuridade;

- É no século XVIII que a forma perifrástica com *ir* + infinitivo passa a ser mais recorrente, visivelmente concorrendo com a construção *haver de* + infinitivo, que começa a perder espaço sendo ultrapassada pela perífrase no século XIX;

- No século XX, há uma reorganização no quadro de variação: a forma verbal de futuro simples apresenta um decréscimo, embora não acentuado; a perífrase *ir* + infinitivo tem seu uso claramente acentuado, enquanto a forma com *haver de* quase desaparece do PB;

- A forma verbal de presente do indicativo, por sua vez, foi pouco expressiva ao longo dos séculos e ocorre em contextos específicos, a saber: quando há uma indicação mais ou menos precisa do tempo futuro; em expressões idiomáticas cristalizadas e quando há verbos modais, como *poder* ou *passar*, que asseguram a ideia de probabilidade / possibilidade / momento posterior, intimamente ligada à ideia de futuridade (OLIVEIRA, 2006).

O esquema seguinte ilustra o movimento diacrônico observado a partir do século XVIII, com o reposicionamento da perífrase *ir* + infinitivo:

⁷² Nesse estudo diacrônico, Oliveira (2006) atentou para as formas variantes e não controlou outras variáveis independentes além dos séculos. As perífrases com *ir* (presente) + infinitivo e *ir* (futuro) + infinitivo foram contabilizadas de forma conjunta, já que a última não se mostrou produtiva.

⁷³ Oliveira (2006) aponta que o decréscimo dessa forma pode estar associado a um outro fenômeno de mudança no português: o verbo *haver* disputou com o verbo *ter* durante muito tempo a formação de tempos compostos, a expressão de existência e a indicação da modalidade deontica.

Quadro 3. Resultados diacrônicos de Oliveira (2006)

Século XVIII: futuro simples > *haver de* + infinitivo > presente / *ir* + infinitivo
 Século XIX: futuro simples > *haver de* + infinitivo / *ir* + infinitivo > presente
 Século XX: futuro simples > *ir* + infinitivo > presente > *haver de* + infinitivo

Fonte: Oliveira (2006, p. 106)

A segunda pesquisa reportada é a de Malvar e Poplack (2008), cujo *corpus* diacrônico é constituído de comédias, sátiras e farsas, textos que, segundo as autoras, são representativos do português falado nos quatro séculos considerados (XVI, XVII, XVIII e XX), já que foram escritos para serem encenados em lugares públicos e populares, o que resultaria num retrato da linguagem coloquial. Numa abordagem variacionista, as autoras consideram as seguintes formas variantes: futuro simples, perífrase com *haver de* + infinitivo, perífrase com *ir* + infinitivo e presente do indicativo.

Os resultados de Malvar e Poplack (2008) corroboram em boa parte aqueles obtidos por Oliveira (2006): i) até o século XVIII, a principal concorrência entre as formas para expressar o futuro do presente estava entre o futuro simples e a perífrase com *haver de* + infinitivo; ii) no século XIX, a perífrase *ir* + infinitivo ganha mais espaço, provocando um recuo no uso de *haver de*; iii) no século XX, a perífrase *ir* + infinitivo passa a ser, com larga margem, a variante mais usada nas peças teatrais, diferentemente do que foi encontrado por Oliveira (2006) em textos jornalísticos, contexto que ainda retém fortemente o futuro simples; iv) a forma verbal de presente do indicativo apresentou um uso crescente ao longo dos séculos, porém restrita a contextos específicos.

Malvar e Poplack (2008) realizaram rodadas estatísticas por século, controlando fatores de natureza semântica, como animacidade, distância temporal, contingência do evento futuro; e de natureza morfossintática, como pessoa gramatical, tipo de sentença, especificação adverbial – todos esses se mostraram significativos. De modo geral, as autoras concluem que a perífrase com *ir* (presente) + infinitivo entrou na língua para expressar o futuro do presente em contextos que apontam futuro próximo, fato que impulsionou a forma simples e a forma *haver de* + infinitivo a expressar um futuro distante. A expansão de uso da perífrase *ir* + infinitivo foi ocorrendo gradativamente pelos contextos anteriormente associados às variantes antigas, tais como sentenças declarativas e sem advérbios temporais.

A partir dos resultados do estudo de Malvar e Poplack (2008) e à semelhança do que fez Oliveira (2006), delineamos para as peças teatrais o seguinte movimento a partir do século XVIII:

Quadro 4. Resultados diacrônicos de Malvar e Poplack (2008)

Século XVIII: futuro simples > <i>haver de</i> + infinitivo > presente > <i>ir</i> + infinitivo
Século XIX: futuro simples > <i>haver de</i> + infinitivo > <i>ir</i> + infinitivo / presente
Século XX: <i>ir</i> + infinitivo > presente > <i>haver de</i> + infinitivo > futuro simples

Fonte: Malvar e Poplack (2008)

A próxima pesquisa que trazemos para a conversa é a de Silva (2010), que analisou dois *corpora*: i) o primeiro *corpus* abarcou desde a edição número 1 da revista *Pato Donald*, publicada no Brasil em 1950, até a de número 2.032, de outubro de 2004 – o que permitiu uma análise em tempo real de curta duração; e ii) o segundo foi constituído por 46 romances brasileiros entre o século XVIII e a última década do século XX – o que proporcionou a realização de uma análise em tempo real de longa duração.

A autora considerou as seguintes variantes para as duas análises: a forma simples, a perífrase com *haver de* + infinitivo, o presente e perífrases (envolvendo *ir* + infinitivo e também auxiliares modais e aspectuais (*dever/poder/ter que* + infinitivo)).

A análise em tempo real de curta duração (revista *Pato Donald*) mostrou as perífrases como prediletas para demarcar o futuro do presente, sendo sua produtividade de 57,24%, o futuro simples com 40,44%, a forma de presente do indicativo apresentou uma porcentagem de 2,25%, enquanto a forma *haver de* 0,7%. Dentre o universo das perífrases elencado pela autora, a perífrase com *ir* (presente) + infinitivo alcançou um total de 90% de ocorrências. Considerando-se também as construções *ir* (futuro) + infinitivo e *ir* + infinitivo + infinitivo, esse percentual sobe para 97%. Consequentemente, a taxa de perífrases com auxiliares modais é de 3%.

Na rodada estatística binária, considerando apenas a forma inovadora – a perífrase *ir* (presente/futuro) + infinitivo – e a forma conservadora – o futuro simples –, foram selecionados como significativos os seguintes grupos de fatores, nesta ordem: ano de publicação; pessoas verbais; tipos de frases; projeção do fato futuro; contexto desencadeador; preenchimento do sujeito pronominal; ambiente da ocorrência – doméstico; extensão fonológica do verbo principal; ambiente da ocorrência – profissional e tempo-aspecto-modo (TAM).

Entre os principais resultados, destacamos como contextos favorecedores da perífrase *ir* + infinitivo: frases interrogativas e pronomes pessoais inovadores, como *você/vocês*. Por outro lado, o futuro simples é acionado com regularidade diante dos textos mais antigos: “nas

revistas Pato Donald o futuro sintético apresentou peso relativo .78 em 1950 e fechou o período com .18, uma queda de .60 em pouco mais de meio século” (SILVA, 2010, p. 120).

Diante disso, é evidenciado que a forma *ir* + infinitivo se fortaleceu ao longo do tempo também na língua escrita, já que as décadas em que essa variante é menos produtiva são, justamente, as mais antigas, como 1950, 1960 e 1970. É a partir da década de 1980 que a perífrase ganha força e se mostra cada vez mais produtiva na amostra analisada (SILVA, 2010).

No que diz respeito à análise em tempo real (romances), considerando-se o total dos dados, foram encontrados: 42% de futuro simples, 42% de perífrases, enquanto o presente do indicativo obteve 10% e a forma *haver de* 6%. Entre as perífrases, 90% são de *ir* + infinitivo e 10% de outros auxiliares + infinitivo.

Tais percentuais, no entanto, mostram-se bastante diferenciados ao longo dos séculos, o que permite delinear o seguinte esquema para os romances, a partir dos resultados de Silva (2010):

Quadro 5. Resultados diacrônicos de Silva (2010)

Século XVIII: futuro simples > <i>haver de</i> + infinitivo
Século XIX: futuro simples > <i>haver de</i> + infinitivo > <i>ir</i> + infinitivo / presente
Século XX: <i>ir</i> + infinitivo > futuro simples > presente > <i>haver de</i> + infinitivo

Fonte: Silva (2010)

Diante da rodada binária entre futuro simples e perífrase com *ir* (presente), os fatores selecionados como estatisticamente significativos na amostra de romances foram: ano de publicação; projeção do fato futuro; faixa etária; pessoas verbais; contexto desencadeador; extensão fonológica do verbo principal; ambiente de ocorrência – doméstico e tempo, aspecto e modo.

Entre os principais resultados destacamos: i) o futuro simples tende a ocorrer – em contextos que denotam maior compromisso com a futuridade e também com projeção temporal distante; associado aos pronomes pessoais canônicos *tu* e *nós*; em interações dialógicas menos informais, envolvendo pessoas mais velhas ou estranhos; ii) a perífrase *ir* + infinitivo tende a ocorrer – em contextos com projeção temporal próxima; associada a pronomes pessoais inovadores *você/vocês*; em interações entre os mais jovens em ambiente doméstico; iii) a evolução da forma perifrástica se dá, praticamente, de forma igual entre homens e mulheres, uma vez que o fator *sexo do autor do texto* não se mostrou relevante na análise.⁷⁴

⁷⁴ Atente-se, contudo, que os resultados para fatores sociais (faixa etária e sexo/gênero) deve ser relativizado, considerando-se tratar-se, no estudo de Silva (2010) de amostra de romances, o que envolve uma distinção entre o mundo empírico e o mundo representado.

A quarta pesquisa que compõe esta seção é a de Strogenski (2010)⁷⁵. A autora analisou 15 obras literárias considerando quatro variantes: futuro simples, presente do indicativo, perífrase *ir* (presente) + infinitivo e perífrase com o verbo *haver de* + infinitivo. O *corpus* foi dividido em três períodos históricos correspondentes a meio século cada um: 1850-1900; 1901-1950; e 1951-2006.

De forma geral, a forma verbal de futuro simples apresentou uma porcentagem de 48%, a perífrase *ir* + infinitivo 31%, o presente 12% e a forma *haver de* 9%. Considerando-se cada período de tempo, no entanto, essas frequências se modificam, alterando a ordem de preferência das variantes:

Quadro 6. Resultados diacrônicos de Strogenski (2010)

1850-1900: futuro simples > <i>haver de</i> + infinitivo > presente > <i>ir</i> + infinitivo
1901-1950: futuro simples / <i>ir</i> + infinitivo > presente > <i>haver de</i> + infinitivo
1951-2006: futuro simples / <i>ir</i> + infinitivo > presente > <i>haver de</i> + infinitivo

Fonte: Strogenski (2010)

Os dois últimos períodos correspondem ao século XX e apresentam a mesma inclinação preferencial de uso das variantes. O que os difere é que no terceiro período o percentual de futuro simples e perífrase com *ir* aumenta em relação ao período anterior, enquanto a perífrase com *haver de* cai drasticamente. A autora enfatiza que a perífrase já apresentava traço de futuro no início dos períodos estudados, passando a substituir a forma *haver de* + infinitivo no segundo período. No terceiro período, a concorrência está entre o futuro simples, a perífrase e o presente do indicativo (STROGENSKI, 2010).

Foram controladas duas variáveis independentes linguísticas: tipos de oração nas quais aparecem as ocorrências e número de sílabas dos verbos. Os resultados apontam para a preferência da perífrase *ir* + infinitivo em orações absolutas e condicionais, já as orações principais favoreceram o futuro simples e as coordenadas o presente do indicativo. Referente à variável número de sílabas, a perífrase é favorecida em verbos de seis ou mais sílabas, o futuro simples em verbos dissilábicos, o presente do indicativo em verbos trissilábicos e a forma *haver de* + infinitivo em verbos de cinco sílabas.

Gibbon (2014), pautada numa perspectiva teórica funcionalista, analisa 17 peças de teatro de autores gaúchos, distribuídas entre 1872 e 2012, com o objetivo de observar contextos

⁷⁵ Strogenski (2010) também analisa a expressão do futuro do pretérito, questões relacionadas a essa variável não serão expostas, já que não se trata do objetivo desta dissertação.

de expansão contextual da perífrase *ir* + infinitivo que, segundo a autora, se encontra em processo final de gramaticalização.⁷⁶

As formas consideradas pela autora em um primeiro levantamento geral foram: perífrase *ir* (presente) + infinitivo; perífrase *ir* (presente) material interveniente + infinitivo; perífrase *ir* (presente) em expressões com mais de um verbo; verbo *ir* (presente) do indicativo; perífrase *ir* + infinitivo + gerúndio; futuro do presente simples; *haver de* + infinitivo; locução modal/aspectual; presente do indicativo.

Em termos gerais, as porcentagens apontam a forma simples com 36% de produtividade, a perífrase *ir* (presente) + infinitivo com 29% e a perífrase *haver de* + infinitivo com 12%. As demais variantes apresentaram resultados gerais entre 1 e 7%. Já os resultados por períodos de meio século nos mostram uma inversão no quadro de variação, uma vez que, nesse *corpus*, a partir de 1970 a forma perifrástica ultrapassa o futuro simples (cf. GIBBON, 2014, p. 184).

Quadro 7. Resultados diacrônicos de Gibbon (2014)

1850-1900: futuro simples > <i>haver de</i> + infinitivo > <i>ir</i> + infinitivo
1910-1960: futuro simples > <i>ir</i> + infinitivo > <i>haver de</i> + infinitivo
1970-2010: <i>ir</i> + infinitivo > futuro simples

Fonte: Gibbon (2014)

Gibbon (2014) identifica as seguintes funções para a perífrase *ir* + infinitivo: tempo futuro (81%), imperativo/comando (16%), discursiva (2%) e habitual (1%). A autora justifica o número relativamente alto de perífrase em ato de fala manipulativo pela natureza da amostra, uma vez que peças teatrais são ricas em contextos dialogais, como ilustra a passagem: "**Vamos levar a filha no zoológico?**" É importante essa reflexão da autora, pois coloca luz na questão dos gêneros textuais/discursivos, reforçando a relevância da temática de nossa pesquisa.

As variáveis consideradas pela autora para descrever os contextos de uso da perífrase dizem respeito a fatores de natureza semântico-pragmática, associados a tempo, aspecto e modalidade (TAM). Foram considerados: i) em relação a tempo – determinação temporal, presença de especificação temporal e ponto de referência; ii) em relação a aspecto – habitualidade da situação no futuro, duração da situação no futuro e traços de movimento/deslocamento do verbo principal; e iii) em relação à modalidade – orientada para o agente, epistêmica de mais certeza e epistêmica de menos certeza. Além disso, foi considerada

⁷⁶ Em sua tese, Gibbon (2014) analisa também dados de 96 entrevistas do Varsul/RS distribuídas pelas cidades: Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja.

a pessoa do discurso e o modo da oração vinculada ao dado de perífrase. Com esse controle criterioso, a autora buscava obter indícios que permitissem traçar o caminho percorrido pela forma perifrástica ao longo do tempo, desde sua emergência até seu espraiamento para inúmeros contextos com valores multifuncionais.

Os resultados gerais apontam que a perífrase é mais frequente nos seguintes contextos: i) de tempo determinado; ii) menos habitual e de situação mais durativa; iii) de modalidade epistêmica de mais certeza.

5.2.2 Pesquisas sincrônicas de língua escrita

Nesta subseção são consideradas pesquisas com caráter sincrônico, assim ordenadas: Santos (1997), Bragança (2008), Tesch (2011) e Vieira (2014).

Santos (1997), diante de uma perspectiva variacionista, analisa um *corpus* correspondente aos anos de 1994 e 1995. As amostras são constituídas de três exemplares do Diário do Congresso Nacional (discursos, diálogos entre Mesa do Congresso e parlamentares) e da Revista *IstoÉ* (artigos, reportagens e entrevistas), considerados pela autora como cultos, formais e representativos da modalidade escrita, embora alguns textos pudessem se aproximar da língua falada, uma vez que foram transcritos de certas situações comunicativas como, por exemplo, entrevistas. Foram consideradas as seguintes variantes: futuro simples, perífrase com *ir* (presente) + infinitivo, perífrase com *ir* (futuro) + infinitivo e o presente do indicativo.

A distribuição geral das ocorrências aponta o futuro simples como a forma verbal preferida para demarcar o futuro, com uma ocorrência de 73%, enquanto a forma perifrástica com *ir* (presente) + infinitivo apresentou uma porcentagem de 22%, a forma com *ir* (futuro) + infinitivo apresentou 3%, por sua vez, o presente do indicativo correspondeu a 1% das ocorrências. A autora atribui a alta frequência da forma de futuro simples ao fato dessa variante ser a predileta pelas pessoas que gozam de prestígio social, dada a natureza das amostras e o respectivo público leitor.

Entre os resultados probabilísticos relacionados aos condicionadores controlados, destacamos: i) paralelismo – futuro do presente levou a futuro do presente; ii) tipo de texto – o texto redigido influenciou o futuro simples, enquanto o texto transcrito influenciou a forma perifrástica; iii) a fonte do dado – a revista *IstoÉ* influenciou o futuro do presente; iv) pessoa do verbo – a primeira pessoa favoreceu a forma perifrástica, enquanto as demais pessoas privilegiaram o futuro simples.

Bragança (2008), orientada pelas perspectivas variacionista e funcionalista de vertente norte-americana, analisa⁷⁷ dados de editoriais do jornal *A Gazeta – Espírito Santo*, do ano de 2006. No seu estudo são consideradas três variantes: a forma simples, a perífrase *ir* (presente) e a perífrase *ir* (futuro).

Os resultados apontaram para a preferência pela forma verbal de futuro simples, que contabilizou uma porcentagem de 75% de frequência de uso no *corpus* investigado. Perante o fato de as perífrases *ir* (presente/futuro) + infinitivo apresentarem pouca ocorrência, a autora, reuniu tais variantes, o que resultou em 25% de frequência dessas formas.

O grupo de fatores considerados foram: perífrase com verbo modal (*poder, dever*); extensão lexical do verbo principal (uma, duas ou três sílabas); paradigma verbal (regular, irregular); conjugação verbal (1ª, 2ª ou 3ª); natureza semântica do verbo principal (estado, ação ou processo); marca de futuridade fora da morfologia verbal e paralelismo.

Salientamos como fatores favorecedores da perífrase: verbos de uma sílaba e verbos de ação/movimento; e o fato de que a perífrase já atinge contextos que são considerados mais resistentes a sua aderência – como verbos irregulares.

Tesch (2011), à semelhança de Bragança (2008), também segue uma orientação teórica variacionista e funcionalista norte-americana, observando um *corpus*⁷⁸ constituído a partir do jornal *A Gazeta – Espírito Santo*, porém considerando diferentes épocas: as décadas de 1930, 1970 e o ano de 2008.⁷⁹ O *corpus* diz respeito aos seguintes gêneros: notícia, propaganda, editorial, artigo de opinião, carta do leitor, manifesto, discurso e notas de falecimento. As variantes analisadas foram a forma verbal de futuro simples, a perífrase *ir* (presente) + infinitivo, a perífrase *ir* (futuro) + infinitivo e o presente do indicativo.

Em relação às décadas, as porcentagens de uso das variantes encontradas foram as seguintes, listados por ordem de frequência: i) na década de 1930 – futuro simples com 88%, perífrase *ir* (presente) com 7%, presente do indicativo com 4% e perífrase *ir* (futuro) com 1%; ii) na década de 1970 – futuro simples com 82%; perífrase com *ir* (presente) com 10,6%, presente do indicativo com 6,8% e perífrase com *ir* (futuro) com 0,8%; e iii) no ano de 2008 – futuro simples com 54,3%, presente do indicativo com 23,3%, perífrase com *ir* (presente) com 20% e perífrase com *ir* (futuro) com 2,4%.

⁷⁷ Bragança (2008) também analisa dados de fala do projeto PortVix.

⁷⁸ Assim como Bragança (2008), Tesch (2011) também analisa dados de língua falada do projeto PortVix.

⁷⁹ Embora Tesch (2011) considere três períodos de tempo, o que configuraria uma abordagem diacrônica, optamos, à semelhança do que fez Bragança (2008), por considerá-la junto às pesquisas sincrônicas, uma vez que as amostras são relativamente mais recentes: do século XX e XXI.

Como podemos perceber, a forma de futuro simples lidera nos três períodos, porém com queda crescente – da casa de 80% em 1930/1970 para 50% em 2008. Em contrapartida, a perífrase *ir* + presente que na primeira década apresenta 7% de uso, chega em 2008 com 20% das ocorrências. Esse movimento ascendente também é encontrado com a forma verbal de presente do indicativo. A perífrase *ir* (futuro) + infinitivo, por sua vez, mantém-se num baixíssimo patamar,

Quanto aos gêneros, nos editoriais, discursos e notas de falecimento houve somente ocorrências de futuro simples. O presente do indicativo e a forma perifrástica com *ir* (futuro) ocorreu em trechos de notícias. A autora aponta que gêneros mais formais ainda mantêm a forma simples e que a perífrase começou a ser usada em gêneros que apresentam menos formalidade, como notícias e propagandas (TESCH, 2011).

Foram selecionados como estatisticamente relevantes os seguintes grupos de fatores linguísticos: paralelismo, extensão lexical, verbo modal, marca de futuridade fora do verbo, projeção de futuridade, conjugação verbal, escala de modalidade, tipo semântico do verbo, sequência textual, tipo de sentença e gênero textual.

No que diz respeito às variáveis independentes mais significativas, destacamos que i) a forma perifrástica é favorecida por gêneros menos informais (propaganda e notícia), enquanto o futuro simples é predominante nos gêneros mais formais; ii) os verbos modais tendem a inibir a forma perifrástica; iii) a forma perifrástica é privilegiada em verbos com maior número de sílaba, em contrapartida, o futuro simples é privilegiado por verbos com o menor número de sílabas; e iv) o futuro simples é predominante em verbos de 1ª e 2ª conjugação.

A próxima pesquisa que apresentamos é a de Vieira (2014), que assume uma perspectiva pautada no sociofuncionalismo. O *corpus* de análise foi constituído pelos jornais *Diário do Nordeste*, *O Estado*, *O Povo* e *Aqui CE*, do estado do Ceará, do ano de 2014, considerando os editoriais de Política, Esporte e Entretenimento. Foram consideradas três variantes: a forma simples, a forma perifrástica *ir* (presente/futuro) e presente do indicativo. O Quadro 11 ilustra a distribuição das variantes por jornal.

Os resultados apontam a preferência pelo futuro simples, exceto no jornal *Aqui CE*, pois o presente do indicativo se mostra como uma forte concorrente da variante de prestígio (o futuro simples). A forma perifrástica com *ir* (presente/futuro) + infinitivo apresenta uma porcentagem com pouca variação, entre 12% a 16% em todos os jornais.

Quadro 8. Resultados para jornais cearenses

<i>Diário do Nordeste/ O Estado / O Povo:</i>				
futuro simples (61% / 55% / 58%)	>	presente (26% / 33% / 28%)	>	perífrase <i>ir</i> + infinitivo (13% / 12% / 14%)
<i>Aqui CE:</i>				
presente (43%)	>	futuro simples (41%)	>	perífrase <i>ir</i> + infinitivo (16%)

Fonte: Vieira (2014)

As variáveis selecionadas como significativas foram: extensão do vocábulo; marca de futuridade; polaridade; pessoa do discurso; distanciamento temporal; tipo de verbo; editora; veículo e origem (matéria; coluna). Destacamos que i) o futuro simples é favorecido pelo futuro indeterminado ou distante, verbos de estado e pela pessoa do discurso do tipo *quem fala* – plural (*nós; a gente*); ii) a perífrase é favorecida por verbo de atividade, futuro indeterminado e pela segunda pessoa do singular; iii) o presente do indicativo é favorecido por verbos *achievement*, com futuro imediato ou próximo e com verbos de uma sílaba.

5.3 Fechando o capítulo

Este capítulo apresentou uma breve resenha de pesquisas realizadas sobre a expressão o tempo futuro no PB, contemplando tanto amostras de fala como de escrita, de diferentes gêneros. Vimos que as pesquisas apontam para o desuso crescente da forma verbal de futuro simples na língua falada em geral, com algumas diferenças em relação ao nível de formalidade, e consequente aumento no uso da forma perifrástica *ir* + infinitivo nessa modalidade. Como esta dissertação analisa amostras escritas, vamos nos deter, neste fechamento, na retomada das pesquisas sobre língua escrita.

As pesquisas sobre língua escrita, em diferentes gêneros, em geral apontam a preferência pela forma verbal de futuro simples, fato que já era previsto, uma vez que os processos de mudança linguística abarcam a língua escrita em segunda instância. Dos estudos observados aqui, destacamos dois que mostram a perífrase suplantando o futuro simples em dados do século XXI: Silva (2010) e Gibbon (2014)⁸⁰.

⁸⁰ Gibbon (2014) propõe uma análise diacrônica, no entanto, a fim de acordar algumas questões acerca da variação na expressão do futuro do presente no século XXI, nos referimos apenas aos dados deste século.

Silva (2010), em relação à amostra formada a partir da revista *Pato Donald*, verificou que a perífrase é a forma verbal predileta para expressar o tempo futuro do presente, chegando, na década de 2000, a uma taxa percentual de 85% contra 15% de futuro simples. A autora justifica tal resultado pelo fato de que o gênero histórias em quadrinhos abarca boa parte da população, independente de idade, e que “é muito fácil perceber características da língua escrita, que tornam bastante artificial a fala das personagens” (SILVA, 2010, p. 67).

Gibbon (2014), por sua vez, analisa o gênero peças teatrais, e diante de obras do século XXI, em específico, constatou que a perífrase, chegou a 80% em relação à forma verbal de futuro simples. Saliente-se que a escolha da autora pelo gênero estava ancorada na vontade de buscar textos que supostamente retratem, tanto quanto possível, os padrões da língua falada. Dessa forma, o texto escrito selecionado pode ter buscado reproduzir a fala espontânea e menos monitorada, o que resultou na porcentagem majoritária da perífrase.

De fato, aqui estamos focando num recorte de tempo específico dessas pesquisas, o início do século XXI, e em gêneros considerados mais próximos da sua natureza dialogal. No entanto, é preciso considerar também que outras pesquisas que observaram a expressão do futuro do presente nesse mesmo período de tempo, porém em textos jornalísticos, não reiteram esse resultado (BRAGANÇA, 2008; TESCH, 2011; VIEIRA, 2014). O que nos parece condicionar a preferência pela perífrase em um dado *corpus* escrito datado do século XXI em especial, é, justamente, o gênero.

Observe-se que Silva (2010) também analisa romances brasileiros (do século XVIII ao XX) e, nessa amostra, seus resultados gerais, considerando apenas as duas formas verbais de futuro simples e a perífrase *ir* + infinitivo, apontam um cenário de igualdade na disputa pela expressão do futuro do presente. Porém, ao considerar o século XX separadamente, a autora encontra cerca de 65% de perífrase e 35% de futuro simples. A autora busca explicar esse resultado, lançando mão do gênero: “as narrativas, de um modo geral, se dão com mais frequência no passado ou o presente, *as situações de futuro tendem a ocorrer nas falas dos personagens*, quando ocorrem” (SILVA, 2010, p. 147, grifo nosso).

No que diz respeito aos séculos XX e, especialmente, o XXI, os gêneros que se mostraram mais receptivos à forma perifrástica estavam, de algum modo, retratando a modalidade da língua falada ou tentando expressar situações menos monitoradas que, de forma geral, são características de gêneros mais informais dessa modalidade. Por outro lado, a pesquisa de Sarate (2019) analisando a produtividade da perífrase em artigos acadêmicos mostra um cenário de variação ainda pouco expressivo: a forma simples ocorreu 86%, enquanto a forma perifrástica, 14%. Salientamos ainda que os resultados de Sarate (2019) revelam a

perífrase *ir* (futuro) + Inf como mais recorrente (60%) que *ir* (presente) + Inf (40%), um resultado que não se repetiu em nenhum dos trabalhos reportados em 5.2. Voltamos a essa discussão na terceira parte desta pesquisa.

Os gêneros possuem uma *constelação de características* que podem ser vistas como um estilo de discurso orientado para a produção e recepção de tipos particulares de textos. Por sua vez, o texto é como trecho de discurso *limitado*, formalmente organizado e internamente coeso (BAUMAN, 2001). Segundo Bragança (2017): “a expressividade dos recursos linguísticos variáveis decorre da expressividade dos gêneros” (BRAGANÇA, 2017, p. 547).

Para concluir, retomamos os aspectos apresentados que julgamos mais relevantes acerca dos estudos sobre o futuro do presente no PB: (i) a forma perifrástica encontra-se em um processo de mudança linguística praticamente concluído na fala, fato atestado com uma regularidade de resultados nos trabalhos reportados; (ii) a dimensão escrita da língua ainda confere espaço restrito à forma perifrástica e seu uso decorre, principalmente, do gênero; (iii) ainda que o gênero desempenhe um papel importante, todos os trabalhos documentam a forma perifrástica a partir do século XVIII (mas já com embriões em períodos anteriores), fato que comprova que essa variante já está na disputa por seu espaço também na língua escrita.

Fechamos esta seção com um quadro-síntese dos resultados em termos de distribuição das formas variantes encontradas nas pesquisas realizadas com a língua escrita, já que esta é a modalidade que nos interessa mais diretamente nesta dissertação. Consideramos, nos estudos diacrônicos, apenas a distribuição das formas por preferência de uso, sem sinalizar os percentuais, de modo a visualizar o movimento da perífrase ao longo do tempo nas diferentes amostras analisadas, constituídas por textos de diferentes gêneros. Já nos estudos sincrônicos, indicamos também a frequência de uso de cada forma verbal, de modo a facilitar a comparação com os resultados que obteremos em nossa análise de dissertações de mestrado.

Quadro 9. Síntese dos resultados de pesquisas com a língua escrita

Pesquisas DIACRÔNICAS
Documentos oficiais, cartas e editorias de jornais (OLIVEIRA, 2006): Século XVIII: futuro simples > <i>haver de</i> + Inf > presente / <i>ir</i> + Inf Século XIX: futuro simples > <i>haver de</i> + Inf / <i>ir</i> + Inf > presente Século XX: futuro simples > <i>ir</i> + Inf > presente > <i>haver de</i> + Inf
Peças teatrais de autores brasileiros (POPLACK; MALVAR, 2008) Século XVIII: futuro simples > <i>haver de</i> + Inf > presente > <i>ir</i> + Inf Século XIX: futuro simples > <i>haver de</i> + Inf > <i>ir</i> + Inf / presente Século XX: <i>ir</i> + Inf > presente > <i>haver de</i> + Inf > futuro simples

<p>Romances (SILVA, 2010):</p> <p>Século XVIII: futuro simples > <i>haver de</i> + Inf Século XIX: futuro simples > <i>haver de</i> + Inf > ir + Inf / presente Século XX: ir + Inf > futuro simples > presente > <i>haver de</i> + Inf</p>
<p>Obras literárias – romances, contos e textos publicados em jornal (STROGENSKI, 2010).</p> <p>1850-1900: futuro simples > <i>haver de</i> + Inf > presente > ir + Inf 1901-1950: futuro simples / ir + Inf > presente > <i>haver de</i> + Inf 1951-2006: futuro simples / ir + Inf > presente > <i>haver de</i> + Inf</p>
<p>Peças teatrais de autores gaúchos (GIBBON, 2014)</p> <p>1850-1900: futuro simples > <i>haver de</i> + Inf > ir + Inf 1910-1960: futuro simples > ir + Inf > <i>haver de</i> + Inf 1970-2010: ir + Inf > futuro simples</p>
<p>Pesquisas SINCRÔNICAS (cont.)</p>
<p>Textos do Diário do Congresso Nacional e da Revista <i>IstoÉ</i> (SANTOS, 1997) Período: 1994 e 1995.</p> <p>futuro simples > perífrase ir (presente) + Inf > perífrase <i>ir</i> (futuro) + Inf > presente (73%) (22%) (3%) (1%)</p>
<p>Jornal <i>A Gazeta</i> – Espírito Santo. Gênero: editoriais (BRAGANÇA, 2008) Período: 2006</p> <p>futuro simples > perífrase ir (presente/futuro) + Inf (75%) (25%)</p> <p>Obs.: Não foi considerada a forma de presente.</p>
<p>Jornal <i>A Gazeta</i> – Espírito Santo. Gêneros: notícia, propaganda, editorial, artigo de opinião, carta do leitor, manifesto, discurso e notas de falecimento (TESCH, 2011) Períodos: 1930, 1970 e 2008</p> <p>1930: futuro simples > perífrase ir (presente) + Inf > presente > <i>ir</i> (futuro) + Inf (88%) (7%) (4%) (1%) 1970: futuro simples > perífrase ir (presente) + Inf > presente > <i>ir</i> (futuro) + Inf (82%) (10,6%) (6,8%) (0,8%) 2008: futuro simples > presente > perífrase ir (presente) + Inf > <i>ir</i> (futuro) + Inf (54,3%) (23,3%) (20%) (2,4%)</p>
<p>Jornais <i>Diário do Nordeste</i>, <i>O Estado</i>, <i>O Povo</i> e <i>Aqui CE</i>. Gênero: editoriais de Política, Esporte e Entretenimento (VIEIRA, 2014) Período: 2014</p> <p><i>Diário do Nordeste</i>: futuro simples > presente > perífrase ir + Inf (61%) (26%) (13%) <i>O Estado</i>: futuro simples > presente > perífrase ir + Inf (55%) (33%) (28%) <i>O Povo</i>: futuro simples > presente > perífrase ir + Inf (58%) (28%) (14%) <i>Aqui CE</i>: presente > futuro simples > perífrase ir + Inf (43%) (41%) (16%)</p>

Fonte: Elaboração própria.

Considerando, no Quadro 12, apenas o século XX das *pesquisas diacrônicas*, nota-se que: (i) a forma verbal de futuro simples predomina em documentos oficiais, cartas e editoriais de jornais (OLIVEIRA, 2006) e em romances, contos e textos publicados em jornais (STROGENSKI, 2010); (ii) a forma perifrástica mostra-se a preferencial em peças teatrais de autores brasileiros (POPLACK; MALVAR, 2008), em romances (SILVA, 2010) e em peças teatrais de autores gaúchos apenas na segunda metade do século XX e início do século XXI (GIBBON, 2014). Podemos perceber que a forma *ir* + infinitivo é a mais recorrente em gêneros textuais/discursivos que se aproximam da modalidade oral, no caso, as peças teatrais. Em relação aos romances, a inconsistência dos resultados (com predomínio ora da forma simples, ora da forma perifrástica) provavelmente se deva ao fato de que o trabalho de Strogenski agrega também contos e textos literários publicados em jornais, ou seja, existe um diferencial nas amostras analisadas por essa autora e por Silva.

Olhando agora para os resultados das *pesquisas sincrônicas*, vemos que é a forma verbal de futuro do presente simples que predomina largamente sobre a forma perifrástica nas amostras analisadas entre 1930 e 2014, compostas por documentos oficiais, textos de revista e de vários gêneros jornalísticos. Nessas amostras, o percentual de formas verbais sintéticas oscila entre, de um lado, 88% e 82% (décadas de 1930 e 1970) e, de outro, 43% (década de 2010), ao passo que o percentual de perífrases se situa entre 8% e 28%, considerando-se que as formas verbais de presente também foram computadas em alguns dos estudos.

Em relação à esfera acadêmica, tanto o artigo acadêmico a quanto a dissertação de mestrado são gêneros considerados relativamente complexos (tendo em vista seu caráter científico e a esfera social de circulação), que impõem restrições, dentre as quais o fato de essas práticas de escrita demandarem formalidade, domínio da variedade padrão⁸¹ e apropriação de usos linguísticos específicos de cada (sub)esfera (cf. Capítulo 6, adiante). No entanto, apesar de quantitativamente os resultados de Sarate (2019) e Simioni et al. (2020) serem pouco expressivos, mostram que a forma perifrástica (tanto com *ir* (presente) + Inf como com *ir* (futuro) + Inf) já iniciou seu processo de inserção na escrita acadêmica e, pelo que observamos numa análise preliminar de nossos dados, também se faz presente em dissertações de mestrado – *o que nos leva a problematizar se tais gêneros estariam flexibilizando seu caráter de formalidade, ou se a perífrase estaria ganhando traços de formalidade.*

⁸¹ Usamos o termo *variedade padrão* como equivalente a *norma culta* e distinto de *norma padrão* (FARACO, 2008), remetendo ao uso da língua por indivíduos letrados, normalmente em situações mais monitoradas. É a variedade linguística de maior prestígio.

Diante desse cenário e do fenômeno linguístico que nos propomos a analisar, consideramos que o papel do gênero é fundamental na escolha da forma selecionada para expressar o futuro do presente, principalmente na língua escrita: “a frequência de uso das formas de um fenômeno variável deve ser vista, quanto à prospecção dos rumos do fenômeno em termos do que ela representa especificamente no âmbito do contexto de uso (/gênero) analisado” (BRAGANÇA, 2017, p. 129-130). O capítulo a seguir é dedicado a *gêneros discursivos*.

6 GÊNERO TEXTUAL/DISCURSIVO⁸²

O gênero discursivo *dissertação de mestrado* é pertencente à *esfera acadêmica* e pode ser definido como um gênero complexo – como discutiremos a seguir. Conforme apontamos no Capítulo 8 (adiante), o gênero é o ponto de partida das nossas hipóteses, sendo necessário um maior aprofundamento sobre o conceito de *gênero do discurso*, mas também sobre outras concepções que estão imbricadas no gênero *dissertação de mestrado*. Neste capítulo, tratamos essas questões em três seções: i) O gênero dissertações de mestrado e a esfera acadêmica; ii) Gênero discursivo e estilo; e iii) Gênero, estilo, variação e multifuncionalidade.

6.1 O gênero dissertação de mestrado e a esfera acadêmica

Esta seção dedica espaço para discutir o conceito de *gênero discursivo* e suas dimensões constitutivas – difundido pelos Escritos do Círculo de Bakhtin (ECB) –, dando foco à *esfera acadêmica*. Nosso intuito é partir de uma ampla abordagem sobre gênero e afunilar o olhar, já que esta dissertação se limita ao gênero discursivo *dissertação de mestrado*. Para a discussão acionamos autores como Bakhtin (2011 [1952]), Muniz-Oliveira e Barricelli (2009), Oliveira e Acosta Pereira (2019), Faraco (2009), entre outros.

De acordo com os ECB, “os gêneros discursivos refletem de modo mais imediato, preciso e flexível todas as mudanças que transcorrem na vida social. Portanto, não há modo de dissociar gêneros do discurso da vida real” (OLIVEIRA; ACOSTA PEREIRA, 2019, p. 15-16). Como nossa realidade é mutável e comporta múltiplas *esferas* de atividade humana que são relacionadas com o uso da língua, novas práticas sociais resultam no surgimento de novos gêneros. E como as esferas são socialmente organizadas, “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2003 [1979], apud OLIVEIRA; ACOSTA PEREIRA, 2019, p. 15).

⁸² Lembramos, como já mencionado em nota na Introdução da I Parte I, que usamos o termo “gênero textual/discursivos”, seguindo a proposta de Biazolli e Berlinck (2021) que contempla os gêneros como práticas sociais e textual-discursivas. O termo “gênero discursivo” é mantido, porém, quando estivermos nos reportando a estudos que fazem uso do termo. Não estamos fazendo distinção, portanto, entre os termos.

Os gêneros do discurso são, portanto, tipos relativamente estáveis de enunciados⁸³ – orais e escritos⁸⁴ –, cujas dimensões constitutivas são o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. Sendo assim, o tema do enunciado (*conteúdo temático*), os recursos linguísticos selecionados (*estilo*) e a organização do enunciado (*construção composicional*) são aspectos interligados que integram cada gênero e dos quais cada gênero depende para manter sua relativa estabilidade.⁸⁵

Diz-se que os gêneros são *tipos relativamente estáveis de enunciados* porque, ao lado de regularidades, também apresentam especificidades:

[o]s gêneros [...] comportam regularidades e singularidades, usos sociais e históricos, que servem de baliza para o dizer social, mas também usos evênticos, novidades, devido tanto a particularidades de cada uma das interações sociais, quanto à agentividade dos sujeitos, ao assumirem uma posição, quando tomam a palavra; e, desse modo, a noção de que os gêneros são formas típicas e normativas não contradiz a noção de que toda enunciação é singular, única e irrepetível, uma vez que a relativa estabilidade dos gêneros é conquistada (e não dada abstratamente) a cada uso particular. (LACERDA; GÖRSKI, 2022, p. 14; grifos no original)

O *conteúdo temático* corresponde aos *temas típicos* que se estabelecem no interior de cada esfera da atividade humana. Referente à *esfera acadêmica*, os *conteúdos temáticos* são, *grosso modo*, de conhecimentos científicos e abrangem diferentes áreas, cujos interesses específicos se refletem, obviamente, no conteúdo temático abordado. A área de Linguística centra-se no estudo das línguas naturais – oral, escrita e sinalizada; a área de Matemática volta seus interesses a modelos matemáticos e cálculos; enquanto a área do Direito investiga questões pertinentes à dimensão jurídica. É válido salientar que, em geral, cada área possui ramificações que são assumidas como *áreas de concentração*, as quais, por sua vez, podem envolver diferentes *linhas de pesquisas*.

Os gêneros podem ser classificados como primários (simples) e secundários (complexos). Os gêneros secundários, interesse desta pesquisa, emergem “[de] condições de um convívio

⁸³ Ao visitar os ECB, Bragança (2017, p. 380) afirma que “enunciado e enunciação são termos alternativos para designar a unidade concreta e real da comunicação, um todo de sentido e que se constitui de duas dimensões: uma verbal e outra social”. Partilhamos da mesma compreensão que a autora.

⁸⁴ Alguns gêneros são situados num dos polos do *continuum* de modalidade fala–escrita, como é o caso do gênero *dissertação de mestrado*, entretanto, outros gêneros podem ser híbridos como, por exemplo, histórias em quadrinhos, que, apesar de ser um gênero discursivo escrito, seu enunciado tende a retratar a fala cotidiana.

⁸⁵ Nesta seção, além da caracterização geral do gênero, tratamos do conteúdo temático e da construção composicional do gênero dissertação de mestrado. A Seção 6.2 é reservada a estilo.

cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico etc.” (BAKTHIN, 2011 [1952], p. 263).

Os gêneros secundários são, *grosso modo*, considerados mais “padronizados” (BAKTHIN, 2011 [1952], p. 265), e propiciam condições menos favoráveis para a expressão da subjetividade individual; é o caso dos *gêneros da esfera acadêmica*, dentre os quais podemos citar o artigo científico, o seminário, a monografia, a dissertação de mestrado e a tese de doutorado, por exemplo. As esferas da atividade humana (e especificamente a esfera acadêmica) e os gêneros do discurso (e especificamente a dissertação de mestrado) são mutuamente constitutivos, pois “o que é dito (o todo do enunciado) está sempre relacionado ao tipo de atividade em que os participantes estão envolvidos” (FARACO, 2009, p. 126).

Para Oliveira e Acosta Pereira (2019), os gêneros do discurso são formas fluidas que organizam o nosso discurso, “são referenciais enunciativo-discursivos que orientam as práticas de escrita nas diferentes situações de interação no interior da esfera acadêmica” (p. 18), retratando, portanto, condições específicas de cada esfera. Os gêneros “se ressignificam à medida que as condições dessas esferas também mudam” (p. 31). As instâncias constitutivas do gênero “estão indissoluvelmente ligadas no todo do enunciado e são igualmente determinadas pela especificidade da esfera. *Por isso, ao escrever artigos acadêmicos, resenhas, dissertações de mestrado e teses de doutorado seguimos uma relativa estabilização*” (OLIVEIRA, ACOSTA PEREIRA, 2019, p. 17, grifo nosso).

Muniz-Oliveira e Barricelli (2009) apresentam um modelo didático para a elaboração do gênero *dissertação de mestrado*. Para tanto as autoras analisam sete dissertações da *área de linguagem e educação* e fazem um levantamento das características linguístico-discursivas do gênero. Os resultados encontrados apontam:

- (i) a forma de primeira pessoa do plural é a mais usada (*nós*), seguida pela forma impessoal (*espera-se*), a primeira pessoal do singular (*eu*) é usada em alguns tipos de pesquisas, como em estudos de casos;
- (ii) os destinatários do texto *dissertações de mestrado* são os professores da banca examinadora (qualificação e defesa final), outros professores e pesquisadores interessados no tema e estudantes de graduação;
- (iii) o gênero circula na esfera acadêmica, ou seja, em universidades e centros de pesquisas, podendo a dissertação ser disponibilizada tanto em meio impresso quanto

digital, porém o mais comum é o meio digital – seja pelo site da universidade ou por agências de pesquisa como a CAPES⁸⁶;

- (iv) o texto é organizado, predominantemente, em discurso teórico e iterativo, com sequências argumentativas, explicativas e descritivas. As sequências argumentativas e explicativas se concentram mais no capítulo de pressupostos teóricos. As sequências descritivas são evidentes no capítulo de metodologia;
- (v) as formas de retomar os referentes citados no texto dão-se a partir do uso de pronomes pessoais (*ele*), *sintagmas nominais* (*o estudioso*) e *anáforas e catáforas* (*essa reflexão, reflexão seguinte*);
- (vi) quanto à coesão verbal é predominante o uso do *presente* e *algum uso dos tempos do pretérito e do futuro*;
- (vii) há uso de conjunções responsáveis por estabelecer diversas relações de sentido (contrariedade, consequência, causa, finalidade etc.), e uso de dêiticos sinalizados (*no próximo capítulo, na última seção*);
- (viii) há uso do discurso direto e indireto, de modalizações em discurso segundo, de aspas e itálico ao introduzir outras vozes no discurso;
- (ix) em relação à forma de o autor se posicionar, é predominante o uso de *modalizações deônticas*, que consistem em uma avaliação de alguns elementos do conteúdo temático, apoiada nos valores, nas opiniões e nas regras constitutivas da sociedade. Os elementos do conteúdo temático são apresentados como sendo do domínio do direito da obrigação social ou da conformidade com as normas em uso;
- (x) nas partes separadas por capítulos, há ocorrência de um parágrafo introdutório e um parágrafo conclusivo em cada seção, e a divisão dos capítulos se dá em seção e subseção (MUNIZ-OLIVEIRA, BARRICELLI, 2009, com adaptações).

Em relação ao item (vii), o que as autoras chamam de “dêiticos sinalizados” envolve o que vamos considerar como pistas metadiscursivas. No texto acadêmico, alguns contextos de caráter metadiscursivo – notadamente aqueles que remetem a momentos/partes do texto em que certos tópicos serão abordados – apresentam formas verbais de tempo futuro. Em termos gerais, “[m]etadiscorso refere-se a aspectos de um texto que organizam explicitamente o discurso, envolvem o público e sinalizam a atitude do escritor”, e seu papel é “estabelecer e manter contato entre o escritor e o leitor e entre o escritor e a mensagem”, o que “o torna um conceito

⁸⁶ A *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* (CAPES) é uma organização ligada ao Ministério da Educação do Brasil e possui um site onde disponibiliza teses e dissertações de diferentes áreas do conhecimento <<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaPeriodicoForm.jsp>>

pragmático central”⁸⁷. (HYLAND, 1998, p. 437). O metadiscorso tem caráter interpessoal, com propriedade “interativa” – que corresponde aos recursos utilizados pelo escritor para organizar seu texto (considerando as expectativas do leitor) – e “interacional” – que equivale às formas como o escritor comenta seu texto, expressando seu ponto de vista e buscando envolver o leitor (HYLAND, 2005).

Podemos considerar que o *metadiscorso* é uma das características do gênero *dissertação de mestrado* e que a remissão a momentos/partes posteriores do texto é um dos recursos metadiscursivos usados, expresso por pistas linguísticas tais como “neste trabalho”, “no capítulo seguinte”, “posteriormente”, “adiante”, acompanhadas de formas verbais com referência temporal futura. A função metadiscursiva é acionada para orientar o leitor no sentido de descrever passos metodológicos, as próximas partes do texto e/ou decisões tomadas pelo(a) autor(a), seja anunciando em que parte posterior do texto o tópico *x* será abordado (numa projeção espaço-temporal em que o espaço diz respeito à dimensão textual), seja de forma explícita ou implícita, com ocorrência de elipse. Entre as formas verbais que podem ser acionadas para marcar o metadiscorso está o tempo verbal futuro, com as formas sintética e analítica, conforme selecionado para este trabalho.

Muniz-Oliveira e Barricelli (2009) propõem um quadro onde apresentam as partes integrantes do gênero *dissertação de mestrado*. Em consonância com a definição de gênero do discurso, decidimos tratar esse quadro como *características relativamente estáveis* do gênero em foco.

O Quadro 10 apresenta características que precisam ser modalizadas, uma vez que foram analisadas, pelas autoras, somente dissertações da área de linguagem e educação. Nossos resultados (cf. Capítulo 8, adiante) mostram que cada área apresenta características próprias, portanto, esse modelo de *organização composicional* só se sustenta se for encarado como passível de ajuste em cada área do conhecimento. Sendo assim, apesar de ser um gênero secundário – portanto, mais padronizado (BAKHTIN, 2011 [1952]) –, o gênero *dissertação de mestrado*, em certa medida, é *plástico e flexível*, ou seja, relativamente estável, passível de ajuste e de atualização a depender, especificamente neste contexto, da subesfera.

⁸⁷ No original: “Metadiscourse refers to aspects of a text which explicitly organise the discourse, engage the audience and signal the writer's attitude. [...] establishing and maintaining contact between the writer and the reader and between the writer and the message [...] makes it a central pragmatic concept.”

Quadro 10. Características relativamente estáveis do gênero dissertação de mestrado

Partes ou capítulos	Objetivo
Capa: autor e título	Indicar o autor, título da obra, universidade e programa em que a pesquisa se insere, assim como o ano.
Catálogo	Descrever a referência bibliográfica da dissertação de mestrado, estabelecendo as informações bibliográficas adequadas para identificar a obra.
Resumo/abstract	Apresentar, em poucas palavras, a pesquisa realizada, seus fundamentos teóricos/metodológicos e os resultados da análise.
Epígrafe	Resumir ou introduzir um tema a partir de uma frase curta que constitui a escrita introdutória de outra por estar relacionada ao assunto do texto.
Agradecimentos	Agradecer as pessoas pela contribuição dada à produção do trabalho.
Sumário ou índice	Indicar as partes dos capítulos e seções dos temas a serem tratados no texto com a devida paginação.
Lista de quadros/figuras/esquemas	Listar os quadros com a devida numeração, título e página.
Introdução: contexto de pesquisa	Apresentar o contexto a partir do qual originou a pesquisa, assim como a problemática na qual a pesquisa se insere e o seu objetivo.
Capítulo de fundamentação teórica	Discutir os fundamentos teóricos que embasam a pesquisa.
Capítulo de metodologia	Apresentar os procedimentos utilizados na realização da pesquisa, como os de coleta, os de análise, assim como o objeto da pesquisa.
Capítulo de interpretação de dados	Discutir os resultados obtidos com as análises realizadas.
Considerações finais	Fazer uma reflexão sobre os resultados das análises, colocando em evidência as descobertas, e, em alguns casos, projetar futuras pesquisas e/ou desdobramentos da pesquisa.
Referências bibliográficas	Relacionar os autores e obras citadas no texto com as devidas referências, baseadas, geralmente, em normas da ABNT ⁸⁸ ou da universidade onde a pesquisa se insere.
Anexos	Apresentar textos para consulta do leitor que fizeram parte, de alguma forma, da análise dos dados.

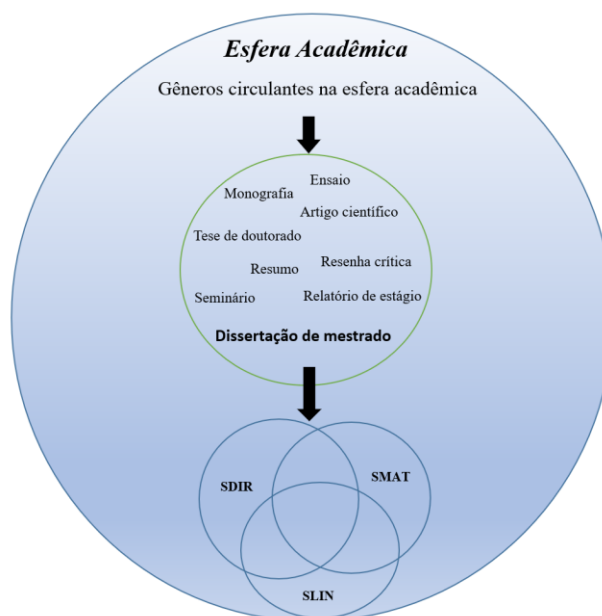
Fonte: Muniz-Oliveira, Barricelli (2009, p. 90).

Considerando o objeto de interesse desta dissertação, podemos interpretar a esfera acadêmica como uma grande esfera, que abarca vários gêneros e que apresenta especificações no gênero *dissertação de mestrado* a depender da área de trabalho do pesquisador. Sendo assim,

⁸⁸ A Associação Brasileira de Normas Técnicas é responsável por definir normas e regras de formatação de trabalhos acadêmicos.

estamos tratando de *três subesferas diferentes*⁸⁹ – a subesfera da Linguística (SLIN), a subesfera da Matemática (SMAT) e a subesfera do Direito (SDIR) – que possuem muitas características em comum, por fazerem uso de um mesmo gênero discursivo na esfera acadêmica, mas que também se particularizam pelas especificidades de cada área. Nesse sentido, o processo de textualização constitutivo do gênero em cada subesfera apresenta especificidades, uma vez que decorre de demandas interacionais particulares: em cada área não só se está aprendendo os modos sociais de fazer mas também os modos sociais de dizer (FARACO, 2009). A Figura 5 busca representar a noção de multiníveis que caracteriza essa configuração de esfera/gêneros/áreas.

Figura 5. Representação superordenada das áreas LIN, DIR e MAT do gênero dissertação de mestrado na esfera acadêmica



Fonte: elaboração própria

A Figura 5 apresenta a esfera acadêmica e alguns gêneros que circulam nesse meio, entre eles, o gênero que nos interessa aqui. Alertamos que essa figura é meramente ilustrativa e que, sem dúvidas, outros gêneros são acionados nessa esfera. No que se refere ao *gênero dissertação de mestrado*, a figura mostra, sob o escopo desse gênero, a delimitação das três *subesferas* selecionadas⁹⁰. A intersecção das *subesferas* mostra que as áreas compartilham *características estáveis* do gênero, mas também apresentam suas próprias especificidades.

⁸⁹ Os termos *subesfera* e *área de conhecimento* serão adotados como alternantes ao longo desta dissertação.

⁹⁰ A justificativa para a escolha das três *subesferas* se encontra no Capítulo 7, adiante.

Salientamos ainda que essas *subesferas* podem estar em consonância com outras esferas⁹¹, como é o caso da *subesfera* do Direito.

Na esfera acadêmica, a *subesfera* do Direito está naturalmente associada à esfera jurídica⁹², mas não se confunde com esta, tanto que encontramos frequentemente o termo “esfera acadêmico-jurídica”. Cerutti-Rizzatti e Lesnhak (2014) mostram que a esfera jurídica impõe fortes restrições nos usos da escrita, o que configura um ambiente de rápida apropriação de termos concernentes ao meio da jurisdição por parte dos graduandos.

[n]o Direito, isso parece ser significativamente mais expressivo dada a natureza propositadamente erudita das formas de dizer da esfera, na qual *preciosismos tendem a ser altamente valorados*, em usos da língua que primam pela sinalização de erudição, do que a manutenção de latinismos é apenas um exemplo (CERUTTI-RIZZATI, LESNHAK, 2014, p. 212, grifo nosso).

A utilização de um registro mais formal é uma exigência na esfera acadêmica, sobretudo nos gêneros escritos, de modo que não é difícil inferir que as *dissertações de mestrado* passem por, no mínimo, duas revisões (do orientando e do orientador) e tenham um alto teor de cuidado com a escrita por parte do pesquisador; nesse sentido, é possível presumir que a escolha lexical e de recursos gramaticais esteja mais afeita à *formalidade*. No entanto, ao delimitarmos a análise de uma variante inovadora – a forma perifrástica *ir* presente/futuro + infinitivo – ainda pouco documentada na escrita (cf. Capítulo 5), percebemos que o seu uso pode estar associado ao *estilo do gênero*.

Em relação a essa temática, mencionamos, a seguir, dois trabalhos que julgamos relevantes para nossa pesquisa, pois chamam a atenção para possíveis equívocos ao se fazer generalizações considerando um dado gênero discursivo. No caso, mesmo compartilhando um mesmo gênero – artigo acadêmico –, os diferentes campos do saber mostraram diferenças em seu estilo de escrita.

No texto “The Research article: Stylistic variation across disciplines and change over time”, Melissourgou, Maruster e Frantzi (2019), usando método da linguística de *corpus*, investigam artigos acadêmicos das áreas de Filosofia, Economia e Medicina, dos últimos cinquenta anos, com foco na informalidade. Os resultados apontam que: há diferenças no estilo

⁹¹ Para Faraco (2009, p. 52) as esferas devem ser interpretadas “como vivendo na intersecção de múltiplas fronteiras”.

⁹² Ainda que a (*sub*)esfera do Direito tenha uma relação mútua com a *esfera jurídica*, é válido lembrar que a *dissertação de mestrado*, em geral, é um gênero que circula predominantemente na esfera acadêmica e que os *enunciados* se relacionam com as finalidades de cada esfera de atividade.

de escrita entre as disciplinas; a informalidade não vem aumentando como um todo, mas o movimento de mudança é dependente da disciplina e se dá de forma interessante – as disciplinas que usavam mais traços formais no passado (como a Medicina) estão agora usando um estilo mais relaxado, ao passo que as disciplinas que tradicionalmente usavam mais traços informais (como a Filosofia) estão agora abandonando esses traços em sua escrita. Nesse sentido, as diferentes disciplinas tendem a se aproximar de uma posição intermediária no *continuum* de formalidade.

Nessa mesma direção, Hyland e Jiang (2017), em seu artigo “Is academic writing becoming more informal?”, respondem à indagação do título com “depende”. Os autores, analisando quatro disciplinas, mostram que houve pouco aumento de traços informais ao longo dos anos e que, curiosamente, isso se verifica mais nas ciências *hard* do que nas ciências sociais, sendo tais traços associados a pronomes de primeira pessoa e sentenças começando com conjunção, entre outros. Os autores argumentam que esses resultados representam mudanças nas convenções retóricas, que apontam para acomodação de interações interpessoais, e que são dependentes da disciplina.

Ao comparar rapidamente o sumário das dissertações das diferentes áreas que compõem nosso *corpus*, percebemos aspectos diferenciados como, por exemplo, a parte de Metodologia, que não se fez presente nas áreas de Matemática e do Direito. Apontamos ainda que a área de Matemática é mais demonstrativa, enquanto as áreas de Linguística e Direito são mais descritivas e expositivo-argumentativas (cf. Capítulo 8, adiante), características que estão atreladas ao próprio objeto de estudo científico. Nesse sentido, é pertinente considerar, além do estilo característico da esfera acadêmica, especialmente do gênero dissertação de mestrado, também a área (ou subesfera) da dissertação (LIN, MAT, DIR), bem como o estilo individual do autor.

6.2 Gênero discursivo e estilo

Os ECB colocam o *estilo* numa posição bastante privilegiada, já que o elegem (ao lado do conteúdo temático e da construção composicional) como um dos princípios constitutivos dos gêneros discursivos: “Todo estilo está indissolavelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2011 [1952], p. 265). Ainda que o estilo possa ser definido como “seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e

gramaticais da língua” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 261) ele não se limita apenas a isso, outras questões estão em jogo na perspectiva bakhtiniana.

Para Brait (2008), o *estilo* não se inscreve exclusivamente na individualidade do sujeito, como comumente é considerado, mas na língua e nos seus usos históricos, o que põe em destaque o *ângulo dialógico*⁹³ para compreensão da estilística, pois “o [dialogismo] não pode ser estabelecido por meio de critérios genuinamente linguísticos, porque as relações dialógicas pertencem ao campo do *discurso*” (p. 81, grifo no original). Ainda segundo essa autora, o conceito de estilo na perspectiva bakhtiniana “não pode separar-se da ideia de que se olha um enunciado, um gênero, um texto, um discurso, como participante, ao mesmo tempo, de uma história, de uma cultura e, também, da *autenticidade de um acontecimento, de um evento*” (p. 96; grifo nosso). Assim, o *estilo* possui uma relação orgânica com o gênero, o que se reflete em *estilos de linguagem*, e cada esfera de atividade humana possui *estilos de gêneros* específicos: “cada esfera conhece gêneros apropriados a suas especificidades. A esses gêneros correspondem determinados estilos” (p. 89).

As dimensões constitutivas do gênero – conteúdo temático, estilo e construção composicional – funcionam de modo imbricado, de forma que “os sujeitos, então, centrados no objeto a que se reportam, na enunciação, a partir dos sentidos que desejam construir, delimitam tanto o aspecto semântico da enunciação, quanto o seu *acabamento estilístico-composicional*” (LACERDA, GÖRSKI, 2022, p. 13; grifo no original). Para Bragança (2017) os aspectos que estipulam a configuração estilístico-composicional de uma enunciação são:

- i. Em primeiro lugar, *as esferas sociais e suas condições típicas de enunciação*, porque são elas que orientam, por meio de suas finalidades sócio-ideológicas, as condições do intercâmbio comunicativo e o modo de orientação para a realidade: as dimensões estilístico-composicional conferem, então, enformação e acabamento a esses aspectos. Além disso, a tradição sociocultural em que se insere um determinado gênero promove também uma convivência dialógica entre ele e os demais gêneros do mesmo campo; isso faz com os gêneros de uma dada esfera sejam, quanto à dimensão estilístico-composicional, plenos de ecos e ressonâncias uns dos outros. Caso ocorram mudanças estilísticas, por exemplo, em um determinado gênero de uma dada esfera, outros gêneros dessa mesma esfera também podem receber novas expressões.
- ii. Em segundo lugar, *o aspecto temático típico de cada gênero*, porque o “estilo é indissolúvel de determinadas unidades temáticas” (BAKHTIN, 2011

⁹³ Para Brait (2008, p. 80) o dialogismo pode ser compreendido como um elemento constitutivo da linguagem que possibilita a produção e a compreensão de sentidos, assim é “[a] fronteira em que eu/outro se interdefinem, se interpenetram, sem se fundirem ou se confundirem”.

[1952-53], p. 266) – essas, portanto, implicam uma determinada estrutura composicional e a escolha de determinados recursos linguísticos;

iii. Em terceiro lugar, *o auditório típico de cada gênero*, porque os diferentes tipos de relação entre os locutores implicados nos gêneros (falante/autor – ouvinte/leitor) também determinam a estrutura da enunciação. Assim, “sem levar em conta a relação do falante com o outro e seus enunciados (presentes e antecipáveis), é impossível compreender o gênero ou o estilo do discurso” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 304);

iv. Em quarto lugar, *os enunciados (sobre o mesmo objeto de discurso ou não) com quais se entra em relação dialógica*, porque a consideração (analítica) de discursos alheios (já-ditos ou pré-figurados), por meio, por exemplo, do discurso relatado direto, do discurso relatado indireto e da construção híbrida, justamente indícios de relações dialógicas, impactam diretamente a estrutura estilístico-composicional da enunciação. [...];

v. Em quinto lugar, *o aspecto expressivo de cada gênero, pressupondo uma atitude valorativa do indivíduo quanto (a) ao objeto de discurso, (b) ao auditório, (c) aos enunciados precedentes sobre o mesmo objeto, (d) às respostas que projeta receber dos destinatários. [...] Desse modo, quanto mais padronizada e estereotipada for a estrutura estilístico-composicional do gênero, menor é o matiz expressivo permitido; em outros termos, menor é a possibilidade de manifestação da expressão individual no enformamento e acabamento do gênero* (BRAGANÇA, 2017, p. 445 -447, com adaptações).

Na esfera acadêmica os gêneros escritos, *grosso modo*, são mais padronizados e são elaborados com mais cuidado e atenção às questões de formalidade da língua. A *dissertação de mestrado* leva em média dois anos para ser desenvolvida, o que implica um texto revisado e, em geral, destinado a interlocutores da própria área ou *subesfera* específica. Além disso, a dissertação de mestrado pode sofrer influência do orientador ou de um possível revisor de textos que eventualmente pode alterar, em certa medida, o *estilo* da escrita do autor. Não temos como controlar esse fator, portanto partimos do pressuposto de que o estilo é do autor, mas sempre em consonância com o meio social em que está inserido, pois “[d]e cada lugar procede uma única visão existencial, mas, *na existência, os indivíduos nunca estão sozinhos* (MACHADO, 2005, grifo nosso).

Como já mencionado, uma *subesfera* pode estar em consonância com outro campo de conhecimento, assim sendo, um *estilo de linguagem* pode influenciar outro, como é o caso da relação entre a esfera jurídica e a subesfera do Direito (cf. Seção 6.1). É válido ressaltar que o *gênero dissertação de mestrado*, em geral, não é destinado a circular na esfera jurídica, porém essa relação convergente pode se refletir nos *estilos de linguagem da subesfera* do Direito. É mais provável encontrarmos *latinismos e erudições* em dissertações da *subesfera* do Direito, do que em dissertações da Matemática e da Linguística.

As dissertações de Matemática, por exemplo, apresentam um *estilo* mais *demonstrativo*, presente na exposição de cálculos e equações, que tem relação direta com o *conteúdo temático*

e com sua *composição* (cf. Seção 6.1). Temos aí um *estilo de linguagem* característico da própria *subesfera*, em contraste com a *subesfera* da Linguística onde, de forma geral, as dissertações de mestrado são mais *descritivas* e *expositivo-argumentativas* do ponto de vista temático e composicional. A própria seção/capítulo intitulado “Metodologia” tem esse caráter de *descrever* os passos adotados para a pesquisa, assim, pode-se dizer que a *subesfera* da Linguística possui um *estilo de linguagem* descritivo⁹⁴.

Vale salientar que, para um novo fenômeno ser incorporado ao sistema da língua, faz-se necessário sua expansão pelos gêneros do discurso – ainda que alguns fenômenos fiquem restritos a alguns gêneros ou a alguma modalidade da língua (oral ou escrita).

Do ponto de vista do *estilo individual*, interessa-nos destacar o fato de que o estilo, apesar de pressupor uma constituição social, pressupõe também marcas de individualidade:

Resultado de enunciações relativamente regularizadas para uma determinada função sociocultural (científica, religiosa, cotidiana) engendrada em esferas específicas e sob determinadas condições de comunicação, os gêneros historicizam, cada um deles, uma dimensão temática, uma composicional e uma estilística também relativamente estável, embora *inflexões* (BRAIT, 2010b, p. 89), contrariando as coerções dos gêneros, também sejam possíveis, dado justamente o aspecto idiossincrático e evêntico que constitui a enunciação (BRAGANÇA, 2017, p. 443).

O aspecto evêntico da enunciação se deve às particularidades de cada situação de interação. É nesse sentido que se afirma que “o *estilo de um gênero também não é sempre idêntico*, já que depende, para se constituir, também das circunstâncias da interação” (LACERDA; GÖRSKI, 2022, p. 22; grifo no original). Além disso, *é o caráter evêntico da enunciação que abre espaço para a agentividade do sujeito*.⁹⁵

A respeito da singularidade, de acordo com Brait (2008, p. 89): “Bakhtin afirma que nem todos os gêneros são igualmente propícios ao estilo individual: os mais propícios são os literários [...]. Os menos favoráveis são os gêneros do discurso que [...] requerem forma padronizada”. Ainda nas palavras de Brait (p. 89): “[s]e pensarmos no estágio atual da

⁹⁴ Os *estilos de linguagem* apontados precisam ser vistos como *tendências*, uma vez que a *dissertação de mestrado* é um texto longo e, apesar de ser um gênero secundário, o indivíduo pode atualizar o gênero na medida em que o desenvolve.

⁹⁵ A agentividade do sujeito é um dos pontos de convergência entre os ECB e a abordagem variacionista de estilo. Lacerda e Görski (2022) discutem o potencial analítico dos gêneros do discurso para os estudos variacionistas, com foco na questão estilística. Não é nosso objetivo, aqui, retomar essa discussão teórica.

construção do conhecimento [...], saberemos [...] em meio às estabilidades, apontar o que há de marca autoral em artigos, monografias, teses, aulas expositivas, seminários, conferências”.

O conceito de *estilo* bakhtiniano coloca a *singularidade em diálogo com o coletivo* (BRAIT, 2008), já que os estilos estão a serviço do gênero não cabe uma dicotomia ou polarização entre *social* vs. *individual*, mas sim uma *intrincada dinâmica* “em que todo o falante, sendo de uma realidade sociossemiótica, é ao mesmo tempo *único, singular, e social* de ponta a ponta” (FARACO, 2009, p. 136, grifo nosso).

Podemos dizer que é o aspecto *relativamente estável do gênero* que abre brecha para a expressão da individualidade do sujeito. Ainda que as escolhas linguísticas *sejam coerentes com os aspectos do campo de atividade e do próprio gênero discursivo*, é possível o falante/autor deixar marcas autorais em meio à estabilidade do enunciado. No que tange ao gênero dissertação de mestrado – e em relação à amostra que recortamos para esta pesquisa –, consideramos que a escolha pela forma verbal perifrástica ou futuro simples *é um ato estilístico individual*, porém, ao integrar um dado gênero e uma dada subesfera, também mostra uma faceta social. Conforme explanamos no Capítulo 8, *algumas dissertações de mestrado não optam pela forma verbal simples ou pela forma perifrástica para expressar o tempo futuro, mas sim pela forma verbal de presente, ainda que em muitos casos as três formas sejam intercambiáveis*. Isso, a nosso ver, *mostra a agentividade do sujeito que pode agir estilisticamente*, pois “a própria escolha de uma determinada forma gramatical é um ato estilístico” (BAKHTIN, 2011 [1952], p. 269).

Em abordagens antropológicas linguísticas, alguns autores evocam os gêneros para explicar usos linguísticos/estilísticos variáveis, como é o caso de Bauman (2001) em seu trabalho “The ethnography of genre in a Mexican market: form, function, variation”, na coletânea *Style and sociolinguistic variation*.

A visão de Bauman acerca da relação entre gênero e estilo se harmoniza com a ideia de que “embora os gêneros sejam um ordenador estilístico, a assimilação de um enunciado em um gênero é sempre uma questão de negociação entre o *convencional* e o *contingente* da interação comunicativa” (BRAGANÇA, 2017, p. 288; grifo nosso). O autor busca acomodar duas possibilidades em aparente tensão: de um lado, “*tipos convencionais*” relativamente bem estabelecidos; de outro, “*categorias que escapam para as margens*” da classificação convencionalizada. Essa perspectiva unificada “requer uma mudança da concepção de gênero como um arcabouço para a classificação de produtos textuais acabados [...] para um

entendimento de gênero como um arcabouço para a *compreensão da prática discursiva*”⁹⁶ (BAUMAN, 2001, p. 58; grifo nosso).

Considerando a ideia de tipos convencionais, o autor assume que o gênero é “um *ordenador de estilo de fala*, uma constelação de características e estruturas formais sistematicamente relacionadas e coocorrentes que contrastam com outras constelações [...]”, fornecendo “um arcabouço convencionalizado de orientação para a produção e recepção do discurso”⁹⁷ (BAUMAN, 2001, p. 58; grifo nosso). Em outras palavras, “um gênero é um estilo de discurso orientado para a *produção e recepção* de tipos de textos”, e o texto é definido como “um trecho de discurso limitado, formalmente organizado, internamente coeso”⁹⁸ (BAUMAN, 2001, p. 58; grifo nosso) e que carrega expectativas já forjadas pela vida social, pelo contato com outros textos e pelo enquadramento genérico.

Nessa perspectiva, todo enquadramento genérico carrega expectativas sobre o desdobramento do discurso. Para o autor, a “invocação de um dispositivo de enquadramento genérico como ‘Era uma vez’ traz consigo um conjunto de expectativas sobre o desdobramento do discurso, indexando outros textos iniciados por esta fórmula de abertura” (BAUMAN, 2001, p. 58)⁹⁹.

Aproximando esse exemplo com a temática deste trabalho, consideramos que o gênero *dissertação de mestrado* traz consigo a expectativa de um texto que aborda algum assunto pelo viés científico, e a própria área em que o texto se encontra inserido já nos oferece indícios do que será tratado. Como todo e qualquer gênero, a *dissertação de mestrado* apresenta características organizacionais que sempre se repetem, independentemente da área (cf. discutido na Seção 6.1); são aspectos mais salientes e, portanto, mais mobilizados no gênero, o que se aproxima do enquadramento genérico do texto (BAUMAN, 2001).

Atentando, por outro lado, para a possibilidade de que há “categorias que escapam para as margens”, o autor considera que *o enquadramento do modelo genérico com o texto nunca é perfeito*, pois “elementos emergentes de contextualização inevitavelmente entram no processo,

⁹⁶ No original: “This resolution requires a shift from the conception of genre as a framework for the classification of finished textual products .with immanent formal properties to an understanding of genre as a framework for the comprehension of discursive practice”.

⁹⁷ No original: “We conceive of genre as one order of speech style, a constellation of systemically related, co-occurrent formal features and structures that contrasts with other such constellations (Ervin-Tripp 1972, Hymes 1989 [1974]) and provides a conventionalized orienting framework for the production and reception of discourse (cf. Hanks 1987)”

⁹⁸ No original: “a genre is a speech style oriented to the production and reception of particular kinds of texts [...] [A text] is a bounded, formally regimented, internally cohesive stretch of discourse”.

⁹⁹ No original: “The invocation of a generic framing device such as “Once upon a time” carries with it a set of expectations concerning the further unfolding of the discourse, indexing other texts initiated by this opening formula”.

forjando vínculos com o discurso circundante, a interação, as relações sociais mais amplas, agendas instrumentais ou estratégicas e outros fatores” (BAUMAN, 2001, p. 59)¹⁰⁰. No caso desta dissertação, a contextualização dos objetos analisados em cada área do conhecimento – Linguística, Matemática e Direito – é um dos aspectos que abre espaço para a reconfiguração do gênero, que mostra a relação entre o *convencional* e o *emergente* em cada texto.

Ao observar os gêneros como práticas discursivas, o foco é ajustado, presta-se menos atenção à tipologia e volta-se para seguinte questão: “como a organização genérica dos aspectos linguísticos funciona como um recurso para a realização de objetivos sociais na condução da vida social?”¹⁰¹ (BAUMAN, 2001, p. 59). No escopo dessa questão, Bauman (2001) realizou um estudo etnográfico em um mercado público mexicano, analisando comparativamente dois gêneros presentes naquele contexto: o gênero *call* (chamadas para atrair a atenção do público para mercadorias mais básicas) – formalmente curto; e o gênero *spiel* (conversas de vendedor expondo mercadorias de maior valor) – formalmente mais complexo; e ainda um terceiro tipo com estilo híbrido (dependente do valor intermediário dos produtos anunciados). O autor observou que cada gênero indexicaliza i) um *tipo de atividade* no mercado (função comunicativa); ii) discurso de uma certa *categoria social* de falantes (vendedores); iii) um *contexto* situacional recorrente (mercado); além de iv) evocar *outros textos*. Esses recursos de indexicalização funcionam de modo imbricado e auxiliam na produção e interpretação de *significados sociais*.

O autor pontua que “isolar apenas uma única dimensão de indexicalidade como o único critério para designar um estilo de fala e para reificar o estilo resultante no processo, obscurece as múltiplas ressonâncias indexicais que se manifestam em modos de falar na vida social”¹⁰² (BAUMAN, 2001, p. 77).

No caso do objeto de estudo neste trabalho, o uso da forma perifrástica, que é normalmente associada à informalidade, só atingiu os gêneros artigo acadêmico (cf. SARATE, 2019) e dissertação de mestrado, porque já percorreu – e ainda percorre – um longo caminho por diferentes gêneros do discurso. Sendo assim, percebe-se que a expansão de uma nova forma no sistema da língua pode ser observada pelo ângulo dos gêneros discursivos, sempre em

¹⁰⁰ No original: “emergent elements of contextualization inevitably enter into the process, forging links to the surrounding discourse, the ongoing social interaction, broader social relations, instrumental or strategic agendas, and other factors”.

¹⁰¹ No original: “how does the generic organization of linguistic means serve as a resource for the accomplishment of social ends in the conduct of social life?”.

¹⁰² No original: “to isolate a single dimension of indexicality as the sole criterion for designating a speech style and to reify the resultant style in the process obscures the multiple indexical resonances that accrue to ways of speaking in social life”.

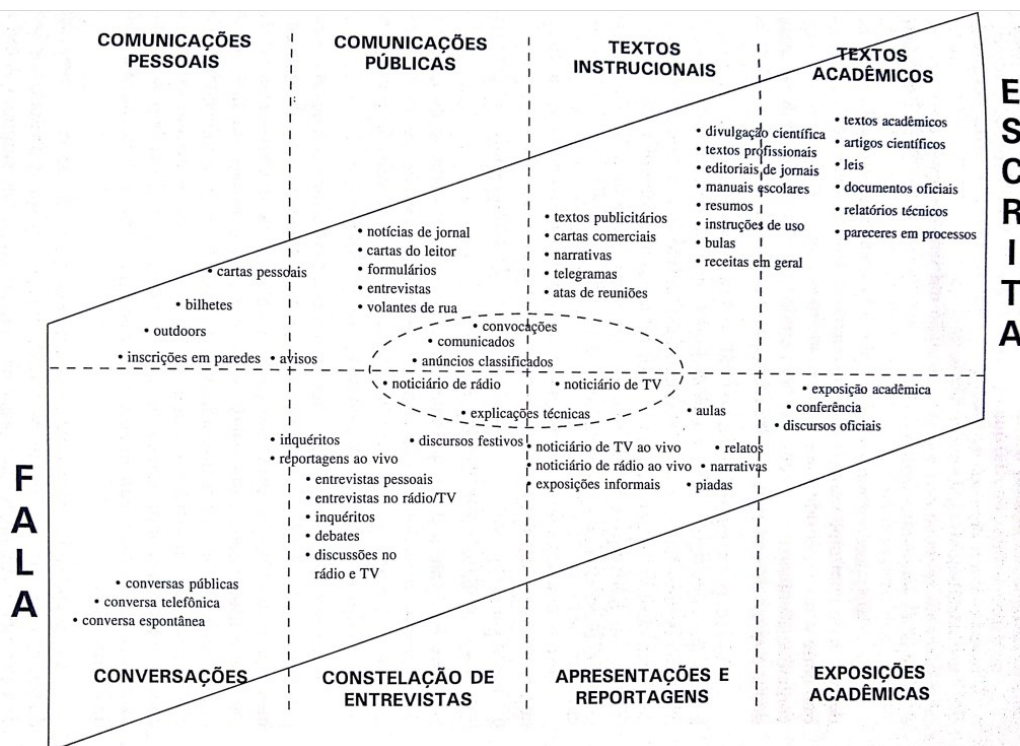
constante relação com o estilo – o *estilo do enunciado* que é moldado na esfera de atividade, mas também o *estilo do indivíduo*, considerando-se que o caráter evêntico da enunciação abre espaço para a agentividade do sujeito, que a singularidade é colocada em diálogo com o coletivo e que o falante “é ao mesmo tempo único, singular, e social de ponta a ponta” (FARACO, 2009, p. 136).

6.3 Gênero, estilo, variação e multifuncionalidade

O Capítulo 5 desta dissertação foi dedicado a um breve resumo de pesquisas que analisaram o tempo verbal futuro do presente no português do Brasil. Nesta seção nosso objetivo é, então, observar com mais atenção *qual o espaço que o gênero possui nas pesquisas de língua escrita* sobre o tempo futuro do presente, tanto diacrônicas quanto sincrônicas, e salientar *a importância de considerar aspectos do gênero na análise dos dados*. Frisamos que as pesquisas resenhadas possuem uma abordagem teórica pautada na sociolinguística variacionista ou no funcionalismo linguístico ou, ainda, se valem de ambas as abordagens, assim, de forma geral, todas as pesquisas contemplam análises quantitativas e têm *corpus* constituídos a partir de gêneros. Além de focarmos na *variação*, vamos tecer algumas considerações acerca da *multifuncionalidade* e sua possível relação com gêneros e estilos.

Antes, porém, de nos voltarmos às pesquisas já realizadas, julgamos pertinente destinar um espaço para considerar a questão do *continuum* oralidade-escrita e da relação dos gêneros com esse *continuum*. Consideramos, com base em Marcuschi (2010), que “oralidade e escrita são duas práticas sociais e não duas práticas de sociedades diversas” (p.37; grifos no original), e que as diferenças entre ambas devem ser percebidas dentro de um contínuo em que se situam variações de gêneros decorrentes das práticas sociais. A figura a seguir ilustra essa ideia do autor.

Figura 6. Gráfico representativo do *continuum* fala e escrita



Fonte: Marcuschi (2010, p. 41)

Embora o gráfico não se reporte a tipos de registro, cabe tecer algumas considerações a respeito de graus de *formalidade* que permeiam os diferentes gêneros. Percebemos na Figura 6 que tanto na modalidade escrita como na falada existe um *continuum* em que os gêneros se distribuem nas seguintes categorias: comunicações pessoais – comunicações públicas – textos instrucionais – textos acadêmicos (na escrita); e conversações – constelação de entrevistas – apresentações e reportagens – exposições acadêmicas (na fala). Não podemos correlacionar diretamente um *continuum* de formalidade aos gradientes de gênero das modalidades, mas é fácil observar que, em geral, o polo da direita, tanto da escrita como da fala – dadas as suas condições de produção e o papel social dos gêneros envolvidos – se caracteriza por ser [+ formal], enquanto o polo da esquerda das duas modalidades se apresenta como [- formal]. Note-se que em cada modalidade os gêneros podem ser considerados também num *continuum* de formalidade, de modo que são equivocadas afirmações do tipo “a fala é menos formal e a escrita é mais formal”, que equiparam modalidade a registro.

Como podemos perceber, é bastante problemático considerar, por exemplo, amostra de fala *versus* amostra de escrita, opondo simplesmente as modalidades. Para além disso, é necessário considerar o gênero discursivo envolvido. Nesta dissertação, portanto, partimos do pressuposto de que o gênero discursivo é um importante aspecto para compreensão da expansão

de uma forma inovadora, conforme aponta Bragança (2017). Sabemos que esse recorte teórico é uma escolha que depende do ponto de vista do analista e dos objetivos que se pretende alcançar. Assim, o intuito não é criticar as pesquisas que não colocam em relevo o gênero, mas sim, mostrar o espaço que é dado a este aspecto nas pesquisas aqui resenhadas e discutir *por qual razão o gênero pode ser importante para compreender as frequências das formas* (BRAGANÇA, 2017).

Retomamos que as pesquisas diacrônicas selecionadas são as de Oliveira (2006), Malvar e Poplack (2008), Silva (2010), Strogenski (2010) e Gibbon (2014), que examinam a expressão do tempo futuro do presente em amostras do século XIII ao XIX. Pelo que estamos considerando perspectiva sincrônica¹⁰³, selecionamos as pesquisas de Bragança (2008), Tesch (2011) e Vieira (2014), que analisam amostras do século XX e XXI.

6.3.1 O gênero em pesquisas diacrônicas

O trabalho de Oliveira (2006) pode ser considerado um dos mais complexos de interpretar se considerarmos os *gêneros* que a autora analisou. O *corpus* diacrônico foi composto por diferentes gêneros, apesar de não discorrer sobre as características dos gêneros, são apontadas as fontes de onde os dados são extraídos¹⁰⁴. O intuito da autora era encontrar “o embrião do processo de auxiliarização do verbo *ir* na construção da forma perifrástica de futuro em que a ele se segue o verbo principal no infinitivo” (OLIVEIRA, 2006, p. 63, grifo no original). O Quadro 11 mostra os gêneros e as épocas consideradas.¹⁰⁵

¹⁰³ Não consideramos a pesquisa de Santos (1997), pois ela não se encontra disponível para acesso.

¹⁰⁴ Oliveira (2006, p. 63) aponta que: “Do século XIII ao XVI, os documentos foram colhidos do PROHPOR – Projeto para a História do Português, sediado na Universidade Federal da Bahia, sob a coordenação da Profa. Rosa Virgínia Mattos e Silva. Para o século XVII, o documento foi recolhido ao banco de dados da USP. Já para os séculos XVIII e XIX, os dados pertencem ao PHPB-RJ, Projeto Nacional para a História do Português Brasileiro, sob a coordenação, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, da Profa. Dinah Maria Isensee Callou”.

¹⁰⁵ Alguns dos textos listados poderiam ser considerados como integrantes de um gênero maior, como gênero biográfico, por exemplo. Como não dispomos de informações precisas sobre as obras, optamos por enumerá-las a partir do título.

Quadro 11. Gêneros analisados por Oliveira (2006)

Século	Texto (s)
XIII	Testamento de Afonso II Foro Real de Afonso X
XIV	Flos Sanctorum
XV	Vida de Tarsis Vida de uma Monja Morte de S. Jerônimo Vida de Santa Pelágia A Carta de Caminha
XVI	Cartas de D. João III
XVII	Cartas do Pe. Antônio Vieira
XVIII	Cartas Oficiais Cartas de Comércio – Brasil Cartas Comuns
XIX	Cartas Oficiais Cartas Pessoais Cartas de Editores
XX	Editoriais de jornais

Fonte: Oliveira (2006, p. 64).

Ressaltamos que apesar de muitos gêneros poderem ser considerados da mesma esfera de atividade, há aspectos salientes que os diferenciam. O gênero *cartas pessoais* e *cartas oficiais* atrelam graus de formalidade que, se considerados, podem interferir na interpretação do número de ocorrências. No gênero *cartas pessoais* ainda é possível discutir a relação entre remetente e destinatário, ou seja, as questões de simetria e assimetria¹⁰⁶. Outros gêneros como *Vida de uma Monja* e *Vida de Tarsis* são apontados como documentos, porém a autora não traz informações que nos possibilitem compreender qual a natureza destes gêneros.

Podemos inferir que os gêneros analisados por Oliveira (2006) são mais polarizados na modalidade escrita da língua e esse também é um dos motivos que contribui para a alta frequência da forma simples. No século XX ao analisar *editoriais de jornais*, das cidades de

¹⁰⁶ Em termos gerais, uma relação simétrica é aquela que envolve a interação de sujeitos com papéis sociais similares, ou seja, é uma relação entre pares; enquanto uma relação assimétrica é a que se estabelece na interação de superior para inferior ou vice-versa.

Salvador e Rio de Janeiro, a autora não propõe uma discussão acerca sobre *quem são os possíveis leitores desses jornais*, deixando assim mais uma dúvida para a compreensão dos contextos das formas.

Como podemos observar em sua pesquisa, Oliveira (2006) analisa uma variedade de gênero sem promover um debate sobre os aspectos sócio-históricos de cada um. O *embrião da forma perifrástica ir + infinitivo* não pode ser generalizado com base em um conjunto de gêneros discursivos que se realizam em esferas de atividades diferentes e que possuem funções distintas. É bem possível que a forma perifrástica tenha entrado na modalidade escrita da língua através de gêneros mais híbridos e daí tenha se expandido para contextos mais polarizados da escrita. A autora ainda aponta a hipótese “de que a escrita selecionaria o futuro simples ao passo que a fala selecionaria o futuro perifrástico com *ir + infinitivo*” (OLIVEIRA, 2006, p. 103). Essa generalização pode ser refutada se considerarmos que ainda não foram – e possivelmente nunca serão – estudados todos os gêneros orais e escritos do PB.

Malvar e Poplack (2008) analisam comédias, farsas e sátiras sem discorrerem sobre os gêneros discursivos e sobre as possíveis diferenças que estão implicadas em cada um deles. As autoras afirmam que a seleção dos gêneros se deu pelo fato

[de] serem em sua maioria escritas para encenação em locais públicos e por termos retido somente as que apresentavam de alguma maneira a intenção de reproduzir formas não-padrão, *assumimos que os diálogos foram escritos assemelhando-se de alguma forma à linguagem coloquial da época* (MALVAR, POPLACK, 2008, grifo nosso).

Assim sendo, as autoras assumem que os gêneros em questão *representam*, em alguma medida, a língua falada nos séculos passados, *mas não se trata de dados reais de fala*. Os gêneros analisados pelas autoras poderiam ser vistos como híbridos, no sentido de que não estão tão polarizados quanto os que foram analisados por Oliveira (2006).

Observamos que Malvar e Poplack (2008) não contextualizam os gêneros considerados de forma clara, além disso, os gêneros são tratados como “peças teatrais”, sem ocorrer uma distinção entre eles, ou seja, sem considerar subgêneros. Contudo, é interessante frisar que as autoras reservam espaço para comentar sobre a *fala* e a *representação da fala* – que nesse caso é o que as autoras apontam como peças teatrais.

Silva (2010) analisa um *corpus* diacrônico constituído por histórias em quadrinhos do *Pato Donald*. A autora discute na tese: i) por quem e quando foi criado o personagem principal;

ii) a contextualização histórica da diagramação – e suas mudanças historicamente; e iii) a quem se destina o gênero.

A autora ainda discute se as HQs pertencem à dimensão falada ou escrita da língua e defende que esses textos passam por revisões antes de serem publicados, e por isso são representativos da língua escrita: “É muito fácil perceber características da língua escrita, que tornam bastante artificial a fala das personagens” (SILVA, 2010, p. 44). Ao comparar o seu *corpus* com trabalhos que analisaram outros fenômenos variáveis, mas o mesmo gênero, a autora afirma: “a revista em quadrinhos Pato Donald não é representação da língua oral; apesar da intenção do editor de *simular a fala*” (SILVA, 2010, p. 44, grifo nosso).

Silva (2010) não discute o papel do gênero HQs para interpretação dos resultados. No entanto, *é possível inferir que o alto acréscimo da forma perifrástica se dá por conta do gênero*, pois, como foi afirmado pela autora, as HQs tendem a simular a fala real. Oliveira (2006), ao analisar a língua falada em contextos de formalidade com pessoas de alta escolaridade (cf. apresentado no Capítulo 5), encontra a perífrase em maior porcentagem que o futuro simples já na década de 1990. É fácil presumir que esse resultado se espelhe num gênero que mesmo sendo do âmbito da escrita possui marcas da oralidade, portanto também pode ser considerado um gênero mais híbrido, principalmente se comparado ao gênero que é foco desta dissertação.

Silva (2010) também constitui um *corpus* de romances brasileiro, no entanto, não é dado espaço para discussão do que é o gênero romance e, principalmente, quem é o público que lia a literatura da década de 1970, por exemplo. A autora informa como foi constituído o seu *corpus*, mas não abre espaço para a compreensão dos aspectos constitutivos do gênero. Silva (2010, p. 51, grifos nosso) ainda afirma que seu estudo “permite fazer um estudo variacionista em tempo real com os textos literários e em tempo real de curta duração com as revistas em quadrinhos, além de uma *comparação entre os dois corpora*.”

A autora encontra um cenário muito acirrado entre futuro simples e perífrase no gênero romances, ambas as formas possuem ocorrência de 42%. Contudo, Silva (2010) também afirma que o tempo verbal futuro do presente não é um tempo produtivo no gênero em análise, pois esse tempo verbal ocorre, na maioria das vezes, nas *falas das personagens*. Na década de 1990 o uso pela forma perifrástica não é unânime – tal como foi nas HQs do Pato Donald –, ao contrário, há autores que não seguem a tendência de inserção da forma inovadora.

A obra de 1990, como já comentado, parece estar na contramão da mudança. Destoa das demais, pois apresenta tendências de uso da forma mais antiga na língua em detrimento da inovadora na representação do tempo futuro. As últimas obras masculinas do século XX apresentam quase que totalmente

tendência de representar o tempo futuro a partir da variante inovadora *ir* + infinitivo, exceto pelas décadas de 1950, novamente destoando das demais mesmo com mais ocorrências dessa do que de futuro sintético (SILVA, 2010, p. 147, grifo no original).

A autora conclui que “[o] que se percebe, então, é que, *não obstante o corpus, há marcas de um processo de mudança em curso, em corpus constituídos de língua escrita*, ou seja, a variação que, nesse caso, caminha para uma mudança, *não depende do corpus, ela é da língua*” (SILVA, 2010, p. 198, grifos nosso). Com base no que temos discutido até o momento, contudo, consideramos que a afirmação da autora não se sustenta, pois se atentarmos para o fato de que o *corpus* de uma pesquisa variacionista, tanto oral quanto escrito, é constituído de *gêneros discursivos*, notamos que o *corpus* possui uma interferência importante nos resultados. Esta pesquisa, por exemplo, parte de um *corpus* constituído por um gênero formal, *grosso modo*, bastante polarizado na modalidade escrita da língua, assim, *a baixa frequência da forma inovadora já é esperada se considerarmos o gênero e seus aspectos* – o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional (cf. já discutido na Seção 6.1).

Observamos, no trabalho de Silva (2010), que enquanto a autora não fornece informações sobre o gênero romances brasileiros, ao descrever o *corpus* constituído por HQs, a autora oferece uma acurada contextualização histórica sobre o gênero e, principalmente, sobre a obra analisada. Percebemos que Silva (2010) não coloca o gênero discursivo em destaque na análise dos dados, entretanto a caracterização do *corpus* possibilita uma compreensão da *plasticidade do gênero*, fator extremamente importante, pois possibilita compreender a historicidade, ou seja, “significa chamar a atenção para o fato de os tipos não serem definidos de uma vez para sempre. Eles não são apenas agregados de propriedades sincrônicas fixas, mas comportam contínuas transformações” (FARACO, 2009, p. 127).

Strogenski (2010) analisa 13 obras do gênero romance, 1 livro de contos e 1 coletânea de textos (publicados no jornal A Folha de São Paulo, no ano de 1995), a autora não reserva tempo para discutir os gêneros em análise e os considera da mesma natureza “[p]ara a realização da coleta de dados foram selecionadas 15 obras literárias, com textos narrativos ficcionais, 5 a cada 50 anos, perfazendo um total de 15 livros” (STROGENSKI, 2010, p. 51). A autora situa o leitor a respeito da língua escrita literária “apesar de a pesquisa basear-se na linguagem escrita, o que significa um tipo de linguagem controlada, ainda assim ela apresenta traços da língua oral” (STROGENSKI, 2010, p. 50). A autora se reporta a um autor que sustenta a argumentação de que apesar de se tratar de um texto escrito, é possível encontrar marcas da oralidade.

A autora divide as obras em três períodos diferentes¹⁰⁷, e percebemos que a forma perifrástica tem um aumento com o passar do tempo, porém isso depende muito de cada obra, já que no primeiro período, por exemplo, na obra *A moreninha* a perífrase tem um peso relativo muito baixo, enquanto na obra *O Ateneu* a forma perifrástica tem um peso maior do que o futuro simples. No terceiro período, na obra *Paris 98*, a perífrase possui um peso relativo muito maior se comparado ao futuro simples, no entanto, a obra *O estorvo* faz preferência pelo futuro simples. Apesar dos resultados terem sido generalizados a autora aponta:

Não houve, por exemplo, a preocupação com o estilo de cada autor. A obra de cunho mais informal foi Paris 98! e, portanto, a que mais apresentou resultados significativos em relação à forma perifrástica. [...] Constatou-se que os textos narrativos têm uma linguagem que, de maneira geral, tende a aproximar-se da língua oral, como forma de tornar o texto mais atraente a um número maior de leitores. Em uma seleção na qual fosse considerada a norma culta ou a formalidade na expressão escrita, muito possivelmente os resultados, em especial no 3º período, poderiam ter sido bastante diferentes. Isso porque foi possível perceber um esforço em se manter a forma sintética do futuro do presente, neste período (STRONGESKI, 2010, p. 123-124, grifos nossos).

Verificamos que Strogenski (2010) admite que questões estilísticas estão imbricadas na frequência das formas, já que, no mesmo período, alguns autores fazem uso da forma perifrástica e outros não. Silva (2010), ao analisar os romances, também se depara com esta questão¹⁰⁸.

Gibbon (2014) analisa peças de teatro do Rio Grande do Sul, a autora não discute o gênero em ênfase, apenas aponta as problemáticas da constituição de um *corpus* diacrônico e destaca que a escolha pelo gênero é por retratar os padrões da língua falada (GIBBON, 2014). Ao comparar os seus resultados com resultados de outros trabalhos, a autora salienta que

acredita-se que as peças de teatro constituiriam um gênero mais informal que os romances, por sua natureza de recepção – em grupo – e também textos destinados à fala, à interpretação. Ademais, parece-nos que, de fato, mais do que o gênero, é necessário atrelar a composição do corpus a autores e temas populares (GIBBON, 2014, p. 262, grifo acrescido).

¹⁰⁷ A autora organiza os períodos conforme a data de publicação da obra, assim “1º Período: 1850 a 1900; 2º Período: 1901 a 1950; 3º Período: 1951 a 2000” (STROGENSKI, 2010, p. 66).

¹⁰⁸ Bakhtin (2011 [1952]) aponta que todos os gêneros são propícios ao estilo individual, porém alguns são mais favoráveis, como os da literatura de ficção.

Assim sendo, a autora reconhece as especificidades que seu *corpus* apresenta, ainda que não tenham sido expostas informações sobre o gênero peças teatrais. Apesar de ter apontado diferenças estilísticas que podem apresentar os *gêneros literários*, a autora não controla essa variável.

Observamos que Gibbon (2014) aponta para a relevância do conteúdo temático, outro fator que é constitutivo de todo e qualquer gênero discursivo, na perspectiva bakhtiniana. Assim, caracterizar o gênero consiste em também trazer os seus aspectos constitutivos para melhor compreensão do objeto em análise¹⁰⁹: “o estudo do enunciado como unidade real da comunicação discursiva permitirá compreender de modo mais correto também a natureza das unidades da língua (enquanto sistema) – as palavras e orações” (BAKHTIN, 2011 [1952], p. 269).

6.3.2 O gênero em pesquisas sincrônicas

Bragança (2008) analisa o gênero Editorial de jornais, do jornal *A Gazeta* (ES). A autora i) contextualiza a criação do jornal e onde circula; ii) apresenta as características do gênero Editorial e qual sua função; e iii) discute as diferenças entre modalidade escrita e falada¹¹⁰, e interpreta ambas num *continuum*, onde o gênero escrito em análise seria mais polarizado na modalidade escrita da língua. Ainda sobre o gênero Editorial, a autora afirma:

Esse gênero, representativo da modalidade escrita, caracteriza-se pela seleção de estruturas condizentes com a variedade padrão da língua. Nesse procedimento, não só os níveis lexical, morfossintático e semântico são filtrados, mas todas as escolhas discursivas parecem passar pelo crivo da homogeneização da variedade padrão (BRAGANÇA, 2008, p. 83).

Para discussão de resultados a autora se apoia no gênero, entre outros fatores, para interpretar a frequência da perífrase no material impresso. Por se tratar de um gênero mais formal, Bragança (2008) aponta que o resultado pode ser considerado bastante significativo, ainda que a forma perifrástica apresente menor porcentagem que o futuro simples. Ao comparar os seus resultados com os de Oliveira (2006), a autora aponta que, considerando o gênero analisado, parece haver uma *variação estável*, já que da década de 1990 à década de 2000 não

¹⁰⁹ De forma geral, a SV e o funcionalismo linguístico, ou até mesmo o sociofuncionalismo, tem como objeto de análise as formas variantes de um determinado fenômeno num gênero (oral ou escrito).

¹¹⁰ A autora propõe essa discussão, pois sua pesquisa analisa um *corpus* de língua escrita e outro de língua falada.

houve um aumento crescente do uso da forma inovadora. Bragança (2008, p. 139, grifo nosso) conclui que

a motivação discursiva para o uso de uma forma ou de outra pode relacionar-se a alguns aspectos textuais, como a formalidade do texto. Gêneros mais formais, mais sujeitos à norma pedagógica tradicional parecem ainda preferir a forma sintética ou, quando usam a forma nova, selecionam a morfologia de prestígio para o auxiliar.

Tesch (2011) analisa alguns gêneros do jornal *A Gazeta* (ES) – notícia, propaganda, editorial, artigo de opinião, carta do leitor, manifesto, discurso e notas de falecimento – e o recorte sincrônico é feito em diferentes décadas: 1930, 1970 e 2008. A autora dedica espaço para discutir i) o público leitor do jornal; ii) as mudanças sociais que refletiram no jornal; e iii) comenta brevemente os gêneros que circulavam em cada década e suas alterações ao longo do tempo. A autora aponta que é possível o jornal utilizar as formas mais conservadoras da língua devido ao público-alvo¹¹¹ (TESCH, 2011).

Um dos grupos de fatores selecionados, nas três décadas, no *corpus* de língua escrita foi o *gênero textual*. Assim, são acordadas discussões sobre gênero textual e tipologia textual: “[n]o jornal *A Gazeta*, encontramos uma diversidade de gêneros textuais, mas em cada um deles é possível constatar diferentes tipos textuais.” (TESCH, 2011, p. 105). A autora traz, ainda que rapidamente, as características de cada um dos gêneros que foram considerados na análise. A hipótese para esse grupo de fatores é que os gêneros mais formais¹¹² favoreçam o uso do futuro simples, enquanto os gêneros mais informais favoreçam a perífrase, de modo geral, considerando os três períodos, a hipótese é confirmada (TESCH, 2011).

Como podemos notar, a pesquisa de Bragança (2008) apoia-se no gênero para explicar a ocorrência das formas. Por outro lado, Tesch (2011) não busca tanto respaldo no gênero para discutir os seus resultados, mas, assim como Bragança (2008), traz aspectos que orientam o leitor a compreensão do *corpus* analisado. Para além de uma contextualização simplista, as autoras acionam aspectos sociais para compreensão do gênero. Bakhtin (2011 [1952], p.268) argumenta que “[o]s enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” assim, as mudanças da vida

¹¹¹ O jornal *A Gazeta* tem como público-alvo as classes média e alta e possui o maior valor de custo, também é tido por muitos capixabas como uma referência para a obtenção de informações (TESCH, 2011).

¹¹² A título de ilustração a autora aponta como gêneros mais formais editoriais e artigos de opinião, enquanto gêneros menos formais seriam propagandas e notícias, por exemplo.

social refletem no gênero¹¹³, porque refletem nas esferas de atividades e este é o vínculo orgânico entre a utilização da linguagem e a atividade humana (FARACO, 2009).

Vieira (2014) analisa quatro jornais cearenses, cujos gêneros focados foram Editoriais de *Política, Esporte e Entretenimento*. Para a autora cada editorial possui um grau de formalidade diferente que poderia interferir no uso das formas. A dissertação de Vieira (2014) ainda reserva um espaço para discutir características específicas dos jornais:

pretendemos encontrar indícios que caracterizem cada um dos jornais de acordo com seu grau de formalidade. Isso nos ajudará na construção de nossas hipóteses e na análise dos dados e, *certamente, irá nos oferecer subsídios para entender a relação dos jornais com as variantes aqui estudadas*” (VIEIRA, 2014, p. 63, grifo nosso).

A caracterização dos jornais é bastante completa, a autora aponta i) aspectos sócio-históricos do jornal; ii) onde e desde quando circula o jornal; e iii) características linguísticas que caracterizam cada jornal. Mesmo se tratando de um mesmo gênero – Editorial – portanto pertencente à mesma esfera de atividade, a autora discute características que tornam possível interpretar as diferenças dos *conteúdos temáticos* atrelados à formalidade e informalidade.

Observamos que, embora Vieira (2014) não adote uma concepção estilística nos moldes bakhtinianos, considera níveis de formalidade em diferentes jornais e diante do *gênero Editorial*. Interessante salientar que mesmo se tratando do mesmo gênero, a autora estipula hipóteses diante dos assuntos tratados. A descrição da autora possibilita captar informações da construção sócio-histórica do material coletado. Para Brait (2008, p. 84), os jornais possuem *estilos* “sempre estabelecido a partir não apenas dos assuntos em pauta no dia, mas nas escolhas verbo-visuais que são feitas para expor esses tópicos, e, também, da relação que o jornal mantém, ou pretende manter, com seus leitores”.

Antes de passarmos à subseção seguinte, gostaríamos de voltar à Figura 6. Embora nosso trabalho contemple um gênero da modalidade escrita e, por essa razão, retomamos nesta subseção pesquisas realizadas com amostras escritas, não podemos ignorar o lugar de destaque das pesquisas sincrônicas com dados de fala na área da SV. Como sabemos, nos estudos labovianos a entrevista sociolinguística é o material que fornece as amostras de pesquisa. Observando a Figura 6, podemos situar a entrevista sociolinguística no entremeio da conversação e da constelação de entrevistas (mais nesta categoria do que naquela), alinhada a

¹¹³ A título de ilustração pensemos no gênero *carta pessoal* que com a expansão das tecnologias tem pouca circulação atualmente.

inquéritos. Labov (2008 [1972]) propõe um método de “isolamento de estilos contextuais” na entrevista, que se distribuem num *continuum* de formalidade e que o autor associa também aos polos de norma-padrão e não padrão. Dada a configuração metodológica inicial das entrevistas, tais estilos contextuais se arranjam da seguinte maneira: fala casual > fala monitorada > leitura texto > leitura listas de palavras > leitura pares mínimos – sendo que a entrevista propriamente dita envolve apenas fala casual e fala monitorada. O critério que orienta essa distribuição por níveis de formalidade é o grau de atenção prestada à fala.

O que queremos salientar é que i) mesmo um gênero específico pode apresentar internamente um gradiente de formalidade; ii) Labov caracteriza como fala causal relatos de episódios com risco de vida (entre outros), ou seja, narrativas de experiência pessoal – o que remete à noção de gênero.

No âmbito das pesquisas variacionistas que se utilizam de entrevistas sociolinguísticas, não é incomum encontrarmos uma variável independente de caráter estilístico denominada *tipo de sequência textual/discursiva*, envolvendo fatores como sequência narrativa e sequência argumentativa/opinativa, entre outros.¹¹⁴ Os estudos, de modo geral, associam a fala narrativa a um grau menor de monitoramento e a fala argumentativa/opinativa a um grau maior de monitoramento, o que as aproximaria, respectivamente, de um registro mais coloquial e de um registro mais cuidado, e, conseqüentemente, a usos variáveis mais ou menos vernaculares. Existe, pois, mesmo que implicitamente, uma relação entre gênero, estilo e variação linguística. Na subseção seguinte, trazemos à tona a questão da multifuncionalidade.

6.3.3 Multifuncionalidade, estilo e gênero

Nas subseções precedentes o foco foi a *variação/mudança*, considerando as formas verbais em competição e sua relação com gêneros discursivos. O campo teórico mais em evidência nos trabalhos foi a Sociolinguística Variacionista. Nesta subseção vamos colocar foco na *multifuncionalidade* e sua possível relação com gêneros e estilos. A perspectiva teórica, portanto, é basicamente o Funcionalismo.

Na coletânea *Style and sociolinguistic variation* – ampliando as discussões sobre forma/função e colocando foco no fenômeno da multifuncionalidade e em como isso pode ser importante para o estudo do estilo – o capítulo de Traugott (2001) “Zeroing in on

¹¹⁴ Encontramos esse tipo de tratamento analítico em alguns dos capítulos que compõem a coletânea *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise* (GÖRSKI; COELHO; NUNES DE SOUZA (org.), 2014.)

multifunctionality and style” integra a parte intitulada “Atenção prestada à fala”. A autora i) problematiza a prática analítica que trata categorias linguísticas como sendo funcionalmente iguais no sistema linguístico (por exemplo, sem distinguir, na categoria *-ing*, no inglês, os usos como marcador de tempo presente, passado, negação múltipla etc.) e então pergunta se as categorias teriam, para os falantes, funções socialmente simbólicas ou estilísticas; e ii) sugere que a pergunta deveria ser “se elas têm funções diferentes porque fazem um trabalho gramatical diferente, e como esse trabalho gramatical interage com funções socialmente simbólicas e estilísticas”¹¹⁵ (p. 130). Em outras palavras, a autora propõe que as funções acionadas pelas formas não podem ser desconsideradas num estudo estilístico, pois *as diferentes funções das formas interagem com funções socialmente simbólicas ou estilísticas específicas*.

Considerado a abordagem da gramaticalização, Traugott (2001, p. 127-128) aponta que, em geral, tal abordagem i) “privilegia a mudança no indivíduo sobre a mudança na comunidade”, não levando em conta fatores sociais; ii) “foca na intersecção de gramática ‘interna’ (estrutura) e gramática ‘externa’ (uso)” [com motivação pragmática], enfatizando o processo e não o produto;¹¹⁶; iii) se interessa por dados que evidenciem tendências, ao longo do tempo, de desenvolvimento de itens de classe aberta para classe fechada¹¹⁷. Em relação a essas tendências, a autora exemplifica com a construção *be going to*, que envolve a passagem de verbo de movimento (classe aberta) para auxiliar de tempo futuro (classe fechada). Traugott pondera que, nesses estudos, “*pouca ou nenhuma atenção é prestada a como a variação resultante é usada na troca de estilo*”¹¹⁸ (p. 128; grifo nosso).

Ainda considerando o foco que a abordagem da gramaticalização coloca na gradiência e na multifuncionalidade (ex.: tempo/aspecto/modo), Traugott (2001) propõe o seguinte questionamento: “podemos ainda perguntar se a consideração dos graus de ‘abertura’ e ‘fechamento’ e das funções das classes fechadas não pode levar a alguns potenciais para o estudo do estilo”¹¹⁹ (p. 129). A autora sugere que “o estilo pode e deve estar relacionado a diferentes funções linguísticas, bem como aos diferentes propósitos dos falantes que as utilizam”¹²⁰ (p. 130).

¹¹⁵ No original: “asking whether they have linguistically different functions because they do diferente grammatical work, and how that grammatical work interacts with socially symbolic or stylistic functions”.

¹¹⁶ No original: “it privileges change in the individual over change in the community [...], it focuses on the intersection of ‘internal’ grammar (structure) and ‘external’ grammar (use)”.

¹¹⁷ Os itens de classe aberta são lexicais (o verbo *ir* exercendo a função de verbo pleno), enquanto os itens de classe fechada são gramaticais (o verbo *ir* enquanto constitutivo da perífrase).

¹¹⁸ No original: “little, if any, attention is paid to how the resulting variation is used in style-shifting”.

¹¹⁹ No original: “we may additionally ask whether a consideration of degrees of ‘openness’ and ‘closedness’ and of the functions of the closed classes might not lead to some potentials for the study of style”.

¹²⁰ No original: “Style can and should be related to different linguistic functions as well as to the different purposes of speakers using them”.

Traugott (2001) exemplifica com a multifuncionalidade dos itens (considerados de classe semi-fechada): *obviously, in fact, actually* e *anyway* – que envolvem usos adverbiais, epistêmicos, concessivos, de marcador discursivo etc.; e comenta i) que nenhum desses usos polissêmicos tem sido investigado como um possível marcador de estilo, para além de uso diferenciado na fala e na escrita; e ii) que é impossível falar em marcador estilístico sem considerar as diferenças funcionais. Ainda a título de exemplificação, Traugott (2001) menciona o estudo de Macaulay (1995) sobre o uso de advérbios *-ly* (*obviously, actually, certainly, possibly, probably*) como marcadores de diferença entre falantes de classe média e de classe baixa, que sugere que as diferenças refletiam postura de autoridade adotada pelos falantes da classe média. A autora salienta, no entanto, que, para a questão do estilo, importa saber *quais dos diferentes significados de cada item são usados e com que frequência* pelos falantes de cada classe social.

Nesse sentido, Traugott (2001) argumenta que “é importante [...] diferenciar não somente formas mas funções”¹²¹ (p. 130); e que a compreensão do estilo só é eficiente se prestarmos atenção à multifuncionalidade das formas: “[s]implesmente contar os *tokens* da palavra não é suficiente”¹²² (p. 134).

Nessa intersecção entre estilo e forma/função é inevitável não pensar numa articulação com o *gênero discursivo*, pois uma forma e suas diferentes funções se materializam através de enunciados concretos. Bakhtin (2011 [1952], p. 268, grifo nosso) ainda argumenta que “[o]nde há estilo há gênero”. Os gêneros discursivos possuem certa estabilidade e aspecto regulares que caracterizam os enunciados, *assim tanto as formas quanto as funções são delimitadas pelos gêneros*. Se tomarmos como exemplo o gênero *dissertação de mestrado*, percebemos que a forma *ir* + infinitivo possui, em geral, a função metadiscursiva que consiste em anunciar ao leitor partes do texto: “os estilos, têm a ver, também, com gênero, o que implica coerções linguísticas, enunciativas e discursivas, próprias da atividade em que se insere” (BRAIT, 2008, p. 95). Gibbon (2014), por exemplo, ao analisar peças teatrais, não encontra a função metadiscursiva, já que esta não é favorecida pelo gênero.

Corroborando as ideias de Traugott (2001) e também considerando os ECB, Langa Lacerda (2022, p. 139) afirma em relação à expressão do futuro do presente:

podemos imaginar que os diferentes modos de assimilação da relação espaço-tempo nas esferas jornalística, jurídica, científica e religiosa, só para citar

¹²¹ No original: “it is also important to take a finely articulated view at more local levels, and to differentiate not only forms but functions”.

¹²² No original: “Simply counting tokens of the word is not enough”.

algumas, podem ser um importante princípio explanatório sobre o agenciamento mais frequente de determinados pares forma/função, uma vez que cada uma dessas esferas se orienta para a realidade, em termos cronotópicos, de modo específico.

Parece-nos, pois, que considerar as propriedades do gênero é fundamental para um estudo que combine forma/função e estilo, nos moldes propostos por Traugott (2001), pois o estilo individual e os estilos da língua (cf. Seção 6.2) estão a serviço do gênero (BAKTHIN, 2011 [1952]). Se é importante, como propõe Traugott (2001), diferenciar tanto as formas como as funções e considerar a multifuncionalidade das formas ao tratar de estilo, do mesmo modo, podemos afirmar que não considerar os aspectos constituintes de todo e qualquer gênero parece problemático, pois pode mascarar questões importantes para a compreensão do estilo.

Partindo dessa perspectiva acreditamos que seja necessário considerar não apenas o contexto da forma, como comumente ocorre em pesquisas funcionalistas ou sociofuncionalistas, mas também aspectos imbricados no gênero, como: i) a esfera de circulação do gênero e suas especificidades; ii) características constituintes do gênero; iii) quem são os possíveis interlocutores desse gênero; iv) onde ele circulará; e v) dependendo do gênero analisado, observar se há diferença no conteúdo temático tratado. Examinar essas questões pode tornar a análise estilística mais consistente, tendo em vista que *o gênero é um importante filtro do estilo, das formas acionadas e, potencialmente, das funções.*

6.4 Fechando o capítulo

Neste capítulo, a partir da concepção de gênero dos ECB, tratamos de aspectos como: esfera acadêmica e gênero dissertação de metrado; relação entre gênero, estilo, variação e multifuncionalidade; gênero e o *continuum* fala-escrita; gênero e graus de formalidade.

Na Seção 6.1, destacamos que, no âmbito da *esfera acadêmica*, correlacionar as áreas do conhecimento (Linguística, Matemática e Direito) a *subesferas* nos pareceu um recurso adequado, já que as *práticas sociais* desenvolvidas em cada área se diferenciam e, inevitavelmente, esses contrastes transparecem no *gênero dissertação de metrado*. *O gênero é um espaço de inovação limitado*, principalmente os gêneros secundários que, em geral, *são mais restritos* em relação ao *conteúdo temático, estilo e construção composicional*, esses três aspectos são interligados no gênero. Vimos que o conteúdo temático pode ser a chave que permite a atualização do gênero dissertação de metrado nas áreas que delimitamos para esta pesquisa, de modo que o Quadro 13 apresenta uma estrutura que é cabível para a área da

Linguística, sendo que as áreas do Direito e da Matemática necessitariam adequar a organização do gênero conforme suas demandas específicas.

Na Seção 6.2, tratamos do *estilo*, considerando a ótica bakhtiniana que concebe o estilo sempre vinculado ao gênero discursivo. Assim, *ainda que o estilo seja uma atividade de seleção individual, ela não é aleatória, mas perpassada por aspectos do gênero que são de natureza social*. Vimos que uma análise que considere o *estilo* pela perspectiva bakhtiniana precisa convocar o dialogismo, pois critérios exclusivamente linguísticos não são suficientes. Compreender os aspectos constituintes da esfera acadêmica são importantes para discutirmos o *significado social* de uma variante inovadora, já que se trata de um ambiente onde a linguagem é considerada formal nos gêneros escritos.

O *significado social* das formas é um dos conceitos discutidos por Bauman (2001), que sugere observar os gêneros como *práticas discursivas* que são a porta para compreensão do estilo, *pois todo o gênero é um estilo de discurso*. Além disso, o autor também traz a possibilidade de reconfiguração do gênero, mostrando que o enquadramento genérico – as características relativamente estáveis nos gêneros – pode ser sempre ajustado conforme o *contexto*, entre outros fatores. Assim, todo o gênero possui aspectos mais salientes que se sobressaem.

Em diálogo com o que foi discutido na Seção 6.2, assumimos nesta dissertação que *o estilo é coerente com a esfera de atividade e com o gênero discursivo*, e que há um estilo de linguagem próprio da subesfera que é delimitado, sobretudo, pelo conteúdo temático. Ainda que a estabilidade do gênero discursivo demande certa regularidade, *a seleção de recursos linguísticos adotada é um ato estilístico individual*. A possibilidade de usar o tempo verbal futuro na dissertação de mestrado é dado pelo gênero discursivo (cf. 6.1), mas a decisão em acionar a forma verbal simples ou a forma perifrástica é do sujeito. No macrodomínio TAM as funções assumidas pela perífrase concorrem com outras formas, o uso da forma perifrástica com valor de modalidade deôntica imperativa, por exemplo, poderia ser substituído pela forma verbal do presente do subjuntivo. Nesse sentido, consideramos que *é a possibilidade de escolha que permite a agentividade do sujeito, mesmo num gênero secundário*.

A Seção 6.3 foi destinada a reflexões sobre a relação entre gênero, estilo, variação e multifuncionalidade. Foram retomadas as pesquisas resenhadas no Capítulo 5, agora com foco na questão do gênero, com o objetivo de verificar *qual o espaço que o gênero possui nas pesquisas de língua escrita sobre o tempo futuro do presente, tanto diacrônicas quanto sincrônicas*, e salientar *a importância de considerar aspectos do gênero na análise dos dados*.

É importante ressaltar que cada pesquisa reportada na seção 6.3 possui objetivos específicos. Nem sempre a questão do *gênero discursivo* se configura como um deles, porém, de forma ampla, podemos considerar que todas as pesquisas visitadas se dispõem a observar o processo de variação e/ou mudança das formas verbais em competição no DF de futuridade na modalidade escrita da língua do PB. *O corpus de qualquer trabalho variacionista ou funcionalista é constituído a partir de gêneros, este aspecto é um dos pontos que precisa ser delimitado pelo pesquisador*, ainda que nem sempre seja discutido, o gênero é sempre explícito. Assim, todas as pesquisas discutidas organizam seu *corpus* em *gênero(s) discursivo(s)*, pois lidam com a língua em uso¹²³ e “*todo trabalho de investigação de um material linguístico concreto – seja de história da língua, de gramática normativa, de confecção de toda espécie de dicionários ou de estilística da língua, etc. – opera inevitavelmente com enunciados concretos [gêneros] (escritos e orais)*” (BAKTHIN, 2011 [1952], p. 264, grifos nosso).

O que defendemos aqui é a necessidade de se considerar com mais atenção a questão do gênero discursivo quando da descrição do *corpus* de pesquisa – que inevitavelmente é constituído por gêneros. Percebemos que a dinâmica social do gênero interfere nos recursos linguísticos utilizados. Pesquisas como a de Vieira (2014) atestam que uma boa descrição do *corpus* de análise permite uma melhor interpretação dos dados, mesmo o analista apenas recortando e caracterizando o gênero sem trazê-lo para o centro das discussões. Por outro lado, pesquisas como as de Oliveira (2006) e Strogenski (2010) deixam lacunas ao leitor por falta de informações e por não considerarem as características específicas de cada gênero. Assim como Bragança (2017, p. 101), acreditamos que

na investigação de fenômenos variáveis, a comparação entre diferentes gêneros precisa vir acompanhada de uma explanação sobre a própria natureza deles, pois diferentes gêneros podem promover diferentes usos das formas de FP, por exemplo, já que a mobilização de formas linguísticas decorre de um planejamento comunicativo, que depende de diferentes relações entre os sujeitos (falante/escritor, ouvinte/leitor) envolvidos em uma dada interação.

Percebemos também que *um dos fatores que justifica a frequência das formas é o gênero*. Na modalidade escrita da língua salientamos que os gêneros mais receptivos à perífrase (numa abordagem quantitativa) são os mais híbridos. Os gêneros escritos mais polarizados fazem mais uso da forma verbal de futuro simples, ainda que esta forma não seja produtiva na fala (cf.

¹²³ A priorização de análises da língua em situações reais de uso é um dos princípios de ambas as teorias, inclusive, é um dos pontos que permite a abordagem integrada do *sociofuncionalismo* (cf. GÓRSKI; TAVARES, 2017).

Capítulo 5). Assim, *o gênero discursivo é um importante aspecto que pode ser acionado em qualquer pesquisa que lide com fenômenos linguísticos e que se proponha a analisar contextos de fala e escrita reais*; ainda que esse aspecto não seja o foco principal, ele certamente pode contribuir para a compreensão dos usos linguísticos. Inconsistências nas descrições do *corpus* impedem, sobretudo, um entendimento mais apurado da pesquisa e possibilita maiores questionamentos.

Em relação à multifuncionalidade, colocamos em evidência o estudo de Traugott (2001), que põe em tela a relação forma/função e acorda discussões acerca da multifuncionalidade das formas serem um potencial para estudo do estilo, pois em cada função pode haver concorrência de diferentes formas. Embora a autora não discuta o papel do gênero atrelado ao processo de gramaticalização e ao estilo, a noção de gênero fica implicada, pois, de acordo com Bakhtin (2011 [1952], p. 268, grifo nosso), “[o]nde há estilo há gênero”.

As discussões tratadas por Traugott (2001) são de extrema relevância para esta pesquisa, já que dizem respeito à potencialidade da multifuncionalidade atrelada ao estilo. Todas as pesquisas reportadas neste capítulo operam com um fenômeno que passa pelo processo de gramaticalização, sendo assim, a perífrase com *ir* + infinitivo é considerada um item que apresenta multifuncionalidade. Reiteramos que, a depender do contexto observado, a forma perifrástica assume função de tempo futuro, de aspecto habitual, de modalidade deôntica ou ainda se situa em interdomínios (cf. Seção 4.3.2), assim as formas variantes da perífrase nem sempre são as mesmas. A multifuncionalidade ganha espaço em alguns trabalhos discutidos no Capítulo 5, como o de Fonseca (2010) e de Gibbon (2014), em que as funções são observadas num contexto real de uso.

Destacamos ainda que considerar os usos subjetivos do falante ao acionar diferentes funções da mesma forma é uma tarefa importante para uma “teoria mais elaborada de estilo” (TRAUGOTT, 2001, p. 136)¹²⁴, e os usos subjetivos são delimitados, sobretudo, pelo gênero e seus aspectos constituintes.

Concluimos reafirmando a concepção de *estilo* assumida neste trabalho: i) envolve a “seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 261); ii) o estilo se manifesta em três instâncias multiníveis articuladas – do gênero dissertação de mestrado, da subesfera/área de conhecimento e do indivíduo –, as quais colocam em diálogo o coletivo e a singularidade.

¹²⁴ No original: “elaborated theory of style”.

PARTE II:

METODOLOGIA

INTRODUÇÃO À PARTE II

Esta parte metodológica é constituída por um capítulo com três seções. A primeira é voltada à descrição do *corpus* e das amostras¹²⁵, trazemos a descrição do passo a passo na escolha de cada dissertação de mestrado e retomamos brevemente alguns pontos do referencial teórico dando luz às questões de gênero discursivo pela ótica dos Escritos do Círculo de Bakhtin (ECB). A segunda seção é destinada à apresentação das questões e hipóteses da pesquisa, que são acordadas conforme o referencial teórico relativo ao objeto de estudo e os resultados do estudo piloto (apresentado na etapa de qualificação do projeto), que antecipou a composição da amostra com que trabalhamos nesta pesquisa. Salientamos que o estudo piloto foi fundamental para compreendermos mais sobre o gênero dissertação de mestrado, já que, dos trabalhos que foram observados no Capítulo 5, nenhum contemplou esse gênero. Ainda na segunda seção tratamos dos grupos de fatores selecionados – variáveis independentes, a saber: pessoa do discurso – P3, P4, P6; domínio funcional – tempo futuro do presente, aspecto habitual, modalidade deôntica imperativa e ambíguo; função temporal – futuro do presente metadiscursivo, futuro determinado, futuro do futuro, futuro do presente histórico, futuro indeterminado; a subesfera – Direito, Linguística, Matemática; e o período de tempo – 2000/2001 e 2020/2021. Por fim, a terceira seção trata do tipo de análise (qualitativa e quantitativa), com ênfase na primeira.

¹²⁵ Neste trabalho procuramos reservar o termo *corpus* para nos referir ao gênero dissertações de mestrado, e o termo amostra para designar o material específico que será analisado.

7 METODOLOGIA

Neste capítulo, descrevemos a metodologia adotada para este trabalho, com foco na caracterização do *corpus* e constituição das amostras; questões, hipóteses e grupos de fatores; e tipos de análise.

7.1 Caracterização do *corpus* e constituição das amostras

O gênero discursivo *dissertação de mestrado* e seus aspectos constitutivos foram discutidos no Capítulo 6 deste trabalho com base, principalmente, nos ECB. Nesta seção, apresentamos a justificativa para esta pesquisa e para a escolha das três subesferas, e ainda o quadro de distribuição das amostras.

Como já foi visto, embora a forma verbal perifrástica *ir* + infinitivo seja comumente associada a modalidade oral e a registro mais informal (cf. Capítulo 5), sua ocorrência já foi documentada em um tipo específico de texto escrito da esfera acadêmica, o artigo acadêmico (SARATE, 2019; SIMIONI; GOMIDE; SARATE 2020). É possível crer que se uma forma linguística considerada informal adentrou um dado gênero escrito, isso pode ressoar em outros gêneros da mesma modalidade e da mesma esfera, principalmente em se tratando da esfera acadêmica, onde a apropriação da escrita acadêmica é fundamental para o sujeito que se insere no campo científico. Quem escreve uma dissertação (na pós-graduação) percorreu (ou ao menos espera-se que tenha percorrido) outros gêneros acadêmicos (na graduação), como a monografia, o relatório de estágio, o ensaio, o artigo, entre outros – os quais podem ser vistos como produções que, de certa maneira, fazem parte do desenvolvimento da competência textual/discursiva do sujeito em sua trajetória acadêmica.¹²⁶

Esta pesquisa se justifica pela importância de verificar o funcionamento especialmente da forma perifrástica num gênero discursivo secundário, caracterizado como [+ formal] e [- oral] num gradiente de formalidade e de modalidade (cf. Figura 6), que, a princípio, ainda não foi analisado (cf. Capítulo 5). A dissertação de mestrado é situada numa esfera de atividade humana onde os sujeitos possuem ensino superior completo e, possivelmente, o texto é revisado mais de uma vez, tendo como parâmetro a variedade padrão da língua escrita. Portanto, o significado social de uma forma inovadora considerada informal, presente em texto escrito formal, abre espaço para o questionamento se, de fato, a forma perifrástica é informal, como

¹²⁶ Uma questão que poderia ser levantada – mas da qual não trataremos aqui – é se e em que medida textos acadêmicos produzidos na graduação diferem de textos produzidos na pós-graduação no que diz respeito a certos fenômenos linguísticos.

sugerem os trabalhos visitados (cf. Capítulo 5). Nesse sentido, podemos interpretar a ausência da forma perifrástica em algumas dissertações – que foram descartadas das amostras, conforme descrito adiante – mais como parte do estilo da área/subesfera ou mesmo do estilo do autor (que preferiu o uso da forma verbal de presente, por exemplo), do que como restrição associada a alto grau de formalidade atribuído ao gênero dissertação de mestrado.

No que tange à composição das *amostras*, foram escolhidas três diferentes áreas do conhecimento: Linguística, Matemática e Direito. A área da Linguística (LIN) foi escolhida por acreditar-se que a perífrase teria maior inserção na escrita nesse campo e que essa seria a área mais aberta à variação com a forma verbal de futuro simples. Tal justificativa se deve ao fato de que o curso de Letras é o ambiente mais propício a reflexões sobre variação e mudança linguística, comparado às outras áreas em discussão.

Sarate (2019, p. 23), analisando artigos acadêmicos, partiu da hipótese de que a área de Ciências Exatas (CE) apresentaria maior uso da forma perifrástica, pois “poderia tender a ter menor preocupação com a revisão textual, de maneira que houvesse uma maior probabilidade de emergir uma forma não padrão e inovadora como o futuro perifrástico”¹²⁷. Os resultados da autora não confirmam a hipótese, pois o material coletado não apresentou nenhuma ocorrência da forma perifrástica. Assim, para esta pesquisa selecionou-se a área de Matemática (MAT) com o intuito de verificar se os resultados se repetiriam em relação à grande área de CE. Acreditamos que, possivelmente, a área da MAT ficaria numa posição intermediária (entre LIN e DIR) de preferência pelo uso da perífrase.

Já na escolha da área do Direito (DIR), foi considerado que, em geral, essa área está mais afeita a formas de dizer da esfera jurídica que valorizam a erudição e a normatização/normalização (cf. Seção 6.1), o que sinaliza para o significado social dessa prática. Em vista disso, como a forma verbal de futuro sintético é a forma conservadora, seria a escolhida para expressar o tempo futuro nos textos da área, de modo que, a perífrase teria baixa ocorrência e seria menos frequente do que nas demais áreas.

Além de considerar diferentes áreas do conhecimento, decidimos também levar em conta dois períodos temporais. Assim, vamos trabalhar com um intervalo de 20 (vinte) anos a fim de verificar se há diferenças no funcionamento da perífrase com o passar do tempo. Serão

¹²⁷ É válido salientar que Sarate (2019) não faz uma diferenciação das áreas e tratou como “grandes áreas do conhecimento”: Ciências Exatas, Ciências Humanas e Ciências Biológicas. Na grande área de CE, a área selecionada (sem critérios específicos) foi a Engenharia. Diferente do que é feito neste trabalho (em que as dissertações que não apresentaram perífrase não fizeram parte da amostra), a autora não se preocupou em selecionar um *corpus* em que ocorresse a forma perifrástica, já que sua análise foi exclusivamente quantitativa e a escolha proposital de um material em que ocorresse o futuro perifrástico poderia enviesar os resultados.

selecionadas ao todo 12 (doze) dissertações – 2 (duas) por área – defendidas na UFSC nos anos de 2000 e 2020, conforme o quadro seguinte.

Quadro 12. Distribuição das amostras da pesquisa (1)

Ano	LIN	MAT	DIR
2000	2	2	2
2020	2	2	2

Fonte: Elaboração própria.

Ao nos depararmos com as dissertações das três áreas, nossas primeiras indagações, de caráter geral e exploratório, eram: i) se o DF tempo futuro do presente seria recorrente nas dissertações; e ii) se haveria variação nas formas verbais de expressão desse DF. Essas indagações orientaram o estabelecimento de critérios para a seleção da amostra e dos dados a serem analisados.

Os passos de busca das dissertações e dos dados de análise são descritos a seguir.

Primeiro: Identificar no repositório do site da Pós-Graduação em Linguística, Matemática¹²⁸ e Direito, da UFSC,¹²⁹ as dissertações defendidas no ano de 2000 e de 2020.

Segundo: Observar se há ocorrência da forma perifrástica ou se o autor usa categoricamente a forma verbal simples para expressar o tempo futuro do presente. A busca pela forma perifrástica é feita pelo verbo auxiliar: *vou, vai, vamos, vão, irei, irá, iremos, irão*. Essa busca traz também as formas de futuro simples: *-rei, -rá, -remos, -rão*.¹³⁰

Terceiro: A ausência, ou baixa ocorrência, da forma perifrástica no referido ano implicará a busca das dissertações dos anos imediatamente seguinte e/ou anterior.

Quarto: Recortar, nas dissertações selecionadas, todas as ocorrências de perífrase e de formas verbais de futuro do presente simples, devidamente contextualizadas, constituindo, assim, o conjunto de dados de cada área a serem analisados.

¹²⁸Conforme constatado no repositório de teses e dissertações da UFSC <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/74645>>, a área de Matemática comporta dois mestrados acadêmicos: o de Matemática e computação científica e o de Matemática pura e aplicada. Optamos por organizar nossa amostra com base no primeiro.

¹²⁹ <https://ppglin.posgrad.ufsc.br/>
<https://ppgmtm.posgrad.ufsc.br/dissertacoes-e-teses/teses-e-dissertacoes/>
<https://ppgd.ufsc.br/>

¹³⁰ Foram sistematicamente contempladas na busca, as formas verbais associadas a P1, P3, P4 e P6, uma vez que P2 e P5 se mostraram ausentes em buscas iniciais, conforme esperado nesse gênero acadêmico.

Quinto: Desconsiderar na análise possíveis ocorrências das formas verbais em citações e em exemplos extraídos de amostras analisadas pelos autores, selecionando somente aquelas identificadas como do(a) próprio(a) autor(a) da dissertação.¹³¹

Referente ao terceiro passo, frisamos que foi seguida a mesma metodologia de busca para as três áreas. Como nosso foco é a forma perifrástica, selecionamos nos anos 2000 e 2020 as dissertações que apresentaram o maior número de ocorrências da forma inovadora, portanto verificamos todas os textos pertencentes a esses anos. Nessa etapa, não foi feita a busca pelo tempo verbal simples, pois acredita-se que esta é a forma privilegiada dado o caráter formal do gênero. Além disso, as dissertações examinadas no projeto piloto já tinham sinalizado nessa direção. A baixa ocorrência da forma perifrástica nos referidos anos implicou a busca no ano seguinte, até que se encontre uma dissertação que tenha uma frequência de uso minimamente adequada¹³². A seguir trazemos a descrição de como foi selecionada cada amostra para análise.

Linguística

- 1) Primeiramente identificamos, no repositório do site da Pós-Graduação em Linguística da UFSC, as dissertações defendidas no ano de 2000: um total de 13.
- 2) As nove primeiras dissertações foram descartadas por apresentarem pouca¹³³ ou nenhuma ocorrência da forma perifrástica¹³⁴. Em LINb¹³⁵ (2000), por exemplo, há em torno de 30 ocorrências da forma verbal simples e nenhuma perífrase.
- 3) A décima dissertação, LINj (2000), apresentou maior diversificação das formas verbais em análise, portanto foi a selecionada e codificada como LIN1.
- 4) A dissertação seguinte, LINK (2000), foi descartada, pois seu objeto de estudo é justamente a expressão verbal do tempo futuro do presente, e esse fato poderia interferir na realização das formas verbais em seu texto.

¹³¹ Embora citações diretas sejam um recurso usado em textos acadêmicos para garantir a fidedignidade de informações e também como argumento de autoridade, dados que porventura apareçam nesses contextos não serão considerados na análise, visto que nosso interesse é a escrita do próprio autor. O mesmo se aplica para os exemplos ilustrativos extraídos de outros autores.

¹³² É preciso considerar que essa parte inicial implicou uma rápida busca manual, portanto é possível que tenha passado alguma ocorrência das formas perifrásticas, nesse sentido estamos lidando com números aproximados nesta primeira etapa.

¹³³ No caso da subesfera LIN, estamos considerando pouca ocorrência o valor quantitativo de menos de vinte perífrases, já que o estudo piloto deste trabalho mostrou que a área de Linguística é a mais favorável a forma perifrástica.

¹³⁴ Algumas dissertações não permitiram a busca manual pelas formas, já que estavam escaneadas, portanto foram descartadas.

¹³⁵ Os códigos das áreas seguidos de *letras* correspondem a trabalhos que foram examinados, mas que não integraram as amostras analisadas. Foram considerados nas amostras os códigos das áreas seguidos de *números*.

- 5) As duas últimas, LINl (2000) e LINm (2000), apresentaram aproximadamente menos de dez ocorrências da forma perifrástica.
- 6) Passamos para o ano de 2001. As cinco primeiras dissertações foram descartadas, pois apresentaram pouca ocorrência da forma perifrástica. Selecionou-se LINf (2001), a sexta pesquisa, que foi codificada como LIN2, pois esta apontou uma quantidade satisfatória de ocorrências da forma perifrástica.
- 7) No ano de 2020, foram encontradas 12 dissertações no repositório do programa.
- 8) O link de acesso para LINa (2020) não se encontra disponível, em LINb (2020) há apenas 1 ocorrência de perífrase, enquanto em LINc (2020) há em torno de 15. LINd (2020) há mais de 100 ocorrências da forma perifrástica, portanto, foi selecionada para análise e intitulada como LIN3.
- 9) Ao observar as demais dissertações do ano 2020, percebemos que LIN3 foi uma exceção, as demais dissertações têm em torno de no máximo 15 ocorrências.
- 10) Em 2021 encontramos 18 dissertações. Foram verificadas as oito primeiras que aparecem conforme a distribuição no site do programa. Todas essas dissertações acionaram a forma perifrástica, entretanto somente a oitava, LINh (2021), apresentou mais de 20 ocorrências, portanto foi selecionada e codificada como LIN4.

Matemática

- 1) Buscamos o repositório do site de Pós-Graduação em Matemática, que registra quatro dissertações defendidas no ano 2000.
- 2) As quatro dissertações apresentaram ocorrências da forma perifrástica. MATa (2000) acionou a perífrase mais de 30 vezes e foi codificada como MAT1. Dentre as dissertações do ano 2000, a que menos utilizou a perífrase foi MATb (2000), com oito ocorrências¹³⁶.
- 3) No ano 2001, constam oito dissertações disponíveis. Foi selecionada a segunda, MATb (2001), que codificamos como MAT2, pois acionou a perífrase mais de 20 vezes.

¹³⁶ Assim como em LIN, em MAT também estamos considerando como baixa ocorrência o valor quantitativo de menos de 20 perífrases.

- 4) No ano de 2020, o repositório do programa mostra um total de seis dissertações disponíveis. Foi selecionada a quarta dissertação, MATd (2020), que acionou mais de 20 vezes a forma perifrástica, sendo codificada como MAT3.¹³⁷
- 5) MATe (2020) foi descartada por apresentar pouca ocorrência, menos de cinco perífrases. Passamos para MATf (2020) que se encontrava em inglês e por isso também foi descartada.
- 6) No ano de 2021, observamos MATa (2021) que mostrou uma baixa ocorrência de perífrase, em torno de cinco. Por outro lado, MATb (2021) foi selecionada e codificada como MAT4, pois acionou a forma perifrástica mais de 60 vezes.

Direito

O repositório do site de Pós-Graduação em Direito registra 27 dissertações defendidas no ano 2000. Como já esperado devido à formalidade da área do Direito e da sua intersecção com a esfera jurídica (cf. Capítulo 6), muitas dissertações não acionaram a forma perifrástica nenhuma vez. Curiosamente, até mesmo a forma simples é pouca acionada em algumas dissertações.

- 1) A primeira dissertação da lista, DIRa apresentou aproximadamente seis ocorrências da forma perifrástica e foi descartada por considerarmos um número baixo¹³⁸.
- 2) Na sequência, DIRb, DIRc e DIRd não apresentaram ocorrências suficientes de perífrases.
- 3) As demais dissertações seguiram apresentando pouca ou nenhuma ocorrência da forma perifrástica; somente DIRo, a décima quinta dissertação, apresentou sete ocorrências da forma perifrástica, sendo codificada como DIR1.
- 4) No ano de 2001, foram observadas as quatro primeiras dissertações. Selecionamos a quinta, DIRd, que foi codificada como DIR2 por apresentar mais de dez ocorrências das formas perifrásticas.
- 5) No ano de 2020, o site do programa registra cinco dissertações.

¹³⁷ Vale observar que, em 2001, a primeira dissertação examinada apresentou 13 ocorrências de forma perifrástica; e em 2020, as duas primeiras dissertações apresentaram mais de 15 ocorrências da forma inovadora. Embora tenham sido desconsideradas por não atenderem ao critério numérico estabelecido, deixamos o registro para evidenciar como, nos textos examinados, a perífrase é relativamente bastante recorrente em MAT.

¹³⁸ Estamos considerando como número satisfatório a ocorrência de no mínimo sete perífrases.

- 6) Com exceção de DIRc, todas as dissertações do ano de 2020 acionam a forma perifrástica. A segunda dissertação, DIRb, foi selecionada por apresentar mais de 10 perífrase e é codificada como DIR3.
- 7) No ano de 2021, DIRa, DIRb, DIRc e DIRd apresentam menos de cinco ocorrências.
- 8) A quinta dissertação, DIRe, acionou a perífrase mais de dez vezes e foi selecionada para o nosso estudo, sua codificação é DIR4.

As amostras desta pesquisa¹³⁹ são, então, constituídas a partir das dissertações apresentadas no Quadro 13.

Quadro 13. Distribuição das amostras da pesquisa¹⁴⁰ (2)

Ano	LIN	MAT	DIR
2000/2001	LIN1 (62 p.)	MAT1 (95 p.)	DIR1 (166 p.)
	LIN2 (136 p.)	MAT2 (65 p.)	DIR2 (244 p.)
2020/2021	LIN3 (124 p.)	MAT3 (66 p.)	DIR3 (216 p.)
	LIN4 (118 p.)	MAT4 (108 p.)	DIR4 (312 b.)
Total: 1.712 p.	440 p.	334 p.	938 p.

Fonte: Elaboração própria.

A seleção do *corpus* requer algumas considerações:

¹³⁹ No Quadro 13 nos referimos ao número de páginas que foram propriamente analisados, excluimos as referências e elemento pré-textuais, como capa, sumário e *abstract*.

¹⁴⁰ LIN1: <https://tede.ufsc.br/teses/PLLG0217-D.pdf>

LIN2: <https://tede.ufsc.br/teses/PLLG0221-D.pdf>

LIN3: <https://tede.ufsc.br/teses/PLLG0801-D.pdf>

LIN4: <https://tede.ufsc.br/teses/PLLG0848-D.pdf>

MAT1: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/78584/170599.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

MAT2: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/81881/179153.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

MAT3: <https://ppgmtm.paginas.ufsc.br/files/2017/09/Ben-hur-Eidt.pdf>

MAT4: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/231050/PMTM0281-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>

DIR1: <https://tede.ufsc.br/teses/PDPC0365-D.pdf>

DIR2: <https://tede.ufsc.br/teses/PDPC0376-D.pdf>

DIR3: <https://tede.ufsc.br/teses/PDPC1479-D.pdf>

DIR4: <https://tede.ufsc.br/teses/PDPC1525-D.pdf>

A busca por dissertações que apresentem um número mínimo de ocorrências de perífrase deve-se ao fato de que nosso principal foco de interesse *é o uso desse tipo de construção*, não só quanto ao número de ocorrências, mas especialmente quanto às funções semântico-pragmáticas desempenhadas. Interessa-nos mais a frequência de uso que envolve a relação entre forma verbal (futuro simples e tipo de perífrase) e função – a *multifuncionalidade*, do que a possível competição entre as formas verbais e seus condicionamentos – a *variação* em termos labovianos. Em razão disso, buscamos inicialmente estipular o mínimo de 20 ocorrências de perífrase em cada dissertação, de modo a possibilitar a manifestação de diferentes funções.

A aplicação dos critérios que foram estabelecidos ao longo do exame das dissertações, ou seja, o fazer metodológico, já nos dá indícios importantes acerca do uso da perífrase: o número mínimo de 20 ocorrências precisou ser ajustado para sete em DIR, dada a baixa recorrência dessa construção na área. Além disso, como vimos, em LIN, de 37 dissertações examinadas (18 em 2000/2001 e 19 em 2020/2021), quatro atenderam ao critério de número mínimo de ocorrências; em MAT, de 13 dissertações (6 em 2000/2001 e 7 em 2020/2021), quatro atenderam ao critério; em DIR, de 27 dissertações (20 em 2000/2001 e 7 em 2020/2021), quatro apresentaram o mínimo de sete ocorrências de perífrase. O *corpus* selecionado, portanto, envolve uma certa arbitrariedade, o que teria sérias implicações em uma análise variacionista típica de formas em competição. Mas, como veremos na análise, *a questão da variação fica num plano secundário*. Esse enviesamento do *corpus* deve ser levado em conta na análise, particularmente no que diz respeito a eventuais generalizações. Atente-se ainda para a situação de que *a não ocorrência de perífrases no texto não quer dizer que não haja a presença da forma verbal de futuro simples*. Então o alto número de dissertações desconsideradas não deve ser visto como casos de ausência de contextos de futuridade ou de tempo futuro, e sim como casos de ausência ou número reduzido de formas perifrásticas. Além disso, note-se que tanto em LIN como em MAT o número de dissertações consultadas nos dois períodos até encontrar o número suficiente de perífrases é equivalente; já em DIR, enquanto no primeiro período foram examinadas em torno 20 dissertações para se selecionar duas com perífrases, no segundo período foram examinadas apenas sete, o que *pode sinalizar* que esse tipo de construção seja mais recorrente em 2020/2021.

Outro aspecto que merece atenção diz respeito ao número de páginas das dissertações. Observamos que há uma discrepância em termos de ordem: DIR (938 p.) > LIN (440 p.) > MAT (334 p.) – DIR tem quase o triplo de páginas examinadas em relação a MAT. O número de ocorrências de formas verbais que expressam futuridade, no entanto, não reflete tal

discrepância: DIR (469 ocorrências), LIN (449 ocorrências) e MAT (395 ocorrências). Como na análise nos importa mais a frequência de usos na relação entre as formas verbais e na relação entre formas e funções, do que o número absoluto de ocorrências, tal disparidade acaba sendo relativizada, como veremos na Parte III.

7.2 Questões, hipóteses de pesquisa e grupos de fatores

A partir de um exame inicial do material coletado para um estudo piloto, percebemos que i) as indagações gerais acerca das *formas* verbais, apresentadas anteriormente, têm resposta positiva, em graus distintos dependentes da área de conhecimento; ii) as formas verbais, especialmente a perífrase, apresentam diferentes *funções*, para além da expressão do tempo futuro do presente, também dependentes da área; e iii) as perífrases se manifestam tanto com o auxiliar *ir* no presente como no futuro. Diante disso, considerando a morfologia verbal das formas sintética (*cantarei*) e analítica (*vou/irei cantar*), a multifuncionalidade apresentada pelas formas verbais e a questão do gênero textual/discursivo, da área de conhecimento e dos diferentes períodos de tempo, foram formuladas as questões e hipóteses de pesquisa apresentadas a seguir, bem como foram estabelecidos grupos de fatores a serem controlados, a partir dos quais se pode validar ou não as hipóteses levantadas. Salientamos que as questões, hipóteses e grupos de fatores estão ancorados no referencial teórico acionado nos capítulos precedentes, razão pela qual não nos deteremos nas justificativas.

7.2.1 Questões e hipóteses

As questões e hipóteses que norteiam esta pesquisa são pautadas no referencial teórico, na revisão da literatura desse objeto e no estudo piloto desta dissertação que foi fundamental para arrolarmos expectativas sobre o *gênero dissertação de mestrado*. Naquele estudo foi considerada uma dissertação de cada área do ano de 2000 e inicialmente controlamos apenas a forma/função; durante a análise fomos percebendo alguns fatores que se mostravam interessantes. A seguir trazemos as questões e respectivas hipóteses que norteiam este trabalho.

- a) Como se distribuem, em termos de frequência, as formas verbais de futuro do presente simples e de perífrase *ir* + infinitivo nos textos das diferentes áreas?

Hipótese **a**:

Considerando-se o alto grau de formalidade atribuído ao gênero dissertação de mestrado na esfera acadêmica (cf. Figura 6), a forma verbal preferida nos textos das três áreas é a de futuro do presente simples. Além disso, considerando-se as especificidades de cada área (cf. Seção 6.1), acredita-se que, entre os três campos de conhecimento, na área da Linguística haja uma frequência maior de perífrases, em contraste com a área do Direito, na qual a frequência de perífrases seria menor. A área de Matemática deve se situar entre as demais em termos frequenciais. Assim, a perífrase deve aparecer como forma alternativa secundária, porém com frequência diferenciada não só entre as áreas, mas também entre os tipos *ir* (presente) + Inf e *ir* (futuro) + Inf, com predomínio do primeiro tipo sobre o segundo. A expectativa de que as dissertações apresentem esses dois tipos de perífrase baseia-se nos resultados de Sarate (2019) em sua análise de artigos acadêmicos. Como já mencionado, foram encontrados, naquele trabalho, 60% de *ir* (futuro) + Inf e 40% de *ir* (presente) + Inf. Como estamos considerando – com base na Seção 4.3 sobre a gramaticalização da perífrase – que a forma perifrástica canônica é com o auxiliar *ir* no presente, nossa hipótese é de que essa será a construção analítica mais frequente. Observe-se que *essa hipótese não é formulada em termos de número absoluto de ocorrências* (o que seria tendencioso tendo em vista os critérios de seleção do corpus), e sim em termos de frequência percentual de uma forma verbal em relação a outra em cada área.

- b) Qual a relação entre as formas verbais de futuro do presente simples e de perífrase *ir* + infinitivo e as pessoas do discurso?

Hipótese b:

Dadas as características do gênero, espera-se que a forma verbal de futuro simples ocorra preferencialmente na terceira pessoa (P3, P6), sinalizando impessoalidade, conforme preconizam certas normas de escrita de texto acadêmico. Por outro lado, espera-se que a forma perifrástica, independentemente do tipo, predomine na primeira pessoa (P1, P4), sinalizando um certo grau de pessoalização e associando uma forma verbal tida, em geral, como menos formal a um estilo menos rígido de escrita acadêmica. Podemos pensar em uma escala de (im)pessoalização: P3, P6 > P4 > P1 – do mais impessoal para o mais pessoal, correlacionada às formas verbais como descrito acima. Frisamos ainda que esse fator foi selecionado devido ao estudo piloto desta dissertação mostrar altos usos de primeira pessoa- em especial P4, na área de Matemática.

- c) Como se dá o funcionamento das formas verbais, especialmente da perífrase, nos dois períodos de tempo contemplados, considerando-se as diferentes áreas?

Hipótese c:

A diferença de vinte anos deve influenciar na frequência de uso da forma perifrástica, de modo que as dissertações mais atuais devem apresentar não só uma taxa maior da forma inovadora em relação à forma conservadora, especialmente de *ir* (futuro) + Inf, mas também um leque maior de funções. Quanto às áreas de conhecimento, o funcionamento das formas verbais deve apresentar especificidades ao longo do tempo (cf. Seção 6.1). Controlamos esse fator devido ao trabalho de Sarate (2019) apontar maior frequência da forma *ir* (futuro) + Inf, salientamos que a autora observou artigos acadêmicos dos anos de 2013-2016, portanto a intenção é observar se o uso dessa forma se mantém estável ao longo do tempo¹⁴¹ no gênero dissertação de mestrado. Observe-se que tal hipótese se restringe ao *corpus* selecionado, não se cogitando em fazer generalizações acerca de variação e mudança

- d) Que funções essas formas verbais assumem nas dissertações e como essas funções se distribuem nas diferentes áreas?

Hipótese d:

Em relação às dissertações como um todo, a *perífrase* deve assumir predominantemente a função prototípica de *tempo futuro do presente*. Outras funções, no entanto, também podem aparecer expressando futuridade (e não especificamente tempo futuro do presente) e portando traços distintos no âmbito do tempo-aspecto-modalidade (TAM) (cf. GIBBON, 2014), como: *aspecto habitual*, *modalidade deôntica imperativa* em usos que convocam o leitor e *tempo futuro histórico* (cf. Capítulo 4). O *futuro simples*, por sua vez, deve expressar predominantemente o *tempo futuro do presente*. Ambas as formas verbais desempenham também uma função adicional espaço-temporal *metadiscursiva* (cf. Seção 6.1), sendo acionadas para anunciar o que vai ser feito na sequência, ou novos tópicos, remetendo o leitor para partes subsequentes do texto, com escopo gradiente diversificado (próximo ou mais distante).

Em relação a cada área, o estudo piloto sugere que a multifuncionalidade da perífrase na expressão de futuridade é relativamente dependente da subesfera considerada, apresentando-se de modo diferenciado entre os campos de conhecimento. Assim hipotetizamos que, embora a *função de tempo futuro do presente* seja predominante em todas as áreas, i) a *função metadiscursiva* deve estar mais presente em LIN, em razão de a área de Letras naturalmente interessar-se por questões de produção textual; ii) a *função modal deôntica imperativa* deve ser

¹⁴¹ Destacamos que na etapa de composição das amostras deste trabalho não fizemos diferenciação entre as perífrases, controlamos o número mínimo de ocorrências, entretanto sem privilegiar *ir* (futuro) + Inf ou *ir* (presente) + Inf.

privilegiada em MAT, dado o caráter de demonstração, recurso típico desse campo; e iii) a *função de tempo futuro histórico* deve particularizar DIR, uma vez que retrospectos narrativos costumam estar presentes em textos dessa área. Não temos uma expectativa clara acerca do *aspecto habitual* e de *outras funções temporais*.

- e) Como essas formas/funções se comportam em termos de domínio(s) funcional(is)?

Hipótese e:

As formas verbais devem se concentrar no âmbito do *DF de tempo futuro do presente*, desempenhando nesse contexto diferentes funções temporais mais específicas (como *futuro do presente propriamente dito* e *futuro histórico*). Outros DF no âmbito da futuridadade, porém, podem aparecer imbricados nesse DF temporal prototípico: o *DF do aspecto habitual* e o *DF da modalidade deôntica imperativa*, integrando os três DF em um macrodomínio TAM (cf. GIBBON, 2014).

- f) Como as formas verbais se comportam em termos de variação?

Hipótese f:

De acordo com o estudo piloto, a variação entre as formas verbais perifrástica e de futuro simples deve ocorrer no âmbito do *DF de tempo futuro*, sendo mais acentuada na área de LIN. Espera-se que o uso das variantes seja sensível a especificidades no domínio temporal, tais como: *futuro do presente propriamente dito*, *futuro histórico*, *futuro metadiscursivo*. Nos demais DF – de aspecto habitual e da modalidade deôntica imperativa – não deve haver variação entre as formas verbais em questão, contextos em que a perífrase deve competir com outras formas verbais, como presente do indicativo e presente do subjuntivo, respectivamente (GIBBON, 2014), o que foge do foco de interesse desta pesquisa no que diz respeito à variação.

- g) Em relação a gênero e estilo, como é mais adequado descrever e explicar o funcionamento do fenômeno em estudo na esfera acadêmica: i) no âmbito do *gênero dissertação de mestrado*, considerando que os gêneros atuam como uma força coercitiva para o dizer social; ou ii) no âmbito das *áreas/subesferas*, considerando que o gênero se materializa com especificidades características de cada área; ou ainda iii) numa espécie de gradiência híbrida que chega até o estilo individual?

Hipótese g:

O gênero acadêmico dissertação de mestrado apresenta características gerais, que são relativamente estáveis, e também especificidades estilísticas por área de conhecimento (cf.

Capítulo 6). Acreditamos, pois, que nas dissertações de mestrado o uso das formas verbais de futuro simples e de futuro perifrástico apresenta um certo padrão de distribuição, privilegiando a forma verbal sintética – o que se configuraria como uma característica geral desse gênero. Não se trata, porém, de um comportamento categórico, visto que a perífrase também pode se fazer presente. Em se tratando das formas verbais em questão, para se considerar a *variação* é preciso considerar também a *multifuncionalidade* das formas, especialmente da perífrase, não só nas dissertações como um todo, mas também nas dissertações por área, e nas dissertações individualmente, de modo a se apreender com mais propriedade as especificidades de uso. Desse modo, acreditamos que a alternativa iii) da questão g) seja a mais adequada para a abordagem do fenômeno nesta pesquisa.

7.2.2 Grupos de fatores controlados

Os grupos de fatores foram organizados com base nas categorias do DF de futuridade – tempo-aspecto-modalidade –, com vistas a captar a multifuncionalidade das formas, especialmente da perífrase, bem como os contextos de variação com a forma verbal de futuro simples. Como já visto nos capítulos teóricos, o DF de futuridade é superordenado e nos permite observar os dados em sua gradiência; além disso, esse amplo DF compartilha traços de tempo futuro, de aspecto habitual e de modalidade deôntica – que, por sua vez, se constituem em três domínios funcionais distintos, embora imbricados. Nesse sentido, os dados serão analisados em seu contexto de uso, com destaque para a função exercida, especialmente pela forma perifrástica.

Na codificação dos dados para análise, tomamos as formas verbais como variável de referência (dependente) e outros grupos de fatores como variáveis independentes. Acreditamos que esse tipo de controle permite observar tanto o comportamento *multifuncional* das formas como o comportamento *variável*. Nesse sentido, é no decorrer da análise que caberá à pesquisadora estabelecer essa diferenciação, considerando os resultados quantitativos que são compatíveis com cada uma dessas perspectivas: semasiológica – que parte da forma e levanta as diferentes funções/significações que a forma desempenha (multifuncionalidade); e onomasiológica – que parte da função e identifica as formas que a expressam, bem como os contextos de uso (variação). Na codificação dos dados, vamos considerar ainda a área (Linguística, Matemática e Direito), bem como o indivíduo/autor, indicado pelo número que acompanha a sigla da área.

As variáveis controladas neste estudo são descritas e exemplificadas a seguir.

I – Variável de referência (dependente)

i) *Formas verbais*:

- Futuro simples
 - (1) Nesta seção, **apresentaremos** a definição de módulo quociente relativo a uma teoria de torção dada. Para isso, **usaremos** o conceito de fecho divisível de um módulo (MAT1, 2000, p. 49)¹⁴².
- Perífrase *ir* (presente) + infinitivo
 - (2) A Teoria Geral do Garantismo é construída a partir de três acepções (modelo normativo de direito/ teoria jurídica da validade, da vigência e da eficácia normativas/filosofia política). **Vai encontrar** ressonância justamente no chamado Estado Constitucional de Direito, na medida em que o concebe como um instrumental voltado para a implementação de valores identificados com a dignidade humana e para a busca de uma convergência entre a liberdade plena e a igualdade substancia (DIR1, 2000, p. 52).
- Perífrase *ir* (futuro) + infinitivo
 - (3) Portanto, o funcionamento destes verbos ocorre no âmbito oracional, mantendo uma autonomia em relação ao texto, diferentemente do que ocorre em (15), em que o quer dizer funciona numa relação textual. Além disso, o contexto onde o quer dizer está inserido é que **irá possibilitar** a identificação de seu significado. (LIN2, 2001, p. 117).

II – Variáveis independentes

i) *Pessoa do discurso*¹⁴³:

- P3
 - (4) Estabelece, ainda, em seu Artigo 13, que o Estado **garantirá** a liberdade de trabalho, assim como **providenciará** trabalhos públicos para empregar os braços desocupados, **implementará** a educação básica e profissional, além de introduzir as primeiras noções de previdência social, quando propõe a assistência às crianças abandonadas, aos enfermos e aos idosos sem condições econômicas para seu sustento. (DIR1, 2000, p. 42).
- P4
 - (5) **Estudaremos** agora o caso em que R não é necessariamente um domínio. Desejamos obter condições necessárias e suficientes, impostas sobre o anel R, de forma que o anel quociente à direita $S^{\circ}R$ seja anel quociente clássico à direita e mantenha as propriedades vistas na seção 5.1. (MAT1, 2000, p. 84).
- P6
 - (6) Podemos ver que a idéia de seqüencialidade que perpassa estes exemplos ocorre concomitantemente a uma outra função específica, no primeiro caso a de esclarecedor e,

¹⁴² Os códigos identificam as dissertações que foram selecionadas para a análise. A sigla é seguida pelo número de ordem da dissertação, pelo ano de publicização e pela p. do texto em que se encontra a ocorrência.

¹⁴³ Utilizamos a nomenclatura estipulada por Mattoso Câmara Jr. (1987) para nos referirmos às pessoas do discurso: P1 para "eu", P2 para "tu/você", P3 para "ele/ela", P4 para "nós/a gente", P5 para "vós/vocês" e P6 para "eles/elas".

no segundo, a de explicativo. Estas funções **serão** definidas e melhor caracterizadas na subseção seguinte. (LIN2, 2001, p.64).

ii) *Domínio funcional:*

- Tempo futuro do presente

(7) Esse tipo de dados é que **fará** parte da análise central desta dissertação. Os exemplos com estatuto verbal se constituirão como ponto de referência para tentar explicar uma possível trajetória de mudança do *quer dizer* (LIN2, 2001, p.11).

- Aspecto habitual

(8) Com isso, pode-se dizer que eventual supressão de qualquer dos direitos trabalhistas enunciados no Artigo 7º (ainda que regulamentados por legislação infraconstitucional) **representará** flagrante inconstitucionalidade por ofensa às normas dos Artigos 6º, combinado com o Artigo 1º (Incisos III, IV), além do artigo 170 que remete aos princípios gerais da atividade econômica, todos da Constituição da República Federativa do Brasil (DIR1, 2001, p. 3).

- Modalidade deôntica imperativa

(9) Do Corolário 5.3.1, basta mostrar que R é semi-primo. **Vamos supor** que R não é semi-primo, ou seja, que existe um ideal não nulo I tal que $I^2 = 0$. (MAT1, 2000, p. 91).

- Ambíguo

(10)

Vamos denotar a classe $\overline{(a, s)}$ por $\frac{a}{s}$. Consideremos agora o conjunto das classes $S^{-1}R := \{\frac{a}{s} / a \in R, s \in S\}$.

Definimos em $S^{-1}R$ as seguintes relações:

$$\begin{aligned} + : S^{-1}R \times S^{-1}R &\longrightarrow S^{-1}R \\ \left(\frac{a}{s}, \frac{b}{t}\right) &\longmapsto \frac{at+sb}{st} \\ \cdot : S^{-1}R \times S^{-1}R &\longrightarrow S^{-1}R \\ \left(\frac{a}{s}, \frac{b}{t}\right) &\longmapsto \frac{ab}{st} \end{aligned}$$

(MAT1, 2000, p. 13)¹⁴⁴.

Cabe observar que: em (7), há uma projeção futura que remete a uma etapa posterior da pesquisa; em (8), trata-se de uma ação repetida durativa descontínua ilimitada (= *toda vez que...*), o que caracteriza o aspecto habitual; em (9), “vamos supor” equivale a *suponhamos*, um uso claramente manipulativo, convidando o leitor a participar da situação; e em (10), nem o contexto mais amplo do dado permite saber se a forma verbal “vamos denotar” equivale a *denotaremos* (expressando um futuro imediato) ou a *denotemos* (expressando uma chamada ao interlocutor, que segue na sequência com “Consideremos”), por isso o domínio funcional do

¹⁴⁴ Alguns exemplos de MAT1 serão recortados devido aos símbolos matemáticos que são perdidos durante o processo de copiar/colar a ocorrência da forma verbal analisada.

dado foi considerado ambíguo, no sentido de situar-se interdomínios. Adiante, no capítulo seguinte, discutiremos mais detalhadamente essa questão da ambiguidade.

iii) *Função temporal*¹⁴⁵

Em relação à função temporal das ocorrências sob o escopo do domínio funcional do futuro do presente, o exame inicial dos dados nos permitiu identificar cinco funções/valores temporais, caracterizados e exemplificados a seguir.

- Futuro do presente metadiscursivo

Expressa uma projeção espaço-temporal em que o espaço diz respeito à dimensão textual, orientando o leitor quanto à organização das partes do texto, anunciando em que parte posterior do texto um dado tópico será abordado etc. É normalmente acompanhado por pistas linguísticas (*neste trabalho, no capítulo seguinte, adiante etc.*), as quais podem ser inferidas de construções elípticas.

(11) Cabe referir que, neste trabalho, não **serão** aprofundados os estudos sobre as formas de legitimação, tampouco sobre democracia, havendo referências à legitimação formal/substancial e à democracia formal/substancial sob o enfoque garantista apenas para proporcionar uma visão mais completa sobre o Garantismo. (DIR1, 2000, p. 94).

- Futuro do presente determinado

Expressa uma referência temporal, ou espaço-temporal, imediata e/ou claramente definida, cuja especificidade futura pode ser sinalizada por adjuntos adverbiais de tempo ou pode ser inferida do contexto.

(12)

Vamos nos concentrar no caso em que X é um espaço de Banach. Para uma função $F: X \rightarrow \overline{\mathbb{R}}$, podemos aplicar a Definição 2.3 tanto para a topologia forte, quanto para a topologia fraca (veja Apêndice B.3 para detalhes). Quando consideramos a topologia forte, **vamos usar** a mesma nomenclatura e denominar F *semicontínua inferiormente*. Já para a topologia fraca, **vamos denominar** F *fracamente semicontínua inferiormente*. No caso em que F é uma função convexa, temos um importante resultado:

Teorema 2.7. Sejam X um espaço de Banach e $F: X \rightarrow \overline{\mathbb{R}}$ uma função convexa. Então, as seguintes afirmações são equivalentes:

(MAT4, 2021, p. 21).

¹⁴⁵ A função temporal só se aplica a ocorrências do domínio funcional de futuro do presente, uma vez que nos DF do aspecto habitual e da modalidade deontica/imperativo as funções que sobressaem não são temporais, embora todas façam parte do amplo domínio da futuridade.

- Futuro do futuro

Expressa uma referência temporal cuja realização é posterior a uma situação hipotética também futura. Ocorre, tipicamente, em períodos compostos, em que o futuro da situação codificada na oração principal depende da realização da situação também futura da oração subordinada, notadamente as adverbiais temporais e condicionais. Esse tipo de relação temporal pode ser, por vezes, inferido contextualmente, desde que haja pistas linguísticas para tal. Cabe aqui uma nota: embora o ponto de referência imediato não seja o momento de fala – como no caso do futuro do presente prototípico –, para efeitos de análise, consideramos o futuro do futuro dentro do escopo (alargado) do domínio funcional de tempo futuro do presente, já que, como tempo relativo-absoluto, também toma como ponto de referência o momento de fala, além de outro ponto dado contextualmente.

(13) Quando R é domínio, **veremos** que a condição Rr ser de dimensão finita pode ser mais precisa, em termos de número de elementos numa família independente de ideais não nulos (MAT1, 2000, p. 80).

- Futuro do presente histórico

Expressa uma referência temporal futura em relação a um ponto de referência que foi deslocado do presente para o passado, de modo que o sistema de referência é colocado antes da enunciação e a situação codificada como futuro, de fato, já ocorreu, podendo ou não ser estendida para além do momento da enunciação.

(14) Constata-se que, mesmo no período inicial de expansão do modelo taylorista/fordista (até início da década de 20) e no período de “compromissos e regulações”, com franca intervenção do Estado (Keynesianismo), toda a reorganização da produção e do capital se volta naturalmente para a eliminação de postos de trabalho. O Toyotismo, no Japão, reaprendido pelo ocidente, **vai significar** - com suas técnicas próprias - também um duro golpe na instituição do emprego (DIR1, 2000, p. 128).

- Futuro indeterminado

Expressa um futuro cuja referência temporal é genérica, ou indefinida, ou ‘atemporal’ no sentido de se estender do presente para o futuro. Os traços de intenção são enfraquecidos, sendo suplantados por uma condição externamente imposta pela circunstância.

(15) Em (18) o *quer dizer* é usado para avaliar e concluir uma argumentação acerca da importância de estudar, principalmente para a mulher, e que tanto o marido como sua esposa tem que procurar

construir sua vida sem esperar um pelo outro, pois caso haja separação ela não precisa ficar dependendo de seu cônjuge, **vai construir** sua vida sozinha, sem alterar seu cotidiano (“quer dizer, então muda muita coisa na vida”) (LIN2, 2001, p. 72).

Aqui cabe observar o seguinte: em (11), o autor situa o leitor quanto a algo que não será aprofundado “neste trabalho”, ou seja, dá uma orientação metadiscursiva; em (12), a projeção futura é imediata, em (13), há um contexto de subordinação temporal em que a situação de ver algo é posterior a outra situação também projetada no futuro; em (14), a relação entre o momento de fala/ponto de referência e o futuro do presente é deslocada para o passado, de modo que a projeção futura do ato de “significar” se ancora num acontecimento passado, sendo a própria situação de “significar” também passada; em (15), há uma indeterminação temporal, pois a ação de construir é indefinida já que depende de uma eventual separação.

Ainda em relação a esse grupo de fatores, observamos que tanto a função metadiscursiva como a de futuro histórico, e mesmo a de futuro do futuro, podem remeter a um tempo determinado ou a um tempo indeterminado. *Nesses casos, vamos priorizar, respectivamente, a função metadiscursiva, a de futuro histórico e a de futuro do futuro.* As outras especificidades temporais serão contempladas quando não se tratar de metadiscurso, nem de futuro histórico, nem de futuro do futuro.

Além disso, cumpre resgatar, aqui, uma pendência apontada no Capítulo 4 (Subseção 4.3.2 Valores da perífrase *ir* + infinitivo), a ser resolvida na Metodologia, a saber: “ou consideramos todas as ocorrências da forma verbal de futuro simples como sendo de tempo futuro do presente, já que se localizam à direita de F; ou especificamos a relação temporal que se estabelece entre as situações, identificando-as como futuro do futuro, futuro cotemporal, passado do futuro ou futuro histórico, respectivamente”. Após um exame preliminar dos dados, optamos por considerar, na análise, os fatores descritos e exemplificados mais acima.

Lembramos que, no capítulo teórico (Subseção 4.3.2), foi apresentada a seguinte distinção, assumida por Gibbon (2014), considerando o contexto textual/discursivo das ocorrências: i) seriam *futuro do presente* apenas os casos de tempo absoluto; ii) seriam *futuro do futuro* os casos em que “a segunda situação codificada na sequência de futuridade possui como ponto de referência a primeira” (p. 161); e iii) seriam *futuro cotemporal* os casos há “uma relação de simultaneidade total ou parcial entre duas situações no futuro” (p. 162). Nesse sentido, uma sequência de ações codificada num mesmo enunciado de futuridade, como em “eu disse: **Vou viajar** pra Argentina, **vou comprar** alguma coisa, **vou fazer** meu pé de meia’ – em que cada situação é posterior à precedente – foi considerada por Gibbon (p. 162) como

futuro do futuro. A decisão metodológica tomada nesta dissertação é de considerar esse tipo de *ocorrências sequenciais de perífrase como futuro do presente*, tomando como ponto de referência, cada uma delas, o momento de fala. O *futuro do futuro* foi reservado apenas para enunciados com subordinação, como ilustrado em (13).

Também o *futuro cotemporal*, exemplificado por Gibbon (2014, p. 162) como: “E este ano **vão lavar** a água, né? O arroz **vai dar** uma supersafra [...] essa gente **vai fazer** uma safra muito boa” – em que não há sequencialidade temporal entre as situações –, foi tratado por nós como *futuro do presente*, em que cada ocorrência é vista como se ancorando no momento de fala.

iv) *Subesfera*

Conforme hipotetizado em 7.2.1, a subesfera/área de conhecimento se mostrou um fator importante para a frequência de uso das formas/funções no estudo piloto. Ressaltamos que cada subesfera mostrou especificidades e que isso se relaciona diretamente com o sentido construído em torno do objeto de estudo de cada área, sendo Direito e Linguística mais expositiva-argumentativa e a Matemática mais demonstrativa. Os fatores controlados são:

- Linguística
- Direito
- Matemática

v) *Período de tempo*

A escolha por esse grupo de fatores é devido ao trabalho de Sarate (2019) ter apresentado mais usos da forma *ir* (futuro) + Inf do que *ir* (presente) + Inf, um resultado que não se repetiu nas pesquisas reportadas no Capítulo 5, já que em geral a forma *ir* (futuro) + Inf é tratada de forma conjunta com *ir* (presente) + Inf, justamente pela baixa ocorrência que essa forma apresenta. O artigo acadêmico e a dissertação de mestrado são gêneros da esfera acadêmica, portanto se uma forma está presente em determinado gênero é possível que essa forma expanda seu uso para outros gêneros da mesma esfera de atividade humana (cf. BAKHTIN, 2011 [1952]). O fato da autora ter analisado artigos de 2013-2016 abre indagações sobre qual o comportamento da forma *ir* (futuro) + Inf numa lacuna temporal de 20 anos. Os fatores controlados são:

- 2000/2001
- 2020/2021

7.3 Tipo de análise

A interface sociofuncionalista – associada a noções de gênero textual/discursivo – assumida nesta dissertação, requer uma metodologia que explore os aspectos qualitativo e quantitativo. A abordagem qualitativa é fundamental para compreendermos a funcionalidade das formas, particularmente da perífrase (forma inovadora) em cada *contexto de uso* – seja o contexto semântico-pragmático que caracteriza as funções no domínio TAM, seja o contexto discursivo que perpassa as diferentes instâncias do gênero; ao passo que a abordagem quantitativa fornece resultados acerca de frequências de uso que são importantes para entender tanto o espraiamento da multifuncionalidade das formas como a variação entre elas.

Nesta pesquisa nos valem de ambas as abordagens, entretanto a abordagem quantitativa entra num papel secundário para i) entendermos o enquadramento relativamente estável do gênero e o agenciamento do sujeito – de acordo com os fatores que recortamos; e ii) observarmos a frequência de uso entre as formas simples e perifrásticas e a relação dos grupos de fatores com essas formas. Para a análise quantitativa utilizamos o pacote estatístico Goldvarb X. As possibilidades do GoldVarb X permitem ajustar o arquivo de condições de modo a se considerar separadamente as áreas como amostras distintas e comparar posteriormente os resultados; e ainda efetuar cruzamentos entre os grupos de fatores.

Pela ótica qualitativa analisamos cada dado recortado (1.313 ocorrências) a fim de encontrar o domínio funcional e função no macrodomínio de futuridade. O contexto não se restringiu apenas ao parágrafo no qual o dado está inserido, muitas vezes foi preciso a compreensão de algumas páginas ou até mesmo da dissertação inteira para o entendimento concreto da função¹⁴⁶.

O estilo, que ao longo da análise foi se configurando como ponto principal deste trabalho, contou com uma análise qualitativa numa perspectiva de gradiência que envolve o sujeito de ponta a ponta. Consideramos a esfera de atividade, a subesfera e o indivíduo, sendo que esse último não aciona as formas em um vácuo social, mas centrado no sentido que deseja construir diante de um determinado interlocutor. Um olhar específico para cada dissertação foi importante para compreendermos o assunto tratado e, em destaque, as funções acionadas no escopo de TAM e como isso mostra a *agentividade* do sujeito em lidar com o convencional e evêntico.

¹⁴⁶ Para compreensão da função ambígua foi necessário observar toda a dissertação e outras formas que extrapolam o DF de futuridade, como o imperativo – *provemos*.

PARTE III:

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

INTRODUÇÃO À PARTE III

A terceira parte desta pesquisa, organizada em três capítulos, visa apresentar os resultados da análise das formas verbais e das funções desempenhadas, e da relação entre formas, funções e estilo. O intuito é começar com um olhar amplo e ir afinando aos poucos até o último capítulo, que se presta a responder à pergunta que dá título a esta dissertação. O Capítulo 8 – que contempla as três primeiras questões e respectivas hipóteses de pesquisa – é voltado para a distribuição das *formas verbais* (futuro simples, perífrase *ir* (presente) + Inf e perífrase *ir* (futuro) + Inf) na expressão de futuridade, considerando a pessoa do discurso (P3, P4 e P6); as áreas de conhecimento (LIN, MAT e DIR); o período de tempo (2000/2001 e 2020/2021); e o autor da dissertação (12 autores). O capítulo 9 – que diz respeito à quarta, quinta e sexta questão/hipótese de pesquisa – é focado nas *funções* desempenhadas pelas formas verbais, em termos tanto de domínios funcionais TAM como de funções no interior de cada domínio, considerando-se ainda a questão *variacionista*. O capítulo 10 – que concerne à sétima e última questão/hipótese – traz um olhar mais específico para cada dissertação, com análise da relação entre formas e funções por subesfera e autor e reflexões que envolvem a questão do *estilo como um gradiente* articulado no âmbito da esfera acadêmica: o estilo do gênero dissertação de mestrado, da subesfera e do sujeito.

A análise quantitativa é feita em termos de número de ocorrências e frequências de uso. Não tencionamos investigar resultados probabilísticos dados em pesos relativos, uma vez que, devido ao enfoque teórico-conceitual da dissertação, buscamos priorizar o olhar quali sobre o quanti no sentido de que nos interessa – mais do que sugerir generalizações sobre a variação entre as formas verbais – observar as especificidades funcionais e discursivas de uso, além de depreender possíveis padrões.

8 FORMAS VERBAIS DE EXPRESSÃO DE FUTURIDADE NAS DISSERTAÇÕES

Este capítulo busca responder às *três primeiras questões* formuladas na Metodologia, de modo que as três seções que o compõem tratam respectivamente de: distribuição geral das formas verbais e distribuição das formas por área do conhecimento; relação entre as formas e as pessoas do discurso; e relação das formas com as áreas e os períodos de tempo. Também buscamos relacionar os resultados frequenciais ao princípio da marcação (GIVÓN, 1995).

8.1 Distribuição geral e por área das formas verbais de expressão de futuridade

Tendo em vista as características linguístico-discursivas do gênero dissertação de mestrado elencadas por Muniz-Oliveira e Barricelli (2009), dentre as quais a de que o uso dos tempos verbais de pretérito e de futuro seriam pouco recorrentes (cf. Seção 6.1), o primeiro resultado da análise que chama a atenção é o número relativamente alto de ocorrências das formas verbais selecionadas para estudo nas 12 dissertações que constituem o *corpus* desta pesquisa: 1.313 dados (em um total de 1.712 páginas de texto propriamente dito, excluídos os elementos pré-textuais e as referências).¹⁴⁷

Nossa *primeira hipótese* (cf. Seção 7.2.1) previa que o futuro simples seria a forma verbal mais acionada em relação à perífrase na expressão de futuridade devido ao caráter de formalidade do gênero; e que a perífrase com *ir* no presente seria mais usada que a com *ir* no futuro. Os resultados gerais das *formas* confirmam a hipótese e estão expostos na Tabela 1.

Tabela 1. Distribuição das formas verbais de expressão de *futuridade*

Formas verbais	Futuro simples	Perífrase <i>ir</i> (presente) + Inf	Perífrase <i>ir</i> (futuro) + Inf	Total
	N / %	N / %	N / %	N / %
	928 / 70,5	223 / 17	162 / 12,5	1.313 / 100

Fonte: elaboração própria

A Tabela 1 indica a larga preferência pela forma de futuro simples (70,5%). O resultado para a perífrase (em torno de 30%), no entanto, é bastante significativo, justamente em razão da característica formal do *corpus* analisado. Além disso, podemos observar que a separação das formas verbais do tipo *vamos apresentar* e *iremos apresentar* mostra-se pertinente, pois há

¹⁴⁷ Naturalmente, se comparado ao tempo verbal presente, esse número deve ser pouco significativo, mas o consideramos relativamente alto no gênero dissertação.

uma incidência relativamente alta de ambos os tipos de construção, porém com predomínio, não tão acentuado, de perífrase *ir* (presente) + Inf sobre a perífrase *ir* (futuro) + Inf (17% e 12,5%, respectivamente).

Conforme vimos nos trabalhos apresentados no Capítulo 5, a perífrase *ir* (futuro) + Inf é pouco utilizada, acarretando, em geral, uma análise conjunta com a perífrase *ir* (presente). Os dados desta pesquisa, no entanto, mostram a forma *ir* (futuro) relativamente produtiva no gênero dissertação de mestrado, sendo possível vislumbrar um cenário de concorrência entre as três formas verbais (cf. Capítulo 9, adiante). Esse resultado inicial suscita alguns questionamentos: O traço de informalidade já atribuído, de acordo com a literatura consultada, à perífrase *ir* (presente) se estenderia também para a perífrase *ir* (futuro)? Por qual razão, neste *corpus*, as duas formas perifrásticas mostram uma distribuição mais ou menos equilibrada de usos? É possível justificar os resultados considerando a área de conhecimento, a pessoa do discurso e/ou o estilo individual de cada autor? Buscaremos ter essas questões em mente ao longo da análise.

Nenhum dos trabalhos revisitados no Capítulo 5 trata da esfera acadêmica, exceto o de Sarate (2019) e o de Simioni et al. (2020). Ao analisar artigos acadêmicos, Sarate (2019) toma ambas as perífrases de forma conjunta; contudo, ao examinarmos, naquele estudo, as formas perifrásticas separadamente, observamos que a forma *ir* (futuro) + Inf mostrou-se mais recorrente (60%) que *ir* (presente) + Inf (40%). Nosso intuito não é comparar resultados, apenas sinalizar que a análise de um outro gênero da esfera acadêmica já havia apontado a alta incidência da forma perifrástica *ir* (futuro). Como vimos na Seção 4.3, Bagno (2011) apela para a hipercorreção, alegando que essa construção é usada por pessoas que ainda acreditam que a forma *ir* (presente) + Inf seja muito informal. Partindo dessa ótica e considerando a formalidade e a informalidade numa gradiência, estaria a perífrase *ir* (futuro) + Inf mais próxima da formalidade, já que se trataria de possível hipercorreção? Esta pesquisa não nos possibilita responder a esse questionamento, pois precisaríamos de outro instrumental metodológico, como testes de atitude. Com base na literatura consultada e nos resultados desta pesquisa, temos um pouco mais de clareza quanto ao significado social, em termos de grau de prestígio/formalidade, associado à perífrase *ir* (presente) + Inf e ao futuro simples.

Cabe aqui um comentário sobre *marcação*. Como visto na parte teórica, Givón (1995) estabelece três critérios envolvidos na marcação – distribuição da frequência, complexidade estrutural e complexidade cognitiva –, salientando que são *dependentes de contexto*. Tomando isoladamente as três formas verbais que são objeto deste estudo, consideramos que a forma perifrástica é estruturalmente mais complexa que a forma simples, por ser morfologicamente

composta por dois vocábulos; e entre os tipos de perífrase, *ir* (futuro) é mais complexa do que *ir* (presente) + Inf, por envolver processo flexional mais elaborado. A complexidade estrutural, como postula Givón, reflete a complexidade cognitiva, em termos de esforço mental de processamento. No que diz respeito às formas verbais em estudo, porém, o critério da complexidade cognitiva não é tão claramente aplicado em relação às formas sintética e analíticas, pois, ao que parece, a forma simples, por agregar um feixe de informações (número-pessoal e modo-temporal, além do significado lexical) poderia apresentar uma complexidade cognitiva maior.

Vamos lidar, nesta pesquisa, com o critério de *distribuição de frequência* para analisar as formas quanto à marcação nos diferentes contextos que instanciam a análise. De acordo com os resultados da Tabela 1, fica evidente que a forma simples de futuro é a menos marcada no *gênero dissertação de mestrado*, já que é a mais frequente. Ainda que com pouca diferença na frequência de uso entre as perífrases, os resultados mostram que a forma mais marcada é *ir* (futuro) + Inf. Podemos dizer que o *contexto de favorecimento – tanto para a não marcação da forma simples como para a marcação da perífrase – é o gênero*, já que os textos elaborados numa esfera de atividade formal correspondem a enunciados concebidos a longo prazo, e que são cuidadosamente escritos e revisados. Como à forma perifrástica costuma ser atribuído um traço de informalidade (cf. Capítulo 5), é esperado o uso do futuro simples em textos acadêmicos. Podemos dizer, pois, que nas dissertações de mestrado a forma verbal sintética corresponde ao uso *default*, portanto não marcado; e a forma analítica, ao uso marcado.

Ainda em relação à primeira hipótese deste estudo, nossa expectativa era de que i) a forma verbal de futuro do presente simples seria a preferida nos textos das três áreas; ii) considerando-se as especificidades de cada campo, na Linguística haveria uma frequência maior de perífrases, em contraste com o Direito, em que a frequência de perífrases seria menor, enquanto a Matemática se situaria no entremeio em termos frequenciais; e iii) a perífrase *ir* (presente) + Inf seria mais frequente do que a perífrase *ir* (futuro) + Inf em todas as áreas. Os resultados exibidos na Tabela 2 atestam essa expectativa geral quanto a i) e ii); mas não corroboram iii). O controle separado das perífrases nesta pesquisa aponta para a importância de se desmembrar analiticamente esses dois tipos de construção.

Tabela 2. Distribuição das formas verbais por área do conhecimento na expressão de *futuridade*¹⁴⁸

Formas verbais	Futuro simples	Perífrase <i>ir</i> (presente) + Inf	Perífrase <i>ir</i> (futuro) + Inf	Total
Área	N / %	N / %	N / %	N / %
Direito	422 / 90	20 / 4	27 / 6	469 / 36
Matemática	246 / 62	141 / 36	8 / 2	395 / 30
Linguística	260 / 58	62 / 14	127 / 28	449 / 34
Total	928 / 70,5	223 / 17	162 / 12,5	1.313 / 100

Fonte: elaboração própria

A coluna do total nos mostra que os contextos de futuridade que apresentam as formas verbais em estudo estão relativamente aproximados quantitativamente entre as áreas (na casa de 30%).¹⁴⁹

Os resultados por área de conhecimento mostram a forma simples como a predileta nas três subesferas, mas o uso dessa forma verbal se sobressai na subesfera de Direito (90%), o que já era esperado devido à intersecção dessa subesfera com a esfera jurídica, contextos que se caracterizam por alto grau de formalidade (cf. Capítulo 7). Já a segunda forma mais acionada não apresenta uma uniformidade de preferência. Conforme a Tabela 2, a segunda forma mais usada na área de Direito e de Linguística é a perífrase *ir* (futuro) (6% e 28%, respectivamente), enquanto na área de Matemática é a perífrase *ir* (presente) (36%). Assim, a perífrase aparece como forma alternativa secundária, porém com frequência diferenciada entre as áreas quanto aos tipos de construção. Quanto à *marcação*, o *contexto das áreas* mostra que a forma *ir* (presente) + Inf é a mais marcada nas subesferas de Direito e Linguística, enquanto na Matemática a forma mais marcada é a perífrase *ir* (futuro) + Inf. Em outras palavras, o contexto mais propício ao uso da perífrase *ir* (presente) + Inf é a área de Matemática; e o contexto mais favorável a *ir* (futuro) + Inf é a área da Linguística.

Esse resultado nos levou a examinar mais detidamente a distribuição comparativa dos dois tipos de perífrase por área, o que é mostrado na Tabela 3, que exclui as ocorrências de futuro simples.

¹⁴⁸ Os percentuais referentes às três formas somam 100% por área (leitura horizontal). Os percentuais referentes à coluna do total correspondem ao número de ocorrências por área (leitura vertical).

¹⁴⁹ É interessante salientar que essa relativa aproximação entre os totais de contextos futuridade de cada área neutraliza, de certa forma, a discrepância verificada entre as dissertações em relação ao número de páginas entre as áreas (cf. apontamos na Metodologia).

Tabela 3. Distribuição das formas verbais perifrásticas por área do conhecimento de *futuridade*

Formas verbais	Perífrase <i>ir</i> (presente) + Inf	Perífrase <i>ir</i> (futuro) + Inf	Total
Área	N / %	N / %	N / %
Direito	20 / 42,5	27 / 57,5	47 / 12
Matemática	141 / 94,5	8 / 5,5	149 / 39
Linguística	62 / 33	127 / 67	189 / 49
Total	223 / 58	162 / 42	385 / 100

Fonte: elaboração própria

A área de Matemática é a que apresenta uma maior diferença percentual entre as duas perífrases: *ir* (presente) + Inf (94,5%) e *ir* (futuro) + Inf (5,5%), mostrando o pouco espaço que a perífrase *ir* (futuro) tem na área. Já no Direito as discrepâncias percentuais entre as duas perífrases são pouco significativas, o que desvenda um cenário mais acirrado entre ambas: *ir* (presente) + Inf (42,5%) e *ir* (futuro) + Inf (57,5%). Os números apontam a subesfera de Linguística como a mais propícia para a emergência de construções como *iremos apresentar*: *ir* (futuro) + Inf (67%) e *ir* (presente) + Inf (33%).

Os resultados da Tabela 3 sinalizam que, a par de ambas as formas perifrásticas encontrarem maior resistência na área de Direito (com apenas 12% das ocorrências), aparentemente as duas formas lutam juntas por espaço nessa subesfera, pois os percentuais aproximados indicam o maior quadro de variação entre os dois tipos de perífrase. Já as áreas de Matemática e Linguística apresentam uma distribuição complementar: a primeira prefere quase que categoricamente a forma *ir* (presente) + Inf (94,5%) e a segunda privilegia, mas com taxa menor, a forma *ir* (futuro) + Inf (67%). Podemos conjecturar que, *grosso modo*, as formas perifrásticas encontram diferentes barreiras para o aumento da frequência de uso em cada subesfera.

8.2 Relação entre as formas verbais e as pessoas do discurso

A *segunda hipótese* desta pesquisa diz respeito às pessoas do discurso: a expectativa era de que a forma verbal simples ocorreria mais associada à terceira pessoa (P3 e P6) e a forma perifrástica à primeira pessoa (P1 e P4). Verificamos que P1 não apareceu em contextos de futuridade na amostra analisada. Os resultados obtidos encontram-se na Tabela 4.

Tabela 4. Distribuição das formas verbais por pessoas do discurso na expressão de *futuridade*

Formas verbais	Futuro simples	Perífrase <i>ir</i> (presente) + Inf	Perífrase <i>ir</i> (futuro) + Inf	Total
Pessoa do discurso	N / %	N / %	N / %	N / %
P3	437 / 71	54 / 9	123 / 20	614 / 46,5
P4	301 / 63	165 / 34,5	12 / 2,5	478 / 36,5
P6	190 / 86	4 / 2	27 / 12	221 / 17
Total	928 / 70,5	224 / 17	162 / 12,5	1.313 / 100

Fonte: elaboração própria

A Tabela 4 sinaliza para a alta incidência da terceira pessoa, especialmente de P3 (46,5% das ocorrências). Por outro lado, P4 também mostra uma presença robusta em mais de um terço das ocorrências (36,5%). De acordo com o esperado, é a terceira pessoa que se correlaciona mais fortemente com a forma verbal de futuro simples (86% para P6 e 71% para P3). Se considerarmos o total das ocorrências de futuro simples, vemos que P3 concentra quase a metade desses dados ($437/928 = 47\%$). Já P4 tem presença significativa com a perífrase *ir* (presente) + Inf (34,5%), sendo quase inexistente com *ir* (futuro) + Inf (2,5%). Se considerarmos o total de perífrases *ir* (presente) + Inf, percebemos que é P4 que agrega a grande maioria das ocorrências dessa forma verbal ($166/224 = 74\%$). Em contraponto, se tomarmos o total de perífrases *ir* (futuro) + Inf, notamos que é P3 a pessoa preferencial dessa forma verbal ($123/162 = 76\%$). Esse resultado destoa de nossa previsão inicial de que ambos os tipos de perífrase se concentrariam em P4. Novamente verificamos que as perífrases com presente e futuro não podem ser analisadas em conjunto, pois apresentam um comportamento distinto também em relação às pessoas do discurso. Vejamos alguns exemplos que ilustram as ocorrências de cada pessoa do discurso com as três formas verbais.

- (1) Em posse dessa fundamentação teórica, se **buscará**, então, verificar como se deu o debate constitucional sobre a disciplina dos partidos políticos no processo de redemocratização italiano, analisando principalmente a participação de Mortati na assembleia constituinte e na comissão de reorganização do Estado, verificando como foram tratadas as questões da natureza jurídica, democracia interna, autonomia regional e regulação constitucional dos partidos políticos na Constituição da República de 1948 (DIR3, 2020, p. 13).
- (2) Ainda, o recorrente **vai se valer** dos argumentos que já eram constantes da peça da mencionada ADI 2858 e mesmo do parecer da Procuradoria-Geral da República naquela Ação (que nunca teve mérito apreciado) para reforçar a linha argumentativa de que havia, antes de tudo, vício de forma, inconstitucionalidade formal no agir administrativo da Universidade ao estabelecer modulações próprias nos processos seletivos e normatizá-los ao próprio gosto (DIR4, 2021, p. 147).
- (3) Como modal, o verbo ‘querer’ passa a ter um comportamento diferenciado, pois ele **irá funcionar** ao lado de outro verbo, formando uma seqüência verbal que passa a significar ‘desejar falar algo’ (LIN2, 2001, p. 110)

- (4) Por exemplo, as significações de sujeito e indivíduo podem ser consideradas sinônimos para determinados grupos, contudo, para os estudiosos da AD francesa **veremos** que têm sentidos diferentes e peculiares para cada um (LIN4, 2021, p. 23).
- (5) Suponha que (1), (2), (3) sejam verdadeiras. **Vamos provar** que L é uma extensão radical de Q não contida em F (MAT2, 2001, p. 36).
- (6) Gostaríamos de destacar ainda, a respeito das Diretrizes, a forma como a relação entre escola e vida do trabalho aparece. Há, dentro documento, uma seção específica sobre a Educação Profissional Técnica, sob a qual não **iremos nos deter** tendo em vista o escopo desta pesquisa (LIN3, 2020, p. 106).
- (7) Neste trabalho, somente **serão** considerados espaços vetoriais reais ou complexos. Se o contrário não for explicitamente mencionado, sempre considere que um dado espaço vetorial é real (MAT4, 2021, p. 14).
- (8) As declarações de direitos **vão sinalizar** para a universalização dos direitos e, ao mesmo tempo em que são fundamento também passam a se constituir em conteúdo significativo da Constituição no objetivo de positivar os Direitos Fundamentais (DIR1, 2000, p. 33).
- (9) Os articuladores textuais são elementos que fazem a ligação entre os diversos segmentos que compõem um texto. Assim sendo, eles só **irão adquirir** um significado, uma função, a partir do seu contexto de uso (LIN2, 2001, p. 56).

A Tabela 5 exibe resultados apenas para as perífrases, de modo a deixar mais visíveis as diferenças.

Tabela 5. Distribuição das formas verbais perifrásticas por pessoa do discurso na expressão de *futuridade*

Formas verbais	Perífrase <i>ir</i> (presente) + Inf	Perífrase <i>ir</i> (futuro) + Inf	Total
Pessoa do discurso	N / %	N / %	N / %
P3	54 / 30,5	123 / 69,5	177 / 46
P4	164 / 93,5	12 / 6,5	176 / 46
P6	4 / 13	27 / 87	31 / 8
Total	223 / 58	162 / 42	385 / 100

Fonte: elaboração própria

Ao analisar apenas as formas perifrásticas vemos que a forma *ir* (presente) é predominante com P4, não só em relação às demais pessoas do discurso ($166/224 = 74\%$), mas também em relação à perífrase com futuro (93,5%). Por outro lado, a forma *ir* (futuro) se concentra mais em P3 ($123/162 = 76\%$) e, em comparação com a perífrase com presente, dispara associada a P6 (87%), sendo a construção menos usada com a primeira pessoa do plural (6,5%), revelando-se, portanto, um cenário bastante discrepante entre as formas perifrásticas.

A forma verbal associada a P4 aparece neste *corpus* como uma tomada de posição, de anunciar ao leitor as decisões que aparecem no texto, algo que é esperado no gênero dissertação de mestrado e que parece ser um uso típico de construções como *vamos apresentar* e

apresentaremos. A forma *ir* (futuro) é mais acionada nos usos da 3ª pessoa (P3 e P6). É na 6ª pessoa que *ir* (futuro) mostra um quadro de maior preferência em detrimento de *ir* (presente). Considerando apenas as perífrases em relação às pessoas do discurso na perspectiva da *marcação*, vemos que a perífrase *ir* (presente) + Inf é menos marcada em P4 e mais marcada em P6, enquanto a perífrase *ir* (futuro) + Inf é menos marcada em P6 e mais marcada em P4.

8.3 Frequência das formas verbais por área ao longo do tempo

Consideramos, a seguir, os dois períodos de tempo (2000/2001 e 2020/2021), para verificar como as formas verbais se distribuem num intervalo de 20 anos. Nossa *terceira hipótese* previa que a lacuna temporal influenciaria a frequência de uso das formas verbais, de modo que as dissertações mais atuais apresentariam uma taxa maior da forma inovadora. A Tabela 6 apresenta os resultados gerais das formas por ano de publicação, evidenciando uma queda no percentual associado ao futuro simples.

Tabela 6. Distribuição das formas verbais por período de tempo na expressão de *futuridade*

Formas verbais	Futuro simples	Perífrase <i>ir</i> (presente) + Inf	Perífrase <i>ir</i> (futuro) + Inf	Total
Ano de public.	N / %	N / %	N / %	N
2000/2001	372 / 74,5	110 / 22	17 / 3,5	499
2020/2021	556 / 68	113 / 14	145 / 18	814

Fonte: elaboração própria

Note-se que, em números absolutos, os contextos de *futuridade* em que as formas verbais em estudo se manifestam são bem mais recorrentes no período atual (814 ocorrências), mas investigar a razão dessa discrepância está fora do escopo desta pesquisa. Interessam-nos, no momento, os resultados percentuais, que relativizam essas diferenças e revelam as frequências de uso, a partir das quais fazemos as comparações. Notamos, ao longo de 20 anos, um declínio – ainda que pouco significativo – na frequência da forma de futuro simples (de 74,5% para 68%), bem como da perífrase *ir* (presente) + Inf (de 22% para 14%) e, conseqüentemente, um aumento da construção *ir* (futuro) + Inf (de 3,5% para 18%). O resultado mais saliente é justamente este último, com uma diferença superior a 14% entre os períodos, sinalizando para uma expansão de uso de construções como *iremos apresentar*, que seriam, por hipótese, mais inovadoras do que *vamos apresentar*. Os dados da Tabela 6 sugerem, portanto, que há uma mudança em andamento com a expansão de uso de perífrases no tipo de escrita acadêmica analisada, bem como um aumento de *ir* (futuro) + Inf em detrimento de *ir* (presente) + Inf.

Os resultados isolados expostos nas Tabelas 2 e 6 suscitam alguns questionamentos: Como se comportam as áreas em cada recorte temporal? Como cada autor/dissertação utiliza as formas verbais em estudo? Há uma distribuição equilibrada entre a frequência de usos individuais e a média de cada período, por área? Respostas a essas questões são obtidas mediante cruzamento de fatores. A Tabela 7 mostra o cruzamento das formas verbais com as dissertações/áreas e o ano de publicação, permitindo uma maior precisão nos resultados.

Tabela 7. Cruzamento das formas verbais com dissertação e período de tempo na expressão de *futuridade*¹⁵⁰

Formas verbais	Futuro simples	Perífrase <i>ir</i> (presente) + Inf	Perífrase <i>ir</i> (futuro) + Inf	Total
Dissertações	N / %	N / %	N / %	N
DIR1	27 / 79,5	7 / 20,5	0 / 0	34 / 16
DIR2	161 / 92	1 / 0,5	13 / 7,5	175 / 84
2000/2001	188 / 90	8 / 4	13 / 6	209 / 100
DIR3	95 / 89	0 / 0	12 / 11	107 / 41
DIR4	139 / 91	12 / 8	2 / 1	153 / 59
2020/2021	234 / 90	12 / 4,5	14 / 5,5	260 / 100
MAT1	85 / 72,5	32 / 27,5	0 / 0	117 / 65
MAT2	42 / 67,5	20 / 32,5	0 / 0	62 / 35
2000/2001	127 / 71	52 / 29	0 / 0	179 / 100
MAT3	78 / 71	25 / 23,5	6 / 5,5	109 / 50,5
MAT4	41 / 38	64 / 60	2 / 2	107 / 49,5
2020/2021	119 / 55	90 / 41,5	8 / 3,5	216 / 100
LIN1	15 / 34	29 / 66	0 / 0	44 / 39,5
LIN2	42 / 62,5	21 / 31,5	4 / 6	67 / 60,5
2000/2001	57 / 51,5	50 / 45	4 / 3,5	111 / 100
LIN3	122 / 53	1 / 0,5	108 / 46,5	231 / 68,5
LIN4	81 / 75,5	11 / 10,5	15 / 14	107 / 31,5
2020/2021	203 / 60	12 / 3,5	123 / 36,5	338 / 100

Fonte: elaboração própria

A Tabela 7 apresenta certa complexidade dada a quantidade de informações cruzadas, o que requer um olhar mais cuidadoso. Consideremos área por área, começando pelas dissertações do *Direito*. Em relação ao *futuro simples*, o percentual de 90% mantém-se nos dois períodos de tempo, mas com alterações entre as dissertações: a diferença entre DIR1 e DIR2 é superior (79,5% e 92%, respectivamente) do que entre DIR3 e DIR4 (89% e 91%, respectivamente). O resultado desviante da média é justamente o da primeira dissertação, que mostra uma frequência menor de uso da forma verbal de futuro simples em relação às demais

¹⁵⁰ Os percentuais associados a cada forma verbal somam 100% por dissertação e por período (leitura horizontal). Na coluna do total, os percentuais somam 100% a cada novo período por área (leitura vertical).

dissertações da área. Tais resultados naturalmente se refletem no uso das formas perifrásticas. O percentual entre os períodos de tempo tem um leve acréscimo para a perífrase *ir* (presente) + *Inf* (de 4% para 4,5%) e um leve decréscimo para *ir* (futuro) + *Inf* (de 6% para 5,5%). Essas pequenas diferenças, no entanto, desaparecem ao observarmos cada dissertação.

A perífrase *ir* (presente) + *Inf* tem uma frequência de 20,5% em DIR1 e praticamente não ocorre em DIR2; de forma semelhante, não aparece em DIR3 e ocorre em 8% dos casos em DIR4. A perífrase *ir* (futuro) + *Inf*, por sua vez, não aparece em DIR1, tem uma frequência de 7,5% e de 11% em DIR 2 e DIR3, respectivamente, caindo para 1% em DIR4. Comparando-se esses resultados para DIR com aqueles expostos nas Tabelas 2 e 6, percebemos como os resultados para o ano de publicação (Tabela 6) escondem especificidades não só da área (Tabela 2), mas principalmente de cada autor/dissertação, o que é um sinal de alerta para eventuais generalizações.

Passemos agora para a *Matemática*. Diferentemente do que ocorre no Direito, os resultados gerais entre os períodos mostram-se bem mais diferenciados. Em relação ao *futuro simples*, há uma queda de 71% para 55% entre o primeiro e o segundo período. Quanto às dissertações, enquanto MAT1, MAT2 e MAT3 mantêm um percentual aproximado entre si (oscilando entre 72,5%, 67,5% e 70,5%, respectivamente), MAT4 destoa fortemente caindo para 38% de futuro simples. No que diz respeito às formas perifrásticas, também encontramos diferenças acentuadas entre os períodos: enquanto a perífrase *ir* (presente) + *Inf* aumenta significativamente sua frequência (de 29% para 41,5%), *ir* (futuro) + *Inf* tem um aumento mais modesto (sai de 0% para 3,5% de uso).

Considerando as dissertações individualmente, no que tange à perífrase *ir* (presente) + *Inf*, MAT1, MAT2 e MAT3 apresentam um comportamento semelhante (oscilando entre 27,5%, 32,5% e 23,5%, respectivamente), ao passo que MAT4 sobe para 60%. Já quanto à perífrase *ir* (futuro) + *Inf*, MAT1 e MAT2 têm zero ocorrências, MAT3 tem 5,5% e MAT4, 2%. É válido aqui o mesmo comentário feito em relação ao Direito: resultados mais gerais para os anos de publicação (Tabela 6) e para as áreas (Tabela 2) acabam obscurecendo especificidades de cada autor/dissertação, daí a importância de cruzamentos como o retratado na Tabela 7.

Examinemos, por fim, a área da *Linguística*. Em relação ao *futuro simples*, diferentemente da Matemática (que mostrou um decréscimo de uso entre os períodos) e do Direto (que se mostrou estável), a Linguística apresenta um aumento percentual (de 51,5% para 60%). As dissertações apresentam resultados diferenciados entre si: LIN1 com a frequência mais baixa (34%), LIN2 com um aumento significativo de uso (62,5%), caindo um pouco em

LIN3 (53%) e chegando ao percentual mais alto de futuro simples em LIN4 (75,5%). As formas perifrásticas mostram uma distribuição contrastante entre os períodos: enquanto *ir* (presente) + Inf apresenta um significativo decréscimo de uso (de 45% para 3,5%), *ir* (futuro) + Inf inverte essa direção (de 3,5% para 36%).

Individualmente, as dissertações são bem particularizadas. Para a perífrase *ir* (presente) + Inf: LIN1 se destaca pela alta frequência (66%), em LIN2 a frequência cai pela metade (31,5%), em LIN3 praticamente desaparece (0,5%) e em LIN4 volta a subir um pouco (10,5%). Para a perífrase *ir* (futuro) + Inf: LIN1 não apresenta ocorrências (0%), em LIN2 a forma começa a aparecer (6%), em LIN3 tem sua frequência mais alta (47%) e em LIN4 volta a decrescer (14%). Reiteramos mais uma vez a pertinência de fazermos cruzamentos entre diferentes fatores. No caso da Linguística, em especial, as diferenças individuais são bastante salientes e devem ser levadas em conta na análise. Note-se que num mesmo período, por exemplo 2000/2001, para a forma simples, o percentual de 51,5% envolve 34% para LIN1 e 62,5% para LIN2; para a perífrase *ir* (presente + Inf), o percentual de 45% envolve 66% para LIN1 e 31,5% para LIN2; e assim por diante.

Concluindo o Capítulo 8, retomamos alguns aspectos que julgamos mais relevantes.

Lidamos com três formas verbais que transitam pelo macrodomínio de futuridade, atravessando TAM, as quais nem sempre têm o tempo futuro do presente como o domínio funcional mais saliente. Em relação a TAM, a expectativa era de que as formas verbais se concentrariam predominantemente no domínio funcional de *tempo futuro do presente*, mas a *perífrase* transitaria também por outros domínios, portando traços de *aspecto* e de *modalidade*. Vimos que o domínio funcional que se mostrou prototípico para as formas verbais em estudo foi o de tempo futuro do presente, no âmbito do qual elas se encontram em variação, sendo que a área que se mostrou mais propícia à variação foi LIN. Nos domínios de aspecto habitual e de modalidade deôntica imperativa não há variação entre as três formas verbais, no primeiro caso por termos encontrado apenas uma ocorrência e no segundo porque a forma que ocorreu categoricamente foi a perífrase *ir* (presente) + Inf. Considerando todas as ocorrências analisadas, no amplo domínio da *futuridade* foi a perífrase *ir* (presente) + Inf que mostrou maior multifuncionalidade. Já no DF de *tempo futuro do presente*, a forma que apresenta multifuncionalidade mais consistente é a do futuro simples.

Em relação a nossa hipótese acerca da influência dos períodos de tempo e das especificidades das áreas sobre a frequência de uso das formas verbais, consideramos que foi, no geral, atestada, enfatizando-se, porém, que: i) os dois tipos de perífrase apresentaram

comportamento distinto ao longo dos anos, sendo importante analisá-las separadamente; e ii) não basta controlar isoladamente o período de tempo e a área de conhecimento, sendo necessário realizar cruzamento entre esses fatores e, principalmente, com os autores/as dissertações individuais.

Nesse sentido, a suposição levantada a partir dos resultados mostrados na Tabela 6 de que haveria uma mudança em andamento precisa ser duplamente relativizada: por área e por dissertação/autor. Por *área*: Direito – permaneceu praticamente inalterado em relação à frequência de uso das formas verbais entre um período e outro, com a presença das três formas em ambos os períodos; Matemática – mostrou diferença expressiva entre os períodos (com diminuição de futuro simples e aumento de perífrase *ir* (presente) + Inf, na casa dos 20%), bem como entrada tímida de *ir* (futuro) + Inf; e Linguística – mostrou diferença proporcionalmente inversa no uso das perífrases, com diminuição de *ir* (presente) + Inf e aumento de *ir* (futuro) + Inf, na casa dos 30% a 40%.

Por *dissertação/autor*: Direito – mesmo que a área tenha se mostrado praticamente inalterada, o comportamento dos autores não se manteve regular, havendo discrepâncias individuais em relação às três formas verbais, as quais ficaram neutralizadas nas médias por período de tempo; Matemática – os autores do primeiro período mantiveram um certo padrão nos usos, mas os autores do segundo período discreparam expressivamente entre si; e Linguística – todos os autores mostraram usos diferenciados das três formas verbais, oscilando fortemente: no futuro simples (entre 34% e 75,5%); na perífrase *ir* (presente) + Inf (entre 0,5% e 66%); e na perífrase *ir* (futuro) + Inf (entre 0% e 46,5%).

Esses resultados se refletem, naturalmente, na questão da *marcação*, sinalizando que as formas verbais são mais ou menos marcadas não só em relação ao gênero dissertação, mas também em relação às áreas e, em última instância, a cada texto individual.

9 FUNÇÕES DAS FORMAS VERBAIS NO MACRODOMÍNIO DA FUTURIDADE

Lembramos ao leitor que estamos operando com uma noção complexa de domínio funcional que atua em níveis hierárquicos aos quais, neste estudo, assim denominamos: macrodomínio (ou amplo domínio) funcional da *futuridade* > *domínios funcionais TAM* (*tempo futuro do presente, aspecto habitual e modalidade deôntica imperativa*) > *funções* desempenhadas sob o escopo de cada domínio funcional TAM.

Lembramos também que esta pesquisa assume a interface teórico-metodológica do sociofuncionalismo, portanto interessam-nos as funções das formas e a possível variação entre as formas verbais de futuro simples, de perífrase *ir* (presente) + Inf e de perífrase *ir* (futuro) + Inf, considerando a coexistência das três camadas num dado domínio funcional que, nessa condição, corresponderia a três variantes de uma variável linguística. As camadas/variantes de um domínio funcional/variável linguística podem ser consideradas com equivalência de função/significação somente depois da análise das funções exercidas pelas formas. Nesse sentido, não nos interessa, neste estudo, uma análise variacionista refinada, e sim identificar contextos de variação e eventuais condicionadores, uma vez que o foco principal de nosso interesse recai sobre a relação entre formas e funções vistas como recursos linguísticos de caráter estilístico.

Neste capítulo, tratamos da *quarta, quinta e sexta questão* de pesquisa, que dizem respeito a que *funções* as formas verbais em estudo desempenham nas dissertações analisadas; em quais *domínios funcionais* se inserem; como essas funções se distribuem nas *diferentes áreas* que compõem o *corpus*; e como as formas se comportam em termos de *variação* (cf. Subseção 7.2.1). O capítulo está organizado em quatro seções: a primeira concerne à distribuição das formas verbais por domínios funcionais (DF) e funções sob o escopo de cada DF, e à identificação dos contextos de variação; a segunda é reservada à discussão das funções ambíguas; a terceira é destinada ao cruzamento entre formas verbais, funções e pessoas do discurso; e a quarta contempla o cruzamento das formas verbais com funções e áreas do conhecimento. A variação entre as formas verbais vai sendo evidenciada, em termos frequenciais, nos referidos cruzamentos.

9.1 Distribuição das formas verbais por domínios funcionais e respectivas funções

Em conformidade com a revisão da literatura sobre o assunto e a análise preliminar de alguns dados, nossa hipótese inicial previa que: i) o macrodomínio funcional da futuridade

abrigaria três domínios funcionais com presença mais acentuada de uma das categorias de TAM em cada um deles: o DF de *tempo futuro*, o DF de *aspecto habitual* e o DF de *modalidade deôntica imperativa*; ii) as formas verbais (futuro simples e perífrase) se concentrariam no escopo do DF de *tempo futuro*; iii) as formas verbais desempenhariam funções específicas no interior de cada DF, com um leque maior de funções no DF de tempo futuro, como: *função metadiscursiva* e *função de futuro histórico*, entre outras funções temporais. Além disso, em relação à *variação*, nossa expectativa era de que a variação entre as formas verbais perifrásticas e de futuro simples ocorreria no âmbito do *DF de tempo futuro*, sendo mais acentuada na área de Linguística.

Em relação aos DF, encontramos na amostra apenas uma ocorrência que poderia ser interpretada sob o escopo da habitualidade¹⁵¹:

- (10) Com isso, pode-se dizer que eventual supressão de qualquer dos direitos trabalhistas enunciados no Artigo 7º (ainda que regulamentados por legislação infraconstitucional) **representará** flagrante inconstitucionalidade por ofensa às normas dos Artigos 6º, combinado com o Artigo 1º (Incisos III, IV), além do artigo 170 que remete aos princípios gerais da atividade econômica, todos da Constituição da República Federativa do Brasil (DIR1, 2000, p. 3).

Trata-se justamente do exemplo apresentado na Metodologia, cuja situação retrata uma ação que pode se projetar como repetida durativa descontínua ilimitada (= *toda vez que...*), o que caracteriza o aspecto habitual, de acordo com os critérios estabelecidos nesta pesquisa. Como já apontamos no Capítulo 3, o aspecto habitual e o tempo futuro indeterminado situam-se em uma linha muito tênue e, por vezes, podem ser confundidos. Note-se que na ocorrência acima a substituição por uma das perífrases manteria o sentido de situação habitual.

A escassez de contextos de habitualidade no macrodomínio da futuridade em nossa amostra converge com o resultado encontrado por Gibbon (2014) para as perífrases nas peças teatrais diacronicamente analisadas (2 ocorrências em 178 dados = 1%), e difere da encontrada pela autora, também para as perífrases, na amostra de fala do Varsul/RS (78 ocorrências em 737 dados = 11%). Nas dissertações examinadas por nós, nenhuma perífrase foi interpretada como expressando habitualidade. Convém lembrar, aqui, a ponderação de Travaglia (2016) de que as noções modais que são intrínsecas ao valor de futuridade bem como a realização virtual de uma situação costumam bloquear a atualização do aspecto, mas que a interferência de recursos como o significado lexical do verbo e adjuntos adverbiais, por exemplo, possibilitam

¹⁵¹ Essa ocorrência está sendo considerada qualitativamente e não entrou no cômputo dos dados já analisados na seção precedente.

que o aspecto seja atualizado (cf. Seção 3.2). No caso da ocorrência acima, é o contexto circundante à forma verbal de futuro que dá pistas de possível leitura de habitualidade.

Como já antecipamos na Metodologia, na prática, alguns dados se apresentaram em contexto ambíguo, mesclando traços de modalidade deôntica imperativa e de tempo futuro do presente, o que interfere diretamente na identificação tanto do DF no âmbito de TAM, como da função exercida pelas formas sob cada DF, de modo que tanto o DF como a função são considerados ambíguos. A Tabela 8 reúne os resultados para os DF e respectivas funções, considerando-se que: o fator “função ambígua” contempla também DF ambíguo, não havendo clareza se se trata de tempo ou de modalidade; o DF da modalidade deôntica manipulativa abriga apenas uma função, que é a que estamos denominando imperativa e que equivale ao respectivo DF; e o DF do aspecto habitual não foi incluído na tabela por apresentar apenas uma ocorrência, conforme já comentado.

Tabela 8. Distribuição das formas verbais por DF e funções no macrodomínio da *futuridade*¹⁵²

Formas verbais	Futuro simples	Perífrase <i>ir</i> (presente) + Inf	Perífrase <i>ir</i> (futuro) + Inf	Total
<i>DF Tempo futuro do presente</i>	N / %	N / %	N / %	N / %
Fut. Indeterminado	358 / 77,5	42 / 9	61 / 13,5	461 / 35
Fut. Metadiscursivo	363 / 82	71 / 16	9 / 2	443 / 34
Fut. Histórico	73 / 42,5	16 / 9,5	82 / 48	171 / 13
Fut. Determinado	75 / 54	58 / 41,5	6 / 4,5	139 / 10,5
Fut. do Futuro	59 / 79,5	11 / 15	4 / 5,5	74 / 5,5
<i>DF/Função ambígua</i>	0 / 0	19 / 100	0 / 0	19 / 1,5
<i>DF Modal. deôntica manipulativa/imperativa</i>	0 / 0	6 / 100	0 / 0	6 / 0,5
Total	928 / 70,5	223 / 17	162 / 12,5	1.313 / 100

Fonte: elaboração própria

A primeira consideração a ser feita diz respeito aos percentuais dispostos na tabela: quanto às formas verbais, o percentual foi calculado em relação a cada função (leitura horizontal); quanto à coluna do total, os percentuais foram calculados em relação ao total de dados (leitura vertical). Isso posto, podemos observar que – descontados o DF/função ambígua e o DF da modalidade deôntica imperativa, que somam 26 ocorrências (2% do total de dados) – é o DF *tempo futuro do presente* que se destaca com 1.288 dados (98% do total), assim distribuídos no interior desse DF: futuro simples = 928 (72%); *ir* (presente) + Inf = 198 (15,5%);

¹⁵² Os percentuais associados às formas verbais somam 100% entre as três formas para cada função (leitura horizontal). Na coluna do total, os percentuais dizem respeito ao total de ocorrências (leitura vertical).

e *ir* (futuro) + Inf = 162 (12,5%). Chega-se a esses percentuais, tomando-se como totalidade o número de 1.288 ocorrências de dados no DF tempo.

Começamos a discussão pelos resultados categóricos, primeiramente os associados ao *DF de modalidade* na função *deôntica imperativa*, que concentra as 6 ocorrências dessa função (0,5% do total de dados) com a perífrase *ir* (presente) + Inf. Essa função atua como um convite para o leitor participar da situação sobre a qual o autor está discorrendo. Os exemplos a seguir ilustram esse DF e respectiva função.

(11)

3. Se D é domínio comutativo e $\frac{a}{s}$ é inversível em $S^{-1}D$ então existe $b \in D$ tal que $ab \in S$.

Vamos supor que $(\frac{a}{s})^{-1} = \frac{b}{t} \in S^{-1}D$. Então, $\frac{a}{s} \cdot \frac{b}{t} = \frac{1}{1}$, ou seja, existe $u \in S$ tal que $u(ab - st) = 0$. Como D é domínio, segue que, $ab = st \in S$.

(MAT1, 2000, p. 14).

(12) **Vamos dizer** que este é o estado de coisas porque estamos às voltas com caso inerente em (27) e não estrutural (26). O verbo entregar em (26) descarrega acusativo (estrutural) em a encomenda e não tem mais nenhum caso para descarregar. Como o DP o João precisa de caso, uma preposição deve vir junto a ele. Se fazemos a hipótese de que o a no PB se tornou específico para contextos de caso inerente, entendemos sua (quase) substituição por para em (26) (LIN1, 2000, p. 63).

Em (11), temos um ato de fala manipulativo, em que *vamos supor* seria intercambiável com *suponhamos*. Esse tipo de uso é um convite para o leitor acompanhar a demonstração da equação em uma dissertação de Matemática. O mesmo ocorre em (12) com a perífrase *vamos dizer*: depreende-se, pelo contexto mais amplo, que essa forma verbal corresponde a *digamos*, também incitando o leitor a fazer uma suposição, dessa vez em uma dissertação da Linguística. Note-se que ambas as perífrases estão em P4¹⁵³. Do ponto de vista da variação, a intercambialidade pela forma simples ou pela perífrase *ir* (futuro) + Inf não manteria o traço de manipulação, logo a variação entre as formas verbais que selecionamos para este estudo não cabe nos dados de modalidade deôntica imperativa. A variação nos dois excertos precedentes se daria com as formas verbais de imperativo/subjuntivo, como apontado acima, portanto fora do domínio funcional do tempo futuro do presente, embora dentro do amplo domínio de futuridade.

¹⁵³ Uma análise da relação entre as formas, as funções e as pessoas do discurso será feita mais adiante.

O outro fator de comportamento categórico, o *DF/função ambígua*, que também se concentra na forma verbal *ir* (presente) + Inf, apresenta traços de modalidade deôntica imperativa mesclados com traços de tempo futuro. Deixamos a análise desses dados ambíguos para a próxima subseção.

Vamos nos deter, a seguir, no *DF tempo futuro do presente*. Esse DF apresentou cinco funções temporais: *futuro indeterminado*, *futuro metadiscursivo*, *futuro histórico*, *futuro determinado* e *futuro do futuro* (de acordo com a ordem de frequência dos dados). Em relação a essas funções, cabe aqui um esclarecimento de ordem metodológica e analítica: na prática, assumimos o futuro determinado como a função mais básica ou “neutra”, isto é, de comportamento mais prototípico de futuro do presente, seguida pelo futuro indeterminado como a segunda mais “neutra”. Note-se, como veremos a seguir, que a função metadiscursiva, por exemplo, é praticamente sempre de futuro determinado, mas nesse tipo de ocorrência optamos por considerar a função metadiscursiva, que é marcada justamente pela sobreposição de traços. O futuro histórico e o futuro do futuro também podem expressar tempo (in)determinado, mas nesses casos também optamos pelas funções mais marcadas. Em resumo: quanto ao valor temporal, a ocorrência que não era de futuro metadiscursivo, nem histórico, nem de futuro do futuro, foi classificada como de futuro determinado ou indeterminado a depender de pistas contextuais.

Considerando a questão da *variação* linguística, a hipótese de que a variação entre as formas verbais se daria no âmbito do DF tempo futuro do presente foi atestada. Observamos na Tabela 8 que as três formas verbais são acionadas em todas as funções temporais no domínio funcional de tempo futuro do presente, mas as porcentagens não mostram paridade entre as formas perifrásticas. De certo modo, era presumível que a forma simples seria a mais usada nas funções, já que se trata da forma com maior ocorrência. A forma simples é sempre a mais mobilizada, exceto na função de futuro histórico, mas a segunda forma mais usada divide as funções entre os tipos de formas perifrásticas. Cada uma das cinco funções temporais no escopo do domínio funcional de tempo futuro do presente privilegia, com maior ou menor frequência, uma das formas perifrásticas. O cenário mais aproximado de equilíbrio entre as formas inovadoras está no futuro indeterminado que foi, justamente, a função mais acionada no *corpus* desta pesquisa pelas formas verbais que expressam tempo futuro do presente tomadas em conjunto.

A perífrase *ir* (futuro) + Inf se sobressai na função temporal de futuro histórico (48%), contudo a forma simples ainda é bastante expressiva nessa função (42,5%). Por outro lado, a forma *ir* (presente) + Inf não se mostra como predileta em nenhuma das funções do domínio de

tempo futuro do presente, mas é de uso categórico em função ambígua e também na imperativa. Outro resultado que chama a atenção é que é na função de futuro indeterminado que os dois tipos de perífrase mais se aproximam em termos percentuais (9% e 13%); e é na função de futuro determinado que *ir* (presente) + Inf mais se aproxima da forma simples (41,5% e 54%). Nas outras funções é a forma simples que dispara.

Atentando para os números mostrados na Tabela 8, vemos que a grande maioria das ocorrências desempenha a função temporal de futuro indeterminado (35%) e de futuro metadiscursivo (34%). Com frequência menor, temos gradativamente as funções temporais: futuro histórico (13%), futuro determinado (10,5%), futuro do futuro (5,5%). Por fim, encontram-se os dados de DF/função ambígua (1,5%) e de DF modalidade (0,5%). Essa distribuição gradiente das funções temporais não se mantém, em termos de frequência e de ordem de preferência, em relação a cada forma verbal, conforme ilustra o quadro a seguir, para melhor visualização do comportamento variável das formas verbais no DF de tempo futuro do presente.

Quadro 14. Relação entre funções temporais e formas verbais por ordem de preferência

FUNÇÕES TEMPORAIS					
F. indeterminado	F. metadiscursivo	F. histórico	F. determinado	F. do futuro	
FORMAS					
1º	F. simples (77,5%)	F. simples (82%)	<i>ir</i> (fut.)+Inf (48%)	F. simples (55%)	F. simples (79,5%)
2º	<i>ir</i> (fut.)+Inf (13,5%)	<i>ir</i> (pres.)+Inf (16%)	F. simples (42,5%)	<i>ir</i> (pres.)+Inf (41,5%)	<i>ir</i> (pres.)+Inf (15)
3º	<i>ir</i> (pres.)+Inf (9%)	<i>ir</i> (fut.)+Inf (2%)	<i>ir</i> (pres.)+Inf (9,5%)	<i>ir</i> (fut.)+Inf (4,5%)	<i>ir</i> (fut.)+Inf (5,5)

Fonte: Elaboração própria

No Quadro 1, podemos acompanhar o movimento das cores das formas verbais: 1º) a *forma verbal simples* prepondera em quatro funções temporais, na seguinte ordem: metadiscursiva > futuro do futuro > futuro indeterminado > futuro determinado, perdendo a liderança para *ir* (fut.) + Inf na função de futuro histórico, contexto em que essas duas formas verbais entram em disputa mais acirrada, na faixa dos 40%; 2º) a *perífrase ir (presente) + Inf* é a segunda preferida em três funções temporais: futuro determinado > futuro metadiscursivo > futuro do futuro, disputando com a forma simples a função de futuro determinado, na faixa dos 40/50%; 3º) a *perífrase ir (futuro) + Inf* é a última colocada na preferência para três funções: futuro do futuro > futuro determinado > futuro metadiscursivo, mostrando-se, porém, a

preferida para a função de futuro histórico e a segunda escolhida para expressar futuro indeterminado.

O que nos indicam esses resultados? As formas verbais apresentam especificidades contextuais de uso em relação a funções temporais, porém sem comportamento categórico no DF de tempo futuro do presente. A relação forma/função mais bem estabelecida, que podemos considerar como *default* nesse DF, é a de forma de futuro simples associada a uma multifuncionalidade maior. Podemos perceber isso tanto na frequência bem mais alta dessa forma (70,5%) em relação às perífrases, como por ser a predominante em praticamente todas as funções temporais identificadas na amostra. As perífrases, que são as formas inovadoras, oscilam mais entre si: enquanto *ir* (presente) + Inf é mais usada do que *ir* (futuro) + Inf em três funções (futuro determinado, metadiscursivo e futuro do futuro), a perífrase *ir* (futuro) + Inf passa à frente da outra em preferência no futuro histórico e no futuro indeterminado. Talvez o resultado mais surpreendente seja aquele associado a *ir* (futuro) + Inf, mostrando-se essa perífrase como a forma preferida para codificar o futuro histórico e a segunda mais usada para o futuro indeterminado. Todos esses resultados serão reexaminados adiante, quando fizermos um cruzamento com as áreas de conhecimento e também com cada dissertação/autor.

Se observarmos os resultados na perspectiva da *marcação*, considerando o critério da distribuição de frequência, notamos que o futuro simples é mais marcado na função de futuro histórico e menos marcado na função metadiscursiva; a perífrase *ir* (presente) + Inf é mais marcada nas funções de tempo indeterminado e de futuro histórico, e menos marcada como futuro determinado; e *ir* (futuro) + Inf é mais marcada na função de futuro metadiscursivo e menos marcada como futuro histórico. Vemos, portanto, que a função também é um tipo de *contexto* que deve ser levado em conta quando se pensa na marcação, além do que já vimos: o gênero, a área e o texto da dissertação.

Observemos, a seguir, alguns dados relativos ao DF tempo futuro do presente – que é onde as três formas verbais em estudo se encontram em *variação* –, começando com a função temporal de *futuro indeterminado*.

- (13) Dependendo da posição que o sujeito participa em determinado lugar social, os sentidos de seus discursos, inclusive quando se utiliza de discursos outros como se fossem seus (heterogeneidade constitutiva), ou ainda, como citação direta, indireta (heterogeneidade mostrada), não **produzirão** os mesmos sentidos que já tiveram em algum momento, por isso, imagina ser o dono exclusivo de seu dizer (LIN4, 2021, p. 29).
- (14) Dos seus órgãos auxiliares destaca-se o Comitê de Representantes Permanentes (COREPER), composto por embaixadores do Estados-membros e um adjunto, sendo presidido pelo Presidente do Conselho da União Européia, observando-se que é nessa

instância que as atividades do Conselho são, de fato, realizadas. Caracteriza-se, esse Comitê, por ser um órgão técnico e político, a fim de apalpar diferenças e aparar arestas, diante de matérias controversas, que **vão ser decididas** em instância final pelo órgão maior, que é eminentemente uma esfera política de decisão. Aqui é que se desenvolvem as negociações, que posteriormente os membros do Conselho **irão apreciar** para dar um posicionamento final, e onde os interesses nacionais e comunitários se defrontam para alcançar um ponto de equilíbrio. (DIR2, 2001, p. 211).

Nos dois exemplos acima o acontecimento expresso pelas formas verbais em destaque situa-se à direita do momento da fala, mas não sinaliza um ponto exato na linha do tempo, daí a função de futuro indeterminado corresponder ao sentido de um futuro estendido; é uma situação futura, mas sem especificação de quando ocorrerá. Em (13), ao explicar sobre os discursos em relação à posição do sujeito em determinado lugar social, o autor argumenta que não se *produzirão* os mesmos sentidos que já tiveram, ou seja, os sentidos serão outros no futuro, mas sem um marco temporal de quando isso acontecerá. No exemplo (14), o autor utiliza as duas formas perifrásticas no mesmo parágrafo. O Comitê de Representantes Permanentes tem o papel de aparar arestas que *vão ser decididas* pelo órgão maior, no qual se desenvolvem negociações que posteriormente os membros do conselho *irão apreciar* para um posicionamento final. As duas perífrases não apontam o momento de quando isso acontecerá, será no futuro, mas sem precisão temporal.

A função de *futuro metadiscursivo* tem caráter coesivo, sendo usada para anunciar elementos da ordem organizacional interna do texto, podendo ter escopo mais próximo ou mais distante no espaço textual. Ilustramos as ocorrências da função de futuro metadiscursivo a seguir.

- (15) Neste Capítulo **apresentaremos** algumas definições e resultados da teoria de grupos que **serão** úteis nos capítulos seguintes. Os resultados mais importantes, e que estão diretamente ligados ao tema desta dissertação, **serão** demonstrados. Quanto aos outros, apenas **será** indicada a referência onde podem ser encontradas as suas provas. Neste trabalho **lidaremos** sempre com grupos finitos (MAT2, 2001, p. 4).
- (16) É bem verdade que parte da fundamentação do RE 597285 coincidia as alegações já apresentadas pela ADPF 186, mas também havia tese substancialmente diferente. Aqui, finalmente, a discussão avançou para além daquela relativa apenas ao mérito do tema, à adequação das políticas de ações afirmativas ou à constitucionalidade das cotas sociais ou raciais fundamentadas numa releitura dos princípios de igualdade e isonomia (sobre o que não **se vai aprofundar**) – o argumento referente à capacidade ou legitimidade para instituição destas políticas pelas próprias Universidades, por deliberações internas e atos administrativos próprios, foi apresentado e a autonomia universitária, nestes termos, foi posta para consideração pelo Supremo (DIR4, 2021, p. 146).
- (17) Através da capacidade de prévia ideação (MARX, 2010; LESSA, TONET, 2012), entendemos que pode o homem antecipar na consciência os fins de sua ação e realizá-la,

portanto, para atender suas necessidades. Nesse processo, o homem objetiva a natureza, a medida em que ele transforma sua ação em propriedades do objeto. Se a natureza é anterior ao homem, como **iremos defender** (TONET, 2013), é a partir dessa transformação que a história natural passa a ser social – logo, a partir do trabalho (LIN3, 2020, p. 13).

Nos dados (15), (16) e (17), os autores anunciam o que será abordado – em termos conceituais, argumentativos, operacionais etc.–, situando esses aspectos em diferentes espaços do texto, ou seja, as formas verbais em destaque têm papel textual, no sentido de organização do texto, e também interpessoal, no sentido de orientar o leitor. Observamos que a função de futuro metadiscursivo é frequentemente utilizada em parágrafos iniciais de capítulos/seções. Utilizamos indicadores para captar o futuro metadiscursivo, como “neste capítulo, neste trabalho”, porém como estamos observando a função no contexto em que é acionada, casos como (16) também são considerados futuro metadiscursivo, pois o autor menciona a questão das cotas, mas em seguida anuncia que não *vai se aprofundar* no assunto, entendendo-se que o escopo é a dissertação. Em (16) o excerto está na parte de Introdução, onde a autora expõe as principais ideias que serão abordadas na pesquisa; a forma *iremos defender*, ainda que sem indício espaço-temporal claro, deixa implícito que será no decorrer do texto, portanto o escopo de futuro em (16) é a própria dissertação.

O *futuro histórico* é a única função temporal que, como vimos, não privilegia o futuro simples. Consideramos como futuro histórico as situações cuja perspectiva em relação ao ponto de referência é deslocada no tempo (para o passado) na linha expositiva ou narrativa do autor da dissertação, visto como o sujeito do aqui-agora da enunciação. Trata-se de situações que não são, de fato, futuras a partir do momento de fala presente (momento da escrita da dissertação) – embora seus efeitos possam ser duradouros –, mas são projetadas como futuras em relação a um acontecimento passado que é tomado como ponto de referência presente. Em outras palavras, a relação entre o ponto de referência presente e a situação futura a ele relacionada é deslocada para o passado, de modo que a forma verbal no futuro do presente expressa o que chamamos de futuro histórico: o ponto de referência tomado como presente é, na realidade, uma situação que já aconteceu. Os exemplos abaixo são ilustrativos dessa função temporal.

- (18) Passemos, enfim, à caracterização do positivismo e do historicismo, perspectivas estas em que as categorias do padrão moderno se **farão** presentes (refutação da essência e da totalidade, poder ativo do sujeito), mas cada uma com métodos distintos (LIN3, 2020, p. 23).
- (19) A estreita relação entre declarações de direitos e o constitucionalismo moderno – situação típica do Século XVIII – não quer significar, à toda evidência, que antes disso inexistissem Direitos Fundamentais. É que, na Idade Média e no curso do antigo regime francês, estes

direitos eram estamentais, correspondendo às ordens em que estava dividida e estratificada a sociedade e vistos mais como privilégios do que propriamente como direitos. As declarações de direitos **vão sinalizar** para a universalização dos direitos e, ao mesmo tempo em que são fundamento também passam a se constituir em conteúdo significativo da Constituição no objetivo de positivizar os Direitos Fundamentais (DIR1, 2000, p. 33)

- (20) Um rápido apanhado histórico do partido é feito por Lanchester, que indica o século XVIII inglês como o berço de uma concepção de *party government*, isto é, o partido de tipo particular (Burke, Hume, Bagehot) fortemente ligado a uma condição elitista e sectária da sociedade. Essa abrangência se expande com o alargamento do sufrágio ao final do século XVIII e o nascimento do Estado de massas, **irá tomar** diversas formas entre autoritarismo e democracia ao longo do século XX (DIR3, 2020, p. 94).

Visto de uma ótica distinta, o futuro histórico aproxima situações passadas do presente, como podemos observar nos exemplos em que o ponto de referência está ancorado à esquerda do momento da fala e o tempo é futuro do presente na perspectiva de que a situação ainda vai acontecer em relação ao ponto de referência. Em (18) a ancoragem temporal é o positivismo e o historicismo, em (19) são acontecimentos do século XVIII com projeção para a Constituição moderna, e em (20) a referência está ancorada também no século XVIII com projeção para o século XX. A função de futuro histórico aparece em trechos de caráter expositivo-narrativo que, no gênero dissertação de mestrado, se localiza, basicamente, na parte de revisão bibliográfica. Como vimos na Tabela 8, a forma verbal mais usada para essa função temporal é a perífrase *ir* (futuro) + Inf, seguida pela forma de futuro simples.

A função de *futuro determinado*, acionada predominantemente pela forma de futuro simples, anuncia uma situação representada à direita do momento da fala em que se tem uma sinalização de especificidade temporal, mais particularmente espaço-temporal, que pode ser dada pela contiguidade textual, por adjuntos adverbiais de tempo ou pode ser inferida do contexto.

Ilustramos essa função temporal com alguns exemplos a seguir.

- (21) o código que segue o trecho da entrevista serve para identificá-la. Por exemplo, (SB006, L239) = informante da cidade de São Borja, entrevista número 06 e linha 239. Os demais códigos de entrevistas que **aparecerão** são: FLP = Florianópolis, PDA = Porto Alegre, CTB = Curitiba, BLU = Blumenau, CHP = Chapecó e LDN = Londrina. (LIN2, 2001, p.4).

(22)

Demonstração: Seja V o espaço vetorial não nulo e seja $A = (V, +)$. Primeiramente **vamos construir** uma partição \mathcal{P} para $G = \mathbb{Z}_p \times \mathbb{Z}_p$.

Tome $e \neq x_1 \in \mathbb{Z}_p \times \mathbb{Z}_p$. Considere $H_1 = \langle x_1 \rangle$. Temos que $|H_1| = p$. Agora tome $x_2 \in G \setminus H_1$ e considere $H_2 = \langle x_2 \rangle$. Então $|H_2| = p$ e $H_1 \cap H_2 = \langle e \rangle$. Seguindo o processo acima temos $H_i = \langle x_i \rangle$, $i = 1, \dots, p+1$, com $|H_i| = p$, $H_i \cap H_j = \langle e \rangle$, $\forall i \neq j$ e $H_1 \cup H_2 \cup \dots \cup H_{p+1} = G$.

Assim, $\mathcal{P} = \{H_1, H_2, \dots, H_{p+1}\}$ é uma partição de G .

(MAT2, 2001, p.10).

(23)

Note que f_e^{-1} está definida apenas em R_e , apesar disso, com intuito de simplificar a notação, **iremos realizar** um pequeno abuso e escrever

$$\pi(e)(\phi) = \chi_{R_e} \cdot \Phi_{f_e^{-1}}^{\frac{1}{2}} \cdot (\phi \circ f_e^{-1}).$$

Proposição 1.1.8. Se $e \in E^1$ então $\pi(e) \in B(L^2(X, \mathcal{M}, \mu))$.

Demonstração. *Afirmção 1:* Para todo $\phi \in L^2(X, \mathcal{M}, \mu)$ temos $\pi(e)(\phi) \in L^2(X, \mathcal{M}, \mu)$.

Dado $\phi \in L^2(X, \mathcal{M}, \mu)$ temos:

$$\begin{aligned} \int_X |\pi(e)(\phi)|^2 d\mu &= \int_{R_e} \Phi_{f_e^{-1}} |\phi \circ f_e^{-1}|^2 d\mu \\ &\stackrel{A.1.12}{=} \int_{R_e} |\phi \circ f_e^{-1}|^2 d(\mu \circ f_e^{-1}) \\ &\stackrel{A.1.9}{=} \int_{D_{r(e)}} |\phi \circ f_e^{-1}|^2 \circ f_e d\mu \\ &= \int_{D_{r(e)}} |\phi|^2 d\mu \leq \|\phi\|^2 < \infty. \end{aligned}$$

(MAT3, 2020, p.16).

Em (21) o ponto de referência é a própria dissertação, ainda que não esteja explícito, é possível inferir que o autor está anunciando uma situação que ocorrerá no texto. Em (22) e (23) consideramos dados de futuro determinado, ainda que seja possível vislumbrar um traço tênue da função temporal metadiscursiva, pois os autores anunciam algo e em seguida mostram o desdobramento da proposição; trata-se de uma ação realizada de imediato, sendo espacial e temporalmente demarcada.

A função de *futuro do futuro*, também acionada majoritariamente pela forma simples, expressa uma referência temporal cuja realização é posterior a uma situação também futura. Observe alguns exemplos.

- (24) Deste ponto do estabelecimento inicial das vagas (ou cargos) disponíveis à universidade, contudo, qualquer nova posição só **poderá** ser provida se antes autorizada e criada pela Administração Direta. Quer dizer, a universidade não pode, por si só, identificar necessidades e criar novos postos nem suprimir aqueles que, porventura, tenham se tornado obsoletos ou desnecessários. Em outras palavras, a universidade não dispõe – como parecia sinalizar a LDB de 1996 – de seu quadro funcional em abstrato, não tem liberdade para criar novas posições, caso delas precise, nem extingui-las quando não mais sejam demandadas nos moldes em que postas (DIR4, 2021, p. 210).
- (25) Pelo modo normal é de se esperar que os argumentos de um verbo obedeçam a uma certa hierarquia; se houver um agente presente na sua grade temática, ele é que **vai ser** gerado mais alto na estrutura e que **vai acabar** na posição de sujeito da sentença; na falta do agente, o segundo na ordem de preferência para ocupar tal posição é o papel causa; em terceiro vem o experienciador; depois o instrumento; e o último ocupante possível desta posição é o tema (LIN1, 2000, p. 10).
- (26) Se o processo não é orgânico e provém de uma imposição artificial em relação ao espírito daquela sociedade, isso **irá provocar** uma debilidade na ordem jurídica fundante e levará à corrosão do edifício normativo e institucional que se forma a partir desse momento. É o que acontece, para Mortati, na experiência de Weimar, que como veremos a seguir, ilustra e desenvolve de forma fundamental seu conceito de constituição material (DIR3, 2020, p. 59).

A função temporal de futuro do futuro, anuncia uma situação que é dependente de outra, ocorrendo tipicamente, em períodos compostos, em que o futuro da situação codificada na oração principal depende da realização da situação também futura da oração subordinada, notadamente as adverbiais temporais e condicionais. Em geral essa função é introduzida pela conjunção *se* (ou *quando*), como é possível observar nos exemplos acima. Em (24) uma nova posição *poderá ser provida* se autorizada e criada pela Administração Direta; em (25) para o verbo *ser gerado* mais alto na estrutura é preciso que antes ocorra um agente na grade temática do verbo; em (26) se o processo provém de uma imposição artificial, isso *irá provocar* uma debilidade na ordem jurídica. Esse tipo de relação temporal pode ser, por vezes, inferido contextualmente, desde que haja pistas linguísticas para tal.

Antes de concluirmos esta seção, precisamos fazer dois registros adicionais. O primeiro é de que encontramos 4 ocorrências¹⁵⁴ de futuro simples com a função de *modalidade epistêmica de dúvida/incerteza*, que foram qualitativamente consideradas, mas não inseridas no conjunto de dados que receberam tratamento estatístico, uma vez que se concentram em uma

¹⁵⁴ Das quatro ocorrências encontradas, três foram em LIN4 e uma em DIR2.

única forma verbal e cujo uso não estava inicialmente previsto pois envolve um outro domínio funcional. Esse tipo de dado é exemplificado a seguir.

(27) Embora tenhamos a consciência de que a partir do momento que esse sujeito diz algo e se responsabiliza por esse dizer, ele se constitui autor desse dizer, em relação ao sujeito-aluno nos recaem algumas dúvidas, pois se esse dizer, em algum momento, não é aceito (aprovado) pela academia, **será** que o sujeito-aluno, na posição que ocupa, pode exercer a função de autor na universidade, a partir do modo que ele diz e se responsabiliza por esse dizer? (LIN4, 2021, p. 67).

(28) Sendo essa a realidade do Federalismo clássico, pergunta-se: **será** que tal modelo estaria sendo reproduzida no âmbito do desenvolvimento político-institucional, da UE? (DIR2, 2001, p. 222).

O segundo registro é que uma dissertação apresentou cinco ocorrências com a forma verbal simples em estudo, porém fora do escopo de futuridade delimitado para esta pesquisa. São usos da forma verbal de futuro do presente, mas com função de futuro do pretérito, cujo *ponto de referência é passado*, como ilustrado nas ocorrências a seguir.

(29) A norma, portanto, não possui um valor em si, sendo apenas a expressão proveniente da expressão jurídica originária. É nesse sentido que Mortati é considerado essencialmente um antiformalista. O núcleo informador das normas residia no elemento jurídico primário: as forças políticas, constituindo o conjunto que **será** verdadeiro requisito de validade para a norma formal (DIR3, 2020, p.57).

(30) Esse aspecto é, segundo Zagrebelsky, “transfigurado” quando das novas coordenadas democráticas. O principal elemento de descontinuidade na construção da constituição material, portanto, é a forma de sintetizar o seu conteúdo. Se no contexto antipluralista isso se dava através do referido processo de diferenciação, no momento democrático **será** obtido através de um procedimento de dialética, no qual as várias forças políticas operantes na sociedade **disputarão** entre si e **formarão** um compromisso representativo da orientação política geral da sociedade (DIR3, 2020, p.58).

Trata-se de um caso de variação entre as formas verbais de futuro do pretérito e de futuro do presente, porém no DF de tempo futuro do pretérito e não no DF de tempo futuro do presente, que é o que interessa a esta pesquisa. Vale ressaltar que esse tipo de contexto difere daquele que estamos chamando de tempo futuro histórico, pois naquele o *ponto de referência é uma forma verbal no presente* expressando uma situação passada. Os modos de enunciação são distintos. O tipo de ocorrência ilustrado em (29) e (30) também não foi computado no conjunto de dados tratados quantitativamente.

9.2 Domínio funcional ambíguo

Quando analisamos a língua em uso, é comum encontrarmos ocorrências de difícil categorização, seja em relação à forma ou à função, devido à sobreposição de traços ou à ausência de certos traços caracterizadores, ou ainda à ambiguidade contextual, casos que a literatura funcionalista considera como marginais (em face de uma categoria prototípica) ou como híbridos/mesclados (do tipo A/B), ou situados no entremeio categorial. Em razão disso, era esperado que encontraríamos casos desse tipo na amostra analisada e, por isso, nem sempre a identificação de uma função se deu isenta de dúvidas. Quando havia uma certa sobreposição de traços, buscávamos resolver optando pela função que parecia apresentar mais traços caracterizadores, ou que era de algum modo mais marcada, procurando manter esse critério em relação aos demais dados conforme comentamos na subseção precedente em relação às funções temporais. As ocorrências que estamos considerando como ambíguas, seja DF ambíguo ou função ambígua, são aquelas que poderiam ser classificadas como A ou como B sem, aparentemente, afetar a compreensão adequada do enunciado.

No caso da amostra deste estudo, a função ambígua contabilizou 19 ocorrências e se manifestou somente com a forma *ir* (presente) + Inf. Interpretamos a função ambígua como situada num gradiente entre dois domínios funcionais: o DF de tempo futuro e o DF de modalidade. É evidente as funções sob o escopo desses DF também seriam bem distintas do ponto de vista categorial, pois estariam, em nossa análise, associadas à categoria tempo futuro do presente e à categoria modalidade deôntica manipulativa. Note-se que, do ponto de vista categorial, trata-se de casos distintos daqueles comentados na subseção anterior, que dizem respeito a funções com sobreposição de traços no interior de um mesmo DF. Como lidamos analiticamente com esses casos?

Buscando assegurar, na medida do possível, uma análise consistente, estabelecemos alguns critérios para identificar o DF ou então considerá-lo ambíguo. Tais critérios envolvem: i) o modo das formas verbais presentes no contexto circundante (se subjuntivo/imperativo ou indicativo); ii) o traço semântico do verbo; iii) o teste de intercambialidade das formas; e iv) a ocorrência de formas alternantes de DF distintos com o mesmo verbo principal ao longo da dissertação. Esse procedimento analítico é descrito a seguir.

Durante a leitura das dissertações foi percebido o uso do modo imperativo/ subjuntivo (ex.: *verifiquemos*), do futuro simples (*verificaremos*) e da forma perifrástica (*vamos verificar*) num mesmo tipo de contexto e com os mesmos verbos, mostrando que os autores acionam alternadamente essas três formas verbais, o que implica diferentes interpretações: no caso de

ele usar o imperativo, trata-se explicitamente de DF de modalidade (e a forma verbal subjuntiva não faz parte diretamente das formas verbais que são objeto desta dissertação); no caso de usar o futuro simples, a escolha por essa forma remete ao DF de tempo; e no caso de uso da perífrase, qual seria o DF acionado? Os exemplos a seguir ilustram essa questão.

(31)

Demonstração: Os itens (e) e (g) são triviais. O item (a) já foi observado no primeiro capítulo. Os itens (b) e (h) foram vistos na seção 2.4 e (f) segue do Corolário 2.5.1. (c) Seja A um R -módulo à direita. Definimos $\varphi : A \rightarrow S^{-1}A$ por $\varphi(a) = \frac{a}{1}$, que é um R -homomorfismo com $\text{Ker}(\varphi) = T(A)$. Pelo teorema do homomorfismo, $\frac{A}{T(A)} \simeq \varphi(A)$. Note que $\varphi(A) \leq_e S^{-1}A$ pois, dado $0 \neq \frac{a}{s} \in S^{-1}A$ temos $\frac{a}{s} \cdot s = \frac{a}{1} \in \varphi(A)$ e $\frac{a}{1} \neq 0$. **Verifiquemos** também que $S^{-1}A$ é R -módulo injetivo.

(MAT1, 2000, p. 44).

(32)

Demonstração: ($i \Rightarrow ii$) É consequência da proposição anterior.

($ii \Rightarrow i$) Sejam $u, v \in R^*$ e $D = \{ab^{-1} / a \in R, b \in R^*\}$ o anel quociente clássico à direita para R . Segue que $u^{-1}v \in D$ e então existem $a, b \in R$ com $b \neq 0$ tais que $u^{-1}v = ab^{-1}$. Portanto, $0 \neq vb = ua \in uR \cap vR$.

□

Quando R não é domínio a construção de Ore não se aplica, mesmo que R seja comutativo. Para justificar esta afirmação, **verificaremos** que a relação de Ore não é uma relação de equivalência quando $R = \mathbb{Z}_6$. De fato, temos $(\bar{2}, \bar{3}) \sim (\bar{1}, \bar{3})$, pois $\bar{2} \cdot \bar{4} = \bar{1} \cdot \bar{2}$ e $\bar{3} \cdot \bar{4} = \bar{3} \cdot \bar{2}$, e $(\bar{1}, \bar{3}) \sim (\bar{3}, \bar{3})$ pois $\bar{1} \cdot \bar{3} = \bar{3} \cdot \bar{3}$ e $\bar{3} \cdot \bar{3} = \bar{3} \cdot \bar{3}$. Porém $(\bar{2}, \bar{3}) \not\sim (\bar{3}, \bar{3})$. Caso $(\bar{2}, \bar{3}) \sim (\bar{3}, \bar{3})$, então existiriam $r, s \in \mathbb{Z}_6$ com $r, s \neq 0$ tais que

$$\begin{cases} \bar{2}r = \bar{3}s \\ \bar{3}r = \bar{3}s \end{cases}$$

(MAT1, 2000, p. 11).

(33)

Demonstração: Defina $\sigma : Q \rightarrow Q_1$, por $\sigma(ab^{-1}) = \psi(a)\psi(b)^{-1}$. **Vamos verificar** que σ está bem definida. Sejam $ab^{-1} = cd^{-1} \in Q$. Como $d^{-1} \in Q$ e $b \in Q$ temos que $d^{-1}b \in Q$ e então $d^{-1}b = eu^{-1}$, com $e \in R$, $u \in R^*$. Segue que $a = ceu^{-1}$ e $de = bu$ donde $\psi(e) = \psi(d^{-1})\psi(b)\psi(u)$. Assim $\sigma(ab^{-1}) = \psi(a)\psi(b)^{-1} = \psi(c)\psi(e)\psi(u)^{-1}\psi(b)^{-1} = \psi(c)\psi(d)^{-1} = \sigma(cd^{-1})$. Para ver que σ é homomorfismo, considere $ab^{-1}, cd^{-1} \in Q$ e escreva $b^{-1}c = eu^{-1}$ donde $\psi(c)\psi(u) = \psi(b)\psi(e)$. Assim $\sigma(ab^{-1}cd^{-1}) = \sigma(ae(du)^{-1}) = \psi(a)\psi(e)\psi(u)^{-1}\psi(d^{-1}) = \psi(a)\psi(b)^{-1}\psi(c)\psi(d)^{-1} = \sigma(ab^{-1})\sigma(cd^{-1})$. Para a soma $ab^{-1} + cd^{-1} = mn^{-1}$, escrevemos $m = ab^{-1}n + cd^{-1}n$ e então $\sigma(ab^{-1} + cd^{-1}) = \psi(m)\psi(n)^{-1} = \psi(a)\psi(b)^{-1}\psi(n)\psi(n)^{-1} + \psi(c)\psi(d)^{-1}\psi(n)\psi(n)^{-1} = \sigma(ab^{-1}) + \sigma(cd^{-1})$. A igualdade $\sigma \circ i = \psi$ é imediato. Considerando $\sigma_1 : Q \rightarrow Q_1$ um homomorfismo de anéis tal que $\sigma_1 \circ i = \psi$, vem que, $\sigma_1(ab^{-1}) = \sigma_1(a)\sigma_1(b)^{-1} = \psi(a)\psi(b)^{-1} = \sigma(ab^{-1})$. □

(MAT1, 2000, p. 4).

O exemplo (31) não é dado de análise nesta pesquisa. Comparemos então (32) e (33). Em (32), a forma verbal escolhida pelo autor foi “verificaremos”, o que, embora potencialmente substituível por *verifiquemos*, sinaliza que se trata de tempo futuro. Já em (33), a perífrase “vamos verificar” está circundada por três formas verbais imperativas que claramente convocam o interlocutor (“defina”, “considere”, “escreva”), o que, num primeiro momento, poderia sugerir que a perífrase expressa modalidade e não tempo futuro, interpretação reforçada pela pessoa do discurso P4. Por outro lado, um teste de intercambialidade sugere que a forma *verificaremos* parece ser mais adequada do que *verifiquemos*, pois anuncia a descrição imediata de uma equação, o que nos levaria à interpretação de que se trata de tempo futuro. Os três dados acima mostram que a semântica do verbo “verificar” indicia tanto uma ação conjunta dos interlocutores (*verifiquemos*) como apenas o anúncio de algo a ser feito (*verificaremos*), o que obscurece o significado de *vamos verificar*. Nesse caso, (33) foi considerado como DF ambíguo. Essa discussão coloca em relevo o importante papel do contexto na interpretação dos dados e também ilustra o funcionamento dos 19 dados considerados como DF ambíguo registrados na Tabela 8.

Dada a complexidade que envolve esse tipo de dados, nos deteremos um pouco mais nessa questão que tem também um caráter metodológico. Há casos de outras perífrases de P4 – em contexto semelhante ao de *vamos verificar* apresentado acima –, como *vamos mostrar*, que foram analisadas como equivalentes a *mostraremos*, no âmbito do DF de tempo futuro, uma vez que o autor usou apenas esta forma verbal simples ao longo da dissertação. Nesse caso, essa ocorrência não foi considerada ambígua. A decisão analítica foi interpretar as ocorrências *no escopo da dissertação* em que elas ocorrem. Outra alternativa que poderia ser pensada seria considerar o *conjunto das dissertações da área*. Se nesse conjunto aparecessem as três formas

verbais com um mesmo verbo principal (perífrase, futuro simples e imperativo/subjuntivo), a decisão poderia ser tratar os casos de perífrase como ambíguos, mesmo que um autor específico tenha alternado a perífrase com apenas uma das outras formas verbais. Optamos, neste estudo, por considerar o indivíduo e não o grupo nesses casos. Por isso, uma construção como *vamos verificar*, em contextos similares, poderá ser interpretada como expressando tempo futuro (se o autor alternar no texto com *verificaremos*), de modalidade imperativa (se o autor alternar no texto com *verifiquemos*), e de uso ambíguo (se o autor alternar no texto com ambas as formas simples). No caso de uma perífrase não ser alternada com o verbo principal correspondente nem pelo futuro simples nem pelo imperativo na dissertação toda, a interpretação é baseada no contexto da ocorrência, aplicando-se os critérios já mencionados anteriormente. Nesse caso, a interpretação poderá ser qualquer uma das três possibilidades mencionadas.

Antes de passarmos à seção seguinte, voltamos aos resultados exibidos na Tabela 8, que mostram que as 19 ocorrências de DF/função ambígua aparecem categoricamente com a forma *ir* (presente) + Inf. A perífrase *ir* (futuro) + Inf e o futuro simples se mostram de funcionamento mais estável no sentido de que seus usos não dão margem para dúvidas em relação aos domínios funcionais, circunscrevendo-se ao DF de tempo futuro do presente. Salientamos que dados de interpretação ambígua são comuns quando se trata da língua em uso e devem ser considerados nas análises (embora costumem ser excluídos de análises variacionistas), pois revelam instâncias de deslizamento na relação entre formas e funções, configurando-se como contextos A/B, que mesclam traços de A e de B.

Uma vez elucidado o que estamos considerando como DF/função ambígua, passamos, na sequência, a examinar a relação entre as formas verbais, as funções e as pessoas do discurso, buscando elementos que contribuam para uma análise mais refinada dos dados.

9.3 Formas verbais, funções e pessoas do discurso

Na seção, 8.2, que tratou da relação entre as formas verbais e as pessoas do discurso, vimos que os dados desta dissertação se distribuem na seguinte ordem quanto às pessoas do discurso: P3 > P4 > P6. Vimos também que essa ordem é mantida em relação ao futuro simples, mas se altera em relação às perífrases: *ir* (presente) + Inf = P4 > P3 > P6; *ir* (futuro) + Inf = P3 > P6 > P4. Ou seja, enquanto o futuro simples segue a média geral, as perífrases destoam tanto da média geral quanto entre si. Ao efetuarmos um cruzamento entre formas, funções e pessoas do discurso, procuramos verificar como se comportam as pessoas quando entram em cena as

funções. Não tínhamos, de início uma expectativa acerca dessa correlação. A Tabela 9 exhibe os resultados desse cruzamento.

Tabela 9. Cruzamento das formas verbais com funções e pessoas do discurso¹⁵⁵

Pessoas do discurso	P3				P4				P6			
	FS	Ppr	Pfut	T.	FS	Ppr	Pfut	T.	FS	Ppr	Pfut	T.
<i>DF Tempo futuro do presente</i>	N %	N %	N %	N %	N %	N %	N %	N %	N %	N %	N %	N %
Fut. Indeterm.	240 77	34 11	37 12	311 50,5	4 29	7 50	3 21	14 3	114 84	1 1	21 15	136 61,5
Fut. Metadiscurs.	97 95	2 2	3 3	102 16,5	223 75	69 23	5 2	297 62	43 98	0 0	1 2	44 20
Fut. Histórico	57 38	14 9	78 52	149 24,5	1 100	0 0	0 0	1 0	15 71	2 10	4 19	21 9,5
Fut. Determin.	12 92	0 0	1 8	13 2	56 47	58 49	4 3	118 24,5	7 88	0 0	1 12	8 3,5
Fut. do Futuro	31 79	4 10	4 10	39 6,5	17 74	6 26	0 0	23 5	11 92	1 8	0 0	12 5,5
<i>DF/função ambígua</i>	0 0	0 0	0 0	0 0	0 0	19 100	0 0	19 4	0 0	0 0	0 0	0 0
<i>DF Modal. deôntica imperativa</i>	0 0	0 0	0 0	0 0	0 0	6 100	0 0	6 1,5	0 0	0 0	0 0	0 0
Total	437 71	54 9	123 20	614 100	301 63	165 34,5	12 2,5	478 100	190 86	4 2	27 12	221 100

Fonte: elaboração própria

Em termos gerais, os resultados destacados em negrito sinalizam as correlações mais acentuadas entre pessoas do discurso e funções: P6 e P3 preferencialmente associadas a futuro indeterminado (62% e 50,5%, respectivamente); P3 também aparece bastante com futuro histórico (24,5%), enquanto P6 tem sua segunda posição na função metadiscursiva; P4 se concentra mais na função metadiscursiva (62%) seguida de futuro determinado (24,5%) e, como já visto, é categórica na função ambígua e na modalidade deôntica, na forma de *ir* (presente) + *Inf*.

Observemos agora os domínios funcionais. No *DF tempo futuro do presente*, a única função temporal que se manifesta com as três formas verbais nas três pessoas do discurso é a de *futuro indeterminado*, sendo acionada com mais recorrência por P3 (311 ocorrências) e P6

¹⁵⁵ Os percentuais estão calculados no âmbito de cada *área*: associados às *formas* verbais (leitura horizontal); associados ao total (T.) das *funções* (leitura vertical).

(136 ocorrências), com pouquíssimos dados de P4 (14 ocorrências). Isso se dá porque, neste *corpus*, em geral, P3 e P6 estão dentro de contextos em que o autor está expondo aspectos conceituais ou explicando alguma proposição. Ainda em relação ao futuro indeterminado, a forma verbal simples se destaca frente às demais associada a P3 e P6, ao passo que as perífrases comportam-se indistintamente com P3, mas se diferenciam com *ir* (presente) + Inf associando-se mais a P4 e *ir* (futuro) + Inf, a P6.

O *futuro metadiscursivo* é acionado com maior frequência por P4 (297 ocorrências), seguido por P3 (102 ocorrências), sendo menos usado com P6 (44 ocorrências). A preferência por P4 nessa função temporal parece ter relação com a sinalização de autoria, seja porque o autor evita o caráter impessoal da terceira pessoa ou porque, no ato de anunciar a organização do texto, deseja indicar que a tomada de decisão se dá junto com o orientador. Quanto às formas verbais, o futuro simples desponta como preferencial com todas as pessoas; já a perífrase *ir* (presente) + Inf mostra-se produtiva com P4, mas é quase inexistente com P3 e categoricamente ausente com P6, enquanto *ir* (futuro) + Inf tem pouquíssimos dados nessa função (9 ocorrências), predominando com P4.

O *futuro histórico* mostrou-se mais saliente com P3 (149 ocorrências), em posição intermediária com P6 (21 ocorrências) e praticamente nulo com P4 (apenas uma ocorrência), o que é plausível, pois a característica expositivo-narrativa do trecho em que aparece o futuro histórico está associada à não pessoa, ou seja, P3 e P6 (BENVENISTE, 1988). Em relação às formas verbais, a forma mais recorrente é a perífrase *ir* (futuro) + Inf associada a P3, seguida do futuro simples também com P3; a perífrase *ir* (presente) + Inf também aparece mais em P3.

O *futuro determinado* é largamente acionado por P4 (118 ocorrências), com poucos dados em P3 (13 ocorrências) e P6 (8 ocorrências). Como veremos na subseção seguinte, parece haver uma forte interferência da área de conhecimento nesse resultado. Quanto às formas verbais, o futuro aparece com todas as pessoas e não há nenhuma perífrase *ir* (presente) + Inf com P3 e P6, embora esta seja a forma verbal mais recorrente nessa função, vinculada a P4.

No que tange ao *futuro do futuro*, o maior número de dados se concentra em P3 (39 ocorrências), P4 é a segunda pessoa mais acionada com essa função (23 ocorrências), seguida por P6 (12 ocorrências). O futuro do futuro, em geral, se volta para situações hipotéticas que podem acontecer, na dependência de outra situação futura, o que talvez justifique o maior número de ocorrências com a não pessoa (P3 e P6). Nessa função, a forma de futuro simples é a mais recorrente, marcando presença com todas as pessoas do discurso; já as perífrases se comportam diferentemente: *ir* (presente) + Inf aparece com todas as pessoas com incidência maior com P4 e P3, ao passo que *ir* (futuro) + Inf só aparece com P3.

O resultado mais significativo desse cruzamento (mas já esperado) é o uso categórico de P4 no *DF ambíguo* e no *DF de modalidade*, justamente porque a função deôntica manipulativa faz um chamamento ao leitor e a função ambígua se situa no entremeio dessa modalidade e do tempo futuro do presente, acontecendo especificamente com a perífrase *ir* (presente) + Inf em P4, conforme vimos na subseção precedente.

Colocando o foco nas pessoas do discurso, vemos que P4 foi a pessoa que ocorreu em mais contextos diversificados, entre funções temporais e entre domínios funcionais. No que diz respeito apenas às funções temporais, as três pessoas mostraram comportamento categórico em relação a alguma forma verbal: P3 não apareceu com perífrase *ir* (presente) + Inf na função de futuro determinado; P4 não foi usada com nenhuma perífrase na função de futuro histórico, nem com *ir* (futuro) + Inf na função de futuro do futuro; e P6 esteve ausente com *ir* (presente) + Inf na função metadiscursiva, e igualmente ausente com *ir* (futuro) + Inf na função de futuro do futuro. Tal resultado constitui-se num fator a mais para a caracterização das funções desempenhas por cada uma das formas verbais em estudo no macrodomínio da futuridade. Falta-nos, no entanto, averiguar qual o papel das áreas de conhecimento e também do próprio estilo do autor em relação às funções.

9.4 Funções e áreas de conhecimento

Em relação a cada área, um exame preliminar dos dados sugeria que a multifuncionalidade da perífrase na expressão de futuridade seria relativamente dependente da subesfera considerada, apresentando-se de modo diferenciado entre os campos de conhecimento. Assim hipotetizamos inicialmente que, embora *o domínio funcional de tempo futuro do presente* fosse predominante em todas as áreas, haveria especificidades em funções sob seu escopo: i) a *função metadiscursiva* estaria mais presente em LIN, em razão de a área de Letras naturalmente interessar-se por questões de produção textual; e ii) a *função de tempo futuro histórico* particularizaria DIR, uma vez que retrospectos narrativos costumam estar presentes em textos dessa área. Além disso, iii) MAT privilegiaria a função imperativa, sob o escopo do domínio funcional deôntico, dado o caráter de demonstração de *x* a interlocutores, recurso típico desse campo. Não tínhamos uma expectativa clara acerca do domínio funcional do *aspecto habitual* em relação às áreas, nem acerca de *outras funções temporais*. Em relação à variação, iv) acreditávamos que a variação entre as formas verbais perifrástica e de futuro simples ocorreriam no âmbito do DF de tempo futuro, sendo mais acentuada na área de LIN. A Tabela 10 mostra a distribuição das funções por área de conhecimento.

Tabela 10. Cruzamento das formas verbais com funções e áreas do conhecimento

Áreas	DIREITO				MATEMÁTICA				LINGUÍSTICA			
	FS	Ppr	Pfut	T.	FS	Ppr	Pfut	T.	FS	Ppr	Pfut	T.
Formas verbais	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N
<i>DF Tempo futuro do presente</i>	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
Fut. Indeterm.	249	2	14	265	10	1	0	11	99	39	47	185
	94	1	5	56,5	91	9	0	3	54	21	25	41
Fut. Metadiscur.	110	2	3	115	153	54	4	211	100	15	2	117
	96	2	3	24,5	73	26	2	53	85	13	2	26
Fut. Histórico	46	16	8	70	0	0	0	0	27	0	74	101
	66	23	11	15	0	0	0	0	27	0	73	22,5
Fut. Determin.	0	0	1	1	65	58	4	127	10	0	1	11
	0	0	100	0	51	46	3	32	91	0	9	2,5
Fut. do Futuro	17	0	1	18	18	4	0	22	24	7	3	34
	94	0	6	4	82	18	0	5,5	71	21	9	7,5
<i>DF/função ambígua</i>	0	0	0	0	0	19	0	19	0	0	0	0
	0	0	0	0	0	100	0	5	0	0	0	0
<i>DF Modal. deôntica imperativa</i>	0	0	0	0	0	5	0	5	0	1	0	1
	0	0	0	0	0	100	0	1,5	0	100	0	0,5
Total	422	20	27	469	246	141	8	395	260	62	127	449
	90	4	6	100	62	36	2	100	58	14	28	100

Fonte: elaboração própria

Os números destacados em negrito sinalizam as funções mais frequentes em cada área. Num primeiro olhar, percebemos que Direito e Linguística compartilham as mesmas funções, mantendo a mesma ordem de distribuição, somente alterando um pouco a frequência: *futuro indeterminado* > *futuro metadiscursivo* > *futuro histórico*. O futuro indeterminado (função mais privilegiada nas dissertações, com 461 ocorrências) e o futuro histórico (terceira função mais recorrente na amostra, com 171 ocorrências) estão fortemente presentes em DIR e LIN pelo caráter mais expositivo-argumentativo das áreas e de projeção de situações futuras sem uma especificação temporal na linha do tempo, com um valor mais *genérico*; e pelo recurso retórico da metáfora temporal, bastante utilizado em revisões da literatura, reportando situações passadas com projeções futuras a partir de um marco passado, como uma estratégia discursiva de trazer o texto para mais perto do leitor. Na área do Direito, especialmente, as dissertações tratam de questões jurídicas, os acontecimentos são estendidos, no sentido de não ser possível dizer ao certo quando ocorrerão as situações durante a exposição do texto, é o que vemos no exemplo (14). Essa característica da área limita o uso do futuro determinado, limitação que se estende também para a Linguística.

A *função metadiscursiva* (a segunda mais recorrente, com 443 ocorrências), por sua vez, tem presença forte nas três áreas, com destaque para Matemática, configurando-se como uma característica do *gênero dissertação* dado seu caráter de organização textual, guiando o leitor para pontos espaço-temporais específicos no âmbito do texto. À exceção dessa função compartilhada pelas áreas, Matemática se contrapõe às demais.

A função menos acionada na área de Matemática é o futuro histórico, que não contabilizou nenhuma ocorrência. Os altos usos do *futuro determinado* são devidos ao caráter demonstrativo da área, que anuncia uma equação e em seguida expõe os cálculos. A multifuncionalidade da forma *ir* (presente) + Inf, bastante evidente nessa área, é dada pela própria natureza do objeto estudado. Em geral, percebemos que as dissertações de Matemática não dedicam um espaço específico para resultados e também não apresentam referencial teórico nos moldes de recuperar teorias e discuti-las (como ocorre em DIR e LIN), nesse sentido a subesfera de Matemática atesta mais proposições, daí seu caráter menos genérico – característica do futuro indeterminado. Podemos ainda inferir que a função ambígua só se faz presente na área de Matemática, porque se trata de uma área que abre espaço para a ocorrência da função imperativa, isso permite que as formas também fiquem num gradiente de funções. Podemos, então, dizer que as características diferenciadoras de MAT são: privilegiar a função de *futuro determinado*, expresso em termos frequenciais bastante aproximados entre o futuro simples e a perífrase, especialmente *ir* (presente) + Inf; mobilizar a perífrase *ir* (presente) + Inf tanto para codificar a *função imperativa* da modalidade deôntica, como para representar um *DF/função ambíguo*, que transita entre tempo e modalidade. Vale registrar que o único dado de função imperativa em LIN ocorreu em uma dissertação da subárea de sintaxe gerativa, que, devido a sua perspectiva formal, tem semelhança com MAT no que diz respeito a demonstrações.

Quanto à função de *futuro do futuro* – que pode remeter tanto a um tempo determinado como a um tempo indeterminado –, cuja particularidade se deve à complexidade sintático-semântica da construção, vimos que é a menos recorrente entre as funções temporais (74 ocorrências), concentrando quase a metade dos dados em LIN (34 ocorrências).

Outro aspecto que gostaríamos de comentar brevemente antes de concluir esta seção é o *item lexical*. Controlamos separadamente os verbos *ser*, *ver*, *mostrar*, *provar* e *verificar*, que nos pareciam, de início, ser bastante recorrentes nos dados. Os resultados apontaram para as correlações mais frequentes, que são mostradas no quadro abaixo.

Quadro 15. Itens lexicais: algumas correlações

Item lexical = N	Área	Função	Pessoa
Ser = 252	DIR > LIN > MAT	Indeterminado > metadiscursiva	P3 > P6
Ver = 45	DIR > LIN > MAT	Metadiscursiva	P4 > P3
Mostrar = 47	MAT	Determinado > metadiscursiva	P4
Provar = 27	MAT	Metadiscursiva > Determinado	P4
Verificar = 23	MAT	Ambíguo > Determinado	P4

Fonte: elaboração própria

Embora o controle dos itens lexicais não tenha sido rigoroso, esses que foram observados oferecem alguns indícios relevantes: o verbo *ser* corresponde a 19% de todos os dados analisados e aparece nas dissertações de todas as áreas, predominantemente no Direito, em contextos de futuro indeterminado e metadiscursivo, na terceira pessoa do discurso, especialmente P3; o verbo *ver*, apesar de menos frequente, também aparece nas três áreas, categoricamente na função metadiscursiva, manifestando-se em P4 e P3, nesta ordem; os verbos *mostrar*, *provar* e *verificar* somam 97 ocorrências, limitam-se à área de Matemática, categoricamente em P4 e nas funções de futuro determinado ou metadiscursivo, sendo que *verificar* também aparece em contexto ambíguo. Note-se a harmonia entre os itens lexicais *mostrar*, *provar* e *verificar*, a área, a pessoa do discurso e a função de futuro determinado: construções como *vamos mostrar/provar/verificar* aparecem tipicamente em demonstrações matemáticas, convidando o interlocutor a acompanhar um raciocínio desenvolvido de imediato. Nesse sentido, certas escolhas lexicais são dependentes do conteúdo temático.

Chama a atenção o alto número de ocorrências de *ser*. Um rápido exame dos dados sinaliza que há um grande número de construções passivas como em:

- (34) A anotação de reserva é extremamente relevante e **será resgatada** oportunamente em ponto mais avançado da digressão que aqui se faz. (DIR4, 2021, p. 98)

Resumindo esta seção de funções por área, podemos dizer que as áreas apresentam semelhanças e diferenças em relação ao uso das funções, com uma aproximação maior entre LIN e DIR *versus* MAT, provavelmente devido ao conteúdo temático e ao modo de enunciação que caracteriza cada uma delas. Destacamos que i) o conteúdo temático de cada área é um dos fatores que abre espaço para emergência das funções de TAM; ii) algumas funções são mais salientes em uma área do que em outras; e iii) a frequência de uso das funções tem relação com aspectos constituintes do gênero discursivo em questão.

Como fechamento, do Capítulo 9, retomamos resumidamente os aspectos que julgamos mais relevantes.

Em relação às *áreas*, tínhamos por hipótese que a multifuncionalidade, especialmente da perífrase, seria dependente da subesfera, com algumas especificidades: a função metadiscursiva estaria mais presente em LIN; a função de futuro histórico caracterizaria o DIR; e a função imperativa seria privilegiada em MAT; a *variação* entre as formas verbais ocorreria no âmbito do DF de tempo futuro, sendo mais acentuada em LIN. A análise evidenciou que as funções, especialmente a multifuncionalidade da perífrase, se mostram dependentes da subesfera: a *função imperativa* da modalidade deôntica, de fato, se revelou característica de MAT expressa pela perífrase *ir* (presente) + Inf; o *futuro histórico* apresentou mais ocorrências na área de Direito, mas também foi bastante expressivo na área de Linguística; a função de *futuro metadiscursivo* foi saliente nas três áreas (e não apenas em LIN).

A análise tanto das *formas* como das *funções* apontou a pertinência de dar um tratamento separado para os dois tipos de perífrase, pois essas formas verbais analíticas apresentam comportamentos funcionais particularizados i) tanto em relação aos *domínios funcionais* – a perífrase *ir* (presente) + Inf é de uso categórico no DF da modalidade deôntica imperativa e no DF ambíguo; ii) quanto em relação às *funções temporais* no interior do DF tempo – enquanto *ir* (presente) + Inf ocorre bem mais do que *ir* (futuro) + Inf nas funções de futuro metadiscursivo, determinado e futuro do futuro, *ir* (futuro) + Inf dispara na função de futuro histórico e também é mais frequente que a perífrase com *ir* (presente) na função de futuro indeterminado. A variação pode ocorrer entre as três formas em todas as funções temporais, mas há certas funções que parecem ser mais prováveis para a forma *ir* (presente) e outros para a forma *ir* (futuro).

Ainda que, em geral, todas as *peças do discurso* ocorram com todas as formas no domínio funcional de futuro do presente, é possível perceber que as funções se dividem, em termos preferenciais, entre as pessoas pronominais: futuro indeterminado mais correlacionado com P3 e P6; futuro histórico com P3; função metadiscursiva e futuro determinado, com P4.

Quanto à *marcação*, vimos que a função também é um tipo de contexto a ser considerado, pois as formas verbais se distribuem diferentemente quanto às funções que desempenham: o futuro simples é mais marcado na função de futuro histórico; a perífrase *ir* (presente) + Inf é mais marcada nas funções de tempo indeterminado e de futuro histórico; e *ir* (futuro) + Inf é mais marcada na função de futuro metadiscursivo. A função metadiscursiva se mostrou a função menos marcada no *gênero dissertação de mestrado*, uma vez que apareceu regularmente nas

três áreas. Podemos considerar que se trata do universo de expectativas que o autor precisa contemplar, em virtude da própria constituição interna do gênero, que requer elementos de orientação sobre como está organizado o texto.

A regularidade da função metadiscursiva em todas as subesferas mostra que se trata do enquadramento mais genérico do gênero; a frequência de uso se mostrou saliente inclusive em todas as dissertações (cf. discutimos adiante). Quando consideramos o contexto subesfera, percebemos que Direito e Linguística têm as mesmas funções menos marcadas – futuro indeterminado, futuro metadiscursivo e futuro histórico –, enquanto a Matemática tem outras – futuro metadiscursivo e futuro determinado. O futuro do futuro se distribui de modo mais equilibrado entre as áreas. Assim num contexto mais amplo, como o da esfera acadêmica, é perigoso fazer generalizações sobre quais funções seriam mais ou menos marcadas, pois a marcação, justamente por ser dependente de contexto, precisa ser considerada sob diferentes lentes que podem ampliar ou reduzir o foco de observação. E, como vimos nos resultados apresentados, o jogo de relações entre formas e funções está atrelado ao sentido do enunciado que, nesta amostra, está sempre em consonância com a subesfera (contexto mais restrito).

Os estudos variacionista lidam, em geral, com pesos relativos, mas acreditamos que a frequência de uso já indique o cenário de variação estabelecido no domínio funcional de tempo futuro do presente. Os fatores que controlamos neste trabalho – como a função temporal que as formas assumem dentro do domínio de tempo futuro do presente, a pessoa do discurso e a área de conhecimento – podem ser interpretados como possíveis condicionadores do uso das três formas verbais em estudo. Enfatizamos, mais uma vez, que nosso principal interesse está na *relação entre formas e funções* vistas como recursos linguísticos de caráter *estilístico*.

Conforme já apontamos no Capítulo 5 desta dissertação, o gênero dissertação de mestrado apresenta uma organização *plástica e flexível* que se adequa a depender da subesfera. Há características mais estáveis, mas também há o *evêntico* que pode ser incorporado a cada dissertação. Observamos quais funções são mais frequentes e sua correlação com as áreas no gênero dissertação de mestrado; salientamos, entretanto, que cada enunciado é único e por isso tratamos aqui de *possíveis tendências* nas relações entre formas e funções no macrodomínio de futuridade por subesferas, porém o gênero como um objeto estético está a serviço do sujeito, portanto aberto à emergência de singularidades. A próxima seção está destinada ao *estilo*.

10 FORMAS, FUNÇÕES E ESTILO

Neste capítulo, buscamos responder a *sétima e última questão* de pesquisa, que diz respeito à questão de gênero e estilo. Para melhor orientar a análise, transcrevemos a questão:

Em relação a gênero e estilo, como é mais adequado descrever e explicar o funcionamento do fenômeno em estudo na esfera acadêmica: i) no âmbito do *gênero dissertação de mestrado*, considerando que os gêneros atuam como uma força coercitiva para o dizer social; ou ii) no âmbito das *áreas/subesferas*, considerando que o gênero se materializa com especificidades características de cada área; ou ainda iii) numa espécie de gradiência híbrida que chega até o estilo individual?

Tínhamos, por hipótese, que a alternativa iii) seria a mais adequada para a abordagem do fenômeno nesta pesquisa. É essa alternativa que pretendemos explorar nesta seção.

O capítulo está organizado em duas seções: a primeira trata do uso das formas verbais em correlação com as funções por área de conhecimento e dissertação/autor; a segunda apresenta reflexões acerca da gradiência do estilo nas diferentes instâncias que caracterizam o gênero: a esfera, a subesfera e o sujeito.

10.1 Uso de formas e funções por área e por autor

Nesta pesquisa, analisamos o *gênero dissertação de mestrado*, um gênero secundário produzido numa esfera de comunicação humana complexa, a esfera acadêmica. Já mostramos, nas seções precedentes, que esse gênero apresenta características gerais, que são relativamente estáveis, e também particularidades por área de conhecimento. Concebemos a esfera acadêmica como um espaço de formalidade que conseqüentemente requer um *estilo de linguagem formal*. No interior da esfera acadêmica encontramos diversas subesferas, de modo que cada uma apresenta suas especificidades, razão pela qual o uso de cada forma e função das formas verbais no macrodomínio de futuridade também apresenta especificidades, ao lado de convergências, entre as subesferas. Nos Capítulos 8 e 9 vimos indícios de que as formas e as funções compõem (naturalmente junto com outros recursos) *estilos de linguagem* de cada subesfera.

Quanto às *formas*, vimos que o futuro simples, a perífrase *ir* (presente) + Inf e a perífrase *ir* (futuro) + Inf apresentam um certo padrão de distribuição, privilegiando a forma verbal sintética – o que se configura como uma característica geral desse gênero, mas que é sensível não só às especificidades das áreas como também a particularidades de cada dissertação. Quanto

às *funções*, também constatamos o caráter multifuncional das formas verbais, notadamente da perífrase *ir* (presente) + Inf, o qual se mostra com algumas características comuns e outras distintas nas diferentes instâncias do gênero. Consideramos, pois, que *as três formas verbais selecionadas para esta pesquisa são recursos usados em atos estilísticos que se manifestam numa gradiência híbrida*, começando pela esfera acadêmica, passando pela subesfera até chegar a cada dissertação, com suas especificidades temáticas e estilo próprio do autor.

As subseções a seguir são destinadas a cada uma das áreas analisadas nesta pesquisa Direito, Linguística e Matemática.

10.1.1 Direito

A subesfera do Direito se mostrou a área de mais resistência ao uso das formas perifrásticas, a forma simples se revela como a largamente preferida, seguida da forma *ir* (futuro) + Inf e *ir* (presente) + Inf, contudo ambas as perífrases apresentam frequência de uso muito próxima (cf. Tabela 2). Referente às funções, as mais acionadas são o *futuro indeterminado* > *futuro metadiscursivo* > *futuro histórico* (cf. Tabela 10). Avançando na análise, a Tabela 11 traz a distribuição das formas e funções por dissertação/autor, agregando ainda resultados gerais sobre formas e funções já expostos anteriormente, com vistas a facilitar a análise.

No cômputo geral, observando a coluna do total referente às *formas*, notamos que, em relação ao futuro simples, enquanto DIR2, DIR3 e DIR4 se aproximam da média percentual de 90%, DIR1 se distancia com 79% e concentra as demais ocorrências em *ir* (presente) + Inf (21%). DIR2 e DIR3, por sua vez, têm como segunda forma verbal mais usada *ir* (futuro) + Inf, ao passo que DIR4 prefere a perífrase com *ir* (presente). Portanto, enquanto a média de usos das formas verbais por área sugere uma interpretação acerca de escolhas estilísticas das formas no âmbito da subesfera, o olhar para cada uma das quatro dissertações sinaliza que há também usos preferenciais pelos autores, particularmente quanto às formas inovadoras, com destaque para a relativamente alta incidência de *ir* (futuro) + Inf em DIR2 e DIR3.

Tabela 11. Cruzamento das formas verbais com funções e dissertações/autores na expressão de futuridade por área: *Direito*¹⁵⁶

Domínio Funcional	Tempo futuro do presente					Ambí-guo	Modal. deônt.	Total (formas)
	Indeter.	Metadis.	Histórico	Deter.	do fut.	Amb.	Imper.	
Dissert./ Formas	N / %	N / %	N / %	N / %	N / %	N / %	N / %	N / %
DIR1								
FSimples	8 / 89	14 / 100	4 / 40	0 / 0	1 / 100	0 / 0	0 / 0	27 / 79
PPres	1 / 11	0 / 0	6 / 60	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	7 / 21
PFut	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0
DIR2								
FSimples	129 / 92	23 / 100	4 / 67	0 / 0	5 / 100	0 / 0	0 / 0	161 / 92
PPres	0 / 0	0 / 0	1 / 17	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	1 / 1
PFut	11 / 8	0 / 0	1 / 17	1 / 100	0 / 0	0 / 0	0 / 0	13 / 7
DIR3								
FSimples	20 / 91	44 / 96	28 / 80	0 / 0	3 / 75	0 / 0	0 / 0	95 / 89
PPres	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0
PFut	2 / 9	2 / 4	7 / 20	0 / 0	1 / 25	0 / 0	0 / 0	12 / 11
DIR4								
FSimples	92 / 98	29 / 91	10 / 53	0 / 0	8 / 100	0 / 0	0 / 0	139 / 91
PPres	1 / 1	2 / 6	9 / 47	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	12 / 8
PFut	1 / 1	1 / 3	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	2 / 1
TOTAL da área								
FSimples	249 / 94	110 / 96	46 / 66	0 / 0	17 / 94	0 / 0	0 / 0	422 / 90
PPres	2 / 1	2 / 2	16 / 23	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	20 / 4
PFut	14 / 5	3 / 3	8 / 11	1 / 100	1 / 6	0 / 0	0 / 0	27 / 6
Total (funções)	265/56,5	115 / 24,5	70 / 15	1 / 0	18 / 4	0 / 0	0 / 0	469 / 100

Fonte: elaboração própria

Observando agora a linha do total da *área* referente à *relação entre formas e funções*, percebemos que a forma de futuro simples é de preferência quase que categórica (em torno de 95%) para expressar as funções metadiscursiva, de futuro indeterminado e de futuro do futuro, aparecendo bem menos na função de futuro histórico (66%). Já a perífrase *ir* (presente) + Inf tem sua mais alta incidência justamente nessa função e *ir* (futuro) + Inf compartilha as funções de futuro indeterminado e futuro histórico. Tais resultados nos levam a inferir que esse é o comportamento da *área*. O exame de cada dissertação, no entanto, revela particularidades de uso quanto à relação entre formas e funções.

¹⁵⁶ Nessa tabela e nas seguintes por *área*, a leitura dos percentuais deve ser vertical: os percentuais associados às *formas* são correlacionados às funções por dissertação. A *coluna* do total registra o percentual de cada *forma* (reunindo todas as funções) por *dissertação*; e a *linha* do total registra o percentual de cada *função* (reunindo todas as formas) na respectiva *área*.

Considerando os *autores*, percebemos que a forte inclinação para o uso da *forma de futuro simples* é mantida pelos quatro autores em relação às funções de futuro indeterminado (oscilando nessa função entre 89% em DIR1 e 98% em DIR4) e de futuro metadiscursivo (oscilando entre 91% em DIR4 e 100% em DIR 1 e DIR2). A função de futuro do futuro, com um número menor de ocorrências, também é privilegiada quase que categoricamente pelo futuro simples. Na função de futuro histórico, contudo, há uma discrepância acentuada entre as dissertações e a média da área (oscilando entre 40% em DIR1 e 80% em DIR3). As diferenças no uso do futuro simples naturalmente se refletem em diferenças no uso das perífrases.

Em DIR1 e DIR4, a *perífrase ir (presente) + Inf* tem sua maior concentração de ocorrências na função de futuro histórico, aparecendo apenas uma vez em DIR2 e nenhuma vez em DIR3 nessa função. Nas demais funções, esse tipo de perífrase praticamente não aparece. Em contrapartida, DIR1 e DIR4 se aproximam pela ausência de dados de *ir (futuro) + Inf* (a primeira sem nenhum e a segunda com dois), enquanto DIR 2 e DIR3 convergem quanto à preferência por essa forma perifrástica, nas funções futuro indeterminado e futuro histórico, respectivamente.

Esses resultados mostram que é na função de futuro indeterminado que a perífrase *ir (futuro) + Inf* encontra contexto mais propício para se manifestar, seguido pelo futuro histórico. Entretanto, na primeira função essa forma perifrástica se concentra em DIR2 e, na segunda função, em DIR3. E é na função de futuro histórico que a perífrase *ir (presente) + Inf* é usada em DIR1 e DIR4. Em DIR4, por exemplo, apesar do resumo e do sumário da dissertação nos indicarem que a pesquisa terá um caráter histórico, já que aponta que o objetivo do trabalho é analisar a autonomia universitária a partir da Constituição Federal de 1988, o futuro histórico não é uma função muito acionada pelo autor, o que nos sugere que, possivelmente, outras estratégias podem ter sido utilizadas.

Embora o número de ocorrências de perífrases seja baixo, é possível vislumbrar *dois contextos de variação* mais claramente delineados na área do Direito ou, mais especificamente, em dissertações dessa área. O contexto de variação mais compartilhado pelas dissertações é o de futuro histórico: em DIR1 e DIR4, as formas concorrentes são futuro simples e *ir (presente) + Inf*; em DIR3, a disputa por essa função temporal é entre a forma simples e *ir (futuro)+ Inf*. O segundo contexto mais visível de variação é o de futuro indeterminado, mais acentuado em DIR2. As perífrases aparecem bem sutilmente na função metadiscursiva em DIR3 e DIR4.

Focando nas especificidades da *relação entre formas e funções* por autor, podemos pensar que há usos que particularizam o *estilo do autor*. Atentando para as formas inovadoras: em DIR1, *ir (presente) + Inf* é acionada na função de futuro histórico; em DIR2, é a perífrase *ir*

(futuro) + Inf que é acionada, agora predominantemente na função de futuro indeterminado; em DIR3, é igualmente a perífrase com futuro que aparece, porém ampliando seus contextos para quatro funções distintas, com predomínio do futuro histórico; e em DIR4, a forma *ir* (presente) + Inf volta à cena, concentrando-se mais no futuro histórico.

Focando em algumas particularidades das *funções*, chama a atenção o alto número de ocorrências de *futuro indeterminado* em DIR2. Os altos índices de futuro indeterminado ($140/175 = 80\%$ dos dados de DIR2) podem ser compreendidos em relação ao conteúdo temático da dissertação, com o título “O atual confronto político-institucional da união europeia: a organização internacional e o federalismo em questão”. O autor aborda um tema atual para o momento da sua escrita, portanto não parecia adequado elaborar afirmações muito categóricas, o que justifica o alto uso de um futuro mais genérico. Essa observação vale também para outras dissertações que apresentam uma perspectiva semelhante. Por outro lado, é em DIR2 que encontramos a única ocorrência de futuro determinado na subesfera.

A *função metadiscursiva*, a segunda colocada em número de ocorrências (e que consideramos como característica do gênero) está bem representada em todas as dissertações, destacando-se mais em DIR3 ($46/107 = 43\%$ dos dados de DIR3).¹⁵⁷

A *função de futuro histórico*, a terceira preferida, como já vimos é o contexto em que há mais variação entre as dissertações. É DIR3 que apresenta mais incidência dessa função ($35/107 = 33\%$ do total dos dados de DIR3) e DIR 1 ($10/34 = 30\%$ do total dos dados de DIR1). O autor de DIR3, por exemplo, disserta sobre um tema passado, do ano de 1948, e faz projeções tomando aquele tempo como se fosse presente. Esse é o tipo de funcionamento do futuro histórico nas dissertações.¹⁵⁸

A função de *futuro do futuro* tem baixíssima ocorrência entre as dissertações. E a função de *futuro determinado* se mostrou nula na área do Direito.

¹⁵⁷ Relembramos ao leitor que não observamos todos os contextos de futuridade, restringimo-nos aos que são acionados com as perífrases *ir* (presente/futuro) + Inf e a forma simples, portanto, é possível que os autores utilizem outras formas para a função metadiscursiva.

¹⁵⁸ Cabe ainda uma notinha sobre DIR3 aqui. Conforme mostramos na seção 8.2, DIR3 apresentou ocorrências da forma simples com função de futuro do pretérito, um uso singular que não apareceu em outras dissertações da amostra analisada. Ainda que não seja um uso comum nas subesferas que observamos, esse tipo de função deixa ainda mais em evidência que singularidades imprevistas podem surgir em meio da estabilidade.

10.1.2 Linguística

A subesfera de Linguística foi a área que mais apresentou um cenário de variação, já que acionou as três formas verbais com menos diferença nas porcentagens (cf. Tabela 2). A forma simples é a predileta, seguida da forma *ir* (futuro) + Inf e da forma *ir* (presente) + Inf. Assim como na área de Direito, na Linguística as funções mais acionadas são o *futuro indeterminado* > *futuro metadiscursivo* > *futuro histórico*. A Tabela 12 apresenta os resultados por autor.

Tabela 12. Cruzamento das formas verbais com funções e dissertações/autores na expressão de futuridade por área: *Linguística*

Domínio funcional	Tempo futuro do presente					Ambí -guo	Modal. deônt.	Total (formas)
	Funções	Indeter.	Metadis.	Histórico	Deter.	do fut.	Amb.	
Dissert./ Formas	N / %	N / %	N / %	N / %	N / %	N / %	N / %	N / %
LIN1								
Fsimples	0 / 0	13 / 81	0 / 0	1 / 100	1 / 12	0 / 0	0 / 0	15 / 35
PPres	18 / 100	3 / 19	0 / 0	0 / 0	7 / 88	0 / 0	1 / 100	29 / 65
PFut	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0
LIN2								
Fsimples	3 / 19	32 / 73	0 / 0	4 / 100	3 / 100	0 / 0	0 / 0	42 / 63
PPres	9 / 56	12 / 27	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	21 / 31
Pfut	4 / 25	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	4 / 6
LIN3								
Fsimples	48 / 62	31 / 94	27 / 27	5 / 83	11 / 79	0 / 0	0 / 0	122 / 53
PPres	1 / 1	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	1 / 0
PFut	28 / 36	2 / 6	74 / 73	1 / 17	3 / 21	0 / 0	0 / 0	108 / 47
LIN4								
Fsimples	48 / 65	24 / 100	0 / 0	0 / 0	9 / 100	0 / 0	0 / 0	81 / 76
PPres	11 / 15	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	11 / 10
PFut	15 / 20	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	15 / 14
TOTAL da área								
Fsimples	99 / 54	100 / 85	27 / 27	10 / 91	24 / 71	0 / 0	0 / 0	260 / 58
PPres	39 / 21	15 / 13	0 / 0	0 / 0	7 / 21	0 / 0	1 / 100	62 / 14
PFut	47 / 25	2 / 2	74 / 73	1 / 9	3 / 9	0 / 0	0 / 0	127 / 28
Total (funções)	185 / 41,5	117 / 26	101 / 22,5	11 / 2,5	34 / 7,5	0 / 0	1 / 0,5	449 / 100

Fonte: elaboração própria

Referente ao total das *formas*, os resultados apontam a forma simples como a mais utilizada em LIN4, LIN2 e LIN3 (nesta ordem), sendo que em LIN3 há uma aproximação maior entre a forma simples e a perífrase *ir* (futuro) + Inf (com uma diferença de 6%); LIN2 aciona majoritariamente como segunda opção a forma *ir* (presente) + Inf, enquanto LIN4 mostra um cenário de maior paridade entre as formas perifrástica. LIN1 seleciona como camada favorita a

forma *ir* (presente) + Inf e a forma simples se torna a segunda opção mais acionada. Anteriormente vimos que na subesfera de Direito os autores parecem eleger quase que categoricamente uma das perífrases, na subesfera de Linguística o quadro é parecido, em certa medida: LIN1 e LIN2 optam pela forma *ir* (presente) + Inf, LIN3 seleciona apenas a forma *ir* (futuro) + Inf, enquanto LIN4 destoa da média e aciona as duas formas com valores aproximados.

Ainda observando a *área*, a *relação entre as formas e funções* revela que a forma simples se sebreasai em todas as funções do domínio funcional de futuro do presente, exceto na função de futuro histórico, contexto em que a forma mais acionada é *ir* (futuro) + Inf (73%). Entre as perífrases, enquanto *ir* (presente) + Inf se revela favorita nas funções metadiscursiva e de futuro do futuro, *ir* (futuro) + Inf é a forma usada categoricamente na função de futuro histórico e a forma preferencial na função de futuro indeterminado, além de aparecer também em outras funções do domínio funcional de tempo futuro do presente. Em termos de TAM, enquanto o futuro simples e a perífrase *ir* (futuro) + Inf são as formas usadas nas cinco funções temporais, a perífrase *ir* (presente) + Inf se limita às funções temporais de futuro indeterminado, metadiscursivo e futuro do futuro, porém é a única forma verbal que expande seu uso para o domínio funcional da modalidade deôntica, onde foi acionada uma vez.

Considerando os *autores*, as *funções* mais acionadas pelas três formas oscilam a depender do autor, com especificidades acentuadas. Enquanto a forma de futuro simples é a privilegiada em todas as funções temporais em LIN3, sendo compartilhada pela perífrase *ir* (futuro) + Inf, com ausência quase categórica de *ir* (presente), as outras dissertações apresentam um comportamento mais distinto entre si.

Na função de *futuro indeterminado*, LIN1 usa categoricamente a forma *ir* (presente) + Inf, LIN2 também prefere essa forma perifrástica, porém compartilha a função com a perífrase *ir* (futuro) + Inf e com a forma simples, ao passo que LIN3 e LIN4 priorizam o futuro simples, mas dividem a função com a perífrase: LIN3, apenas com *ir* (futuro) + Inf e LIN4, com ambos os tipos de perífrase.

Na *função metadiscursiva*, todos os autores selecionam a forma simples como predileta, sendo o uso dessa forma verbal categórico em LIN4. LIN1 e LIN2 selecionam a forma *ir* (presente) + Inf como segunda alternativa nessa função, enquanto LIN3 seleciona (com apenas duas ocorrências) *ir* (futuro) + Inf.

A terceira função mais acionada na *área*, o *futuro histórico*, concentra ocorrências apenas em LIN3, sendo que a perífrase *ir* (futuro) + Inf é a forma mais usada (73%), seguida da forma simples (27%).

A função de *futuro do futuro* se manifesta em todas as dissertações da subesfera de Linguística, mas com maior frequência em LIN3. Em LIN1, é a perífrase *ir* (presente) + Inf que se sobressai nessa função, ao passo que nas demais dissertações, é a forma simples que tem mais espaço.

Por fim, a função de *futuro determinado* foi mais mobilizada em LIN2 e LIN3, na forma de futuro simples, enquanto em LIN1 apresentou apenas uma ocorrência e em LIN4 a função não foi acionada.

10.1.3 Matemática

A área de Matemática tem a forma simples como a preferida e como segunda opção aparece a forma *ir* (presente) + Inf, a forma *ir* (futuro) + Inf é pouco expressiva na subesfera (cf. Tabela 2). As funções mais acionadas são a de *futuro metadiscursivo* > *futuro determinado* > *futuro do futuro*. A Tabela 13 traz os resultados das formas e funções por dissertação.

Tabela 13. Cruzamento das formas verbais com funções e dissertações/autores na expressão de futuridade por área: *Matemática*

Domínio Funcional	Tempo futuro do presente					Ambíguo	Modal. deônt.	Total (formas)
	Indeter.	Metadis.	Histór.	Deter.	do fut.			
Funções	N / %	N / %	N / %	N / %	N / %	Amb.	Imper.	N / %
MAT1								
FSimples	1 / 100	55 / 98	0 / 0	27 / 77	2 / 100	0 / 0	0 / 0	85 / 75
PPres	0 / 0	1 / 2	0 / 0	8 / 23	0 / 0	19 / 100	4 / 100	32 / 25
PFut	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0
MAT2								
FSimples	0 / 0	24 / 69	0 / 0	14 / 61	4 / 100	0 / 0	0 / 0	42 / 68
PPres	0 / 0	11 / 31	0 / 0	9 / 39	0 / 0	0 / 0	0 / 0	20 / 32
PFut	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0
MAT3								
FSimples	1 / 100	52 / 84	0 / 0	16 / 44	9 / 100	0 / 0	0 / 0	78 / 71,5
PPres	0 / 0	8 / 13	0 / 0	16 / 44	0 / 0	0 / 0	1 / 100	25 / 23
PFut	0 / 0	2 / 3	0 / 0	4 / 11	0 / 0	0 / 0	0 / 0	6 / 5,5
MAT4								
FSimples	8 / 89	22 / 38	0 / 0	8 / 24	3 / 43	0 / 0	0 / 0	41 / 38
PPres	1 / 11	34 / 59	0 / 0	25 / 76	4 / 57	0 / 0	0 / 0	64 / 60
PFut	0 / 0	2 / 3	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	2 / 2
TOTAL da área								
FSimples	10 / 91	153 / 73	0 / 0	65 / 51	18 / 82	0 / 0	0 / 0	246 / 62
PPres	1 / 9	54 / 26	0 / 0	58 / 46	4 / 18	19 / 100	5 / 100	142 / 36
PFut	0 / 0	4 / 2	0 / 0	4 / 3	0 / 0	0 / 0	0 / 0	8 / 2
Total (funções)	11 / 3	211 / 53	0 / 0	127 / 32	22 / 5,5	19 / 5	5 / 1,5	395 / 100

Fonte: elaboração própria

Os resultados gerais por *forma* mostram a forma simples como a predileta em MAT1 (75%), MAT2 (68%) e MAT3 (71,5%); MAT4 tem mais usos da forma *ir* (presente) + Inf (60%). A perífrase *ir* (futuro) tem poucas ocorrências apenas em MAT3 (5,5%) e MAT4 (2%). Por conseguinte, a forma *ir* (presente) + Inf mostra uma distribuição percentual equilibrada entre MAT 1, MAT2 e MAT3 (na casa dos 20% e 30%), suplantando a forma simples em MAT4.

Observando a relação entre as formas e funções na *área*, vemos que o compartilhamento de funções temporais se dá entre a forma simples e a perífrase *ir* (presente) + Inf, com escassas ocorrências de *ir* (futuro) + Inf; a função ambígua e a de modalidade imperativa são categoricamente expressas por *ir* (presente) + Inf. É em Matemática, que a perífrase transita mais em TAM. A função de futuro histórico não é mobilizada em Matemática. É na função de futuro metadiscursivo e de futuro determinado que as três formas verbais se manifestam, sendo que o contexto de maior variação é o da função determinada, o futuro simples (51%) e a perífrase *ir* (presente) + Inf (46%) competem mais fortemente. Observando as dissertações separadamente, novamente percebemos que os usos individuais por dissertação nem sempre correspondem à média da área.

Na função *metadiscursiva*, a mais acionada na área, MAT2 e MAT3 se aproximam mais da média da área no uso das formas verbais, mas MAT1 dispara no uso preferencial da forma simples (98%) e MAT4 inverte a ordem de preferência, priorizando a perífrase *ir* (presente) + Inf (59%) sobre a forma simples (38%).

Na função de *futuro determinado*, a segunda mais mobilizada na subesfera, as quatro dissertações também se comportam distintamente: enquanto MAT1 e MAT2 dão preferência para a forma simples (na casa de 70% e 60%), MAT4 inverte a ordem, privilegiando a perífrase *ir* (presente) + Inf (na casa de 70%; e fica com MAT3 o cenário de competição entre as formas verbais (com 44% cada uma).

O *futuro do futuro* é categoricamente expresso pela forma simples em MAT1, MAT2 e MAT3. Apenas em MAT4, *ir* (presente) + Inf (57%) suplanta a forma simples (43%). A função de *futuro indeterminado* aparece praticamente apenas em MAT4, expressa quase que categoricamente na forma de futuro simples.

A *função ambígua* é encontrada apenas em MAT1 que, curiosamente, também é a dissertação que mais aciona a função de *modalidade deôntica imperativa* nesta amostra (em 4 das 6 ocorrências). Como já apontado anteriormente, a ambiguidade se deve à sobreposição de traços de tempo futuro determinado com o modo imperativo.

Concluindo a Seção 10.1, apresentamos um apanhado resumido por área.

Em *Direito*, a forma de futuro simples prepondera em todas as dissertações e, de modo geral, a perífrase *ir* (futuro) + Inf é a segunda forma mais acionada; contudo, ao olharmos as dissertações individualmente, percebemos que os autores selecionam quase que categoricamente uma das perífrases para utilizar, porém com especificidades funcionais. Embora na *área* se observe uma correlação maior entre a função de futuro histórico com a perífrase *ir* (presente) + Inf e a função de futuro indeterminado com a perífrase *ir* (futuro) + Inf, seguida pelo futuro histórico, por *autor*, é DIR1 e DIR4 que privilegiam *ir* (presente) + Inf na função de futuro histórico, DIR2 prefere *ir* (futuro) + Inf nessa mesma função e DIR3 usa mais *ir* (futuro) + Inf num número maior de funções. O contexto de variação mais compartilhado pelas dissertações é o de futuro histórico. Os contextos que apresentam mais formas compartilhadas nas dissertações são o de futuro histórico e o de futuro indeterminado, contudo a incidência maior de variação se dá no primeiro tanto em DIR1 como em DIR3 e DIR4, porém com distribuição diferenciada: em DIR1 e DIR4 a forma simples concorre com *ir* (presente) + Inf, sendo esta a preferida em DIR1; e em DIR3 a forma simples concorre com *ir* (futuro) + Inf, sendo a primeira a mais recorrente. Na função de futuro indeterminado, a variação é mais sutil.

Linguística mostrou cenários mais diversificados por dissertação; não temos categoricamente a forma simples como a predileta, como ocorreu na subesfera de Direito, uma vez que LIN1 selecionou preferencialmente a perífrase *ir* (presente) + Inf. A perífrase *ir* (futuro) + Inf prevaleceu sobre *ir* (presente) em LIN3 e LIN4, na primeira dissertação na função de futuro histórico e na segunda na função de futuro indeterminado. Embora a *área* mostre as três formas verbais atuando nas funções de futuro indeterminado, metadiscursivo e futuro do futuro, individualmente os *autores* se comportam de modo particularizado: na função de futuro indeterminado, LIN1 faz uso apenas de *ir* (presente) + Inf; a função metadiscursiva é compartilhada, em LIN1 e LIN2, pela forma simples e por *ir* (presente) + Inf, ao passo que LIN3 alterna a forma simples com *ir* (futuro) + Inf e LIN4 só utiliza a forma simples; na função de futuro do futuro, LIN2 e LIN3 usam categoricamente a forma simples, LIN3 também prefere a forma simples, mas compartilha a função com *ir* (futuro) + Inf, e LIN1 faz uso quase categórico de *ir* (presente) + Inf. As funções que se mostraram mais suscetíveis à variação são as que retêm o maior número de ocorrências: em contexto de futuro indeterminado, LIN2, LIN3 e LIN4 apresentam variação entre as três formas verbais, com preferência pela perífrase *ir* (presente) + Inf em LIN2; na função metadiscursiva, as formas que concorrem são a de futuro simples (a preferida) e a perífrase *ir* (presente) + Inf; e na função de futuro histórico, as formas que coexistem são a de futuro simples e a perífrase *ir* (futuro) + Inf (a preferida).

A subsesfera de *Matemática*, a exemplo das precedentes, também mostrou especificidades de uso. Quanto às *formas*, MAT1, MAT2 e MAT3 convergem quanto à frequência, com uma distribuição percentual aproximada entre a forma simples (em torno dos 70%) e a perífrase *ir* (presente) + Inf; já MAT4 destoa das demais, preferindo a perífrase (60%). A forma *ir* (futuro) + Inf aparece com poucas ocorrências apenas em MAT3 e MAT4. Quanto às *funções*, todas as dissertações compartilham a função metadiscursiva e a de futuro determinado e nenhuma delas apresenta o futuro histórico. Nas demais funções, contudo, há particularidades de uso: a função de futuro indeterminado, embora com poucas ocorrências na área, se concentra mais em MAT4; a função de futuro do futuro, apesar de se manifestar em todas as dissertações, tem frequência maior em MAT3; a função ambígua, assim como a função imperativa, são dominantes em MAT1. Quanto à *relação de formas e funções por dissertação*, os resultados que mais se destacam – além da categoricidade da função ambígua e da quase categoricidade da função imperativa – são os associados às funções metadiscursiva e de futuro determinado: é nessas funções que MAT4 mais destoa das demais pelo uso preferencial da perífrase. As funções que mais privilegiam a variação entre as formas nas dissertações são justamente as que concentram maior número de ocorrências: a metadiscursiva e a de futuro determinado.

Tais resultados não só corroboram a necessidade de se analisar os tipos de perífrase separadamente, como mostram que é preciso ter cautela com certas generalizações. Os resultados por área, por exemplo, não se refletem da mesma maneira nas dissertações individuais. Em outras palavras, evidenciam que *o estilo é agenciado conforme as diferentes instâncias do gênero e sinalizam para a importância de se considerar as escolhas linguísticas individuais*.

10.2 O estilo da esfera, da subsesfera e do sujeito: um gradiente

Como já vimos no capítulo teórico, os gêneros do discurso são tipos relativamente estáveis de enunciados, cujas dimensões constitutivas são interligadas: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional – esses dois últimos compreendidos como “procedimentos de enformação e acabamento” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 186). Os gêneros do discurso são orgânicos, dinâmicos, flexíveis e plásticos – ainda que alguns apresentem maior engessamento do que outros, especialmente quanto à construção composicional – e podem se adequar a depender das condições em que emergem. É o aspecto *relativamente estável* do gênero que permite a atualização e a agentividade do sujeito, sempre em relação com a esfera de atividade do enunciado, com o conteúdo temático e com o destinatário.

No caso da esfera acadêmica, o gênero dissertação já é institucionalmente pré-estabelecido como uma espécie de “regra do jogo”, cuja construção composicional é relativamente enformada. O conteúdo temático é dependente da subesfera e delimitado tanto pela área como pelo interesse do pesquisador, como no caso da definição do objeto de estudo. O destinatário tem um perfil definido em termos de conhecimentos especializados e nível de informação que tem sobre o assunto, e em termos do que espera do texto que vai ler, no sentido de ter uma compreensão responsiva. O autor da dissertação, nesse caso, se situa numa posição entre o *convencional* – estabelecido pelo gênero, pela subesfera/área de conhecimento e pelo leitor especializado – e o *agentivo* – possibilitado pela margem de flexibilidade do gênero. Nesse sentido, o estilo tem relação com o gênero, com o conteúdo temático da área de conhecimento e suas especificidades e com a individualidade do autor.

Em relação ao discurso científico, Bakhtin (2011) [1979], p. 305) faz menção a “estilos neutros ou objetivos de exposição, concentrados ao máximo em seu objeto”, que “produzem uma seleção de meios linguísticos não só do ponto de vista da sua adequação ao objeto do discurso mas também do ponto de vista do proposto fundo aperceptível do destinatário do discurso”, o que pressupõe “uma espécie de triunfo do destinatário sobre o falante” e uma limitação da expressividade do indivíduo. Em continuidade, Bakhtin observa ainda que “o caráter dos estilos neutro-objetivos (e, conseqüentemente, da concepção que lhes serve de base) é bastante diverso em função da diferença de campos da comunicação discursiva”. Nas seções 8.1 e 8.2 vimos indícios de que as formas e as funções compõem *estilos de linguagem* de cada subesfera.

As subesferas de Direito e Linguística são mais expositivo-argumentativas textualmente e costumam apresentar revisões bibliográficas com base em textos teóricos, um lugar profícuo para o uso do futuro histórico. A subesfera de Matemática tem caráter mais descritivo e demonstrativo, daí emerge a função de modalidade deontica imperativa e também os altos índices de futuro determinado. *Os estilos das subesferas têm relação direta com o objeto de estudo* – o conteúdo temático, ou seja, com o domínio de sentido da enunciação (FARACO, 2009). Portanto, *o gênero dissertação de mestrado reflete determinado estilo a depender da subesfera em que está inserido*. O estilo é visto como um aspecto social e individual: é individual, pois envolve a seleção de recursos linguísticos (BAKHTIN, 2011 [1952-53]); e é social ao mesmo tempo, já que “*o estilo são pelo menos dois homens*, ou mais exatamente, é o homem e seu grupo social na pessoa de seu representante ativo – o ouvinte, que é o participante permanente do discurso interno e externo do homem” (VOLOCHÍNOV, 2013 [1926], p. 97, grifo nosso).

Os estilos de linguagem das subesferas favorecem determinadas formas/funções do macrodomínio de futuridade, mas o acabamento estilístico-composicional é elaborado pelo sujeito que, num universo de possibilidades de formas/funções, faz escolhas de recursos linguísticos que podem destoar do que é convencionalizado pela esfera mais ampla (no caso, a acadêmica) e pelo gênero (no caso, a dissertação de mestrado). É o que se observa, por exemplo, em LIN1 e MAT4, que fazem maior uso da forma *ir* (presente) + Inf, ou em LIN3, que aciona com alta frequência a forma *ir* (futuro) + Inf. Já na subesfera de Direito, encontramos maior estabilidade tanto das formas quanto das funções, entretanto DIR1 mostra um comportamento particularizado: os resultados gerais mostram a forma simples como a predileta em todas as funções, porém DIR1 seleciona a forma *ir* (futuro) + Inf como a favorita na função de futuro histórico.

Além disso, em conformidade com Traugott (2001), acreditamos que *o estilo não se inscreva apenas nas formas selecionadas, mas também nas funções mobilizadas, já que cada função faz um trabalho gramatical diferente*. Observemos em caráter ilustrativo algumas dissertações, com atenção nas funções mais acionadas e sua relação com o conteúdo temático.

Em MAT4 as funções mais recorrentes são de *futuro metadiscursivo* (58/107=54%), *futuro determinado* (33/107=31%) e *futuro indeterminado* (9/107=9%). É em MAT4 que encontramos a maior frequência de uso do futuro indeterminado na área, mesmo essa função não sendo favorecida pelo conteúdo temático. Como comentamos anteriormente, a subesfera de Matemática lida com um futuro menos genérico, daí os altos índices de futuro determinado, que geralmente é usado com sentido de anunciar ao leitor que o cálculo será exposto. Em MAT4 o futuro indeterminado aparece, *grosso modo*, em contextos de argumentação. Além de expor o cálculo, o autor mostra ao leitor aspectos da proposição, favorecendo um futuro sem exatidão temporal. É possível que essa característica se repita nos outros autores da subesfera de Matemática desta amostra, porém as escolhas linguísticas foram outras. As escolhas não se restringem somente às formas, mas têm a ver também com as funções que são acionadas, pois o sentido construído pode emergir da singularidade do indivíduo na construção do acabamento estilístico-composicional.

Consideremos LIN1 agora. Trata-se da única dissertação da subesfera de Linguística que acionou a função de modalidade deôntica imperativa, com sentido de convite ao leitor para demonstrar uma proposição. Ao observarmos o resumo e o sumário, vemos que a dissertação é da área de sintaxe gerativa, que tem caráter mais demonstrativo e com contextos de provas, aproximando-se de Matemática pela via da formalização, e isso parece ser um cenário favorável à função imperativa. LIN1 ainda apresenta particularidades referentes à composição do texto,

inclusive o número reduzido de páginas em comparação com as demais dissertações (62 p.), assemelhando-se apenas a MAT2 (65 p.) e a MAT3 (66 p.) A autora não faz uma revisão teórica tão extensa – como comumente encontramos na área de Linguística – e o caráter de demonstração da pesquisa também não possibilita emergir o futuro histórico, mas favorece a exemplificação de esquemas sintáticos, uma particularidade que se dá devido ao assunto abordado e à flexibilidade do gênero – de acomodar o enunciado conforme os objetivos e estilo do autor. Assim como na subesfera de Matemática, em LIN1 temos um conteúdo temático que lida com um contexto mais demonstrativo, o sentido do enunciado parece abrir espaço para emergirem usos mais recorrentes de futuro determinado, mas não é o que acontece, pois a autora privilegia o futuro indeterminado e o metadiscursivo, recorrendo a outras formas/funções para anunciar os esquemas sintáticos. Ainda que se trate de subesferas diferentes e conteúdos temáticos diferentes, *o sentido de demonstração é o mesmo*, porém, “[o] enunciador (ou produtor) acrescenta [...] (pode acrescentar) a isso um nível suplementar de estratificação estilística, representando sua própria relação com a língua” (FAITA, 2015, p. 156).

Passamos para LIN3. O tema da dissertação sugere um conteúdo mais expositivo-argumentativo, o assunto abordado são diferentes acepções e implicações para o ensino de línguas e, ao verificarmos o sumário, notamos uma vasta revisão bibliográfica de teorias, o que favorece o surgimento do futuro histórico. As formas simples e a perífrase *ir* (futuro) + Inf poderiam ser substituídas pelo presente do indicativo ou pela forma *ir* (presente) + Inf sem nenhum prejuízo de valor quanto à função. A autora dá espaço privilegiado para o uso do futuro histórico, ultrapassando até mesmo o futuro indeterminado – função mais acionada na área. Ainda que o sentido do texto proporcione espaço para a função de futuro histórico, *é o acabamento estilístico-composicional da autora que mobiliza a função, revelando que o estilo está também nas funções das formas*.

Observe que em DIR3 e LIN4, por exemplo, o conteúdo temático também nos sugere usos de futuro histórico, mas esta não se revelou uma função saliente, principalmente em LIN4, que não apresentou nenhuma ocorrência dessa função com as formas que analisamos nesta pesquisa. LIN4 aborda a autoria acadêmica pela linha de pesquisa da análise do discurso francesa. Já era possível pressupor os altos índices de futuro indeterminado, pois a autora lida com uma projeção temporal difusa que é difícil de especificar quando acontecerão os eventos na linha do tempo. Entretanto, o sumário e a introdução nos sugerem a possibilidade de emergir o futuro histórico, o que não ocorre. Apesar do conteúdo temático abrir possibilidade para uso da função com as formas verbais de tempo futuro, *é o estilo da autora que determina se a função será acionada*. Durante a análise dos dados, notamos que a autora reserva o tempo futuro

do presente – com as três formas verbais – para quando se coloca no texto e discute aspectos da teoria. Percebemos que na subesfera de Linguística é ainda mais saliente a diversificação de conteúdo temáticos que têm implicação nos usos das funções.

As funções contribuem para a construção do sentido do texto, que não pode ser apreendido *apenas pela contagem de ocorrência das formas*. A esfera acadêmica possui um estilo de linguagem voltado à formalidade, o que se repete nas subesferas, mas com diferenças quanto ao sentido construído diante do objeto de estudo, e isso abre espaço para diferentes funções das formas. Ainda que essas funções sejam favorecidas pela subesfera e pelo conteúdo temático, é o acabamento estilístico-composicional dado pelo indivíduo que faz com que ele mobilize uma ou outra função, assim cada enunciado é singular e passível de agentividade.

Invertendo a perspectiva, vemos que, *ainda que o estilo seja uma atividade de seleção individual, ela não é aleatória, mas perpassada por aspectos do gênero que são de natureza social*, uma vez que o gênero é uma prática discursiva; e o estilo é coerente com a esfera de atividade, com o gênero discursivo e com o conteúdo temático. No caso das formas verbais em estudo, a possibilidade de usar o tempo verbal futuro na dissertação de mestrado é dada pelo gênero discursivo (quando apresenta contextos de futuridade), mas a decisão em acionar a forma verbal simples ou a forma perifrástica é do sujeito, *é a possibilidade de escolha que permite a agentividade do sujeito, mesmo num gênero secundário* (cf. Capítulo 6).

Nesse sentido, salientamos que considerar os usos subjetivos do falante ao acionar diferentes funções da mesma forma é uma tarefa importante para uma “teoria mais elaborada de estilo” (TRAUGOTT, 2001, p. 136)¹⁵⁹, e os usos subjetivos, por sua vez, são restringidos, sobretudo, pelo gênero e suas diferentes instâncias.

Defendemos, portanto, que o estilo se manifesta em três instâncias multiníveis articuladas no âmbito da esfera acadêmica – do gênero dissertação de mestrado, da subesfera/área de conhecimento com suas especificidades e do indivíduo –, as quais colocam em diálogo o coletivo (o que é convencionalizado) e a singularidade (o que é evêntico).

¹⁵⁹ No original: “elaborated theory of style”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa tratou da expressão de *futuridade* no macrodomínio de tempo-aspecto-modalidade (TAM) com foco nas camadas de futuro simples, *ir* (presente) + Inf e *ir* (futuro) + Inf, na esfera acadêmica, tomando como *corpus* de análise o *gênero dissertação de mestrado* em três subesferas: Direito, Linguística e Matemática. Adotamos a abordagem sociofuncionalista e tratamos as formas verbais, as funções e a relação entre ambas como recursos estilísticos (cf. TRAUGOTT, 2001; BAKHTIN, 2011 [1952]).

Dividimos esta pesquisa em três partes. Na primeira, apresentamos o referencial teórico em duas facetas: i) expondo as bases de uma interface sociofuncionalista (com foco em multifuncionalidade e variação) e noções importantes sobre TAM e futuridade – domínios por onde transitam as formas verbais em análise –, além de uma revisão de trabalhos já realizados sobre esse objeto; e ii) expondo conceitos basilares sobre esfera acadêmica, gênero discursivo e estilo (com ênfase no caráter convencional e também evêntico do gênero); sugerindo tratar as áreas de conhecimento como subesferas e delineando uma representação superordenada das áreas/subesferas do gênero dissertação de mestrado no escopo da esfera acadêmica; e propondo uma abordagem gradiente do estilo nas diferentes instâncias do gênero, desde a esfera acadêmica até o indivíduo/autor.

Na segunda parte, apresentamos a metodologia adotada para a pesquisa, descrevendo os procedimentos de seleção da amostra, as questões e hipóteses de pesquisa e os grupos de fatores controlados. Na terceira e última parte, divulgamos e discutimos os resultados da análise com enfoque nas formas e funções vistas como recursos estilísticos mobilizados nas diferentes instâncias do gênero discursivo.

Propusemo-nos a responder sete questionamentos que guiaram a análise dos dados. A primeira questão era direcionada à frequência das formas verbais: *Como se distribuem, em termos de frequência, as formas verbais de futuro do presente simples e de perífrase ir + infinitivo nos textos das diferentes áreas?* A hipótese era que as formas perífrásticas aconteceriam em menor ocorrência, devido à formalidade do gênero dissertação de mestrado, mas que seriam mais frequentes na subesfera de Linguística e menos frequentes na subesfera de Direito, ficando a Matemática em posição intermediária. Assim como os resultados de Sarate (2019) para artigos acadêmicos, acreditávamos que ambos os tipos de perífrases teriam frequência satisfatória, portanto optamos por considerá-las individualmente. Essa hipótese foi confirmada e, assim como Sarate (2019), encontramos índices relativamente altos da forma *ir* (futuro) + Inf.

A segunda questão tratava da relação entre as formas verbais e as pessoas do discurso: *Qual a relação entre as formas verbais de futuro do presente simples e de perífrase ir + infinitivo e as pessoas do discurso?* Esperávamos que a forma simples seria mais recorrente na terceira pessoa (P3/P6), enquanto as formas perifrásticas ocorreriam mais frequentemente na primeira pessoa (P1/P4). Nossa hipótese foi confirmada em parte, pois o futuro simples foi, de fato, a forma mais acionada na terceira pessoa, assim como a perífrase *ir* (presente) + Inf foi mais recorrente com a primeira pessoa do plural; a forma *ir* (futuro) + Inf, contudo, se comportou diferente do esperado, já que a maioria de suas ocorrências se deu na terceira pessoa, concentrando-se especialmente em P6.

A terceira questão visava verificar o comportamento das formas verbais ao longo do tempo: *Como se dá o funcionamento das formas verbais, especialmente da perífrase, nos dois períodos de tempo contemplados, considerando-se as diferentes áreas?* A hipótese previa que aconteceria um aumento das formas perifrásticas ao longo do tempo, sendo que as dissertações mais recentes apresentariam maior uso das formas inovadoras, em especial *ir* (futuro) + Inf. A hipótese foi parcialmente atestada com o resultado geral, verificando-se um leve declínio da forma simples e um aumento maior da perífrase *ir* (futuro) + Inf, porém *ir* (presente) + inf teve sua frequência diminuída. No desdobramento da análise, com cruzamento das formas verbais com as áreas, as dissertações/autores e os períodos de tempo, percebemos que a hipótese inicial de que haveria uma possível mudança em curso deve ser relativizada por área e por autor: No Direito, praticamente não houve alteração nas frequências de uso, mas houve discrepância entre os autores; na Matemática, houve diferença expressiva entre os períodos e os autores, especialmente os das dissertações mais recentes, também discreparam entre si; e na Linguística, houve uma diferença proporcionalmente inversa no uso das perífrases, com diminuição de *ir* (presente) + Inf e aumento de *ir* (futuro) + Inf, e os quatro autores mostraram usos bem diferenciados das três formas verbais. Tal resultado sinaliza para o risco de se fazer certas generalizações sem levar em conta especificidades importantes.

A quarta questão contemplava a relação entre a área e as funções do macrodomínio TAM: *Que funções essas formas verbais assumem nas dissertações e como essas funções se distribuem nas diferentes áreas?* As hipóteses eram de que: a perífrase seria mais acionada na função prototípica de tempo futuro do presente, mas também apareceria com função de aspecto habitual e modalidade deôntica; o futuro simples seria mais acionado na função de futuro do presente; a multifuncionalidade seria relativamente dependente da subesfera, sendo a função de futuro metadiscursivo (embora compartilhada pelas três subesferas) mais recorrente em LIN, a função de modalidade deôntica imperativa, em MAT, e o futuro histórico, em DIR. Em certa

medida, nossas hipóteses foram confirmadas. A perífrase *ir* (presente) + Inf se mostrou mais multifuncional no sentido de cruzar os domínios de tempo e de modalidade, sendo apenas ela usada na função imperativa; tanto o futuro simples quanto as perífrases foram utilizadas na função de futuro metadiscursivo, contudo a forma simples se sobressaiu. Essa função não foi privilegiada apenas em LIN como prevíamos, mas sim em todas as subesferas, pois acreditamos tratar-se de uma característica do gênero dissertação de mestrado. O futuro histórico foi mais mobilizado em DIR, mas também contou com ocorrências expressivas em LIN.

A quinta questão dizia respeito às formas/funções no macrodomínio TAM: *Como essas formas/funções se comportam em termos de domínio(s) funcional(is)?* Acreditávamos que as formas verbais se concentrariam no domínio funcional de tempo futuro do presente, mas com ocorrências também nos domínios de aspecto habitual e de modalidade deôntica. Essa hipótese também foi parcialmente atestada pois, de fato, as formas verbais se mostraram mais frequentes no domínio funcional de tempo futuro do presente com algumas ocorrências no domínio funcional de modalidade deôntica imperativa, entretanto encontramos apenas um dado de aspecto habitual que preferimos tratar de forma qualitativa e que não entrou no cômputo geral dos resultados.

A sexta questão era relativa à variação: *Como as formas verbais se comportam em termos de variação?* Nossa hipótese previa que a variação ocorreria mais intensamente no domínio funcional de futuro do presente e na área de Linguística. A hipótese foi confirmada. Vale destacar que a subesfera de Direito se mostrou a mais resistente às formas perifrásticas, mas foi a segunda área com maior quadro de variação, já que acionou as três formas, enquanto a Matemática faz uso quase que categórico das formas simples e da perífrase *ir* (presente) + Inf.

A sétima questão tratava das formas/funções e o estilo: *Em relação a gênero e estilo é viável abordá-lo numa espécie de gradiência híbrida que chega até o estilo individual?* Hipotetizamos que sim, o estilo poderia ser visto numa gradiência entre esfera, subesfera e estilo do sujeito. A condução da análise nos três capítulos da Parte III indica que a hipótese é plausível, ao se considerar que o estilo é dado pelo gênero, mas é também dependente da subesfera e de suas especificidades, e que, em última instância, o acabamento estilístico composicional é elaborado pelo sujeito.

Esta pesquisa tratou de forma separada os dois tipos de perífrase, *ir* (presente) + Inf e *ir* (futuro) + Inf, devido ocorrências consideradas significativas dessa segunda forma que, em geral, é muito pouco documentada na literatura da área (cf. Capítulo 5), o que nos possibilita refletir sobre *por qual razão a perífrase ir (futuro) + Inf aparece com alta frequência nos*

gêneros dissertação de mestrado e artigo acadêmico? (cf. SARATE, 2019). Trata-se de uma forma recorrente na esfera acadêmica?

Com base na ideia de representação superordenada e de abordagem gradiente do estilo, interpretamos a esfera acadêmica como uma macroesfera que abriga diversos gêneros discursivos, mas que diante das diferenciações relacionadas ao conteúdo temático permite observar as áreas de conhecimento como subesferas. As subesferas se interseccionem, pois os gêneros são relativamente estáveis e algumas características estilístico-composicionais se repetem independentemente do conteúdo temático. Outros usos estilísticos, no entanto, podem assumir o caráter evêntico do gênero. Tendo isso em vista, nesta pesquisa, procuramos não generalizar resultados e defendemos a necessidade de um olhar cuidadoso também para o estilo de cada autor a fim de considerar as particularidades de cada sujeito. No gênero dissertação de mestrado, consideramos que as perífrases são um recurso estilístico saliente que revela a agentividade do sujeito de convocar um uso linguístico costumeiramente atrelado à informalidade mesmo num gênero formal. Ainda que o estilo de linguagem seja dado pelo gênero e pela subesfera *é o autor que escolhe como agenciar os recursos linguístico, sendo esse o brilho do estilo*. Diante disso, respondemos positivamente a pergunta-título da dissertação: *Formas e funções na expressão de futuridade em dissertações de mestrado: uma questão de estilo?*

Destacamos ainda que considerar o gênero discursivo – tal qual fizemos neste estudo – numa pesquisa sociolinguística, funcionalista ou sociofuncionalista parece ser fundamental tanto para a descrição do *corpus* de análise como para a compreensão dos fenômenos analisados, já que essas teorias lidam com a *língua em uso*, conseqüentemente lidam com gêneros do discurso nas suas diferentes esferas de atividade.

Acreditamos que este trabalho tenha contribuído para uma visão mais ampliada sobre o estilo nos estudos linguísticos, já que consideramos as *formas* e as *funções* das formas, pois se cada função evoca um sentido diferente, os falantes as utilizam com diferentes propósitos (cf. TRAUGOTT, 2001). Além disso, analisamos um gênero mais formal que, diante do que vimos no Capítulo 5, ainda não tinha sido contemplado, e os resultados sinalizam para uma melhor compreensão do funcionamento das formas perifrásticas num *estilo de escrita mais formal*.

Esta pesquisa ainda suscita alguns desdobramentos, entre eles: i) a execução de um teste de percepção e atitude para entendermos o significado social da forma *ir* (futuro) + Inf e se, de fato se trata de hipercorreção; ii) uma análise em outros gêneros escritos mais formais, a fim de verificar o funcionamento e a expansão de uso das formas perifrásticas; iii) uma pesquisa documental e em amostras diacrônicas e sincrônicas diversas para verificar particularmente o

uso de *ir* (futuro) + Inf; e, por fim, iv) um estudo sobre a esfera acadêmica que nos possibilite entender o porquê de um campo de atividade considerado formal acionar uma forma linguística tida como informal (no caso específico da perífrase de futuro). *São as práticas sociais que mudaram na esfera acadêmica e a tornaram menos formal? Ou é a forma perifrástica que está perdendo seu traço de informalidade?*

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola editorial, 2011.
- BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. 6ª ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1952], p. 261-306.
- BAUMAN, R. The ethnography of genre in a Mexican market: form, function, variation. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Eds.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 57-77.
- BIAZOLLI, C. C.; BERLINCK, R. de A. (Orgs.) *Gêneros textuais-discursivos no estudo de processos de variação e mudança*. São Paulo: Pontes, 2021.
- BRAGANÇA, M. L. L. *A gramaticalização do verbo IR e a variação de formas para expressar o futuro do presente: uma fotografia capixaba*. 2008, 146f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, UFES, Vitória, 2008.
- _____. *Uma proposta de articulação teórico-metodológica entre os campos Variacionista, funcionalista e dialógico para o tratamento de variação/mudança: reflexões a partir da expressão do futuro do presente*. 2017, 696f. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2017.
- BRAIT, B. Estilo. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chaves*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 79-102.
- BYBEE, J. L.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- _____. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CAMACHO, R. G.; SALOMÃO-CONCHALO, M. H. *A variação de plural no SN como um indexador de identidade*. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 46-63, maio/ago, 2016.
- CÂMARA Jr., J.M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1987 [1970].
- CASTILHO, A. T. Aspecto verbal no português falado. In: ABAURRE, M. B. M; RODRIGUES, A. C. S. (Orgs.). *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora Estadual de Campinas, 2002, v. VIII, p. 83-122.
- _____. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CERUTTI-RIZZATTI, M. E.; LESNHAK, S. Apropriação dos modos de dizer na esfera acadêmica: desafios do encontro da outra palavra com a palavra outra. *Revista GELNE*, v. 16, n.1/2, p. 195-223, 2014.
- COMRIE, B. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

_____. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

CORÔA, M. *O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica*. São Paulo: Parábola, 2005.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ECKERT, P. Style and social meaning. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Eds.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 119-126.

_____. 2003. The meaning of style. *Proceedings of the Eleventh Annual Symposium about Language and Society*, University of Texas, Austin, 47: 41-53

_____. Variation, convention and social meaning. *Paper Presented at the Annual Meeting of the Linguistic Society of America*. Oakland CA, Jan. 7, 2005.

_____. Variation and the indexical field. *Journal of Sociolinguistics*, 12/4, p. 454-476, Oxford: Blackwell, 2008.

_____. *As três ondas do estudo da variação: a emergência do estudo do significado no estudo da variação sociolinguística*. Trad. de Oliveira, S. G.; Rockenbach, L. M.; Gutierrez, A. *Organon*, Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 268-291, jan/jun. 2022 [2012].

FAITA, D. A noção de “Gênero discursivo” em Bakhtin: uma mudança de paradigma. In: BRAIT, B (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. 2ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2005, p. 149-168.

FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FLEISCHMAN, S. *The future in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

FLEISCHMAN, S. From pragmatics to grammar: diachronic reflections on complex pasts and futures in Romance. *Lingua*, Amsterdam, v.60, n.2/3, p.183-214, jun./jul. 1983

FONSECA, A. M. H. *A perífrase verbal IR + infinitivo e o futuro do dialeto riopretano: um estudo na interface sociolinguística/gramaticalização*. 2010. 176f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto, 2010.

FREITAG, R. M. K. Atuação da marcação na gramaticalização das formas de passado imperfeito no português: o ponto de referência. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 38 (1): 155-166 jan.-abr. 2009.

GIBBON, A. *A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação*. 2000, 126f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, Florianópolis, 2000.

_____. *Trajetória de gramaticalização da perífrase IR (presente) + infinitivo no domínio funcional do futuro: análise sincrônica e diacrônica em amostras de fala e escrita gaúchas*. 2014, 365f. Tese. (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, Florianópolis 2014.

GIVÓN, T. *English Grammar: a function-based introduction*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993.

_____. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

_____. *Syntax: An Introduction*. v.I, Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2001.

_____. *Bio-linguistics: the Santa Barbara lectures*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2002.

_____. *On understanding grammar*. Revised edition. Amsterdam: John Benjamins, 2018.

GÖRSKI, E. et al. Variação nas categorias verbais de tempo e modo na fala de Florianópolis. In: VANDRESEN, P. (Orgs.). *Variação e mudança no português falado da região sul*. Pelotas: Educat, 2002, p.217-268.

_____; TAVARES, M. A. *Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista*. Revista do GELNE, v, 15, n. especial, p. 79-101, 2013.

_____; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (Orgs.), *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014.

_____; VALLE, C. R. M. Variação discursiva: procedimentos metodológicos para a delimitação do envelope de variação. In: FREITAG, R. M. K; SEVERO, C. G.; GORSKI, E. M.(Org.). *Sociolinguística e política linguística: olhares contemporâneos*. 1ed. São Paulo: Blucher, 2016, v. 1, p. 79-99.

_____; TAVARES, M. A. O objeto de estudo na interface variação-gramaticalização. In: BAGNO, M.; CASSEBGALVÃO, V.; REZENDE, T. F (Orgs.). *Dinâmicas funcionais da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017, p. 35-63.

_____. Variação verbal no domínio funcional tempo-aspecto-modalidade (TAM). In: VANDRESEN, P.; MARTINS, M. A. R; MONGUILHOTT, I. (Orgs.). *Variação e mudança linguística no Português falado e escrito na Região Sul e outros temas*. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2021, v. 1, p. 23-49.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conception framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; CUTILLAS-ESPINOSA, ANTONIO, J. Style -shifting. In: *Style -shifting in public: new perspective on stylistic variation*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2012, 1-18.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: University Press, 2008. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199278107.001.0001>

HOPPER, P. Emergente grammar. *Berkeley Linguistics Society*, vol. 13, p. 139-157, 1987.

_____. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Eds.) *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991. v.2, p. 17-58.

_____; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. E-BOOK.

HYLAND, K. *Persuasion and context: the pragmatics of academic metadiscourse*. *Journal of Pragmatics*, v. 30 (4), p. 437-455, 1998. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378216698000095>>. Acesso em: 05 abr. 2022.

_____. *Metadiscourse: exploring interaction in writing*. London: Continuum, 2005.

_____; JIANG, F. *Is academic writing becoming more informal?* English for specific purposes 45, p. 40-51, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.esp.2016.09.001>. Acesso em: 19 de julho de 2022.

IRVINE, J. "Style" as distinctiveness: the culture and ideology of linguistic differentiation. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Eds.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 21-43.

KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1987.

LABOV, W. *Padrões sociolingüísticos*. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LANGA LACERDA, M. *Tecendo diálogos entre funcionalismo e dialogismo para análise de fenômenos em processo de variação/mudança*. *Revista Percursos Linguísticos*. Dossiê: Discurso e gramática sob a perspectiva funcionalista. v. 12, n.30, p. 131-153, 2022.

_____; GÖRSKI, E. M. *Potencial analítico dos gêneros do discurso para os estudos variacionistas*. Preprint, submetido a 08 de novembro, 2022.

LAVANDERA, B. *Where does the sociolinguistic variable stop?*. *Language in Society*, Great Britain, 1978, p. 171-182.

LEHMANN, C. *Thoughts on grammaticalization*. 2. ed. Erfurt: Arbeitspapiere des Seminars für Sprachwissenschaft der Universität Erfurt Seminar für Sprachwissenschaft, 2002.

MACHADO, I. A. Os gêneros e o corpo do acabamento estético. In: BRAIT, B (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. 2ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2005, p. 131-148.

MALVAR, E.; POPLACK, S. O presente e o passado do futuro no português do Brasil. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. *Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7 Letras / FAPERJ, 2008, p.186-218.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10.ed., São Paulo: Cortez, 2010.

MARTELOTTA, M.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. (Orgs.) *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MATEUS, M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1989.

MATOS, S. Aspectos da semântica e pragmática do imperfeito do indicativo. In: *Línguas e Literaturas*. Revista da Faculdade de Letras, Porto, p. 435-473, 1996.

MELISSOURGOU, M.; MARUSTER, L.; FRANTZI, K. *The Research article: Stylistic variation across disciplines and change over time*. In: DIVINI, K. (ed.). *Options, Practices and Possibilities of EAP and ESP Practitioners*. 2nd international EAP and ESP conference. University Of Crete, September, p. 44-57, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/333560691_The_Research_Article_Stylistic_variation_across_disciplines_and_change_over_time.

MUNIZ-OLIVEIRA, S.; BARRICELLI, E. *Uma análise do gênero dissertações de mestrado: o modelo didático*. *Raídos*, v. 3, n. 6, p. 85-93, jul/dez, 2009.

NEVES, H. M. M. *Gramática Funcional: interação, discurso e texto*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

OLIVEIRA, J. M. *O futuro na língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. 2006. 254f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA, A.; ACOSTA PEREIRA, R. *Os gêneros do discurso na esfera acadêmica: reverberações dialógicas*. *REVISTA LETRAS (UFSM/ON-LINE)*, v. 29, p. 13-35, 2019.

RICKFORD, J. R. Style and stylizing from the perspective of a nonautonomous sociolinguistics. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Eds.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 220-231.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>.

SANTOS, A. M. *O futuro verbal no português do Brasil em variação*. 1997. Dissertação 128f. (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernáculas, UnB, Brasília, 1997.

SARATE, K. *A variação na expressão do futuro do PB: uma análise em artigos acadêmicos*. 2019, 42f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Federal do Pampa, Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

SILVA, A. *A expressão da futuridade na língua falada*. 1997. Tese. 275f. (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 1997.

SILVA, A. A sobreposição modal em ir + infinitivo. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (orgs.) *Gramática do Português Falado*. Campinas: Ed. Unicamp, 2002. p. 479-497.

SILVA, R. C. P. *A representação do tempo futuro em textos escritos: análise em tempo real e em tempo real de curta duração*. 2010. Tese. 262f. (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPR, Curitiba, 2010.

SIMIONI, T.; GOMIDE, A.; SARATE, K. A variação na realização do futuro do presente em artigos acadêmicos. *Antares*, v. 12, n. 25, p. 184- 200, 2020.

STROGENSKI, M. J. F. *O uso da expressão do futuro em textos literários: uma análise em tempo real de curta duração*. 2010. 143f. Dissertação. (Mestrado em Linguística) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPR, Curitiba, 2010.

TAFNER, E. P. *As formas verbais de futuridade em sessões plenárias: uma abordagem sociofuncionalista*. 2004. 188f. Dissertação (Doutorado em Linguística) - Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, Florianópolis 2004.

TAGLIAMONTE, S. A. *Variationist sociolinguistics: change, observation, interpretation*. Cambridge: Wiley – Blackwell, 2012.

TARALLO, F. *Pesquisa sociolinguística*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

TAVARES, M. A. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ, e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. 2003. Tese. 302f. (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, Florianópolis, 2003.

_____. Gramática e especialização contextual: o papel da marcação em casos de sobreposição funcional. *DLCV*, João Pessoa, v. 6, n.1, p. 9-24, 2008.

_____. Bases teórico-metodológicas para uma interface sociofuncionalista. In: *XXVII Encontro Nacional da Anpoll – ENANPOLL*, Rio de Janeiro, 2012. (Texto apresentado em comunicação).

_____. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. *Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura*. Itabaiana/SE, v. 17, p. 27- 47, 2013.

_____; GÖRSKI, E. M. Variação e Sociofuncionalismo. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 249-270.

TESCH, L. M. *A expressão do tempo futuro no uso capixaba: variação e gramaticalização*. 2011. Tese. 190f. (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.

TRAVAGLIA, L.C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expansão* [online]. 5 ed. Uberlândia: EDUFU, 2016.

TRAUOGOTT, E. C. Zeroing in on multifunctionality and style. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Eds.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 127-136.

VARGAS, M. V. *Verbo e práticas discursivas*. São Paulo: Contexto, 2011.

VIEIRA, M. H. C. *Variação entre futuro do presente, futuro perifrástico e presente com valor de futuro na mídia cearense impressa*. 2014. 170f. Dissertação. (Mestrado em Linguística) – Departamento de Letras Vernáculas, UFCE, Ceará, 2014.

VOLOCHÍNOV, V. Palavra na vida e a palavra na poesia: introdução ao problema da poética sociológica. In: VOLOCHÍNOV, V. *A Construção da enunciação e outros ensaios*. Tradução e Notas de João Wanderley Geraldi (org.). São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1926], p. 71-100.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2018 [1895-1936].

WEINRICH, H. *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*. Madrid: Gredos, 1964.

REFERÊNCIAS DO CORPUS DE ANÁLISE

DIR1: DESZUTA, J. E. *O direito social ao/do trabalho: uma perspectiva garantista*. 2000. 181 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de Pós-Graduação em Direito, Florianópolis, 2000.

DIR2: KAKU, S. W. *O atual confronto político-institucional da união europeia: a organização internacional e o federalismo em questão*. 2001. 265 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de Pós-Graduação em Direito, Florianópolis, 2001.

DIR3: GOUVEIA, K. *Democracia e representação política no pós-autoritarismo italiano: A noção de “partidos políticos” de Costantino Mortati nos embates da experiência constituinte de 1948*. 2020. 240 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de Pós-Graduação em Direito, Florianópolis, 2020.

DIR4: RIBAS, T. M. *Autonomia universitária: fundamentos, elementos e limites*. 2021. 351 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de Pós-Graduação em Direito, Florianópolis, 2021.

LIN1: COSTA, D. M. *Os verbos psicológicos e a queda preposição a no português do Brasil*. 73 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2000.

LIN2: DAL MAGO, D. *Quer dizer: percurso de mudança via gramaticalização e discursivização*. 2001. 150f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina,

Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2001.

LIN3: SANTOS, L. M. *Mas que prática social é esta?:* Diferentes acepções e implicações para o ensino de línguas. 135 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2020.

LIN4: FONTANELLE, M. *O lugar da autoria no entremeio do discurso científico e do discurso pedagógico:* uma análise discursiva da escrita acadêmica em um TCC. 2021. 131 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2021.

MAT1: BAGIO, D. *Anéis quocientes clássicos e localização não comutativa.* 2000. 101 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de Matemática e Computação Científica, Florianópolis, 2000.

MAT2: REICHERT, J. T. *Soluções de Equações Polinomiais por Radicais Reais.* 2001. 72 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de Matemática e Computação Científica, Florianópolis, 2001.

MAT3: EIDT, Ben Hur. *Sistemas Ramificados e Equivalência Unitária de Representações da Álgebra de Grafo.* 2020. 74 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Matemática Pura e Aplicada, Florianópolis, 2020.

MAT4: PAULETI, M. A. *Método das Projeções Relaxadas com Penalização Uniformemente Convexa para Solução de Sistemas Lineares Mal Postos em Espaços de Banach.* 118 f. 2021. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Matemática Pura e Aplicada, Florianópolis, 2021.

